

João do Rio

No tempo  
de Wenceslau...





Thomas Ender: Passageiros a bordo da fragata Áustria. Aquarela, 1817

João do Rio

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

*Presidenta da República*

Dilma Rousseff

*Ministro da Cultura*

Juca Ferreira

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL

*Presidente*

Renato Lessa

*Diretora Executiva*

Myriam Lewin

*Centro de Pesquisa e Editoração*

Marcus Venício Ribeiro

*Coordenadoria de Editoração*

Raquel Fabio

*Centro de Coleções e Serviços aos Leitores*

Ana Lúcia Medeiros

*Coordenadoria de Acervo Geral*

Anna Naldi

*Divisão de Obras Gerais*

Rutônio Sant'Anna



MINISTÉRIO DA CULTURA  
Fundação BIBLIOTECA NACIONAL

Ministério da  
Cultura

GOVERNO FEDERAL  
**BRASIL**  
PÁTRIA EDUCADORA

João do Rio

No tempo de  
Wenceslau...

*2ª edição com notas*

Cadernos  
da  
Biblioteca Nacional

Rio de Janeiro



2015

Coordenadoria de Editoração  
Av. Rio Branco, 219, 5ª andar  
Rio de Janeiro – RJ | 20040-008  
editoracao@bn.br | www.bn.br

*Editor*

Marcus Venicio Ribeiro

*Coordenação Editorial*

Raquel Fabio, Valéria Pinto

*Pesquisa e Notas*

Iuri Lapa, Renata Aquino

*Preparação de Originais*

Francisco Madureira, Rafael Andrade

*Revisão de Prova*

Rosanne Pousada, Simone Muniz

*Projeto Gráfico*

André Lippmann, Rodrigo de Mello Alves

*Projeto Gráfico Adaptado*

Danielle Fróes, Eliane Alves, Matheus Antunes

*Diagramação e Tratamento de Imagens*

Danielle Fróes, Matheus Antunes

*Assistentes Editoriais*

Danielle Fróes (estagiária), Janilda Souza, Matheus Antunes (estagiário),  
Rafael Andrade (estagiário), Taiyo Jean Omura

1ª edição: 1917, Villas-Boas & C.

DADOS INTERNACIONAIS PARA CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

J58n

João, do Rio, 1881-1921

No tempo de Wenceslau / João do Rio. - 2. ed. - Rio de Janeiro :  
FBN, Coordenadoria de Editoração, 2015.

312 p. ; 12x19 cm. – (Coleção Cadernos da Biblioteca Nacional ; 15)

ISBN 978-85-333-0751-3

1. Crônicas brasileiras. I. Biblioteca Nacional. Coordenadoria de  
Editoração. II. Título. III. Série.

# Sumário

*No tempo de Wenceslau:*  
sobre a alma nada encantadora do *homo oligarquicus*

*Renato Lessa*

**11**

Introdução

**21**

Opiniões de um jornalista impossível

**22**

O retrato

**30**

O sorriso do Sr. Antônio Carlos

**40**

O boi não morreu...

**49**

Pinheiro Machado

**57**

*Minha terra e minha gente*

**67**

Um capítulo de Tácito...

**76**

Fábula grega

**85**

Bernardino Machado

**93**

A atitude da Grécia

**102**

Enver, senhor!

**111**

Do presidente

**122**

A horrível tragédia

**131**

Portugal na guerra

**140**

Conselhos

**149**

Mendigos

**157**

Substitutivo

**166**

Diálogo

**175**

Carta

**184**

Adão

**192**

A política brasileira

**200**

País de jornalistas

**207**

O novo soldado

**215**

A formação do soldado

**223**

O jogo do Camboja

**231**

O problema

**240**

Explicação

**248**

Um cidadão

**256**

O nosso patriotismo

**264**

O estadista brasileiro Rodrigues Alves

**271**

A viagem

**285**

As opiniões do ministro da Etiópia

**294**

***No tempo de Wenceslau:  
sobre a alma nada  
encantadora do homo  
oligarquicus***

*Renato Lessa*

Por força de hábitos mentais muito arraigados, inclinamo-nos a pensar a história brasileira como série composta por fragmentos de tempo descontínuos e desconectados. Um revisionismo histórico e político infrene, ao que parece, assola-nos, a sugerir que estamos sempre a recomeçar e que tudo que antecede a cada recomeço não conta como exemplo ou mesmo como chave elucidativa do que se lhe sucede.

Ainda que a atitude não dispense certo componente mitológico, a narrativa que os norte-americanos fazem a respeito de si mesmos, de modo invariável, evoca a saga dos *Founding Fathers* e a dos *Framers* da Constituição de 1787. Não raro, interpretam e lidam com dilemas contemporâneos, na suposição de poder contar com iluminação derivada da consulta sistemática a suas origens. A presença de um sistema judicial,

fundado na *Common Law*, com sua dependência na jurisprudência e na tradição, reforça o vínculo que faz do passado uma orientação para lidar com o presente e o futuro. Como resultado, tem-se sempre a sensação da imanência de uma história de larga duração, na qual o presente e os desenhos de futuro não fazem sentido sem a evocação e a orientação dos atos de fundação.

Um dos mitos nacionais brasileiros mais renitentes, ao contrário, fixa-nos no que virá. Em certo sentido, nosso passado é composto por imagens pretéritas do porvir. Tal projeção acaba por fazer com que a inteligibilidade do presente dependa da capacidade de construir cenários e de proceder a uma espécie de colonização do futuro. Nada de errado com isso, já que a presença de um componente alucinatório é condição necessária para a invenção e para a mudança. O problema consiste nas suposições de que não há passado e de que não há linhas de continuidade que marcam nossos dilemas e escolhas civilizacionais.

Por força da desconsideração das linhas de médio e longo prazo, períodos não tão remotos da história política, social e cultural do país, tais como os tempos da Primeira República, ganham foros de coisas indistintas, vagas, dissolvidas em eras remotas e intransitivas. Tempos que não nos transmitem sensações denexo e de ascendência: no fundo, não teríamos vindo de lá; seríamos, em termos históricos, seres sem anterioridade. Os retratos de nossos antepassados, registrados naqueles tempos, sugerem, com efeito, um vínculo com países distantes, dos quais sua descendência brasileira parece ter-se exilado.

Os episódios que marcam tais tempos remotos fenecem, ainda, diante da crítica corrosiva, por meio de implacáveis exercícios de ressentimento retrospectivo: teria sido falsa a independência, hipócrita a abolição, inócua a república de 1889, incompleta a democracia de 1946 e, por fim, decepcionante o processo de redemocratização iniciado com a Constituição de 1988. A imagem de uma história de acumulações negativas impôs-se ao país como requisito compulsório da consciência crítica. Quando fazemos narrativas de longo prazo, servem elas para instituir passivos históricos, graves frustrações civilizatórias e imperativos de reparação.

Um dos sinais desse verdadeiro cronocídio é a ausência, por suposta obsolescência, de esforços de construção de narrativas históricas de longo prazo. O último grande empreendimento de uma História do Brasil, dotada de lastro intelectual significativo e fundacional, foi o da célebre *História Geral da Civilização Brasileira*, grande projeto lançado por Sérgio Buarque de Hollanda, há quase meio século, e continuado por Boris Fausto, que se ocupou do período republicano<sup>1</sup>.

Avançou-se imenso, por certo, no que diz respeito à pesquisa histórica no Brasil, dotada hoje de notáveis ilhas de excelência. Nesse quadro de inequívoco progresso avançamos menos, contudo, no que diz respeito à atenção a linhas de continuidade e ao desabamento do tempo sobre a duração das coisas.

---

1. Cf. Sérgio Buarque de Hollanda, *História Geral da Civilização Brasileira*, Tomos I e II, São Paulo: Difel, 1960 e Boris Fausto, *História Geral da Civilização Brasileira*, Tomos III, São Paulo: Difel, 1977.

Um dos períodos ainda descurados na inquirição histórica brasileira diz respeito à Primeira República (1889-1930). Se compararmos com a quantidade de estudos, ensaios, teses e livros dedicados tanto ao século XIX brasileiro quanto ao período colonial, o contraste será gritante. Tal sensação de escassez talvez se deva à superstição de que a sociedade e a política nos anos da República Velha seriam aspectos de baixa complexidade. Um país agrário, dominado por oligarquias regionais, com peso reduzido do cenário urbano e industrial, com classes médias diminutas, dependentes do emprego público e de serviços aos empreendimentos agrários, entre outras características, não teria apresentado a seus estudiosos maiores exigências de complexidade analítica. A vida política, por exemplo seria meramente algo que gravita em torno das implicações da lógica agrário-exportadora. No mais, um país governado por poucos – por oligarcas – que se ocupam dos postos públicos como se fossem prebendas para neles fixar seus interesses materiais, de família e/ou de classe.

Em livro lançado há algumas décadas – *A Invenção Republicana* -, procurei sugerir que o quadro cultural e institucional no qual se inscrevia a política brasileira do período era dotado de razoável complexidade<sup>2</sup>. O desenho das instituições e dos hábitos políticos não derivou tão somente de imperativos postos pela “estrutura econômica” ou “material” da sociedade. Elementos

---

2. Cf. Renato Lessa, *A Invenção Republicana: Campos Salles, as bases e a decadência da Primeira República*, Rio de Janeiro: Topbooks, 2000.

de, digamos, *cultura imaterial* estiveram lá presentes. Crenças a respeito do que deve ser uma ordem política – acompanhada de crenças a respeito *do que não deve ser* – cumpriram papel relevante, tal como indica o esforço de operadores políticos da estatura do presidente Campos Salles, que nos governou entre 1898 e 1902.

Graças às crenças e ao tirocínio hiper-realistas de Campos Salles, a estabilidade republicana foi alcançada pela definição de um *modus vivendi* – não isento de tensões – entre a autoridade presidencial e as oligarquias estaduais que controlavam as unidades da federação. A posteridade atribuiu ao arranjo o nome de “Política dos Governadores”. O próprio Campos Salles preferiu usar a expressão “Política dos Estados”. Qualquer que seja o nome adotado, fixou-se na política brasileira, com claras implicações de longo prazo, um padrão pelo qual – para usar expressão da lavra do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso – o país é ingovernável sem a presença governativa do “atraso”. Em outros termos, as oligarquias impõem ao país seu ritmo, suas crenças, seus hábitos patrimoniais heterodoxos e seus ímpetos demofóbicos. Por realismo, os que se apresentam como “modernizadores” não podem dispensar o reconhecimento da existência daquilo que Raymundo Faoro, em cunhagem inspirada, designou como “a distribuição natural do poder”. A estabilidade política dá-se, então, ao preço do conservadorismo cultural e social.

Pois bem, *No Tempo de Wenceslao*, de João do Rio, trás-nos de volta a atmosfera da Primeira República brasileira. Tal como garrafa lançada ao mar, e bem arrojada, que uma vez aberta quase cem anos depois exala

o odor daqueles tempos, sem, no entanto eliminar sensações de continuidade. O livro de crônicas de João do Rio junta-se a um conjunto de livros, tão excelentes quanto esquecidos, a respeito da Primeira República brasileira, tais como *A República que a Revolução Destruiu*, de Sertório de Castro; *A Cadeia Velha*, de José Vieira; *A Verdade sobre a Revolução de Outubro*, de Barbosa Lima Sobrinho e *A Política Geral do Brasil*, de José Maria dos Santos<sup>3</sup>. São todas obras importantes para termos acesso, não apenas ao ambiente da 1ª República, mas a um estilo particular de abordar os fenômenos políticos. Estilo que combina a atenção aos jogos políticos e institucionais à consideração da paisagem social e cultural e, sobretudo, a características individuais dos personagens. João do Rio, em particular, é representante de um estilo de crônica política concentrada na descrição psicológica dos atores políticos, em um gênero que bem mereceria a designação de “psicologia política”.

Limito-me nestas palavras de apresentação ao esforço pictórico de João do Rio - na composição de sua paleta e no manejo dos pincéis - de fixação dos hábitos políticos e mentais de alguns dos próceres da Primeira República. Perdemos, depois da desapareição de Carlos Castelo Branco, em 1993, e de sua crônica diária no também finado *Jornal do Brasil*, o fino artesanato da perscrutação psicológica e mental, por meio

---

3. Cf. Sertório de Castro, *A República que a Revolução Destruiu*, Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1932; José Vieira, *A Cadeia Velha*, 1912; Barbosa Lima Sobrinho, *A Verdade sobre a Revolução de Outubro*, Rio de Janeiro: Edições Unitas, 1934 e José Maria dos Santos, *A Política Geral do Brasil*, 1930.

da descrição dos hábitos dos que se ocupam da cena política. A crônica política contemporânea perdeu em sutileza e em inteligência analítica. Aderida à moda do “jornalismo investigativo”, acabou por transformar-se em sucursal do Direito Penal e do Ministério Público.

João do Rio, autor do célebre livro *Alma encantadora das ruas*<sup>4</sup>, que contém páginas insuperáveis sobre a vida urbana carioca, oferece-nos em *No tempo de Wenceslau*, em meio a artigos de qualidade e foco variados, inestimáveis descrições psico-políticas do que poderíamos designar como a alma do *homo oligarquicus*, variante local do *homo sapiens* que povoou (povoa) a cena política nacional. Um subtítulo possível a *No Tempo de Wenceslau*, com efeito, bem poderia ser o de *A alma nada encantadora do homo oligarquicus*.

Na crônica “O Retrato”, por exemplo, João do Rio ocupa-se de um exercício de psicologia política a respeito de Wenceslau Brás, presidente da República, entre 1914 e 1918. O traço fino induz-nos a perceber uma persona simplória, rasa e completamente anódina. A figura, com efeito, faz-nos, ainda, recordar o universo político apresentado por Lima Barreto, em *A Numa e a Ninfa*, marcado por inumeráveis exemplares de anodinia política e parlamentar (a começar pelo personagem Numa Pompílio de Castro, de quem jamais se ouviu qualquer opinião e cujo semblante os próprios porteiros da Câmara de Deputados tinham dificuldade de lembrar e reconhecer)<sup>5</sup>.

---

4. Cf. João do Rio, *A alma encantadora das ruas*, São Paulo: Companhia das Letras, 2011 (1a Ed. 1908).

5. Cf. Lima Barreto, *A Numa e a Ninfa*, São Paulo:

Wenceslau Brás, o sujeito político que qualifica o “tempo” retratado por João do Rio, é um “homem congenitamente simples”. A capacidade de decisão não teria sido o seu forte: “conta até dois milhões antes de tomar uma resolução”. Quando a toma, “pretende agir por si só, querendo ouvir a opinião de toda a gente”. O homem parece ter sido pura contradição: “É desconfiado, sem o ser, é sentimental querendo ser impassível, é impassível querendo ser de sentimento”. Ao tomar Wenceslau Brás como atributo definidor de um tempo específico, João do Rio faz com que o tipo encarnado pelo ex-presidente seja uma espécie de coagulação da cultura política do país.

A mesma inclinação aparece no perfil psicológico, construído por João do Rio na crônica “O sorriso do sr. Antonio Carlos”, de Antonio Carlos Ribeiro de Andrada, importante político mineiro, que viria a ser um dos atores principais no drama da crise da Primeira República, quando ocupou a presidência do seu estado. João do Rio compõe a figura de Antonio Carlos a partir do sorriso permanente que ostentava. Com efeito, o personagem caracterizava-se pela “fixidez inalterável do sorriso”. Depois de vasta deambulação filosófica e comparada, João do Rio acaba por concluir que o sorriso de Antonio Carlos não pode ser explicada por nada que lhe seja anterior. Ou seja, ele não representa nada, a não ser o próprio sorriso: “o sorriso que não é nem de resignação nem de vontade, o sorriso, angustiosamente só sorriso”.

---

Brasiliense, 1963 (1a Ed. 1915).

É curiosa a convergência entre a sensibilidade psicológica de João do Rio e a percepção das características pessoais, desenvolvida por Barbosa Lima Sobrinho, cerca de vinte anos depois, no melhor livro já escrito sobre a Primeira República brasileira, *A Verdade sobre a Revolução de Outubro*. A descrição de Antônio Carlos, ali fornecida, parece ser uma continuação da fenomenologia do sorriso empreendida por João do Rio. Antônio Carlos “faz lembrar as épocas de decadência, em que costumam florescer tipos assim, flutuantes, indecisos, céticos, requintados, divertindo-se com a palavra em exercícios de apurada prestidigitação verbal. Os seus conceitos mais claros estão cheios de subentendidos e reservas, pois que, para ele, os vocábulos foram criados com o objetivo de libertar, e não de prender os homens”<sup>6</sup>.

Barbosa Lima Sobrinho também não deixou de notar a singularidade do sorriso: “Excelente líder parlamentar, não saberia esconder diante das multidões, um leve sorriso de desdém, que não o deixa nunca e que seria, entre ele e o povo, o sinal de uma incompatibilidade irreduzível e recíproca”.

Venceslau e Antônio Carlos seriam, assim, ícones de uma cultura política de dissimulação, sempre sensível a variações de circunstância e dotada de enorme capacidade de adaptação. Esta seria a alma do *homo oligarquicus*, personagem indelével da paisagem política e social brasileira. Quanto à obra civilizatória dessa

---

6. Para as passagens sobre Antônio Carlos, ver Barbosa Lima Sobrinho, *op. cit.*, pp. 30-32.

variante da espécie humana, é o próprio João do Rio quem nos diz algo a respeito:

O desvario faz do país um vasto hospital de alienados, em que os problemas são encarados inversamente. Reina um conflito sem conclusões, um conflito perene de manicômio sem guardas, em que os malucos oscilam entre a pancada e o abraço enternecido. Todos são geniais e todos são reverendíssimas zebras. O desconhecimento dos valores e a petulância insensata!

Com passagens de semelhante lavra, é mesmo o caso de suspeitar que a atmosfera e o aroma da garrafa lançada ao mar tenha componentes de atemporalidade. De qualquer modo, como história ou como profecia, é sempre recomendável reler João do Rio.

*“Não há homem sem originalidade.”*

*Carlyle. Os heróis.*

*Os políticos são, mais que os outros homens,  
assunto de fantasia.*



# Introdução

Estas crônicas exprimem apenas as impressões mais vivamente sentidas dos fatos políticos, sociais durante o tempo em que é presidente o Sr. Wenceslau Braz.

Antes da decadência de Roma, ainda na época em que os imperadores duravam no trono, os romanos viam os aspectos da vida gravando o tempo com o nome dos césaes que a eles assistiam.

Não é demais que eu, como todos vós, veja com modestia a vida julgando-me com vaidade no tempo de Wenceslau.

Anima-me no título do livro o fervor do patriotismo...

## Opiniões de um jornalista impossível

O coração tem fraquezas que o cérebro não pode reprimir. A mim sempre me affligiu muito mais a demissão de um pobre homem do que a nomeação de cavalheiros, admiravelmente incompetentes, para os cargos de insignificante responsabilidade, tais como ministro da Fazenda, diretor de companhia, delegado de polícia ou crítico dramático. Patrioticamente devia ser ao contrário. Mas o coração sente.

Assim, quando outro dia, na redação de um jornal, ouvi o secretário (muito meu amigo) anunciar a demissão de um auxiliar, mesmo sem conhecer o confrade, resolvi interceder a seu favor. O secretário sorriu com amável superioridade.

— Tudo tem um limite. Esse sujeito que, aliás, não conheces, não pode ser jornalista. Aceitei-o como auxiliar. Vinha recomendado pelo gerente de um banco em que tenho algumas promissórias dilatáveis conforme a

elasticidade da minha gentileza. Mas depois soube. O pedido não tem importância alguma. O gerente pediu porque o tio de um amigo do seu preclaro irmão...

— Como se chama o irmão ?

— Não conheço, mas deve ser preclaro. Foi graças à sua intervenção que o pedido do tio do amigo conduziu até nós esse inútil sob o patrocínio de um coronel reformado. Misérias, meu filho! Até parece pilhéria tanto pedido para tão pouca coisa...

— E se o homem tem talento?

— Talento! Mas talento para quê? Eu não preciso de talentos. Quando a folha está muito sem talento, faço uma entrevista com o Rui Barbosa.<sup>1</sup> Dá para um mês.

— E quando acaba?

— Faço outra. Mas o homem é maluco além do mais. Resolveu corrigir outro dia todos os erros de português da folha que estava já em circulação, deu-me o plano de um curso de jornalismo e de uma biblioteca para os meus colegas, achou perfeitamente idiota uma reportagem do nosso grande Ademar...

— Que Ademar?

— Um rapaz que veio de Minas com o Léon Roussoulières<sup>2</sup> e, apesar de não ter muita leitura, conseguiu a sensacional reportagem de entrar para a maternidade, incógnito, vestido de mulher.

---

1. O famoso jurista, político e escritor baiano (1849-1923) era tido, por alguns memorialistas e historiadores, como “o mais inteligente dos brasileiros”.

2. Era o diretor da Imprensa Oficial e 1º delegado auxiliar.

— E que aconteceu?

— É boa. Foi descoberto. Há escândalo maior? Pois o nosso homem achou idiota essa reportagem, assim como um artigo de fundo em que eu arrasava o prefeito porque uma rua que dá para o morro do Cavalão<sup>3</sup> tem capim em vez de sarjetas.

— É definitivamente um cretino.

— Um maníaco apenas. Olhe, V. ainda se preocupa com esse negócio de literatura? Pois o homem é um assunto. Escreve agora um livro acerca do valor simbólico de Adão nas lendas árabes e medievais. Que interessa Adão à humanidade?

— Nada, ou pouco menos.

— Está a ver. Eu cá quero escândalos, decomposturas, coisas fortes. Sirvo o meu público. E conheço-o. O público não quer outra coisa, porque afinal de contas este mundo não passa de uma corja de cavadores. Não! V. é um rapaz simpático. Mas eu tenho a opinião do senador Bernardo Monteiro:<sup>4</sup> — é preciso energia sempre que for possível. Demito o homem!

Deixei o secretário sem arrependimento, e encontrei à porta do jornal um cavalheiro magro, bem vestido e muito educado.

---

3. Possivelmente o morro existente em Niterói com este nome.

4. Bernardo Pinto Monteiro (1858-1924), presidente de Minas Gerais e senador durante o governo Wenceslau, foi também prefeito de Belo Horizonte, nome dado à capital mineira, durante sua gestão, em substituição a Curral del Rei.

— Sei que V. mostrou por mim há minutos um certo interesse, apesar de não me conhecer. A sua bondade não podia ser senão uma forma de elegância moral. A bondade, a gratidão e os outros sentimentos generosos não são senão atitudes elegantes do espírito. Não se pode exigir de um palafreneiro ou de um caixeiro-viajante, mesmo aposentado, tais gentilezas que em nada modificam a vida. Deixe, pois, que o cumprimente e que me apresente. Chamo-me Justino Pereira...

— Muito prazer...

— Pelo que lhe deve ter contado o pobre homem que lá em cima dirige a opinião, não posso parecer aos seus olhos senão um cavalheiro imprevisto e mais ou menos maluco. Ora, eu só posso parecer doido no vasto hospício em que está transformado o Brasil, graças ao fenômeno coletivo e alarmante da menopausa econômica. Atravessamos a crise do analfabetismo agudo, da neurastenia, da incompetência e da fúria do pernos-ticismo. E, coisa curiosa! Esse fenômeno ataca apenas as classes dirigentes. O Brasil não mudou. A índole do brasileiro também não mudou. A capacidade de compreender, trabalhar e seguir não variou. As condições de coesão das diversas classes persistem. O sentimento patriótico, quer na sua feição egoística de triunfo, quer sob o aspecto altruístico do sacrifício, é sem limite.

Grave erro seria dizer que o Brasil se transformou na pan-beócia. Para conhecer um povo não basta consultar o apetite das algibeiras ou das pretensões e ber-rar descomposturas para ter o gosto de vê-las abafadas pela posição ou pela chelpa. Esta grande crise é uma

prova da resistência das populações. Apenas os povos precisam de condutores, de energias, de capacidades que os dirijam. E aqui as duas classes dirigentes, a política e o jornalismo, tornaram-se a razão inicial do desvario. A política precisa de homens de saber e de decisão. Onde estão os homens de saber e de decisão? Amordaçados e algemados pela imensidade da estupidez ambiente, que é das piores pois está convencida de ser capaz de tudo. As posições ou são tomadas de assalto ou recebidas como as suítes de um vasto bacará.<sup>5</sup> Consultar os sucessivos ministros, ouvir os oradores nas Câmaras arrastando a onda de solecismos para procurar uma ideia, é ter a visão de um frenesi de tolices, em que, como nos manicômios, as questões capitais do país são discutidas e gritadas com uma inconsciência só correspondente à ignorância. Se fosse permitido ainda o uso das imagens literárias, eu compararia a minha pátria a um grande transatlântico atulhado de gente resignada e dirigido por um bando de bacharéis das academias a preço módico.

Eu suspirei:

— Pobre pátria!

O homem continuou muito calmo:

— Tome três ou quatro dos projetos capitais ora em discussão. Todos têm opiniões, ninguém tem opinião; todos gritam, ninguém se entende e é uma ânsia, um desespero de hospício em que aparecem todos os tipos esdrúxulos, desde os histéricos que fazem espírito a dar guinchos, aos agitadores feitos de papel mata-borrão.

---

5. Um jogo de cartas.

O povo sabe disso; o povo vê bem tudo isso; o povo resiste, à espera da força condutora. Havia a possibilidade de uma energia que atenuasse o charivari<sup>6</sup> do barco. Essa energia seria o jornalismo. Que diz V. do jornalismo?

— Não digo nada.

— Pois digo eu. O jornalismo tomou a epilepsia como norma, convencido de que o público deseja exatamente apenas isso. Ora, o público pode concordar que varram a pau um bando criminoso, mas exige que se lhe dê em substituição gente boa, ou pelo menos com ideias razoáveis. O jornalismo pode ser compreendido como uma sentinela de avançada. Aqui transformaram a sentinela em capangada de ataque. Não há um mal que a imprensa tenha obstado na bacanal do desaforo. Em compensação, a bacanal trouxe o desrespeito geral, o acanalhamento integral. Tudo é mau, tudo é infame, inclusive os colegas que se mimoseiam mutuamente com tais delicadezas, a propósito dos mais sérios problemas nunca discutidos ou das mais estúpidas futilidades. E as coisas chegaram a tal ponto que é impossível acreditar na sinceridade, não da onda nem da mulher, mas do jornalismo e da política. Ademais, varridos das colunas dos jornais (como da política os homens de talento) os poetas, os homens de letras, os homens de opinião, e tendo cada jornal o lema hidrófobo: — “você todos são uns refinadíssimos canalhas”

---

6. Grande algazarra, o termo origina-se de antigo hábito francês de promover barulhenta “serenata” em frente à casa de pessoas que infringiam as normas sociais.

— sem mais nada, cada jornal passa à casa de tiro ao alvo, em que qualquer sujeito entra, pega da espingarda, faz a mira, e conta sempre com o escândalo de quebrar uma porção de cachimbos, sem saber se acertou, se os quebrou e nem mesmo por que os partiu.

Parei. A imagem dos cachimbos fez-me tomar a atitude absolutamente José Bonifácio do Sr. Antônio Carlos<sup>7</sup> quando não quer comprometer a única coisa que não comprometeu, porque não a diz a ninguém: a sua sincera opinião. Jornalista, não me ficava bem estar a ouvir aquele energúmeno sem protesto. E jornalista tinha um certo prazer em ver falar mal dos jornalistas, mesmo em tese. Nesse estado d'alma, para não pender nem para um lado nem para outro, mudei bruscamente a conversa.

— Disseram-me que o meu amigo faz estudo das lendas que enriqueceram através das eras o símbolo de Adão...

— Realmente, disse o homem renitente. Tenho lido algumas. E entre tantas há uma que a propósito explica exatamente o estado do Brasil neste momento. É uma lenda do século XIII. Narra a viagem de Sete, filho de Adão, em busca do óleo da misericórdia. Como sabe...

— Eu não sei nada! Não me comprometa...

— Pois Adão passou apenas sete horas no paraíso.

— Imagine se lá ficasse mais tempo!

---

7. Antônio Carlos Ribeiro de Andrada (1870-1946), político mineiro e bisneto de José Bonifácio, o “Patriarca da Independência”, foi ministro da Fazenda do governo de Wenceslau.

Já às seis da tarde estava expulso. Mas Adão era um sábio forte de quem os arcanjos tinham medo, e que conversava com Deus num tom de perfeita igualdade. Depois do caso das árvores, Adão veio criar a vida só, a sua vida, que é a vida de todos nós. E criou sem dar confiança aos anjos, que tinham já a propriedade de violadores das ideias alheias. Afinal, quando estava para morrer, aos cento e trinta e dois anos, lembrou-se de uma certa árvore que logo à porta do paraíso dava o óleo da misericórdia. E mandou Sete buscar o óleo, certo de que, sendo Deus incapaz de cobardias, o anjo da espada não seria estupidamente cruel. Sete foi. O anjo aproveitou a ocasião e passou uma tremenda descompostura em Adão, no paraíso, em Deus, no resto do mundo. Depois, negou o óleo com energia e por muito favor deu três pedras a Sete para que Adão se servisse delas como entendesse. E conta a legenda que, quando soube do resultado da visita, Adão riu pela primeira vez.

O Brasil está como o Adão da legenda. Pede o óleo da misericórdia. Os dirigentes não o ouvem, mas negam. A imprensa manda-lhe pedras para usá-las conforme entender. Resta saber se o Brasil terá o riso de Adão, diante das pedras...

E o esquisito homem cumprimentou sério e desapareceu entre os transeuntes.

Eu então segui só. Também sem arrependimento. Mas convencido de que o sujeito em caso nenhum poderia ser um jornalista na altura do secretário tão meu amigo.

## O retrato

Há um ano, reiterados pedidos que eram ordens fizeram-me solicitar do Sr. Wenceslau Braz uma entrevista no seu retiro de Itajubá, retiro, aliás, muito aprazível porque Itajubá é uma pequena cidade encantadora. Eu mantivera relações com o Sr. Wenceslau Braz quando deputado. Era um homem congenitamente simples que erigira essa feição em broquel político, contava até dois milhões antes de tomar uma resolução e estudava com deleite, segundo diziam os íntimos imprecisamente, ciências áridas e amenidades artísticas. Eleito o Sr. Wenceslau Braz presidente de Minas, nada pedi ao Sr. Wenceslau. Lançada a candidatura Hermes,<sup>8</sup> que aliás era muito mais meu conhecido que o Sr. Wenceslau — fui dos ingênuos que combateram essa candidatura, sem subvenção, sem interesse e sem o desejo de fazer as pazes como não fiz pelo correr do quadriênio. No calor da campanha,

---

8. Marechal Hermes da Fonseca, presidente da República (1910-1914).

a literatura de uma das minhas crônicas, publicadas em sábado de aleluia, sábado que coincidia com a chegada do Sr. Wenceslau ao Rio — deu como resultado verem alguns cidadãos no meu trabalho um ataque mais feroz que o de Aristófanes a Cleon, e mais feroz porque raros eruditos leram o ataque de Aristófanes.<sup>9</sup> Alguns mineiros mesmo tiveram a bondade de conversar comigo.

— Ninguém deixará de ver na sua crônica o Wenceslau. Ora, V. sabe muito bem que esse epíteto é uma falsidade indecente feita arma de adversários que amanhã serão amigos do Wenceslau como os que atacam hoje o Nilo<sup>10</sup> hão de lhe fazer dentro em pouco o elogio. E como V. não é um jornalista político, a sua crônica doerá ao Wenceslau redobradamente.

Diante desse acontecimento deixei de visitar o Sr. Wenceslau no hotel, onde se preparava para não intervir na política do quadriênio findo; e assim como resisti às solicitações para ir visitar o Sr. Hermes, considereei por cortado o meu conhecimento pessoal com o Sr. Wenceslau.

Uma noite, porém, no terraço do teatro Recreio,<sup>11</sup> dei de face com o Sr. Wenceslau Braz, em companhia de alguns senadores mineiros, entre os quais o se-

---

9. Referência à denúncia feita na peça “Os Cavalheiros” (424 a.C.) por esse dramaturgo, considerado o maior representante da comédia antiga, contra o governante de Atenas.

10. Nilo Procópio Peçanha, presidente do Brasil (1909-1910), presidente do Estado do Rio de Janeiro (1912-1917) e ministro das Relações Exteriores no final do governo Wenceslau (1917-1918).

11. Teatro Recreio Dramático, inaugurado em 1880 nos arredores da atual praça Tiradentes.

nador Paiva<sup>12</sup> — que é um espírito dado às belas letras. O Doutor Wenceslau Braz cumprimentou-me, estendeu-me a mão com a gentileza de anos atrás. Fiquei convencido de que ele era muito mais inteligente do que os outros e eu, homem de letras, ele político nas cumeadas — nem dele nada solicitei, nem ele a mim nada indicou. Quando se deu o charivari da coligação, a colisão de ambições correspondendo à ausência de um chefe com condições de mando, fazia compreender a qualquer homem de mediano discernimento que o Sr. Pinheiro Machado<sup>13</sup> triunfaria com uma carta desconcertante para os parceiros. A carta, o fino homem já a tinha escolhida. Ao abraçar um senador, a bordo do navio que o ia levar ao Rio Grande, o Sr. Pinheiro dissera num discreto segredo alto:

— E não esqueças que temos de trabalhar firmes para o nosso Wenceslau.

Apesar de não pertencer a partidos políticos e de ter a honra de não ter pedido nem de pretender pedir coisa alguma ao Sr. Pinheiro Machado, fiz um dos jornais do Rio dar a certeza provisória da presidência Wenceslau e durante toda a coligação esse diário insistiu no objeto que surgiria da urna da Pandora política.

---

12. Francisco Álvaro Bueno de Paiva (1861-1928), senador mineiro ligado a Wenceslau Braz.

13. Senador José Gomes Pinheiro Machado (1851-1915), um dos políticos mais influentes na República Velha, foi assassinado num hotel no Rio de Janeiro, fato que previu em entrevista a João do Rio: “Morro na luta. Matam-me pelas costas, são uns ‘pernas finas’. Pena que não seja no Senado, como César.”

Aceitei, pois, a incumbência da entrevista e fui como toda a gente jornalista itinerante de Itajubá, com um curioso acréscimo: é que os outros iam e vinham sem agressões pelos jornais, e eu fiz o mesmo sob a saraivada inominável de alguns emasculados cerebrais. Apenas às insinuações patetas, ao cretinismo do ataque que se elevou à estupidez de fingir reviver uma crônica que eu considerara e considero a ponto de publicá-la em um livro meu, correspondeu o prazer psicológico de estudar um homem na iminência do supremo mando com a quase moléstia de catalogar, pesar, reunir, dividir, comparar, estudar os milhões de dificuldades desse posto.

Certo eu ia com o desejo de uma entrevista ruidosa. Cinco minutos depois, dava a minha palavra de como não publicaria entrevista. Horas após, o carinhoso fanatismo de Itajubá pelo presidente tinha para mim a explicação na maneira de ser do próprio presidente. Passei duas largas noites e uma vasta manhã a conversar. O Sr. Dr. Wenceslau não me disse nada que não tivesse dito e não fosse dizer aos outros jornalistas, sob a maior reserva. Em compensação, eu trazia o momento psicológico de uma das personalidades políticas mais interessantes para um artista. A sorte tem consentido que eu conheça por esse prisma estético alguns dos valores dirigentes do Brasil. A maioria é ignóbil, isto é, abaixo da atenção do autor do *Testamento do Galo*,<sup>14</sup>

---

14. Referência, provavelmente, a folheto popular publicado em Lisboa, em 1861 (sem indicação de autor), que, em tom moralizante e jocoso, projeta em animais os vícios e as virtudes humanas.

autor aliás digno de respeito depois do aparecimento de alguns novos escritores. Outros, porém, diriam ao artista o empolgante e necessário trabalho da análise moral da política brasileira. Com o Sr. Pinheiro Machado, por exemplo, a estudar a sua personalidade, é possível escrever uma apologia, uma catilinária,<sup>15</sup> um livro de corrosivo humorismo, um volume em estilo bíblico e ainda um curioso e difícil infólio de narrativas impessoais. Do Sr. Lauro Müller,<sup>16</sup> o homem de talento que se arriscasse a traçar o desenho psicológico desse ministro dominante, teria de criar algidamente o retrato da inteligência, a epopeia de um Odisseu<sup>17</sup> que se transformasse em pastor das peças de Ibsen,<sup>18</sup> divertido em reunir nos maiores perigos uma impassibilidade britânica, ao reflexo da sombra do sorriso dos fabulistas gregos. O Sr. Miguel Calmon,<sup>19</sup> que está a cometer o crime de se furtar ao seu alto destino, seria bem o expoente de mocidade culta, com crises de energia e súbitos desmaios na mesma vontade patriótica. E o Sr. Nilo Peçanha é daqueles personagens

---

15. Discurso acusatório, o termo origina-se da fala de Cícero, em 63 a.C., denunciando o complô do senador Lúcio Sérgio Catilina para derrubar a República romana.

16. Lauro Severiano Müller (1863–1926) foi ministro das Relações Exteriores nos governos de Hermes da Fonseca e Wenceslau Braz, tendo sucedido ao barão do Rio Branco.

17. Herói mitológico grego (Ulisses, na versão latina), é o personagem central da *Odisseia*, de Homero.

18. Henrik Johan Ibsen (1828-1906), dramaturgo norueguês.

19. Miguel Calmon du Pin e Almeida, ministro da Indústria, Viação e Obras Públicas (1906-1909). Ficou longo tempo ausente da vida política, retornando apenas em 1922.

que os escritores começam a descrever com manifesta hostilidade e no meio do volume, sem se saber por quê, são forçados a conduzi-los como os tipos simpáticos encarregados muito sinceramente da apoteose — que é sempre a fé das multidões no romance, no teatro ou na vida desta nossa civilização de acompanhamento tropical. Com o Sr. Wenceslau Braz, o estudo devia ser feito por alguém que tivesse a doença da análise. Há um fato positivo: ele quer fazer bem, com a ambição de fazer bem, de acertar certo. Um ilustre brasileiro, o Sr. Carlos Peixoto,<sup>20</sup> tem nos seus aposentos o busto de César encimado pelo retrato de Renan. É um programa. Eu creio que em política bastaria César, o homem que não olhava os meios para conseguir os fins e que nas maiores baixezas foi sempre solar. O Sr. Wenceslau não tem nem o busto de César, nem o retrato de Renan.<sup>21</sup> É desconfiado sem o ser, é sentimental querendo ser impassível, é impassível querendo ser de sentimento. Pretende agir por si só, querendo ouvir a opinião de toda a gente para se preocupar com as quantidades, os pesos, as extensões, entrar em comparações e ver surgir as dificuldades, entre tantas opiniões. Quando se apresenta um caso a resolver, já sabia do caso e já tinha uma decisão. Mas, no seu cérebro surge a ideia de que talvez essa decisão não seja boa, e que lhe pos-

---

20. Político brasileiro, foi presidente da Câmara dos Deputados entre 1907 e 1909 e pertencia ao chamado “Jardim de Infância”, grupo ligado a Afonso Pena, presidente do Brasil no quadriênio 1906-09.

21. Ernest Renan (1823-1892), escritor e filósofo francês, autor do influente ensaio *O que é uma nação?*

sam atribuir intenções que não tem. Larga o caso como um operador larga a urgente intervenção cirúrgica em doente querido aos colegas em cuja competência não tem completa confiança, posto que neles tenha a maior fé — com certos limites. É dor, é desconfiança em si mesmo e nos outros, é amor, é medo... As nugas que aos outros passam despercebidas tomam proporções a seus olhos de futuros obstáculos terríveis. Ele sabe, ele estudou, ele fica naturalmente perplexo, com a certeza de que é preciso tomar uma resolução, com a vontade de liquidar imediatamente o caso, mas com o maior desejo de cumprir de modo impecável o seu mandato. E o doente espera.

Muitos meses antes de tomar a presidência, sabia exatamente nos seus menores detalhes a nossa angustiosa situação. O doente esperou. Em primeiro lugar, dividiu a parte má, e a parte boa. A parte boa é de fomento à nossa riqueza estrondosa, mas que só a ação de uma energia titânica pode desentranhar. Esse fomento dependeria da terapêutica empregada para melhorar a parte má. A parte má foi analisada a microscópio, dia e noite, por todo um laboratório de Manguinhos político, sem a disciplina obediente dos discípulos de Osvaldo Cruz.<sup>22</sup> Cada dia fenômenos mais graves eram e são observados. O Sr. Wenceslau soube e ouviu, sabe e ouve. Ouve. Talvez os outros tenham uma certa ra-

---

22. Médico sanitarista e cientista (1872-1917), foi pioneiro no estudo e tratamento de enfermidades tropicais; em 1900, conseguiu do governo a construção de um laboratório no bairro de Manguinhos, Rio de Janeiro, origem da atual Fundação Oswaldo Cruz.

ção. E exatamente, porque o seu desejo é firmemente cumprir o seu dever, porque a sua aspiração é salvar o Brasil, ou pelo menos atenuar os males, sem suspeitas, com a harmonia geral — estuda, avalia. Todos falam. A sua opinião primeira é não modificada, mas desvirtuada. A opinião dos outros também não fica de pé. Há muitas. Mutuamente destroem-se e, querendo atender às aspirações gerais do momento, o presidente não abandona e sim cede um pouco do seu desejo, feito de dúvidas, de reflexões, de aturada análise das forças passadas, presentes, futuras, de previsões do que pode prevista e imprevistamente surgir. Daí existir uma harmonia política que não parece harmonia porque muito mais parece uma situação do remordimento geral. Daí um vácuo de autoridade a perder as energias mais agudas de quantos os cercam e que são todos. Daí uma situação econômica em que todos os avisos são amputados e dos quais se tenta com uma extraordinária habilidade de inútil inteligência fazer o código de uma definitiva atitude financeira, com os obstáculos de uns, os justos protestos de outros, as teorias de outros, as necessidades de mais outros, o receio do futuro e a ânsia do presente.

Machado de Assis, o nosso grande gênio literário, era, como todo o analista de saber, um tímido. Ele sabia bem o mal e o bem mas não queria contrariar ninguém, mesmo quando estava com a razão. Jamais discutia. Eram raríssimos os seus amigos no desejo da harmonia geral que o mestre imaginava pela anulação parcial das vontades ambientes. Qualquer fogoso político ou jornalista capaz de afirmar com erros de gramática

as maiores heresias, um dos muitos João Fernandes<sup>23</sup> de agora, faria descer pela rua do Ouvidor<sup>24</sup> um *meeting* organizado no largo de S. Francisco, pelo menos até a rua Gonçalves Dias. Machado de Assis não seria acompanhado de meia dúzia de cavalheiros da livraria Garnier<sup>25</sup> à Avenida Central, apesar de tantos livros magistras onde a sua Dúvida paira. Entretanto, para a polidez geral, Machado de Assis sacrificava-se. É sabida a sua confissão, ao voltar da secretaria, onde Calmon o fizera chefe:

— Estou hoje com uma tremenda dor de cabeça.

— Por que, mestre?

— Porque tomei café contra os meus hábitos.

— E por que tomou café?

— Era impossível deixar de o fazer. Estava comigo um senhor que procurava o ministro pela terceira vez. Eu mesmo marcara a hora e já passavam três horas dessa hora sem que o ministro o pudesse receber. Passa o contínuo com o café. Ofereço café ao homem. Ele pergunta se também eu não bebo.

Como poderia recusar? Bebi, certo da enxaqueca.

---

23. Contratador de diamantes entre 1753 e 1779 no Arraial do Tijuco, hoje Diamantina, em Minas Gerais, ficou conhecido por sua fortuna e pela relação amorosa com a escrava alforriada Chica da Silva.

24. Rua no centro do Rio de Janeiro, famosa nas últimas décadas do século XIX por suas livrarias, cafés e modas.

25. Livraria e editora no Rio de Janeiro entre 1844 e 1934, publicava importantes autores como Machado de Assis.

Mas não o desgostei. Era preciso compensá-lo. E sorria, com as mãos na têmpera...

Eu sou de opinião que o Dr. Wenceslau Braz devia retirar dos seus aposentos o retrato de Machado de Assis — porque, se os políticos têm retratos-programas nos aposentos, deve decerto ser esse o retrato que acompanha o digno presidente nas suas meditações das terças-feiras.

Daí — talvez não seja. Mas devia ser. Há um doloroso estado d'alma nessa atitude para a opinião de quem, como eu, encara a política pelo prisma estético. De resto, escrever sobre política pura é sempre vão, desde Aristóteles. Política é dialética, isto é, a força de convencer. Mas, como a política deve ser a ação, a coragem de fazer, sabendo o que se está fazendo, pode ser também a *maiêutica*<sup>26</sup> dos gregos, a virtude de explicar. E nesse caso escrever de política ou é romance dos homens de talento ou o ganho dos escravos mentais.

E eu fico, sem talento, no romance — imaginando para o presidente, neste agudo momento em que é preciso ter decisão, a influência do retrato que é todo um programa de dúvida amarga e de pachorrenta incerteza...

---

26. Método filosófico criado por Sócrates, significa “dar à luz”.

## **O sorriso do Sr. Antônio Carlos**

— “Filosofar é reviver o imediato.” Esta moderníssima definição tem o valor de não impedir ninguém de filosofar. Não há quem não tenha o seu dia de reflexão, ao ruminar o acontecimento que mais interessou a sua pessoa ou a coletividade. Os menos ágeis de cérebro podem mesmo prolongar a meditação uma semana, duas, três. Como todos os assuntos são dignos de filosofia, só há um contratempo: ficar fora da moda, porque as atualidades se sucedem vertiginosamente.

Há, entretanto, três anos, tenho o trabalho de reviver o imediato, isto é, de filosofar, sem sair da atualidade, sem deixar a moda em torno de um assunto que interessa o Brasil inteiro: o sorriso do Dr. Antônio Carlos. E, com a deferência e o respeito exigidos por cavalheiro tão polido, cheguei enfim a algumas conclusões, que, se não estiverem totalmente erradas, conduzirão o país à verdadeira compreensão desse célebre

sorriso. Bergson<sup>27</sup> disse: “Uma coisa é olhar de mais e mais perto ou de longe com os olhos que uma evolução utilitária nos fez, e outra é trabalhar para nos refazer olhos capazes de ver por ver e não de ver para viver.”

— O Sr. professor é bergsoniano?

— Sou propriamente eu mesmo. Bergson, aliás, disse: “A reflexão está nos nossos olhos: funciona desde que eles se abrem.”

As minhas elucubrações sobre o sorriso do Sr. Antônio Carlos nasceram de ver, como toda gente, permanentemente, o sorriso do gentilíssimo descendente de um glorioso estadista. O sorriso do Sr. Antônio Carlos é no Brasil célebre como o sorriso da Gioconda,<sup>28</sup> espalhado, aliás, em todas as telas de Da Vinci. Mas o sorriso davinciano é uma atitude filosófica imposta às figuras pelo grande mestre, a expressão subconsciente do homem formidável realizada pelo pincel. O sorriso do Sr. Antônio Carlos é vivo, indiretamente espontâneo. Daí o seu valor, como reflexo imediato. Assim, após prolongados estudos, não só da história, como do meio contemporâneo, não só dos psicologistas, como da matéria psicologizável, isto é, os outros homens, comparei o sorriso do Dr. Antônio Carlos com outros sorrisos de notáveis imediatos, como o sorriso encapado do Sr. Bernardo Monteiro, o sorriso interrogativo do Dr. Wenceslau Braz, o sorriso guarda-louça do Sr. Maggi

---

27. Henri Bergson (1859-1941), filósofo francês, ganhador do Nobel de literatura, em 1927, publicou três artigos sobre o riso.

28. A pintura mais conhecida de Leonardo da Vinci, conhecida também como *Mona Lisa*.

Salomão,<sup>29</sup> e concluí por encontrar no extraordinário sorriso — o maior símbolo contemporâneo.

— Com efeito!

— Peço a sua atenção pelo assunto evidentemente transcendental. Para desvendar o sorriso do Dr. Antônio Carlos comecei por ler a *Poética*, de Aristóteles, e as páginas compactas da *Estética*, de Hegel. “Tudo é arte. A percepção é uma arte.” Em seguida, entrei na metafísica de Kant, lendo dois livros que ninguém mais lê — *Crítica da razão pura* e *Crítica da razão prática*. Depois mergulhei no positivismo spenceriano,<sup>30</sup> relendo os *Ensaio*s, obra conhecida de quase todos os deputados. Afundei ainda na fisiologia psicológica com Darwin e Bain<sup>31</sup> para ressurgir em Bergson, um dos filósofos mais modernos do riso...

— É espantoso!

— E verdadeiro como todas as coisas espantosas.

— Admiro sem reserva o trabalho do Sr. professor.

— Como lhe disse, é preciso acompanhar o meu raciocínio com atenção. Diante da fixidez inalterável do sorriso do Sr. Antônio Carlos, sorriso agressivamente comparado ao das bailarinas, que é o medo de não acertar nos passos, comecei por estudar o riso, acentuando a ascensão civilizada que vai do riso ao sorriso.

---

29. Sebastião Maggi Salomão era ligado a Wenceslau Braz e se tornou secretário interino do governo seguinte, de Delfim Moreira. Ver adiante a crônica “Diálogo”.

30. Herbert Spencer (1820-1903), influente filósofo inglês, adaptou as ideias de Darwin ao mundo social.

31. Alexander Bain (1818-1903), filósofo escocês.

O riso é, afinal de contas, apenas uma contração espasmódica e involuntária do diafragma... O sorriso é voluntariamente um repuxo zigomático. O riso, que os outros animais não possuem, devido a uma preventiva medida de sisudez de Deus no Paraíso, é a expressão mais tipicamente animal do homem. O sorriso é a dinamização consciente da gargalhada. O riso é prova de que o animal se julga superior, mas pode ser provocado em qualquer sujeito sorumbático por meio de cócegas, do protóxido de azoto e às vezes mesmo por uma pancada no alto da cabeça. O sorriso exprime sempre a vontade elástica do indivíduo. Um é o vinho, outro a espuma do vinho. Um é a orgia instantânea dos sentidos, outro a consciência dessa orgia. O homem que ri, como o Sr. José Bezerra,<sup>32</sup> é uma tragédia. O homem que sorri, mesmo que não tenha nada na cabeça, é uma comédia.

Mas o sorriso nasce do riso. Sem o segundo não haveria o primeiro. O riso é a válvula da caldeira, o sorriso o anúncio da resistência termométrica do homem no meio em que vive. Um é a pretensão de ser superior. O outro é o princípio socrático: conhecermo-nos é conhecer o que há em nós de geral...

— Muito bem.

— Obrigado.

— Não há de que.

— Conhecidos o riso e o sorriso, teremos de estudar

---

32. Político pernambucano, ministro da Agricultura no governo Wenceslau.

as suas causas, as formas, como dizia Bacon,<sup>33</sup> de acordo com o meio. E, estudando o meio, não podemos deixar de ver um meio para gargalhada. Os homens mais ou menos sensatos entram para o poder e começam a realizar disparates. As pessoas competentes são postas à margem como perigosas e a incompetência filauciosa precipita-se às patadas sobre as posições. O desvario faz do país um vasto hospício de alienados, em que os problemas são encarados inversamente. Reina um conflito sem conclusões, um conflito perene de manicômio sem guardas, em que os malucos oscilam entre a pancada e o abraço enternecido. Todos são honestos, todos são ladrões, todos são geniais e todos são reverendíssimas zebras. O desconhecimento dos valores e a petulância insensata!

O meio é tão assustador, que qualquer dos dirigentes, retirado um mês em cura de altitude, reconheceria ter praticado durante o seu governo o crime inconsciente da maluquice. Um homem entra nesse oceano para soçobrar logo ou viver entre o mergulho e a crista temporária do vagalhão. As causas do riso fervilham. Bacon assegurava que o riso nasce do insólito, do imprevisto. Basta olhar esta pândega desordenada para ter o espetáculo do insólito e do imprevisto dos atos, dos escritos. O imprevisto é tanto que chega a ser a banalidade — outra causa, aliás, do riso.

Segundo o velho Aristóteles e o sábio Bain, a causa é, porém, a degradação — os defeitos e as inferioridades

---

33. Francis Bacon (1561-1626), filósofo empirista inglês considerado um dos fundadores da ciência moderna.

que de repente vemos nos grandes homens. Qual o grande homem atual que não exija uma gargalhada, mas daquelas boas que trazem a lágrima aos olhos?

Outra opinião é que o riso vem de sabermos o erro em que os outros laboram por não o saberem. Como no nosso Hospício Nacional a base é o embuste frenético, a mentira, o *vaudeville*<sup>34</sup> macabro, olhamos a política de cada estado e a política geral, e entramos a rir com Eneias Martins<sup>35</sup> no Pará, para rir de Belém e Curitiba, do Amazonas ao Prata. E a esta gargalhada respondem os risos do êxito transitório dos que pilham as posições, porque o êxito, segundo Hobbes, é também um motivo de riso.

O riso antigamente era um castigo. Juvenal,<sup>36</sup> cidadão burguês, pretendia castigar os costumes rindo. Bergson considera o papel social do riso como flagelador do automatismo, da inconsciência, da inatenção. Mas, para uma gargalhada completa, é preciso antes do mais o que temos com fartura: a insensibilidade da alma.

Antônio Carlos podia andar numa gargalhada por todos esses motivos. Riria do insólito e do imprevisto, riria da degradação dos grandes homens, das quedas, dos trambolhões, dos tiques, das insistências, riria da palermice dos pseudoespertos, riria por estar há três

---

34. Gênero teatral popular na virada para o século XX, que contém atrações diversas como dança, música, esquetes e acrobacias.

35. Governador do Pará (1913-1917).

36. Poeta romano que viveu entre os séculos I e II a.C., autor das *Sátiras*.

anos sem mergulhar à tona do êxito, riria pelas inúmeras pancadas que tem levado na cabeça, riria pela própria atmosfera do país, que é, de fato, feita de gás hilariante. E, entretanto, sorri apenas, sorri maquinal e perenemente, fixou-se no moto-contínuo do mesmo sorriso!

— Realmente...

— O mesmo sorriso sempre, o sorriso orchata,<sup>37</sup> o sorriso sem veneno! Antônio Carlos, economista, líder, personagem notável, conselheiro e enviado extraordinário do governo, extraiu do sorriso, dessa flor da gargalhada, o que o tempo lhe tinha dado: — o reflexo das intenções. O sorriso irônico tê-lo-ia afundado, o sorriso lisonjeiro obrigá-lo-ia ao sorriso pejorativo, o sorriso triste seria uma lamentação, o sorriso alegre, uma troca, o sorriso tímido, tão contraproducente como o sorriso arrogante. Antônio Carlos descobriu o sorriso que não é nem de resignação nem de vontade, o sorriso só sorriso, angustiosamente só sorriso.

Sobre o notável cavalheiro esguicham as duchas de todas as causas da gargalhada descobertas pelos pensadores e os médicos desde Aristóteles até o Dr. Azevedo Sodré.<sup>38</sup> E quando, no admirável exemplo da persistência contemporânea, desejamos ver a força de reduzir as gargalhadas a sorrisos, encontramos força maior, a de estatelar a alma na insensibilidade de um

---

37. Bebida não alcoólica típica da Espanha.

38. O médico Antônio Augusto de Azevedo Sodré (1864-1929) foi prefeito do Rio de Janeiro de maio de 1916 a janeiro de 1917.

único e irrevogável sorriso, indiferente para todos os crimes ou todas as cóleras, igual para o elogio ou o ataque, sorriso espelho do turbilhão desesperado, sorriso periscópio do baixo nível contemporâneo!

As palavras foram feitas para esconder a verdade, disse não sei quem, que não era decerto o Sr. Lamounier Godofredo.<sup>39</sup> Os próprios gestos exprimem a mentira, que é o homem. Mas, a fixidez de uma atitude, por mais lucros que ela possa dar, tem qualquer coisa de heroico, é como aquela tentativa que Schopenhauer<sup>40</sup> exprimia no “fixar a roda do tempo”... Voto ao Sr. Antônio Carlos a consideração que o sorriso de uma alta posição impõe. Mas, depois de aturado estudo, considero esse sorriso uma das obras mais dignas de admiração dos tempos de agora, um sorriso juízo alheio sem parte na votação, um sorriso só comparável na vida ao involuntário riso da Morte, sorriso obra-primal, sorriso *dies irae!*<sup>41</sup>

— E, naturalmente, Sr. professor, sendo mais ou menos a dosimetria da gargalhada que o meio impõe, sorriso inteligente!...

O professor ergueu-se, concluiu:

— Não há um homem menos inteligente que sorria. Salvo se é totalmente pateta.

---

39. Integrou a Assembleia Constituinte que elaborou a Constituição republicana de 1891.

40. Arthur Schopenhauer (1788-1860), filósofo alemão.

41. “Dia da ira”, de angústia e aflição, é o hino cantado nas missas para os mortos.

E assim terminou o primeiro juízo imparcial a respeito do mais falado sorriso do século. Talvez sem senso comum. Mas, como diria o filósofo: o senso comum não sabe pensar o movimento. E o sorriso é o mais suave dos movimentos...

## O boi não morreu...

Um dos maiores estilistas de França aconselhava aos homens de letras a leitura do Código. Essa leitura educaria o escritor na mais difícil arte — a da concisão. No Brasil cada um devia ter no espírito a necessidade de ler as mensagens dos presidentes por motivos diametralmente opostos ao conselho do estilista, mas muito mais abundantes. As mensagens são moralmente o Brasil de ano em ano — o Brasil diverso do que devia ser, o Brasil de invenção política. Porque, por um fenómeno explicável entre povos sem coesão, há um Brasil para cada presidente. Nós deixamos o Brasil-Hermes, estamos no Brasil-Braz. Para saber o que somos agora, não há melhor documento, mais instrutiva leitura, que a mensagem do Sr. Dr. Wenceslau Pereira Gomes.

Como está o Brasil em 1916? O esplêndido documento di-lo com abundância.

Em primeiro lugar, fundamentalmente, o Brasil não sabe escrever a sua língua e pouco se rala que a língua o não ajude. Do período inicial à última oração, não sabe

empregar os determinativos, atrapalha-se nos tempos dos verbos, alça, enfim, o país a um idioma novo: o brasilismo. Nessa altitude desabrocham sem temor a ausência de ideias, as informaçõezinhas copiosas e os alvitres fenomenais. Há longos períodos alcocheados por “quês” alucinantes, há frases afirmativas lembrando brindes de sobremesa, aqueles brindes gerundiais à procura do ponto final. Mas, não importa. Quem quer aprender português, lê Camões<sup>42</sup> e não Wenceslau. Mesmo porque, o caso é outro, e principalmente a apoteose modesta do Brasil-Braz.

No ambiente de girândolas da mensagem, ficamos sabendo que o Brasil é um cavalheiro convencido de que faz às vezes quanto os outros já tinham feito e pode vir a fazer talvez alguma coisa do quanto os outros esperavam que ele viesse a fazer.

Como veio o Sr. Wenceslau para o poder? “Cedendo à imposição do mandato.” Que encontrou? “Dificuldades sem par na nossa história, quer da ordem política, quer da ordem econômico-financeira.” Que fez? Alguns espíritos agressivos têm a petulância de dizer que o Sr. Wenceslau, politicamente, passou um ano a provocar crises nos estados, com a mania de colocar os compadres como presidentes de conciliação, tendo no exército levantes de que a fraqueza injusta mantém o fermento, e no parlamento a balbúrdia alimentada pelo medo vaidoso das responsabilidades. Esses errados espíritos chegam obtusamente a afirmar que, como administrador, o Sr. Wenceslau limita a sua ação a matutar ideias

---

42. Luís de Camões (ca. 1524-1580), o autor de *Os Lusíadas*.

alheias para aumentar o número sempre crescente das suas cefalalgias. Felizmente, o Sr. Wenceslau tinha a mensagem para confundir os incréus. Tomou da pena do conselheiro Acácio,<sup>43</sup> molhou-a na tinta do brasilismo e sintetizou parte dos seus inúmeros feitos.

O presidente promulgou o Código Civil, por exemplo. Estava pronto por vontade de Pinheiro Machado. Mas, S. Ex.<sup>a</sup> assinou o decreto, consentindo modestamente que o Sr. Maximiliano,<sup>44</sup> numa das páginas mais sesquipedais da oratória universal, obrigasse Napoleão a dividir com Braz a glória de ter dado um código à Pátria. O presidente tinha tenções de ficar dentro das verbas votadas. Mas, como está tudo muito mais caro, em virtude da Grande Guerra,<sup>45</sup> principalmente o carvão e os fretes, assinou com imenso descortino o pedido de alguns créditos suplementares. E, na parte da administração econômica, em que entrariam necessariamente medidas urgentes sobre esse mesmo carvão tão caro e de que há tão grande quantidade no Brasil, tomou providências “especialmente sob o ponto de vista da pecuária”.

Quer dizer que estamos criando bois, muitos bois, de repente e no papel. Criando bois como fazemos tudo o mais, pura cantiga aleatória, como outras tantas do

---

43. Conselheiro Acácio, personagem de Eça de Queiroz, em *O primo Basílio*, famoso por expressar seus pensamentos com chavões e frases vazias.

44. Carlos Maximiliano Pereira dos Santos (1873-1969), ministro das pastas da Agricultura, Indústria e Comércio e da Justiça e Negócios Interiores no governo Wenceslau.

45. Primeira Guerra Mundial (1914-1918).

Ministério da Agricultura, espécie de palco lírico onde, depois do barítono Pedro de Toledo<sup>46</sup> ter cantado uma ópera de propaganda internacional, o Sr. José Bezerra demitiu os coristas para cantar só em voz de baixo o Marrueiro, do Catulo da Paixão Cearense,<sup>47</sup> ou o Meu boi morreu... da poesia anônima.

Diziam o Brasil país essencialmente agrícola numa época em que, como agora, os brasileiros não pensavam senão em plantar nomeações de funcionários do Estado. Com o quase fracasso do chamado delírio ferroviário, o abandono de variadas tentativas de extração e cultivo das nossas riquezas, e uma organização governamental que embarçou sempre e, não prevendo o futuro, desaparelhou e dificulta a vida econômica do Brasil no momento de prosperidade argentina, esse sentimento geórgico é de uma poesia mais tocante que o pôr do sol em Itajubá. Enquanto os países neutros agitam-se freneticamente para aproveitar o momento terrível, o presidente, num final de período, deixa-nos entrever a filosofia pastoral de uma égloga de Virgílio.<sup>48</sup> S. Ex.<sup>a</sup> é o pastor, como todos os reis, desde Agamenon.<sup>49</sup> Está debaixo da faia com enxaqueca. E a mensagem inteira pôde ser resumida no seguinte diálogo:

— A crise de transportes é gravíssima!

---

46. Era embaixador na Itália durante o governo Wenceslau.

47. Músico e compositor brasileiro, autor de "Luar do sertão".

48. Poeta romano (70-19 a.C.).

49. Rei mitológico de Micenas, comandou os gregos na guerra contra os troianos.

— Vou fazer com que o Arsenal volte a construir navios, sem aumento de despesa.

— Falta carvão!

— O Arrojado que faça umas conferências sobre o nosso carvão.

— Os nossos produtos estão verdadeiramente encravados.

— Como tem pensado muita gente boa, a fortuna está no boi. Criemos bois.

— Mas o meu boi morreu.

— Estou estudando o cruzamento dos filhos para o futuro. O boi está vivo!

— Devemos os cabelos da cabeça; os credores batem à porta! Como pagar?

— Isso depende, como disse o Calógeras,<sup>50</sup> que foi a Buenos Aires ouvir o Mac-Adoo<sup>51</sup> esquecer o nome do Brasil na citação das glórias sul-americanas.

— Depende ?

— Da terminação da guerra...

— Mas que devemos fazer agora, já?

— Enquanto não se reúne a comissão de finanças, tratemos da reforma eleitoral, porque a lei sob a qual consta que me elegeram é uma refinada maroteira.

---

50. João Pandiá Calógeras (1870-1934), político, engenheiro e historiador, foi ministro da Agricultura, Comércio e Indústria (1914) e da Fazenda (1916) no governo Wenceslau.

51. William G. McAdoo, político norte-americano (1863-1941), foi secretário do Tesouro entre 1913 e 1918.

Sim, sem o menor desejo de desrespeito, o resumo não pode ser outro. A mensagem é enorme, mas enorme como uma montanha de papelão. A respigar atos realizados encontramos páginas e páginas com trabalhos como o do Dr. Maximiliano, que nomeou um bibliotecário para não haver na direção de serviços idênticos um funcionário bibliotecário e outro apenas sub. À procura de ideias pessoais, só descobrimos mais provas de autolatria ingênua e roceira. Se, emaranhados no brasilismo dos períodos, desejarmos um traçado de governo, um gesto de decisão, uma ideia enérgica, deparamos a mesma atitude de ausência presente, de impenitente burocracia, de funcionalismo, de escrúpulo de chefe de seção no detalhe. A mensagem pode ser um relatório. É um rol conselheiral, com evasivas de fazer rir crianças e vaidades de um sabor que lembra o diretor geral agradecendo o retrato a óleo que não ficou pronto.

Um estadista da República dizia-me um dia:

— Todos os grandes problemas do Brasil foram ventilados nos dois grandes períodos monárquicos. Os estadistas notáveis do antigo regime projetaram um grande país. Para ter muitas ideias realizáveis bastaria ler os anais do Congresso no Império.

Até agora, raros são os estadistas republicanos com esses sentimentos. Mas é possível dispensar, num documento como a mensagem, tudo menos ideias mesmo absurdas, mas ideias — a expressão mental, a ordem dos condutores, dos chefes. Entre um presidente que não sabe o que há de fazer e um general que conta o

acontecido graças ao Acaso e não indica nem a defesa nem o ataque, há uma completa semelhança angustiosa principalmente para os que estão sob as suas ordens: os soldados do segundo e o povo do primeiro...

Mas o Brasil tem uma resistência de milagre. Sob diversas expressões quadrienais, não há meio de acabar de vez. Brasil-Braz é agora assim. Seja! Elogiemo-lo. Diante dessa mensagem necrológico da nossa mentalidade administrativa, há elogios solenes. O maior está mesmo nas primeiras páginas da própria mensagem. Aí, Brasil-Braz é Deus, o homem providencial — o que faz lembrar aquele rei do Egito chamado Amasis,<sup>52</sup> que, negado por alguns súditos, fundiu a estátua de um deus, fê-la banheira, banhou-se e saiu convencido de que tinha a essência divina. O Sr. Wenceslau entrou no governo e está convencido de que salva a República.

E é a única ideia de toda a mensagem, além daquela admirável inspiração da cantiga carnavalesca: mandar buscar bois para sanar as dificuldades econômicas atuais com o desenvolvimento necessariamente futuro da pecuária.

Leiamos esse extraordinário trabalho. Está nele o nosso pobre Brasil do segundo ano da Grande Guerra! O Brasil lugubrememente alegre, arruinado, pretensioso, ignorante, vazio, romboidal, o Brasil do “deixa para amanhã” e do “meu boi morreu”... O boi não morreu. Está vivo. O boi salvará tudo. A mensagem afirma

---

52. O autor provavelmente se refere ao faraó Amasis II (570-526 a.C.), general de origem plebeia alçado ao trono egípcio por vontade de seus soldados.

solenemente o conceito filosófico da modinha. Em fevereiro, o povo insistia por todos os cantos dizendo “se o teu boi morreu manda buscar outro no Piauí”. Em maio, S. Ex.<sup>a</sup>. o presidente repete profundamente:

— Há crise? As coisas estão sérias! Já tomei providências especialmente sob o ponto de vista da pecuária!

Está dito tudo. Está salva a Pátria!

# Pinheiro Machado

Há homens contra os quais basta um artigo de jornal. Há homens a favor dos quais é difícil escrever meia dúzia de linhas sem cair no estilo de brinde de aniversário. A República brasileira, salvo menos de dez individualidades, foi sempre o cenário onde tumultuam essas expressões humanas para as quais o Dante lavrou o julgamento eterno de uma sentença de ferro. E se o Artista, que é o vidente da história, quiser entre as menos de dez individualidades encontrar e destacar aquela que mais empolgante, mais incisiva, mais poderosa foi — só pode apontar uma: Pinheiro Machado.

Ao saber do seu assassinato, perpetrado covardemente por um Bruto arruaceiro contumaz, corri à sua casa num movimento instintivo de horror. E, através da onda dos amigos, dos curiosos, dos tribunos, calcando a dor que aos meus sentidos dava a dor de uma esposa, modelo de pureza, símbolo de dedicação, detentora de todas as bondades, cheguei até o corpo. E vi, depois de morto, esse homem com a mesma autoridade,

a mesma força, o ar austero e decidido, sem um traço que fosse a marca de um desmaio deixado pelo último suspiro da vida.

Voltei consolado. E só entre as quatro paredes de uma sala meditei a vida extraordinária de tal homem.

Qual o Artista que lhe traçará no futuro o perfil imperecível? Os artigos de jornal, o psitacismo<sup>53</sup> parlamentar no momento de estupor da sua morte, as vociferações dos interesses que soçobram e as doçuras dos interesses que se erguem, não poderão exprimir na sua integral plenitude essa figura única de energia e de domínio.

A vida de Pinheiro Machado foi a mais bela tragédia do Brasil. Não é possível pensar nessa existência sem lembrar Suetônio, o Silencioso,<sup>54</sup> sem lembrar Shakespeare, sem lembrar Plutarco,<sup>55</sup> os três grandes plasmadores de homens para a história. Pinheiro Machado era, num período de dissolução, uma alma púnica — alma de conquista, de luta, de afirmação, de domínio. Ele queria. Queria em tudo, nos atos mais simples, como nos momentos mais graves. Queria. Nunca tivemos no Brasil um exemplo mais formidável do verbo querer, com a consciência cega de que querer é vencer, é poder, é dominar. Uns querem por ambição de cargos, outros querem por desejo de conquista, ou-

---

53. Repetição mecânica e verborrágica de uma mesma ideia.

54. Historiador romano (69-ca. 141 d.C.), escreveu sobre os costumes e a vida de importantes personagens.

55. Historiador e biógrafo grego (45-120 d.C.), autor de *Vidas paralelas*, livro sobre gregos e romanos ilustres.

tros querem pelo sentimento de conservação própria. Ele queria para cristalizar na movediça onda humana permanente e sempre maior o seu querer. Sacrificava amigos, era de pedra aos rogos, aliciava os inimigos, caminhava sereno para os golpes mais arriscados por querer. E desse querer sem peias brotavam as fontes de oposição, cresciam as caudais da raiva. É qualidade dos homens não admitir jugos eternos. É das democracias o protesto contra os super-homens dominadores. É mal da política a miséria da incaracterística moral no vaivém dos interesses. Na Grécia de Péricles ou de Alexandre. Na Roma de Coriolano ou de Júlio César. Na França de Napoleão ou da Revolução. No Paraguai de Flores<sup>56</sup> ou no México de Porfírio Dias. Sempre. Em todos os tempos. Em todos os países.

Pinheiro Machado queria com a violência dos raros singulares, e a tal violência correspondia o choque dos que o seu querer contrariava.

Era um patriota. Combateu pelo Brasil. Era um republicano. Deixou uma cadeira no Senado para bater-se dois anos pela legalidade republicana, que muitos naquele tempo achavam ilegal. E, usando de todos os poderes, a fascinação pessoal, a tentação da força, a placidez irresistível, a generosidade e a secura, o esmagamento e a brandura, continuou de querer. O seu espírito via claramente os valores, a coragem de uns, a energia de outros, a inteligência de mais outros, as capacidades recônditas para o mal e para o bem de

---

56. Provavelmente Venâncio Flores, na realidade duas vezes presidente do Uruguai.

cada alma. Nunca em público a sua palavra atacou injustamente o inimigo. Avaliava. Avaliava para exigir a seu serviço todos. Havia políticos de valor? Deviam ser seus. Havia jornalistas de mérito? Deviam ser seus. Havia escritores de talento? Deviam ser seus. E o serviço que lhes exigia era o de reconhecerem nele o tremendo valor que era de fato.

Dessa atitude nasceu exatamente a oposição à sua figura. A oposição é ateadada por pessoas que podem mudar. Mas o incêndio está já na grande massa que jamais refletiu; e como, se uns abandonam o ataque, outros não deixam de aparecer para soprar a fogueira e alastrar as chamas, deu-se com ele o que sempre se tem dado com homens de tão grande força: a oposição aumentou, alastrou, cresceu. À proporção que o seu poder aumentava, os inteligentes com independência recusavam o seu domínio, os desejosos de vencer fugiam à trama da sua fascinação, os pescadores de águas turvas gritavam, os que não têm o que perder vociferavam e a multidão, sob a sugestão do protesto diário, aumentava a oposição.

Terso, forte, querendo, quanto mais a onda crescia, mais serenamente ele insistia. Não compreendia cair para se levantar. Compreendia apenas estar de cima. A resistência era-lhe apoio. E atendia a uns, fingia não ver coisas a que não daria o seu consentimento, dominava e arcava com a responsabilidade, sem tergiversações de atos contra os quais protestaria se os quisesse ver.

Ninguém poderá dizer o seu valor administrativo se a luta política pelo domínio não o prendesse a

existência toda. Ninguém poderá afirmar a sua eficiência para o progresso do país. Cada novo presidente era uma campanha para ele como a tomada de Varsóvia<sup>57</sup> ou como a resistência francesa de Joffre no Marne.<sup>58</sup> Não viu senão o poder político. Afonso Pena, cercado pela mocidade intelectual que tinha por ideal o poder nas mãos do presidente, resistiu. Para vencê-lo, Pinheiro Machado aceitou Hermes da Fonseca. Hermes da Fonseca, trabalhado por elementos diversos, resistiu. Para vencê-los, a sua vontade, o seu querer, a sua energia centuplicaram-se. Aceitou a culpa de todos os erros. Quando tinha um presidente seu amigo, todos os ministros seus amigos, era impossível reter consequências de uma vitória tão custosa.

O orgulho — e nunca a sua prudência e o seu temor da responsabilidade, como diziam muitos — levou-o a não aceitar a presidência da República, porque se considerava acima de qualquer cargo, encarnação da República, Defesa, Baluarte do Regime. Era a Ordem. A sua honestidade pessoal, a sua impertérrita coragem diante da desonestidade e da covardia ambientes

---

57. Varsóvia, capital da Polónia, foi palco de diversos conflitos. O autor pode estar se referindo ao episódio conhecido como a Revolução dos Cadetes (1831), promovida por poloneses contra o jugo russo, ou a outros conflitos, como a Revolta de Janeiro (1862), também contra os russos, ou ainda a tomada da cidade pelos alemães na Primeira Guerra Mundial.

58. Joseph Jacques Césaire Joffre (1852-1931), militar francês que comandou o exército aliado na Primeira Batalha do Marne (1914), vitória crucial sobre os alemães na Grande Guerra de 1914.

faziam-no julgar-se o próprio Poder Salvador, à proporção que a oposição mais aumentava.

Só aí compreendeu o desastre do Brasil, desastre quase irremediável. Fora sempre contra os gastos, fora sempre patriota, fora sempre o maior desejo de ordem e de progresso para a pátria. Mas sem planos definidos. O torvelinho político fizera a sua influência no sentido administrativo variável e alheado. Era como um homem que deixa o encargo de administrar a casa a outros, e, tendo de dominar a ambição dos administradores, cuida mais do domínio do que da administração periclitante. A oposição preocupava-o, absorvia-o. E quando, no último instante, viu integralmente o cataclisma, julgando possível ser obedecido em tudo — a sua vontade era que afinal ouvissem também o conselho e a ordem para a salvação do regime de que se julgava a própria encarnação...

Os atos saem às vezes ao contrário das intenções.

Só os frívolos e os levianos terão a fatuidade de querer desde já definir o bem ou o mal, resultantes do domínio convulsionado da força desse homem para o Brasil. Os amigos dizem:

— A República está perdida!

Os inimigos asseguram:

— A República está livre!

A mim interessa-me apenas a criatura, a vitória conseguida diariamente por ele. Como todo o Dominador, Pinheiro Machado não suportava a ironia. Eu não o elogiei nunca em vida. Mas a ironia

com que, a cada passo, em doze anos de trabalho, o seu nome aparecia nos meus escritos, era a prova da irresistível fascinação, da tremenda afirmação que era ele. Não só para mim. Para todo o país. Pinheiro Machado tornou-se a ideia fixa da nação inteira. Com amor, com medo, com hipocrisia, com ódio ou com independência, ninguém poderia deixar de pensar nele. Apenas senhor de uma cadeira, como a que tem o senador Gervásio,<sup>59</sup> ele era absolutamente o Senhor — o que nunca foi vencido.

Lembro-me que quando se deu a coligação, na luta para a atual presidência, exprimi o meu sentimento quanto à anarquia intensa de tal bando. Pinheiro Machado desejou falar-me. E na sua casa, plácido, sereno, depois de ser a própria hospitalidade, teve apenas uma frase que lembrava a minha ironia.

— Creio que faz agora outro juízo do Pinheiro Machado.

O meu juízo era o mesmo de sempre. Continuei a mantê-lo e, sem escrever uma só linha de louvor, assisti à vitória sobre a coligação, assisti a todas as lutas para a conquista do governo Wenceslau — que a sua força firmava. Por último ia visitá-lo ao Senado pelo prazer de ouvi-lo. E há um mês precisamente, de cravo vermelho ao peito, grossa pérola na gravata, inventariando forças políticas, para mim que ele sabia odiar a política:

— Morro na luta, menino. Eles matam-me. Mas

---

59. Gervásio de Brito Passos, senador pelo Piauí de 1908 a 1915.

pelos costas: são uns “pernas-finas”. Pena é que não seja no Senado, como César.

Meditou, balançando a perna, enquanto desfazia o cigarro. E grave, como uma promessa:

— Há de ser na rua. Mas morro em defesa da República.

De fato, detentor de toda a sua força, a força que ele queria, a força definitiva de supremo chefe, tomou vítima de uma punhalada vibrada pelas costas, mas com a altivez, a esmagadora consciência do seu eu exclamando:

— Apunhalaram-me. Canalha!

Há final de tragédia mais admirável? E quando, enquanto homens choravam e bradavam, e estendiam a mão espalmada em juras sobre o seu corpo, eu vi no cadáver, naquela rijeza última, a mesma sobranceira, a mesma altivez, o mesmo ricto labial de superioridade, a mesma calma — não recordei artigos de jornal, ódios, paixões que o formidável Querer sublevara. Pensei apenas em certas atitudes derradeiras que estão em Suetônio, o Silencioso, estão em Plutarco, estão em Shakespeare, os três grandes arqueólogos da singularidade da alma humana.

Não façamos necrológios. O necrológio é para os vulgares. Não tenhamos a vã pretensão de juízes imparciais. Demos, nós, sem apetites políticos e sem interesses políticos, treva à opinião ardente de uns e de outros. Não discutamos o bem e o mal que foi para o

Brasil a figura de Pinheiro Machado. Nada mais sério do que pensar com justeza, e julgar sem ideias nos períodos de convulsão. Roma inteira odiava a soberba de Coriolano.<sup>60</sup> Bruto<sup>61</sup> achava a salvação da pátria na morte de César, o mais perfeito homem da Terra. As nações coligadas julgavam Napoleão como o próprio horror...

Não quero comparar Pinheiro Machado nem a César, nem a Coriolano, nem a Napoleão. Quero acentuar o vazio dos conceitos sem o sulco do justo tempo — para destacar apenas a verdade psicológica do homem que vão enterrar. Bom ou mau, ele foi a personalidade mais afirmativa do Brasil. Cheio de erros ou de bens, ele foi o exemplo mais tenaz, mais agudo, mais esmagador do Homem que quer, para além do bem e do mal. Brasileiro, ele é até agora o expoente máximo do domínio permanente sobre os vagalhões de uma democracia anarquizada. Homem, ele é a expressão integral da prodigiosa força que eleva os excepcionais: a força do querer.

E com ódio, amor ou indiferença, culpando-o de todos os desastres, ou julgando-o o salvador do regime, rangendo os dentes, sorrindo ou chorando, ninguém deixa de ver desde já que ele viveu como queria, que ele agiu como queria, que ele tombou como queria, ressoo dos gritos de um país inteiro, acima de todos...

---

60. Caio Márcio Coriolano (ca. século V a.C.), general lendário da Roma Antiga.

61. Marco Júnio Bruto (85-42 a.C.), general e político romano, conspirou para assassinar o imperador Júlio César, a quem atribuía a desgraça de Roma.

O homem nasceu para dominar. É feliz aquele a quem só a Morte arranca o supremo domínio. Porque é na vida a exceção e o único que no pó interessa e empolga e prende e domina, como se vivesse e dominasse e mandasse.

Pinheiro Machado fica o singular, aquele que exprimiu, não a vontade da turba, mas a imposição arrebatedora de uma vontade maior que todas — a sua própria vontade.

## *Minha terra e minha gente*

Há mais de dois anos não vejo Afrânio Peixoto,<sup>62</sup> senão em fotografia. Há mais de dois anos não sei dessa luminosa atividade senão pelo que ela produz, sempre excelente, quase sempre perfeito. De planos, de projetos, absolutamente nada.

Nem eu, nem ele, em campos diversos, temos horas para conversar. Apenas vive a indestrutível amizade — a que se forma da atração exercida pelas inteligências de fato superiores. Afrânio Peixoto, como alguns outros raros, sabe previamente que, no mesmo estágio de civilização, a minha inteligência corresponde logo e em harmonia ao apelo da sua. Há meio século chamavam ainda a esses acordes mentais — afinidades. E é de notar que nas gerações propulsoras os mesmos fatos

---

62. Médico, político e escritor brasileiro (1876-1947), membro da Academia Brasileira de Letras.

se repetem como se cada época tivesse uma atmosfera ideal, onde os espíritos se compreendem sem dificuldade.

Assim, eu não sabia que Afrânio Peixoto escrevia um livro como o *Minha terra e minha gente*. Mas, esperava esse livro, escrito como está ele escrito, tinha certeza desse momento da obra do cérebro admirável.

Por quê?

Nós não fazemos o que queremos. Antes, obedecemos sempre a secretas imposições dos deuses, que são os sentimentos esparsos em choque com os nossos sentimentos. Todos os homens têm três crises de projeção, de expansão. A primeira é a crise da adolescência, a crise amorosa. Não vemos o mundo, vemos a mulher. Os símbolos dos grandes livros são cheios de ensinamentos. Na Bíblia, Adão começa por trocar o paraíso pela mulher. A mulher faz tudo quanto quer. De bom e de mau. Depende da mulher a salvação dessa primeira crise. Há homens que ficam eternamente nela. Outros têm-na como etapa ascensional. Os povos repetem os homens. Há civilizações, como a nossa, flutuantes exatamente no período amoroso — o do desejo inquieto de agradar sem pensar em si mesmo. A segunda crise é a do orgulho másculo. O homem só vê a sua pessoa, a sua obra, a sua glória. O mundo é um vasto espelho a refletir a sua personalidade. Tudo quanto faz está acima da craveira geral. Ele ensina, ele guia, ele doutrina, ele cria a Beleza, ele tem todos a seus pés. Essa crise, que pode perder os fracos em vaidade, viriliza ainda mais a alma dos fortes, dos que vieram ao mundo para dizer alguma coisa. E prepara definitivamente a terceira crise, que é o amor da pátria, a fixidez consciente dos

ideais do solo, a integração na abstração geral da raça.

Não há um homem de vinte anos que compreenda e ame a história. Não há patriota consciente na adolescência. Há, quando muito, amorosos da pátria, “don juans” do heroísmo, perplexos diante de uma bandeira como diante da amante. Patriotismo na adolescência é ilusão de amor, porque patriotismo só existe em plena virilidade, como um sentimento absorvente de complemento do próprio homem. E então, o mundo inteiro vive, mesmo contra a nossa vontade, dentro de nós, o tempo não existe porque encaramos o passado, o presente e o futuro, contemporaneamente, e cada um de nós, julgando-se portador de um legado ardente, sofre e anima-se, aconselha e almeja continuar a cadeia da raça; é um coração entre o orgulho e a esperança. Nesse momento nada é indiferente ao homem. Ele completou-se. E, *duce* ou mestre, projeta a sua força para o esplendor futuro da pátria.

A nossa geração, geração de poetas, prosadores, políticos, de homens de talento, enfim, a geração que já fez trinta anos e venceu triunfalmente, quer no Brasil, quer em Portugal, está em plena terceira crise, a da perfeição, a da que não pode jamais escapar o homem superior. Basta ouvi-los. Basta lê-los para termos a deliciosa certeza. E Olavo Bilac ou Antônio Correia de Oliveira, Afonso Lopes Vieira ou Celso Vieira, Vitor Viana ou Júlio Brandão,<sup>63</sup> todos os cumes acendem os mesmos faróis da chama patriótica. O acorde é tão perfeito no mistério da vida, que a mesma noção harmônica de pátria prolongada existe nos escritores de ín-

---

63. Escritores brasileiros e portugueses.

dole diversa, aqui e em Portugal. No momento em que aparece o livro de Afrânio Peixoto, João de Barros,<sup>64</sup> grande poeta e autor de vários livros de pedagogia, escrevia o incandescente artigo sobre o patriotismo luso-brasileiro...

Os grandes sentimentos não se falsificam. É impossível fingir patriotismo como é impossível fingir um grande amor. Tudo vem a seu tempo e sempre é uma aspiração secreta da raça que enche de profundez de repente a voz dos poetas, ou modifica em fé o ceticismo dos prosadores elegantes — o ceticismo, a mais amarga expressão das esperanças desfeitas. Afrânio Peixoto, espírito culminante na geração, voltando-se para as crianças e escrevendo como quem ensina devagarinho a noção da pátria, é dessas provas irrefutáveis da crise da alma que integraliza os excepcionais.

Por que escreveu Afrânio Peixoto o *Minha terra, minha gente*? Todos nós o conhecemos com a centelha divina, protegido dos numes. Elegante, airoso, com uma inteligência matemática e um talento de fogueira, ao serviço de uma atividade sem par e de uma gentileza sem desfalecimentos. Tinha feito um livro que diziam doido. Chegou para reformar o hospício com Juliano Moreira.<sup>65</sup> A sua obra foi admirável. Logo todos sorriram e o estimaram. Não há nada que ele não faça melhor. Inclusive o egoísmo dos homens. Entrou

---

64. Poeta e pedagogo português (1881-1960), dirigia com João do Rio a revista *Atlântida*, periódico que incentivava a reaproximação entre Brasil e Portugal.

65. Médico e pioneiro da psiquiatria brasileira (1873-1932).

assim para a Academia.<sup>66</sup> Mas, um dia quis fazer um romance e fez um dos nossos mais belos livros — *A esfinge*. Depois resolveu fazer um manual de medicina legal<sup>67</sup> e fez o melhor tratado dessa matéria nos tempos contemporâneos. Professor, artista, escritor, polimorfo engenho, os governos servem-se dele para fazer ou regularizar certos departamentos científicos e ele passa do hospício para fazer o gabinete de medicina legal, como deixa o gabinete para dirigir a Escola Normal. As portas abrem-se-lhe. Não há ódios, não há invejas, não há competições. Ele transforma ou cria, fazendo admirações e amizades. Mesmo a casta dos literatos medíocres, tão abundante entre nós, mantém na sua totalidade um silêncio de pasmo. Ele cintila como um diamante ao sol. É o espírito venturoso. E, fino, polido, ora escreve coisas graves, ora deixa as coisas graves pela futilidade, sem perder o interesse, o encanto, a viva chama do engenho.

É nesse momento que o ateniense da *Esfinge*, que o mestre louvado nas academias, que o autor da *Judith*,<sup>68</sup> o gênio feliz e aplaudido, sente o grande choque da ideia nutriz dos povos e volta-se para as crianças e escreve para crianças, como se falasse às crianças a história pequena da sua terra e da sua gente. De que tremendas verdades subterrâneas se fez a eclosão dessa flor singela! Como essa flor sua sangue e arde esperanças! Que estranho esforço o de voltar à simplicidade

---

66. Academia Brasileira de Letras (ABL).

67. *Elementos de medicina legal*, publicado em 1910 pelo editor Francisco Alves.

68. *Judite e Esfinge*, obras de José Veríssimo.

virginal do estilo para dizer à infância que é Parsifal: — Toma esta fé no entendimento da tua terra e da tua raça. Só assim conquistarás a lança da glória!

O nosso patriotismo é o do primeiro estado da civilização: amoroso, teatral e inconsciente de responsabilidade. Ou o desalento sombrio ou o lirismo gongórico. Os cidadãos que escrevem para crianças ou lhes amassam o cérebro com férreas cronologias, ou se fazem autores de melodramas. Uma geração, a nossa, estabeleceu o princípio de que patriotismo é querer a sua pátria igual às maiores, sem as copiar. Para isso é preciso conhecer as origens, sentir o sangue, compreender os erros para amar conscientemente melhorando. Afrânio Peixoto escreve justamente no seu prefácio tais ideias. Não só no prefácio. Elas vivem arterialmente em todo o livro.

Antes de falar de sua terra, ele fala de sua gente. Essa gente é a portuguesa. O gênio português é tão nosso como de Portugal. Nós somos os descendentes dos portugueses que vieram ao Brasil, somos no solo a raça conquistadora. Temos enormes responsabilidades para com o passado. Uma delas é a língua. Só depois de estudar a origem da nossa gente ele fala da terra e da história dos homens portugueses e brasileiros na terra. Vai assim, tranquilo, calmo, ensinando. Mas, quando começa a tratar da nossa independência econômica, é impossível dominar o seu desejo diante do perigo. Então, nesse livro para crianças, explode bem do fundo o patriotismo necessário, apontando erros, apontando vícios. É como se dissesse:

— O Brasil tem de ser grande. Mas é preciso acabar

com estes erros que aponto e pensar em fazer um povo igual aos maiores. Nada de lirismos. A verdade é um cilício — força a fé.

E pela primeira vez em livros de educação cívica, com clareza e simplicidade admiráveis, conseguindo a síntese ao alcance de qualquer cérebro, Afrânio Peixoto diz o bem e diz também o mal, todos os males da falta de administração na República. Depois de citá-los um a um este aviso que fustiga as consciências:

— “É difícil fazer compreender aos brasileiros que há uma ciência ou arte da administração, talvez a mais complicada, para a qual se requer tirocínio e capacidade.

Só a instrução difundida, que cria uma consciência coletiva, capaz de escolher e impor homens idôneos, nos daria bons administradores... Por isso, à medida que baixa o nível dela, aumenta o desgoverno do Brasil. Na República tem então havido períodos nefastos.

Cumprir, como medida de salvação pública, cuidar da instrução primária, da instrução profissional, da educação moral e cívica, sem as quais os povos degeneraram na barbaria passiva, preliminar da submissão aos mais capazes.”

Há quanto tempo se dizem tais coisas às crianças grandes? A geração futura, desde a escola com a ideia do que terá de fazer, melhorará? Afrânio Peixoto diz toda a verdade sempre. Em poucas páginas fala da raça, das componentes do tipo brasileiro. É duro para ser bom. A nossa mistura é agudamente tratada. Como

Guerra Junqueiro,<sup>69</sup> que, no Porto, se interessava, há oito anos, pela unidade do tipo brasileiro, Afrânio, depois de mostrar que habitamos um deserto, escreve sobre uma possível psicologia do tipo brasileiro — massa em que ainda não se caldearam elementos antagônicos, e conclui:

“A fusão lenta das misturas mal feitas ainda, a seleção reiterada da cultura, a disciplina forçada da vida social, farão dessa massa um povo forte, são e feliz? O esboço de hoje dará um povo voluntarioso, sentimental, inteligente, digno da terra e do tempo em que viver?”

Desilusão? Tristeza? Dúvida? Não. Este livro é bem um livro de amor consciente, é o pequeno livro imediato e imperecível, atestado d'alma de uma geração de energia e de glória, condensando todas as nossas aspirações nervosamente espalhadas. Afrânio Peixoto enfeixou-a à maneira daqueles ramos que os antigos davam às crianças como símbolos guias da vida. Ele o diz de modo patético no derradeiro capítulo — “O que é uma nação”. Os homens de amanhã devem saber todos os males e os remédios para não se encontrarem, como nós, no grande momento, sem saber bem o que temos de fazer, cheios de orgulho e de humilhação, sem sermos ouvidos no desejo de uma grande pátria. Para que ela seja igual às maiores, há exemplo de pátrias que se fizeram e se fazem: Estados Unidos, Argentina, Canadá. Abramo-nos aos estrangeiros, às torrentes de imigração, entregando a terra aos peregrinos de boa-fé,

---

69. Político, escritor e poeta português (1850-1923), concorreu para a implantação da República em seu país.

sabendo resistir pela língua e dominar pela influência moral. “Um povo é uma identidade de espírito manifestada numa língua comum.” O que é preciso é tornarmos-nos práticos, deixarmos as utopias, os desdêns vãos, a poesia, o parasitismo; o que é preciso é que o Brasil deixe de ser — ó frase cruel e três vezes verdadeira pela culpa dos homens! — uma imensa carta sem endereço. Precisamos saber e respeitar quem a pôs no correio, isto é, amar e respeitar o nosso passado; precisamos conhecer o que ela pode conter, temos a obrigação de lhe pôr o endereço para que ela chegue onde desejamos que ela chegue. Um Brasil próspero e eterno, que honre a cultura greco-latina, as tradições lusitanas, a sua própria história, das quais deve ter legítimo orgulho, que propague e cultive a língua portuguesa, da qual é depositário, e já hoje o maior responsável, deve ser, para começar, um povo instruído e educado.

Só há um caminho para a conquista da natureza, dos homens, de si mesmo: *saber*. Não há outro meio de o conseguir: *querer*.

E de toda a obra polimorfa de Afrânio Peixoto, ninguém poderá deixar de dizer que é esse livro da *Minha terra e minha gente* aquele que diz mais profundamente o homem e o seu coração e a sua inteligência na hora integralizadora, em que acima do tempo amamos a nós mesmos, as origens, a raça e o futuro — amando a Pátria.

## Um capítulo de Tácito...

Com lentidão grave o homem desembrulhou um rolo de pergaminho.

— Sei quanto V. Ex<sup>a</sup>. vai ficar admirado. Tácito<sup>70</sup> era um sujeito muito importante e cheio de pretensões. Gostava imenso de reclamos. Nós acabamos por saber tudo quanto ele fez: as Facécias, a vida do sogro, as *Histórias*, os *Anais*. Sabemos mesmo o que pretendia escrever se não morresse. Mas não consta que Tácito tivesse escrito de um período imperial desconhecido. Foi, pois, com surpresa, depois de reconhecer o estilo de Tácito, que encontramos este obscuro trecho de capítulo, com certeza pertencente a um ignorado livro das *Histórias*.

V. Ex<sup>a</sup>. não pergunta como descobriu este palimpsesto? Foi na biblioteca de um convento da Bahia, trazido decerto há uns quatrocentos anos. É, aliás, muito anterior. Talvez uma cópia do ano 900. O Brasil é novo e sem surpresas só para quem quer. Mas quem procura

---

70. Historiador e político romano (55-120 d.C.).

encontra cá uma porção de descendentes de príncipes, quadros preciosos e mesmo originais latinos ou gregos, que até agora julgávamos perdidos.

Estou a aborrecer V. Ex<sup>a</sup>.?

— De modo algum. Apenas sinto uma certa curiosidade em ver o capítulo de Tácito...

— Ei-lo aqui. Para poupar trabalho, trouxe-lhe uma tentativa de tradução. Deixo-o com V. Ex<sup>a</sup>. a ver se acha interessante a sua publicação. Posso voltar amanhã?

— Pode.

O homem saiu. Eu tomei de uma lente e comecei a decifrar o pergaminho medievo. Era apenas um fragmento. Começava assim:

— *Potentia principatus divisa in M. Fonsecam, consulem et I. Gome Machadum legatum. Nec minor gratia Lacerdae quem annullis donatum, equestris nomine Mauritium vocitabant...*

Esfreguei os olhos. Tornei a ler. Desconfiei do meu latim, tomei a tradução e li esta coisa espantosa atribuída a Tácito:

XX — O poder imperial estava dividido entre M. Hermes, cônsul, e J. Gomes Machado,<sup>71</sup> general. Tinha grande influência Lacerda,<sup>72</sup> que recebera o anel de ouro e entre os cavalheiros tinha o nome de Maurício.

---

71. José Gomes Pinheiro Machado, o influente senador gaúcho.

72. Maurício Paiva de Lacerda (1888-1959), oficial de gabinete no governo Hermes da Fonseca, destacou-se na defesa de operários comunistas e anarquistas.

Maurício pertencia a uma família de evidência nas questões públicas e a sua inteligência, ainda impúbere, era auxiliada por uma grande ambição. O imperador Hermes, fraco, com medo, dividia-se entre M. Hermes e J. Machado e a desordem na República era vergonhosa. Não se falava noutra coisa graças à licença da opinião — *licentia ac libidine talia loquentia*.<sup>73</sup> A coragem e ambição de Maurício impeliram a sua alma de patriota a abandonar os estudos, com tanto brilho apenas iniciados, para conquistar os cargos em que a sua juventude fosse útil. O imperador Hermes aceitou-o a seu lado. Ignora-se se a escolha foi espontânea ou, como alguns dizem, arrancada por instância de Nilus,<sup>74</sup> ligado por amizade a M. Hermes — *seu propria electione sive, ut, quidam crediderunt, Nilo instante cui exercita cum M. Hermes amicitia*.<sup>75</sup>

Maurício, cheio de ardor, tomou decididamente o partido de M. Hermes contra J. Machado e quando se iniciou a renovação dos tribunos, sentiu a necessidade de pertencer a esse corpo da vontade popular. A miséria moral da República era cada vez maior. A ambição, a traição, a ignorância grosseira, alastrava-se sob a forma de bajulação. Os discursos do imperador eram acompanhados de carícias e presentes. Os tribunos, os centuriões, os soldados, respondiam com felicitações. Unicamente o representante das oratórias

---

73. “*Licentia ac libidine talia loquenti* [e não *loquentia*]”: “Por licença e desejo de falar tais coisas.”

74. Nilo Peçanha

75. “Quer por escolha própria, quer, como alguns acreditaram, por insistência de Nilo, com amizade feita com Hermes.”

do Senado, R. Cícero Barbosa,<sup>76</sup> protestava. O povo, despojado dos seus direitos, murmurava apenas — *Nec populus adeptum jus questus et, nisi inani rumore...*

Maurício, com a força ao seu lado, o apoio das legiões, o carinho do imperador e abusando da violência, fez-se proclamar tribuno do Rio de Janeiro — *flumen januaria* — e assim surgiu com alguns outros jovens desconhecidos a prestigiar o imperador, ao lado de M. Hermes.

Mas, fosse por verdadeiro amor à sua pátria, fosse, como diziam alguns, porque satisfeita a sua ambição de posto, maior se lhe tornara a ambição de renome popular, dentro em pouco, com todos os outros jovens, rebentou tremenda oposição ao imperador e a J. Machado, ficando logo em plano superior a M. Hermes, que, desiludido de ser o único poderoso, abandonava também o imperador...

E a sua oratória deu à língua latina um verbo novo, dando à República, a metamorfose da vaca. O tribuno exclamava sempre: — “Extamos avacalhados!” — *Avaccati summus...*

XXII — Entretanto, Maurício, da família ilustre dos Lacerdas, apesar dos seus tenros anos e de um ímpeto sem experiência, ao passo que crescia em fama, sentia não só o seu isolamento como a inutilidade dos seus gestos tardios. Em presença das cortes reunidas, diante dos padres conscritos nos centros de Roma, agitando as classes, invectivava a cada instante sem

---

76. Refere-se a Rui Barbosa, cujo sobrenome o autor associou ao do orador e político romano Marco Túlio Cícero.

descontinuar o imperador Hermes e J. Machado. Talvez quisesse a revolução, que lhe daria, pela sua evidência, decerto, a posição de cônsul, ou de pontífice. Mas, a oposição, com R. Cícero Barbosa à frente, era uma falange de orgulhosos sem coesão para a luta; os que tinham formado outros votos por eles apenas mostravam zelo e os indiferentes (o maior número) especulavam as suas homenagens sem dar um pensamento ao Estado — *medii ac plurimi, obvio obsequio, privatas spes agitantes, sine publica cura.*<sup>77</sup>

XXIII — O imperador Hermes temia a revolta ou o assassinato. O desrespeito do povo era cada vez maior em comentários e risos mordazes, que chegavam até os recessos do palácio. J. Machado, único dominador, sentia a necessidade de uma outra majestade em que se apoiar, em virtude da idade avançada de Hermes.

Era preciso que Hermes adotasse, na família política, como era de praxe desde Augusto, um substituto, elevando-o à dignidade de herdeiro. Os partidos se multiplicavam. Todos os homens públicos julgavam-se dignos desse posto.

Hermes não sabia a quem escolher, desejoso de fazer como Augusto, que escolheu vários até chegar a Tibério.<sup>78</sup> Mas, J. Machado, desejoso de fortalecer o seu poder, pensava em um homem que estava na montanha, no país dos

---

77. “Os do meio e dos demais, com fácil deferência, pensando em suas aspirações particulares, sem cuidado com a coisa pública.”

78. Imperador romano (14-37 d.C.).

mineiros, simulando viver de caça, pesca e fabricação de tecidos. Foi elevado W. Pereira, da família Braz, que já tinha sido procônsul e era cônsul. Mútuas investidas entre o Senado e os legionários de Machado e os tribunos do povo ameaçavam a paz dos últimos dias de Hermes, se W. Pereira não mostrasse um silêncio capaz de dar esperanças a quantos a reflexão menos risonha não se mostrava.

XXIV — Terminada a luta improfícua, no período final da mole tirania de Hermes, quando a desordem corria as ruas e os crimes se sucediam contra a causa pública, o joven tribuno Maurício redobrou de violência, protestando e gritando. À proporção que ia chegando o coroamento de W. Pereira, pela renúncia do velho imperador, via os seus companheiros irem aos poucos cessando de discursar.

Ficara R. Cícero Barbosa, no Senado, até o fim com a sua oratória admirável, de que as contingências políticas já tinham cancelado algumas páginas. E ficara ele com a juventude arrogante que muita vez supre o preparo — protestando. Do país dos mineiros vinha descendo gente a tomar os cargos públicos, em virtude da fama de honestidade que eles próprios tratavam de publicamente se atribuir. Das hostes em que militavam iam partindo para o apoio ao governo os mais aguerridos soldados. E Maurício, de que todos falavam, até as criancinhas, com simpatia, sentiu ainda mais que estava só no espetáculo, sem apoio eficaz.

Mas, uma esperança enchia-lhe a alma: ver o fim de J. Machado. O que os mineiros fizeram por medo,

Maurício fez por entusiasmo — *quod minae formidine Mauritius gaudio fecere.*

XXV – W. Pereira substituiu Hermes, sem definir preferências, fazendo discursos em que pedia o auxílio geral para salvar a causa pública. A escolha dos dignitários de palácio, recaiu, entretanto, na maioria dos amigos de J. Machado. W. Pereira agira assim por timidez e pelo terror de ver realizada a deposição prognosticada pelos arúspices. O seu desejo era não ser dominado por ninguém; a sua fraqueza obrigava-o a aceitar o domínio de quantos dele se aprumavam, de modo que ninguém mandava e todos mandavam. Os ódios populares, acirrados pelos que queriam alijar o poder de J. Machado, explodiam, ameaçando o fim do governo de W. Pereira, e o tribuno Maurício não saía da tribuna, quando um assassino torpe apunhalou pelas costas J. Machado. Em uma cidade presa da discórdia, onde a mudança de príncipe tornara indeciso o limite entre a licença e a liberdade, as menores questões excitavam grandes agitações. O assassino de J. Machado subitamente esgotou a excitação. Uma indiferença morna sucedeu a essa morte. O governo continuou perplexo, a causa pública ao abandono. Todos os políticos a emulação os dividia em ver quem mais lisonjeava e fazia a vontade do príncipe que não tinha vontade, mas, sucessivas vontades, com medo de ter uma vontade. O povo era a unanimidade indiferente.

XXVI – Maurício sentiu que errara. O seu trabalho de destruição de nada servira à República.

Os ímpetos da sua juventude, gastara-os inutilmente a gritar tentando em vão reanimar pelo civismo dos antigos tempos o corpo agonizante da Pátria. O que lhe parecera incentivo era apenas aplauso; o que lhe parecera entusiasmo era apenas covardia das multidões, alegres de encontrar um responsável para a vingança, quando os ataques pedissem reação. Sua obra de quatro anos, ninguém dela se lembrava e as suas orações, diante das mesmas calamidades, ninguém as ouvia. Nem mesmo os que, devido ao seu esforço indireto, subiam, dele se lembravam para um cargo mais alto. Roma soçobrava na invasão de habitantes do país dos mineiros, ávidos de ocupar todos os cargos para que os cargos se tornassem honestos. Então, indignado, o tribuno Maurício comprou no seu município uns campos, e encontrando no Fórum alguns seus antigos amigos, disse-lhes solene:

— Vou amanhar as terras, abandono a causa pública e os seus homens. Mais valerá ao Estado um bom campo lavrado, que a estéril charneca em que afundamos.

E afastou-se sem que ninguém protestasse.

Assim terminou a sua vida política na idade de vinte e sete anos. Sua família saiu do município de Vassouras. Seu pai fora cônsul. Seu avô pretor. — “Hunc vitae publicae finem abuit septimo et duodecimo ano. Origo ille e municipio Vassourae. Pater consularis, avos proetoris...”

Assim acabava o curioso manuscrito, que, se não era de Tácito, tinha pelo menos frases inteiras do amigo de Pínio, o jovem.<sup>79</sup> Guardei-o com cuidado até o dia

---

79. Jurista e político romano (61-114 d.C.).

seguinte, marcado pelo velho venerável para que o restituisse com a minha opinião.

O velho realmente apareceu.

— Que diz?

— É espantoso!

— Acha que devo publicar?

— Não. É de Tácito. Mas a nossa República está tão parecida com a decadência romana, que parecerá uma alusão.

— Se é história!

— A história, segundo Aulo Gélio,<sup>80</sup> é a narrativa dos fatos contemporâneos. E V. deve saber que é também a significação da palavra grega... Mas, não é só por isso. V., ou antes Tácito, diz aqui que assim terminou a vida de Maurício. O manuscrito está incompleto. Eu juraria que, no parágrafo XXVII, Maurício reaparece lavrando a terra e, por desfastio, acabando ministro prático, como Bezerra, *Josephus. Vaccinae, saccaris imperator...*

O velho olhou-me, sisudo, tossiu, ordenou:

— Publique. A história é a narrativa dos fatos contemporâneos. Se acontecer encontrarmos o parágrafo XXVII, Tácito continuará...

E tal era a sua severidade, que tenho a ousadia de trazer ao público do ano de mil novecentos e quinze esses períodos escritos decerto na época de Trajano.<sup>81</sup>

---

80. Jurista e gramático romano (ca. 125-180), escreveu um único livro em vinte volumes: *Noites áticas*.

81. Imperador romano de 98 a 117. Em seu governo o Império alcançou sua maior extensão territorial.

## Fábula grega

O gigante da Cilícia,<sup>82</sup> filho da Terra, repousara o seu corpo monstruoso feito de milhares de braços, de narizes convulsionados de serpentes, de animais possíveis e horridamente fabulosos, quando ouviu uma voz:

— Tiféu!

Era a voz da Terra, voz materna, voz de sangue.

O gigante da Cilícia era a força medonha, mas inconsciente. E nas suas infinitas cabeças os fumos das cóleras empanavam os vislumbres da inteligência. Era tremendo. Era inútil. Poderia vir a ser prejudicial.

— Tiféu!

— Tiféu!

O gigante, ao segundo chamado, voltou-se. E a Terra murmurou:

---

82. Região na costa mediterrânea hoje pertencente à Turquia.

— Zeus<sup>83</sup> Onipotente esqueceu ali, naquela rocha, por alguns minutos, os raios supremos, força do ar e do fogo. Se estenderes os braços, poderás roubar os raios. Zeus sem raios não vale nada. Tu serás tudo, maior que Zeus. Rouba-os.

Disse. E Tiféu estendeu os braços, apanhou os raios, sacudiu-os por acaso. A esse gesto, o Olimpo estremeceu, fendeu, montes ruíram com fragor e os deuses todos precipitadamente largaram pelo espaço numa fuga vergonhosa. Outro qualquer nascido para tais coisas teria com tranquilidade subido ao Olimpo, restabelecido a ordem e governado. Tiféu, gigante da Cilícia, ignorava tudo. E assim ignorando, nem compreendeu o valor dos raios, nem a causa da fuga celeste. Ficou louco de cólera. Uma nuvem de fúria escureceu-lhe os milhares de olhos e as milhares de gargantas tonitroaram a um tempo:

— Mato-os todos!

Os deuses haviam desaparecido metamorfoseados em bichos. Tiféu, em furor, queria quebrar tudo, destruir, matar, cevar o instinto múltiplo das destruições. Com os raios de Zeus julgava esses raios atrapaalhadores. Escolheu, pois, o recôncavo de uma rocha, guardou-os lá bem guardados e veio a correr, resolvido, num arranco de hórrida ferocidade.

A princípio virou-se para o céu. Os seus braços tocavam o sol. Jogou longe Cinosura,<sup>84</sup> arrancou a crina

---

83. Deus maior da antiguidade grega, controlava os raios.

84. Ninfa que ajudou Zeus a sobreviver a Cronos, seu pai;

da Ursa de Parrásia,<sup>85</sup> arrastou em farrapos a estrela da manhã, torceu o pescoço da Aurora,<sup>86</sup> desventrou o corcel das Horas,<sup>87</sup> precipitou os dois Peixes<sup>88</sup> no oceano, flagelou o Capricórnio,<sup>89</sup> varreu com as mãos múltiplas constelações, estrelas solitárias e desse torvelinho de sóis as serpentes chiantes da sua cabeleira faziam a Treva. E na Treva, o gigante misturava os ventos, arrancava do fundo do mar o carro de Netuno<sup>90</sup> e lançava-o contra o disco do sol, e o eco registrava o clamor das sete Plêiades<sup>91</sup> nas sete zonas do céu sobre a queda dos astros fixos e das estrelas errantes.

Para que fazia Tiféu, filho da Terra, tão estúpida devastação? Não sabia! Em trapo o céu, voltou-se contra os mares. Reuniu numa só mão Tarso e Cindus.<sup>92</sup> Quando se ergueu nas ondas, os pés tocavam nas algas dos abismos enquanto o ventre roçava as nuvens do ar. E arrancando pedaços de continentes, erguendo colu-

---

em retribuição, Zeus fez dela uma constelação, que seria a Ursa Menor.

85. Ursa Maior.

86. Deusa greco-romana do alvorecer.

87. Provavelmente a constelação de Pégaso, representada por um cavalo alado.

88. A constelação de Peixes.

89. A constelação de Capricórnio.

90. Deus romano dos mares; Poseidon para os gregos.

91. Ninfas da mitologia grega que, ao fugirem do caçador Órion, se refugiaram nas estrelas com a ajuda de Zeus, formando a cauda da constelação de Touro.

92. Tarso era uma cidade e Cindus o rio que a regava, ambos situados na mesma região da Cilícia.

nas d'água colossais, o gigante atacou o céu com o mar — na fúria de destruir céu, mar, terra e ar.

Depois repousou um instante. Não matara os deuses e só conseguira desarranjar o mundo. Estava tudo quebrado ou fugido. Mas, que importava se não podia compreender o desastre? Tiféu, o gigante de Cilícia, ia governar, segundo Zeus, a imensa ruína. Então correu ao rochedo, a tomar dos raios. Apesar de tantos braços custou a erguê-los. Quis fazer o trovão que é a ameaça da autoridade. Ouviu-se apenas um leve murmúrio. Quis fazer o raio, que é o gládio da ação. Em vez de raio tremeluziu um lume breve e fumarento. Há uma profunda diferença entre a fúria cega e a segurança da autoridade. O filho da Terra fizera fugir os deuses, estragara tudo, tinha uma força extraordinária para a destruição. Mas, com os raios na mão, em vão se esforçava.

Zeus, que todo esse tempo pela Terra andara disfarçado, meditou o meio de reaver o seu antigo poder. Não era possível lutar face a face. Não era possível contar com os deuses já adorados em forma de bichos noutro lugar. O filho de Saturno pensou em Cadmo,<sup>93</sup> sujeito de uma raça de gente sabidíssima e que conquistara quantos lhe apareciam com a gentileza. E pensou em Cadmo, vendo-o passar com Pã<sup>94</sup> e o alígero Eros.<sup>95</sup> Então, como o gigante Tiféu caminhasse para a montanha, Zeus abriu-se tranquilamente aos três

---

93. Herói da mitologia grega, fundou a lendária cidade de Tebas.

94. Deus grego, reinava nos bosques e campos, olhando pelos pastores e seus rebanhos.

95. Deus do amor na mitologia grega.

personagens:

— Meus caros, eu sou o esposo de Juno.<sup>96</sup> Não sorriam. Sei que não valho nada. Mas, como com esse gigante incapaz não há canto do orbe que não vibre de inquietação, e também vocês não valem nada, é possível notar o lucro geral das instituições se Pã for bom e Cadmo arguto.

— Que fazer? indagaram Pã e Cadmo.

Arrancar os raios das mãos do gigante. É inútil sorrir. Eu explico. Se Cadmo aparecer, Cadmo, o amável Tiféu que vem aí, não o deixará vivo um minuto. Mas Cadmo é inteligente. Pã empresta-lhe os trajes de pastor e a fruta do amor universal. Cadmo fará o pastor modesto e tímido, tocador de avena. Tiféu vem desesperado, e querendo pelo menos a bagagem mais fácil do mundo, que é o prazer. Ouve Cadmo. Cadmo foge. Ele quer ouvir mais. Cadmo treme e modula. E quando em êxtase estiver o gigante, eu tomo dos raios e restabeleço a ordem natural das coisas, liquidando com o gigante. É Zeus que pede!...

Pã sorriu. Cadmo aquiesceu por uma questão de exercício. E quando Tiféu surgiu, Cadmo, que modulava sons encantadores, fingiu que com medo corria. Tiféu gargalhou:

— Pastor, ó pastor, não te arrecesies. Não ataco zagaís depois de ter feito fugir um tipo da ordem de Zeus. Que há de comum entre a avena e os raios celestes? Se

---

96. Na mitologia grega, Hera, deusa dos casamentos.

queres, veremos quem faz mais barulho, se eu com os raios celestes, se tu com a tua frauta!

Cadmo curvou o joelho, lisonjeou o gigante, disse querer cantar o triunfo gigantesco e a derrota dos deuses. Tiféu deixou os raios para ouvir melhor o tocador insigne e, quando no maior entusiasmo, procurou deles para continuar a perseguição, Zeus onipotente já de novo subia ao céu, com as armas do fogo e do ar.

E foi aí que viram tantos não só como custa vencer com raios, como quanto é insensato o espírito revolucionário.

Longe de reconhecer que estava perdido, o filho da Terra lutou mesmo sem o elemento decisivo contra o governo jupiteriano.<sup>97</sup> De um salto estava no céu. Precipitam-no de lá. Três dias e três noites Tiféu continuou destruindo a vida na terra e no mar, três noites e três dias lançou projéteis contra o céu. E só depois desse tempo Zeus conseguiu fazer morrer Tiféu, consumido pelo fogo do céu...

Quando o conhecido político terminou a narração, quantos estavam na sala, à espera de notícias sensacionais, entreolharam-se meio confusos.

— Mas, a que propósito essa historieta? perguntou um dos deputados ultimamente nomeados pela sua imponente ignorância.

— É uma conhecida fábula grega. Ninguém a ignora, e a poesia não se fartou jamais de a ilustrar, respondeu o político em disponibilidade. Um poeta

---

97. Refere-se ao reinado de Zeus, denominado Júpiter no culto dos romanos.

greco-egípcio, talento da decadência, com o vício da *parenthyrsa*, isto é, o vício de mostrar entusiasmos inúteis, escreveu dois violentos cantos em que a tremenda tragédia ressurgue numa apoteose delirante. Esse poeta chama-se Nono.<sup>98</sup>

Ontem, pela manhã, com os ouvidos cheios da toar-da boateira e os olhos no pasmo de problemáticos horrores, hesitei um segundo entre a leitura substancial de um discurso de Maurício de Lacerda, o Interpelador, e a recordação do poema de Nono. Mas, como Maurício é a própria fogueira e Nono apenas a descritiva harmoniosa de desastres passados, abri o poeta grego embrenhando-me na legenda do terrível gigante Tiféu, que, tendo se apossado dos raios de Zeus, abalava céus, terras e mares. O Tiféu grego, depois Tifon egípcio, é talvez uma das criações mais extraordinárias, um dos símbolos mais perfeitos da humanidade.

— E daí ?

— Daí é que me pareceu estar o Brasil exatamente como o mundo nesse período lendário. O gigante de Cilícia, Tiféu, o monstro de milhares de goelas e milhares de braços, é a Anarquia seduzida pelo carinho maternal da inconsciência gritadora. Os múltiplos braços são a ambição, o latrocínio, o ódio, a revolta, a propaganda subversiva, os apetites furiosos. Está tudo de pernas para o ar: está tudo quebrado, desorganizado, desequilibrado. Mas, se a Anarquia sabe destruir,

---

98. Nono de Panópolis (ca. século IV-V), poeta épico grego, autor de *Dionisiaca*.

reduzir tudo a fumo e cinza, a Anarquia não sabe manejar os raios, emblema do mando. Os Zeus nas democracias são temporários. Mas o governo tem de ser uno. Os raios de ordem estão de há muito nas mãos de Tiféu. O novo Zeus, impossibilitado de agir, quer reaver os raios do governo.

E é o que estamos vendo.

— Que estamos vendo?

— A fruta de Pã chama-se agora a fruta da “concentração republicana”. A ária da fruta é a Harmonia Geral dos Elementos Republicanos. E, vestido de zagal, meigo e sedutor, o senador Antônio Azeredo,<sup>99</sup> novo Cadmo, dedilha a avena pastoral.

Resta saber se o Wenceslau tem mesmo coragem de reaver os raios, enquanto Cadmo Azeredo toca a fruta, e se o gigante Tiféu se resignará, como o coronel Ananias, a ser consumido pelo fogo celeste...

E S. Ex<sup>a</sup>. desatou a rir francamente, enquanto o deputado franzia a sobrancelha, sem compreender.

---

99. Senador (1861-1936), fundou o *Diário de Notícias*, jornal republicano no Rio de Janeiro.

# Bernardino Machado<sup>100</sup>

Como saíssemos do Tavares<sup>101</sup> a palestrar, o meu amigo parou de repente à porta da redação do *Mundo*.

— Não sei se sabes que eu sou republicano?

Era em Lisboa, onze meses antes da República. A cidade apresentava aos menos conhecedores um tal estado de polarização nervosa que ninguém poria em dúvida a aproximação de graves acontecimentos. Nos cafés, nas casas de comida, em plena rua conversava-se nos últimos dias da monarquia. Lisboa fazia uma conspiração pública, que não podia ser ignorada nem das tapeçarias do palácio de Belém. As cartas políticas de João Chagas<sup>102</sup> eram o acontecimento literário

---

100. Primeiro embaixador do Portugal republicano no Brasil, ocupou a presidência de seu país entre 1915 e 1917.

101. Fundado em 1784, é o mais antigo restaurante de Portugal em atividade.

102. Jornalista português (1863-1925), publicou *Cartas políticas* (vol. 1), em 1908. Três anos depois, tornou-se

do dia. Os garotos dos jornais gritavam três e quatro horas por noite, em cada canto da Baixa, os jornais que proclamavam a República. Quando o rei saía, se algumas meninas românticas atiravam dos varandins flores sobre a sua lindeza adolescente, os transeuntes passavam pelo cortejo, de chapéu na cabeça, sem o ver. Um rapaz alegre, em certa formatura de tropa, mostrava-me os adeptos da sociedade secreta a que pertencia. Não tive, pois, a menor surpresa.

— Tenho de subir ao *Mundo*. Tu vens comigo. Aproveitas: conheces o Bernardino Machado, que chegou hoje e parte esta madrugada, a continuar as conferências de propaganda.

Subimos. A instalação do jornal republicano é em dois andares. Lembro-me que subimos ao segundo, que estivemos na sala de redação, que atravessamos outras salas e descemos ao primeiro andar, dando afinal numa sala tapetada, imensamente quente, onde, de casaca, luvas brancas e um espesso sobretudo, estava Bernardino Machado, cercado de vária gente. Risonho, afável, urbaníssimo. Com voz tranquila elogiou-me o Rio de Janeiro, as nossas transformações materiais. Sufocado de calor, eu não sabia se falava a um temível e incansável propagandista, ao revolucionário, ao agitador. A impressão era a de uma imprevista recepção diplomática.

— O Brasil é um grande exemplo para Portugal.

— Fizemos a República entre flores.

---

primeiro-ministro do primeiro governo republicano em Portugal.

— A nossa já está feita. É apenas uma questão de meses.

E o curioso homem sorriu, como se dissesse uma banalidade indiscutível.

Desde esse dia, a figura de Bernardino Machado interessou-me. E pude acompanhar a sua obra de vontade macia, de acuidade excepcional sob o arminho de uma doçura absolutamente inamovível nas suas quatro frases capitais: a propaganda, Portugal República perante as potências, a embaixada no Rio e o gabinete de equilíbrio.

A República Portuguesa foi obra de mentais, de inteligências privilegiadas e da mocidade cultivada. Não há entre os rapazes que são deputados um só que não afirme um valor. Não há entre os propagandistas um apenas que não exprima equações de inteligência e tenacidade. Acontece até serem alguns gênios, como Guerra Junqueiro. E precisamente porque é uma reforma integral, realizada por homens idealistas e combativos, a República, fazendo em Portugal um evidente progresso — andou em agitação interna como todas as repúblicas desde Atenas. Para que ela se radicasse e fosse irrevogável, contra a multiplicidade de ataques que, à sorrelfa, se aproveitavam das agitações internas, era necessária uma figura de violenta afirmação. Essa figura é Afonso Costa,<sup>103</sup> um condutor de multidões de que não se pode falar friamente e que tem

---

103. Afonso Augusto da Costa (1871-1937), um dos políticos mais influentes da chamada Primeira República em Portugal.

em proporções geométricas a admiração e a simpatia nacionais, para compensar a proporção aritmética dos ódios medíocres.

Afonso Costa representa o núcleo da vontade republicana. É das mais empolgantes figuras da democracia contemporânea, com a felicidade de poder explicar patrioticamente os próprios excessos. Três ou quatro vezes a República teria desaparecido se não fosse a sua ação instantânea e violenta.

Esse homem, que conta dedicações quase inacreditáveis, de tão dedicadas, necessitaria de uma outra face da energia democrática. E essa é Bernardino Machado.

Um quer com toda força, impõe-se, rebenta, mas não cede, está fixo, esmaga. O outro parece que cedeu tudo e não cedeu nada, contemporiza e resiste, quer com o sorriso no lábio, cumprimentando o inimigo até o último alento deste. Um fala, ordena, comanda, sente no ar o perigo e explode. O outro ouve, parece que não ouviu, e mantém uma calma alucinante. Um é a luta. O outro é a diplomacia democrática. Ambos formam a grande força.

Eu vi o querer enluvado de Bernardino Machado na propaganda. Não era só querer, era a energia e a pertinácia. Andava a fazer conferências e catequeses pela província. A sua vida era uma contínua viagem; a sua residência o comboio, a sua alimentação de vez em quando, dois ovos e um copo de leite. E sempre muito bem, beijando as criancinhas, interessando-se pelas famílias e dotado de tal memória que, certa vez, falando a um cidadão, não o esquece nunca mais, nem a sua história. Vi-o depois no Ministério do Exterior,

onde, comumente, às três e às quatro horas da manhã, Bernardino dizia aos secretários:

— Bem, não há mais audiências. Vamos agora trabalhar.

Esse Ministério do Exterior em toda parte do mundo é por sua natureza — a pasta das coisas prontas. Se há complicações evidentes o ministro rui, inimigo da pátria. E diante do êxito, ninguém imagina a soma de inteligência, de habilidade, de paciência pertinaz para remover todas as dificuldades que se amontoam entre a vontade e a sua realização. A Bernardino Machado coube fazer reconhecer a República Portuguesa pelo mundo. Não havia só talvez a má vontade de algumas potências, havia o trabalho contrário e contínuo de vários elementos. Nos instantes mais tensos, Bernardino alisava a prata do bigode e conversava longamente, a sorrir, de outros assuntos.

— Está tudo muito bem. É uma questão de semanas. Terão de render-se à evidência.

Esse trabalho diplomático de convencimento de diplomatas, alguns bem rebarbativos, de chancelaria para chancelaria, de afirmação formidável e de delicadeza tenuíssima, na semissombra, sem publicidade, teve como complemento um trabalho de diplomacia democrática: a sua estadia no Rio.

Só um homem como Bernardino, com o seu conhecimento dos homens, com a sua bondade, com o seu

patriotismo, com a sua paciência convencedora — poderia realizar a tranquilização da colônia portuguesa no Brasil. A colônia entre nós tinha dois grupos: a mocidade republicana e a classe conservadora aumentada de gente simples. A classe conservadora irritou-se na sua tranquilidade — prova muito rara de amor patriótico. A outra exagerou a vitória, com o ímpeto da mocidade, muito natural, aliás. Os primeiros enviados da República Portuguesa, embora muito ilustres, esqueceram de que os adversários de cá não podiam ser tratados como os de lá. É apenas irritar, agarrar um conselheiro ou um visconde no Rio de Janeiro e dizer-lhe:

— Dê já um viva à República!

Com o permanente exagero dos telegramas em que os conflitos de rua tomam proporções de restaurações, com as explorações fatais de ânimos irritados, a situação era difícilima.

Bernardino Machado veio assim como um missionário. Era impossível duvidar do seu republicanismo; era inadmissível atacar a sua moralidade impoluta. E rico, bom, suave, teimoso, alucinadoramente pertinaz, Bernardino Machado entrou a realizar a obra que a Lisboa de agora não pode ainda avaliar.

Estive com ele em várias festas em que o elemento maior era monárquico. Lembro-me de várias frases suas. Um visconde, certa vez, disse-lhe:

— Devo dizer ao Sr. ministro que sou monárquico.

— E eu, respeitando as suas convicções, meu amigo, devo dizer-lhe que sou republicano. Depois, rindo, como se achasse muita graça: — Mas há também uma coisa certa. É que somos ambos portugueses e que podemos juntos amar Portugal.

Era um trabalho ingente, de toda hora. Bernardino Machado agia. É terrível a ação de um homem que sorri. Ele vencia pela gentileza, pela amável teimosia, pela ternura. No fundo, aliás, é um afetivo, com a única prova diferencial dos afetivos de exceção: a consideração carinhosa pelos deserdados da sorte. Muita gente espantava-se da extravagância do embaixador de Portugal a cumprimentar do seu automóvel, como se cumprimentasse homens de peso, os motorneiros dos carros elétricos. Poder-se-iam compreender como vício eleitoral de popularidade os apertos de mão a toda gente, as perguntas por pessoas da família de criaturas humildes. Mas o carinho caridoso do palácio das Laranjeiras era uma prova em contrário. Bernardino Machado estava ali como quem vai embarcar. E uma noite, antes do jantar, vieram dizer-lhe: S. Ex.<sup>a</sup>. mandara agasalhar tanta gente que não havia mais acomodações de fora. Estava tudo cheio. Alguns passavam dias e, querendo voltar à terra, era Bernardino Machado a arranjar-lhes passagens.

Esse sentimentalismo, aliado a uma segurança inabalável de energia contemporizadora, ainda o vi há ano e meio, quando o ilustre varão era chefe do gabinete. Bernardino, com uma terrível gripe, estava em casa,

deitado, escrevendo sobre os joelhos, conferenciando e recebendo toda gente. A Câmara discutia o indulto aos presos políticos. Chegavam recortes de jornais. Chegavam ministros. Atravessei algumas salas e corredores, onde encontrei o mesmo ar de mudança encontrado em todas as habitações anteriores do ministro. Bernardino tinha um cachênê e um casaco velho, o casaco das gripes.

— Então, como deixou os nossos queridos amigos?

Parecia inteiramente alheio à agitação, com uma tranquilidade absoluta.

— Vejo que o ministro deve estar preocupado. É só um cumprimento.

— Mas de modo algum. É uma questão resolvida. O Senado votará a medida também.

Neste momento um dos seus filhos apareceu.

— Que há?

— É o Josésinho, papá.

Ah! Aquele filho da pobre lavadeira Joana? Mas já lhe arranjei um lugar de aprendiz.

— É que o rapaz tem o fato em frangalho. E, como faz frio, pedia um casaco usado.

— E então?

— Dou-lho?

— Mas decerto.

E continuou sem transição:

— Amanhã é assinado o decreto.

— Mas, ministro, assinado o decreto, os presos saem imediatamente?

— Claro.

— É que amanhã é sábado de carnaval.

— Excelente. Podem divertir-se domingo, com as fantasias.

E no seu sorriso lampejou a ironia, o resultado do seu ato naquele dia.

— As nações ficarão convencidas da normalidade do regime. Soltamos os presos políticos em pleno carnaval, sem receios de movimentos.

Bernardino Machado é, à vontade, uma das mais empolgantes figuras políticas do nosso tempo. Com o que se tem escrito a favor ou contra Bernardino Machado formaríamos uma nutrida coleção de volumes. Com o que dele se diz encheríamos uma biblioteca. Lidos os artigos, ouvidas as anedotas, escutadas as explicações partidárias e convivendo com o homem — sente-se o peso da individualidade nos espíritos mais diversos. No louvor ou no ataque vemos a simpatia ou temor das suas qualidades. Ele não arrasta; conduz. E nada mais difícil do que não ficar convencido quando o Sr. Bernardino Machado quer convencer.

Antes da República, nos primeiros meses da República, na sua embaixada ao Rio, de novo no ministério, esse homem ilustre quis continuamente ser presidente da República. É o presidente. Portugal elegeu-o. E ninguém porá em dúvida que, ligadas as

duas forças nacionais — Afonso Costa e Bernardino Machado —, o novo período da República Portuguesa seja o de definitiva consolidação pelo progresso material, pelo desabrocho de todas as energias da terra admirável.

## A atitude da Grécia

É possível que os viajantes românticos tenham a tenacidade irreal de conservar os seus sentimentos líricos pela Grécia contemporânea depois de saltar no porto do Pireu.<sup>104</sup> Eu confesso que não tinha esses sentimentos. A minha viagem à Grécia era o término de uma peregrinação religiosa às forças vivas e criadoras do Mediterrâneo. Saltava no Pireu, sem romantismo, sabendo o quanto esses eslavos denominados neo-helenos tinham a ver com a Grécia antiga. Ademais, os meus conhecimentos com os clássicos, o manusear contínuo de Homero, a segurança na força plasmadora dos ambientes e o conhecimento de muitos gregos em Constantinopla<sup>105</sup> não me poderiam dar do cavalheirismo e da moral neo-helênica uma impressão ingênua.

Os escritores contemporâneos erram lamentavelmente quando acreditam inútil a leitura das rimas

---

104. Porto usado como ancoradouro desde o século VII a.C.

105. Atual Istambul, na Turquia.

clássicas. Quem ler com atenção Homero, o inebriante, pode guiar-se na vida sem ilusões psicológicas acerca dos valores sociais. Quem folhear Aristófanes tem da abjeção da vida ideias integrais. E quem ler os dois na Grécia verá que, quanto a sentimentos, os selvagens que constroem em cimento armado caricaturas colossais dos mármores do tempo do pobre Péricles<sup>106</sup> são exatamente iguais em moral aos personagens que há alguns anos eram considerados de legenda e aos ultra-verdadeiros tipos das revistas aristofanescas.

A minha impressão de Atenas foi tristíssima. Verdade é que eu vinha a ouvir mal da Grécia, desde Viena, onde deixara Venizélos<sup>107</sup> a enredar em favor da sua pátria. Verdade é que eu atravessara a sujeira histórica dos Bálcãs, de cujas nações a Grécia se aproveitara torpe e ingratamente. Verdade é que eu chegara a quase compreender o eterno *imbróglío* balcânico,<sup>108</sup> *imbróglío* que vem do tempo de Bizâncio<sup>109</sup> e que se eternizará com certeza por muitos séculos ainda. Verdade é que eu estivera em Constantinopla. Atravessar os Bálcãs, procurando compreender aquela gente e demorar algum tempo na capital da Turquia, é ficar com

---

106. Estadista e general da Grécia antiga (ca. século V a.C.).

107. Eleftherios Venizélos (1864-1936), liderou o movimento de libertação da ilha de Creta do domínio otomano no final do século XIX.

108. Sucessão de pequenas guerras ocorridas após a dissolução do Império Otomano, em 1912, envolvendo países como Grécia, Romênia, Bulgária, Sérvia e a própria Turquia.

109. Referência ao Império Bizantino, a parte oriental do Império Romano que sobreviveu às invasões bárbaras.

raiva da exploração cristã e ter necessidade de gritar a nobreza, a fidalguia, a triste situação dos turcos. Da agitação balcânica e da agonia dos turcos só tinham culpa os gregos rapaces e insaciáveis. E os gregos continuavam, fanfarrões, atirando os aliados para a frente, vangloriando-se de vitórias ganhas pelos outros, espoliando à última hora esses prestativos amigos, acirrando ódios, fingindo valentias para a Turquia e representando para o mundo o papel de herdeiros da civilização prestes ao sacrifício muçulmano...

A Atenas contemporânea é uma cidade insignificante que recorda muito certas congêneres da América do Sul. As construções, em geral, carecem de estilo, lembram os sobradinhos das cercanias das *gares*,<sup>110</sup> nas nossas cidades, as ruas são estreitas, mal calçadas, quando o são. Em compensação há uma praça, a da Constituição, e duas ou três avenidas em que os edifícios armam em reconstituição clássica. Os palácios, ou são do governo, alguns feitos por subscrição, ou são propriedade de gregos enriquecidos em Constantinopla ou no Egito, e muito malvistas pelos patrícios que ainda não tiveram tempo de ir explorar para o Fanar<sup>111</sup> ou para o Cairo.

Toda essa gente passa o dia nos cafés e nas ruas a discutir política e a vida do próximo — alto, num tom de *meeting*.

A primeira impressão é de que estamos num imenso parlamento. Para dizer a mais simples frase, o neo-heleno recua, como se estivesse no teatro, põe

---

110. Estações para veículos sobre trilhos.

111. Bairro histórico de Istambul.

a mão no peito e alça a voz. Os homens são vulgares e feios, em geral; as mulheres dão no excesso gordo e usam modas atrasadas. Uma evidente miséria parece espiar nos cantos das ruas e nos cantos dos cafés — miséria de ideias, miséria econômica, miséria financeira. Mas todos são importantes, querem dar a segurança de que são importantíssimos e que a vida do resto do mundo depende exclusivamente deles.

— E foi para inventar isto que Victor Hugo<sup>112</sup> e Byron<sup>113</sup> abalaram a terra! monologava eu.

Apenas o meu conhecimento superficial achara uma graça inofensiva de atores de segunda ordem em criaturas absolutamente perigosas. Depois, estudei-os mais, aprendi um pouco daquele grego assutador, e os vi sem escrúpulos, espertos, amalandrados, oposicionistas. Venizélos andava a fazer o Ulisses da diplomacia. Pois agrediam violentamente Venizélos. O rei era abertamente troçado. Um dos jornais mais lidos de Atenas era um jornalinho do tipo destes que no Rio contam a vida privada das atrizes. E, como todos são importantíssimos e se julgam capazes de tudo, segue-se a desordem igualitária correspondente a um delírio organizado de competições, que só se harmoniza quando se trata de explorar os outros, os estrangeiros. O patriotismo grego tem essa feição única.

---

112. O grande novelista e poeta francês (1802-1885), autor de *Os miseráveis*.

113. George Gordon Byron, ou simplesmente Lord Byron (1788-1824), expoente do Romantismo e autor do clássico *Don Juan*.

Comigo, desde que me hospedei no Hotel da Inglaterra e a cada passo encontrava cavalheiros notáveis que me diziam em tom intimativo:

— Ti ritite? Proferate argá!

E mal eu enunciava uma palavra, já compreendiam e exclamavam:

— Poli kalá, ennóo...

Senti que estava nas mãos de uma formidável maçonaria exploradora em que todos, desde os cocheiros de carros aos mais graduados, não discrepavam e não se traíam. A hospitalidade neo-helênica arruína os mais prevenidos. Mas, se com o peregrino, diante do peregrino, para exploração do peregrino, essa população em perpétua briga íntima, em perpétua competição na política, na sociedade, na família, era tão solidariamente unida — para ganhar o prestígio europeu, para acirrar lutas de que viesse a lucrar —, é incontestável que desenvolvia uma habilidade só correspondente à tolice universal.

A farsa que a Grécia representou aproveitando dos interesses do chamado equilíbrio europeu no Levante<sup>114</sup> nestes últimos decênios, explorando a cobiça de uns e o sentimentalismo de outros, faz lembrar aquele cômico de Tácito que levantou as hostes do norte no tempo de Tibério, inventando em tom patético mentiras colossais.

Durante esse largo período e principalmente na última guerra balcânica, os gregos recapitularam a

---

114. Oriente.

saciedade e a crueldade cínica dos heróis de Homero e dos heróis da Alemanha contemporânea; ultrapassaram as velhacarias de Ulisses e a inquietante insegurança dos compromissos de agora, e fingiram como nenhum povo soube ainda fingir, enfiando pateticamente o manto helênico para dar a impressão ao mundo do sacrifício de uma velha terra, quando se trata apenas de um bando voraz que ocupa a Grécia sem outro direito senão o de querer dilatá-la, exigindo mil coisas aos outros.

No extremo Levante a ideia de guerra é comum e permanente. A guerra é uma feição violenta de um sentimento constante: a necessidade do assalto. Ao atravessar aquela série de ilhas, que no tempo de Tucídides<sup>115</sup> ainda tinham nomes harmoniosos, ninguém pode de surpresa dizer por quantos donos elas passaram em certo número de anos. Elas são as presas que passam da mão do vencedor de ontem para as do vencedor de hoje. O mapa do Levante varia os limites das nações de lustro em lustro. A guerra é o avanço. A Turquia não compreendeu o interesse europeu nessa agitação. A Grécia compreendeu, explorou-o a seu favor usando para o sentimentalismo da velha retórica do Partenon,<sup>116</sup> dos irmãos de sangue e de outras edificantes pilhérias, e colocando-se para os práticos como um elemento de préstimo imediato. Mais. A Turquia,

---

115. Historiador da Grécia antiga (ca. século V a.C.), autor da *História da guerra do Peloponeso*, da qual participou.

116. Templo em Atenas construído no século V a.C. e dedicado à deusa Palas Atena.

nas mãos dos alemães, em virtude da lenta obtusidade da Inglaterra e da França, jamais pensou na conflagração europeia. A Grécia pensou sempre, imaginou sempre essa conflagração. E acentuou a atitude da vítima prestativa para Paris e Londres, intrigando e fanfarrando entre os povinhos dos Bálcãs e tratando intimamente os seus homens como os gregos de antanho trataram Aristides,<sup>117</sup> Péricles ou Alcibíades.<sup>118</sup>

Estalando os conflitos europeus nos Bálcãs — conflito que obedece ao mistério de leis transformadoras dos valores do mundo e é uma réplica heroica de outras guerras transformadoras — era evidente que a luta se estenderia à atmosfera dinamitosa do Levante, levando de roldão esses povos frenéticos e bárbaros, cuja vida é uma eterna guerrilha sem estabilidade. A Turquia deixara-se empossar pela Alemanha. Foi na ventania desastrosamente. A Grécia tinha fingido admiravelmente de personagem de tragédia sofocliana,<sup>119</sup> sem se deixar dominar por ninguém e dando a impressão de que estava ali para servir aos amigos dedicados, capazes de apreciar o seu valor de descendente dos antigos e heroicos gregos. Quando esses amigos chegaram, a Grécia tinha um rei que obedecia à rainha, irmã do kaiser, e tinha Venizélos

---

117. Estadista e general grego (ca. século VI-V a.C.).

118. Estadista e general grego (ca. século V a.C.), foi amigo íntimo de Sócrates.

119. Referente às obras de Sófocles (ca. século V a.C.), o mais consagrado dos autores gregos trágicos.

principalmente grego antes de ser pelos aliados, e tinha o espírito geral que medita:

— Amigos, amigos, negócios à parte. Quanto ganhamos nisso?

E enquanto a Turquia é literalmente aniquilada e Enver Bey<sup>120</sup> faz o apatetado Mohamed V<sup>121</sup> decretar a guerra santa para combater os inimigos da Áustria, a Grécia fica neutra. A Grécia, cuja existência é a resultante do sentimentalismo e da visão diplomática das grandes potências anglo-latinas, toma o ar aflito de quem tem uma tremenda luta de consciência, e cede e recua, e quer ser neutra e promete até conseguir uma situação única: é neutra deixando passar as tropas dos aliados, ninguém sabe por que promessas, e fica — a dois carrinhos — podendo mostrar que não foi contra a Alemanha e podendo provar que a vitória dos aliados dependeu dela, sem que para tal tivesse o menor prejuízo.

Nos múltiplos episódios da grande conflagração, todas as cenas, mesmo as mais cruéis, são repetições de aspectos da terrível alma dos homens na fúria da guerra. Os alemães ainda não fizeram mais do que mandava o rei dos reis, Agamenon, covarde e valente ao mesmo tempo, quando dizia estas palavras justas segundo Homero:

---

120. Um dos líderes dos “Jovens Turcos”, grupo político composto inicialmente por militares, que reformou o antigo Império Otomano na virada do século XIX para o XX.

121. Sultão otomano entre 1909 e 1918.

— Que ninguém escape, nem mesmo o filho no seio materno! Que morram todos sem sepultura e sem memória!

A atitude quase inverossímil da Grécia é ainda uma continuação das linhas gerais da vida. Os gregos fizeram-se para enganar, para representar, para mentir com resultado. Enganaram com o lucro da existência a visão diplomática de toda a Europa; e no último instante foram o que sempre foram — oceânides, impegáveis, filhos de Ulisses, epicamente marotos.

A lição de nada servirá. Só os que são assim são felizes, desde Ulisses. Só os que são assim têm sorte. Resta-nos o consolo de sentir a falta de novidade da vida e vendo o que faz a Grécia dos ingênuos românticos, recordar Homero nas palavras de Glauco a Diomedes:<sup>122</sup>

— Por que te informas da minha raça? A geração dos homens é como a das folhas. O vento espalha as folhas na terra e a floresta germina e produz outras. Assim as gerações humanas nascem e extinguem-se com as mesmas qualidades...

---

122. Heróis, um troiano, o outro grego, que se enfrentaram na guerra de Troia.

## Enver, senhor!

Há duas semanas, acompanho nervoso os telegramas de Constantinopla. Terá morrido mesmo Enver — ministro da guerra, paxá, herói, com todas as qualidades formosas e inomináveis dos turcos? Enver é das minhas impressões de homens aureolados pelo Destino, talvez, a mais empolgante. Quando o vi pela primeira vez eu já vira de perto vários soberanos — o maravilhoso Afonso XIII,<sup>123</sup> em Pau; Guilherme II,<sup>124</sup> na sua familiaridade de Veneza; D. Manoel,<sup>125</sup> sorrindo tristemente em Lisboa; George V,<sup>126</sup> nas regatas; — eu já conversara com estadistas que impressionaram o mundo. Nenhum me deu essa impressão de Fatalidade

---

123. Rei da Espanha entre 1886 e 1931.

124. Imperador da Alemanha e rei da Prússia de 1888 a 1918, foi um grande incentivador das artes e das ciências, e o principal responsável pela participação da Alemanha na Primeira Guerra Mundial.

125. Dom Manoel II, último rei de Portugal, de 1908 a 1910.

126. Rei do Reino Unido entre 1910 e 1936.

formosa, de inquietude na glória fulminante como esse rapaz — que mandava como Alexandre,<sup>127</sup> era lindo como Alexandre e ambicioso como Alexandre.

Vi-o pela primeira vez no salão dos jornais do Pera Palace<sup>128</sup> de Constantinopla. A nova missão alemã hospedara-se no grande e detestável hotel do bairro europeu. Oficiais vermelhos, batendo com as esporas, tesos, insolentes, alguns de monóculo, com a ênfase do domínio insolente, cercavam von der Goltz,<sup>129</sup> instrutor e paxá temporário.

Corriam boatos de desinteligência entre o chefe da missão e o velho ministro da guerra. A cidade inteira abominava os alemães; o ex-invencível exército turco também. Mas, o partido dominante, os Jovens Turcos estavam nas mãos do Kaiser e do seu estado-maior, graças principalmente à influência de Enver.

De repente, a porta abriu-se. Um jovem airoso — botas altas, dólma justo, espada, o fez militar de astracã, o bigode em leve espuma, o olhar macio e dardejante, as mãos longas e finas — atravessou o salão, parou em frente ao general prussiano, fez a saudação militar.

— Quem é esse rapaz ?

— Enver Bey — o herói de Andrinopla.

---

127. Alexandre, o Grande (353-323 a.C.), da Macedônia, cujas conquistas abrangiam a Europa mediterrânea e todo o Oriente Médio, alcançando as fronteiras da Índia.

128. Famoso hotel na Turquia.

129. Militar prussiano e governador da Bélgica (1843-1916).

Olhei-o com redobrada atenção. Aquela simpatia irradiante era o homem que desencadeara mais paixões em Berlim, era o espírito dominador que se fizera alemão pelo amor de uma grande dama da corte do imperador, o guerreiro de Trípoli, o indigitado assassino de um ministro da guerra, o mais forte elemento da camarilha que matava a Turquia em nome da dolorosa inconsciência de Mohamed VI! Vê-lo seria dizer que ele conseguiria tudo até a morte — que a sua luta era um duelo entre a sua ambiciosa juventude e a morte. E eu olhava-o como se olha um ser estranho e fascinador cujo fim deve estar ali ou um pouco mais adiante... É preciso estar no Mediterrâneo e no Bósforo<sup>130</sup> para compreender esses estados d'alma diante de alguns homens.

Mas Enver vinha conferenciar. Os oficiais afastaram-se. Devia ser grave a conferência. Vinte quatro horas depois os jornais noticiavam que fora nomeado ministro da guerra Enver Bey, agora paxá. A impressão nos centros de Pera e de Gálata era que se produzia um auspicioso acontecimento.

Na rua Ionkrer-Kalderine, no Petits Champs, no Taxin, nos armazéns de tabaco de Galata-Serai, na grande rua de Pera, em Dolma Bagtché, só se falava em Enver Paxá aos vinte e oito anos, herói príncipe, Alexandre com o curso militar alemão. Um camarada meu meteu-me, à força quase, numa tipoia, mandou tocar para o caminho das Águas Doces, onde havia o palácio de Enver, dividido em três partes — a morada

---

130. O estreito que divide os continentes asiático e europeu na Turquia.

do homem, a morada das mulheres e a casa dos criados.

— Precisas ver Enver Paxá!

Enver era, de fato, um homem popular em Constantinopla.

À noite, porém, quando contava as minhas impressões a um modesto diplomata, esse diplomata sorriu e explicou-me o drama da popularidade na Turquia moderna. Poder-se-ia dizer que naquele momento a atenção se voltava para quatro homens: Enver, Talat, o espírito diplomático, o príncipe Said, grão-vizir Helim Paxá, jovem elegantíssimo, e o príncipe herdeiro Ioussouf Zedine, efêndi, criatura de alta bondade e forte inteligência.

— Por que esses quatro homens gozavam de maior popularidade que os outros, como, por exemplo, Huagi Ahmed, ex-grão-vizir ?

— É preciso ter estado em Constantinopla, primeiro, para se amar esse povo digno e hospitaleiro; depois, para se compreender como, sob a ação corruptora do estrangeiro, uma nação agoniza, uma raça forte dá a impressão de um hospício de doidos em estado desesperador. A Turquia morre assim. As suas reformas começaram dos empréstimos estrangeiros. Um povo que não sabe emprestar a juro está nas mãos dos onzenários. As grandes nações protegem os seus banqueiros para garantir os seus industriais. O contato obrigado com os europeus produziu o espírito de reformas e desenvolveu também a corrupção. Constantinopla é dos estrangeiros. As potências principais têm em Gálata

os seus estagiários, os pequenos povos têm a fúria da imigração capaz de absorver todo o trabalho. O povo turco, a pequena colônia turca nesta capital de um milhão de habitantes, quando se vê espoliada e com fome tem súbitas crises de ódio. De repente correm as ruas matando gregos e albaneses e armênios. A Europa inteira treme de raiva, os embaixadores vão à velha e empoeirada Sublime Porta<sup>131</sup> exigir avidamente coisas de lucro e humilhações, enquanto o mundo sabe que houve mais uma carnificina de cristãos por motivos religiosos — quando o governo turco é tão tolerante para a religião dos outros que até dá soldados para guardarem a pessoa do patriarca grego, excelente ancião, cuja vida é um regalo de bem-estar!

Com os políticos, a Europa sabe que está onde floresceu Bizâncio com as suas intrigas de palácio, as suas ambições, os seus ódios, a vontade de subir que manietta todos os sentimentos generosos. Os turcos não puderam escapar à influência do ambiente, e é preciso acentuar que, mesmo na política e há muito tempo, se infiltraram elementos estrangeiros, descendentes de armênios, de albaneses. As potências estrangeiras, jogando com as correntes dos povos balcânicos e de larga imigração mediterrânea, assim como com a ambição dos políticos, iniciaram as reformas para desorganizar e ganhar desde Abdul-Medjid<sup>132</sup> e o Tanzimat,

---

131. Entrada do palácio imperial, a expressão era usada também para designar o Império Otomano.

132. Sultão entre 1839 e 1861, iniciou o Tanzimat, primeiras reformas liberalizantes no Império Otomano.

que digo? Desde Mustafá I e Mahomud III.<sup>133</sup> A cada uma das reformas, as potências têm mais direitos, tomam mais um pouco de administração, e há no aglomerado heteróclito do império tremendas crises de anarquia e independências que excitam as esperanças do mesmo futuro a outras províncias. O império otomano, sendo uma nação militar, deu em um século o espetáculo do sucessivo desmembramento. Se a história repete-se, a Turquia caminhou como Bizâncio.

Os políticos não viram assim o futuro da pátria. Durante cerca de trinta anos os jovens turcos travaram com Abdul Hamid<sup>134</sup> a grande batalha da maior das reformas: a Constituição executada. Nesse período longo, a raça, sentindo-se sem governo senão para o explorar e deixar o saque estrangeiro, teve subitâneos acessos de fúria. As nações fortes aproveitavam-se dessas fúrias sanguinárias e exigiam mais ao lado das Cretas, das Macedônias, dos Montenegros, dos eslavos das montanhas, da Albânia. De modo que, quando os jovens turcos da última fornada, os turcos do comitê União e Progresso realizaram o golpe de sorte de destronar o Sultão Vermelho, substituindo-o pelo príncipe Reichad, era um império a reconstituir totalmente, que lhes caía nas mãos.

Os jovens turcos tiveram uma popularidade mundial. Quantos andaram a escrever ardentes tolices sobre a liberdade da Turquia? Ora, para libertar a

---

133. Sultões otomanos nos séculos XVI e XVII.

134. Último sultão otomano a reinar com poderes absolutistas, governou o Império entre 1876 e 1909 quando foi deposto pelos constitucionalistas do movimento "JovensTurcos".

Turquia, era preciso libertá-la da tutela financeira da Europa, da tutela administrativa, da tutela militar terrestre e marítima. Não só. Era preciso voltar à força antiga, fugindo ao domínio moral e intermitente de várias nações estrangeiras — que repercutiam, desastradamente, nos povos anexados com o apetite de independência. Os jovens turcos de agora, ambiciosos do poder imediato (o poder mesmo que lhe siga a morte — é este o fundo orgânico da raça), são desastradamente desarraigados mentais. Rapazes, ou ricos, ou pobres, ou foragidos, viajaram a Europa, estudaram em Paris, em Berlim ou em Viena, e cada um deles, ao tomar o poder, levou o apetite fantástico de empregar, traduzidos ou não, os figurinos mentais da Europa, e todos os truques, mais ou menos canalhas, da política ocidental.

O príncipe Reichad, Mohamed V, é um pobre homem que, preso muitos anos, ficou semi-idiota. Não governa, não sabe nada. Chora de vez em quando. E nos seus olhos azuis há sempre a humildade assustada de três decênios de cativo na angústia da morte. O comitê União e Progresso ficou só a mandar, exilando, corrompendo, filosofando, agindo desencontradamente, sem nada fazer, de fato, para o bem da Turquia. Antes de pensar na reorganização do país, pensaram, por exemplo, no pan-islamismo, querendo fazer por conta do governo a imigração dos muçulmanos de diversos países para abarrotar a Macedônia e Creta. Antes de pensar em organizar o exército, convenceram-se de que tinham o poder militar no extremo-levante. E, como ninguém se entende, a União e Progresso fundava também a Liga da Paz, e organizava um serviço de

reclame em telegramas e jornais escritos em francês, verdadeiramente desnorteante.

Quando cheguei a Constantinopla, não deixei de constatar o extraordinário poder das modas europeias. Todos esses rapazes vestem bem, têm as fotografias nas montras das lojas, riem-se do harém, pois são casados com uma só mulher, não deixando de ter amantes, mas cada uma na sua casa e na sua rua; discutem filosofia, falam admiravelmente várias línguas, assistem às recepções das embaixadas, são de uma nobre hospitalidade, frequentam o *music-hall* e o Réjane.<sup>135</sup> Um deles, o prefeito, calçou Pera, limpou os jardins, instituiu a eletricidade nos bondes e na iluminação, mandou matar todos os cachorros que infestavam as ruas.

Mas, essencialmente, com os jovens turcos, a situação turca não mudou. Antes, piorou: a influência persistiu nas embaixadas, intrigando e jogando uns sobre os outros — para o descalabro do império, em nome da Civilização. Nem a lição da guerra com a Itália, nem o tremendo desastre balcânico mudaram a parada desequilibrante. Ao acordar, em Constantinopla, é preciso perguntar:

— Qual o embaixador que está em graça?

Porque os outros juntam-se para deslocá-lo, dias depois.

Neste momento, por exemplo, o embaixador americano mantinha um altivo domínio pela influência dos Estados Unidos a favor da Turquia em várias questões

---

135. Atual *Théâtre de Paris*.

internacionais. Mas, o que manda, apesar de tudo, é o da Alemanha. Guilherme II, amigo de Abdul-Hamid, ficou amigo também do comitê União e Progresso.

A missão alemã, os armamentos alemães continuam, apesar de um certo movimento a favor da França. E o curioso é que ninguém em Constantinopla duvida de uma guerra próxima que terá começo na região balcânica, eternamente conflagrada. Os jornais turcos, pan-islamitas, contam com os alemães pangermânicos para vencer todos os imperialismos imagináveis.

Interrompi o diplomata:

— Mas, por que quatro homens só têm uma incontestável popularidade, quer nas colônias estrangeiras, quer no povo turco, nem todo, aliás, menos de metade, a favor dos jovens turcos?

— Pela coragem, respondeu o ministro.

— A coragem?

— Sim, a coragem de aproveitar a vida, certos de que têm de morrer violentamente. É a Turquia. É Bizâncio, meu caro! O diabo é que eles se cumprimentam e ninguém sabe se um deles será o mandante ou o autor da morte do outro — dessas mortes que aqui são chamadas “suicídios”.

Halim Paxá é grão-vizir, isto é, o segundo sultão. Na história dos grão-vizires, são poucos os que escapam com vida, depois de mandar matar muita gente. Halim Paxá é, pois, herói. Talat Bey, ministro do interior, com a mania da política pessoal, tem de se haver com esses homens das províncias, quase sempre fanáticos. Está para morrer todos os dias. É herói.

Enver conseguiu tudo aos 28 anos. Já matou mesmo, segundo dizem. É o mais ambicioso. Não ria se eu lhe disser que ele deseja mesmo o sultanato, mesmo o califado.

— Caramba!

— E Izedinne efêndi, o príncipe herdeiro, inteligente e probo, será o primeiro a morrer. Resiste à União e Progresso. Constantinopla inteira sabe que o príncipe, cercado de servidores dessa gente, não deixa ninguém entrar nos seus aposentos, com o justo receio de ser “suicidado” sem querer. Mas, com coragem, ainda em 1910 ele interrompeu Namzy-bey, que pretendia dar-lhe conselhos, pondo-o pela porta afora. A morte de Izedinne alivia a União e Progresso, mas deve fazer muito bem a Enver e aos seus planos...

Guardei a conversa, mas nunca mais esqueci Enver, sedutor, como devia ter sido César Bórgia.<sup>136</sup> Os últimos acontecimentos realizaram as profecias do diplomata. Enver chegara ao apogeu na Turquia convulsionada e devia almejar ao sultanato. Izedinne contra a Alemanha desapareceu. Foi o primeiro assassinado e a notícia correu que Enver fora o mandante. A violência traz a violência. Uma revolta nos dois bairros de Constantinopla mostrou a popularidade do príncipe herdeiro. E enquanto os alemães varriam à metralha a cidade, Enver tombava ferido pela mão vingadora de um fanático.

---

136. Príncipe italiano (1475-1507), filho do papa Alexandre VI, suas ações inspiraram Maquiavel (1469-1527) em *O príncipe*.

Estará morto? Na Turquia costumam ainda ocultar a morte das criaturas de alma imperial, com medo da multidão, de que eles são um freio. As notícias, porém, são tão ambíguas, que não pode haver dúvidas. Enver, o orgulhoso, não morreu, vive diante de mim essa figura de conto árabe — o adolescente-raio desejando tudo, tendo tudo até o momento em que, quase senhor dos homens e sombra de Deus, tenha de cair sob um punhal, junto ao trono do sultanato!

# Do presidente

## Palestra espírita com o autor de *A mandrágora*<sup>137</sup>

Dado o desenvolvimento das ideias espíritas entre nós, não era de admirar aquela reunião de homens brilhantes em um salão fechado, apesar do calor, diante do médium extraordinário. As experiências tinham corrido de modo impressionante. Aparecera o fantasma de um suicida com o rosto tapado. Tivéramos as opiniões do marechal Deodoro<sup>138</sup> escritas por um lápis dentro de uma cesta. Os membros da sociedade ocultista mostravam-se radiantes com a segurança dos fenômenos.

Que era preciso mais para convencer a ignorância incrédula? Foi quando, indo o médium cair de novo em transe, o velho deputado, espírita praticante, perguntou

---

137. Peça satírica publicada em 1524 por Nicolau Maquiavel.

138. Manuel Deodoro da Fonseca (1827-1892), proclamou a República brasileira e foi o seu primeiro presidente.

aos amigos se poderia evocar o espírito de um grande homem, cuja vida fora de amargura, de patriotismo e alta inteligência. Os horizontes políticos são de tal forma turvos, a agitação de ambições sem ideias é tão formidável, que ele, político de profissão, pela primeira vez recorria ao espiritismo com interesse direto: para tentar ouvir os conselhos de Maquiavel.

Na sala, fechada, apesar do calor, houve um silêncio. Aquela sociedade educada conhecia muito bem Maquiavel, as suas missões políticas, os seus escritos, o seu tremendo labor, a miséria em que morreu e principalmente os dois volumes do fundador da política como ciência: os *Discursos sobre a primeira década de Tito Lívio* e *O príncipe*. Homem pessoalmente de uma seriedade severa, o conhecimento da história e o convívio com os políticos da sua época fizeram de Maquiavel a reflexão aproveitável da vida para o domínio dos eleitos. E, como o mundo divide-se em duas partes más, os conselhos de Maquiavel são para que o dominante seja pior que as duas partes reunidas.

— Consultar o admirador de César Bórgia! exclamou um senador.

— Mas não vejo mal algum, respondeu o velho deputado. Há cinco anos consultamos toda gente, a ver se salvamos a República. Cada vez a confusão é maior. Ora, não resta dúvida que Maquiavel era um gênio político, pondo acima de tudo a República florentina, e com profundo conhecimento dos homens que, infelizmente, não mudaram para melhor na América. Ademais, há certas ideias de Maquiavel de absoluta atualidade.

— A reforma da Constituição?

— Não, apesar de ele ter escrito a respeito da de Florença, e ser um homem que desejava a obediência à lei. Mas, o serviço obrigatório...

— Hein?

— Foi Maquiavel que desejou para Florença um exército nacional, em vez dos mercenários...

O velho deputado insistia tanto que as suas reflexões ameaçavam parecer paradoxais. Para o comum dos homens as ideias sérias são desastrosas quando chegam a essa forma de perdição divinatória. Os sócios da sociedade ocultista acharam melhor tratar da experiência, antes que a palestra perdesse a grave compostura. Diminuíram a luz. O médium caiu em transe e o velho deputado fez a evocação. Apareceria Nicolau Maquiavel, o homem admirável cujas obras o papado proibiu em 1559, depois de Júlio II e Leão X<sup>139</sup> terem-no tanta vez consultado? Responderia para o Brasil o autor da *Arte da guerra*, de vida tão trabalhosa e de nome tão atacado? Estávamos todos suspensos, a boca seca, o peito a arfar...

Mas o médium que chorava, de repente bocejou e, conquanto não soubesse de italiano senão o necessário para repetir em horas de fastio alguns trechos de Puccini e outros músicos inverossimilmente populares, disse no mais puro e doce florentino:

— Cá estou. Fala!

A impressão foi tão forte que o velho deputado

---

139. Primeiros papas do século XVI, tinham em comum o interesse pelo desenvolvimento das artes em Roma.

emudeceu e todos os outros ocultistas tremiam. Maquiavel, porém, como sempre incansável, não gozou do pasmo. O médium, um instante calado, continuou naquele mesmo estilo cortante que à língua de Dante e de Boccacio emprestara o escritor dos *Cantos do carnaval*.

— Demonstras a tua fraqueza moral de brasileiro assustando-te com um fenómeno em que parecias ter certeza. Essa cobardia da alma é a capacidade ingênita de todos os políticos. É preciso prever tudo e não tremer nem do imprevisto na trabalhosa ação de guiar os homens. Retoma a calma. Chamaste-me. Que queres?

Então o velho deputado fez um esforço e falou:

— Chamei-te para uma consulta. O Brasil quer salvar-se. Os políticos e os jornalistas, que são subpolíticos, agitam o nosso desastre. Cada qual tem uma ideia. Tu conheces os homens.

— São todos maus...

— Estudaste vários povos.

— São piores que os homens isolados.

— Foste um patriota.

— E, apesar de todas as ingratidões, continuei patriota. Lembra-te de quando num dos capítulos do *Príncipe* eu previ a unidade italiana, exortando Lourenço de Médici<sup>140</sup> a expulsar os bárbaros do solo sagrado. O meu amor pela pátria foi tanto que só con-

---

140. Conhecido como “Lourenço, o Magnífico”, foi grande mecenas e governante da República Florentina na época do Renascimento e pai de Leão X (Giovanni di Lorenzo de Médici); a ele Maquiavel dedicou *O príncipe*.

seguiu ser lírico quando dela falava.

— Pois, firmado no teu princípio de que os homens não mudam, chamei-te com a vontade de saber o que é preciso fazer para governar o Brasil bem...

Houve um silêncio prolongado. O próprio Maquiavel teria medo de nossa gente? Mas, não! Nicolau continuou instantes depois pelos lábios do médium. A sua voz tinha entretanto um esquisito timbre de ironia. E essa voz dizia o seguinte:

— As organizações políticas que nunca tiveram um circo de ação correspondente ao seu gênio, mesmo depois de abandonar a matéria, continuam como que a contragosto a se interessar pela política. Eu conheço intimamente a política de todos os países, mesmo daqueles que começaram a existir depois de Colombo e de Cabral. Do teu país conheço tanto como da Itália há quatro séculos. Muita vez estou no gabinete do Nilo Peçanha. Doutras, tenho visto arder em cinzeiros de cristal os fósforos meditativos de Lauro Müller, como dantes vira arder os cigarros e as velas do Rio Branco.<sup>141</sup> Por desfastio, para me inteirar da contínua mediocridade, assisto às sessões das Câmaras e aos discursos dos senadores que o Dantas Barreto<sup>142</sup> quer acabar...

---

141. José Maria da Silva Paranhos Júnior, barão do Rio Branco, considerado o patrono da diplomacia brasileira, foi ministro das Relações Exteriores de 1902 a 1912.

142. Militar e político brasileiro (1850-1931), foi ministro da Guerra entre 1910 e 1911, período em que enfrentou as revoltas da Chibata, no Rio de Janeiro, e do Contestado, em região disputada pelos estados de Santa Catarina e Paraná.

— Mas é admirável! Conhece tudo...

— E devo dizer que não há ideia de coisa pior.

— Tudo tem remédio.

— Talvez...

— Que pensas tu? Neste país devemos chamar o príncipe de molde monárquico, ou o tirano republicano? D. Luís<sup>143</sup> ou um general forte? É necessário reformar a Constituição?

— Deputado, os povos têm o que merecem como governo. Eu não poderia ditar-te do mundo invisível alguns discursos do ensinamento sobre as duas décadas e meia da República.

— Mas poderias dar conselhos como no *Príncipe* ao futuro presidente.

O médium falou amargo:

— Para quê? Há neste momento uma obra que se faz aos poucos, equivalente ao *Príncipe* e cujo título poderia ser: “Do presidente no Brasil em períodos graves”. A essa obra ficariam bem como epígrafe alguns princípios meus. Assim, teríamos o capítulo para conquistar o poder.

— Que é?

— Fazer de morto no alto de uma montanha longínqua. Imediatamente todas as rãs gritarão a necessidade

---

143. Luís Filipe de Orléans e Bragança (1878-1920), o segundo filho da princesa Isabel, tornou-se herdeiro do já extinto trono imperial após a renúncia do irmão mais velho.

do morto. É infalível. Morto burguês, grave, com enterro de primeira classe, missa no altar-mor, eleição. Fica o homem na situação de ser desejado unanimemente.

— Ah!

— Eleito, há o segundo capítulo: a esfinge. Nada mais bonacheirão que a esfinge. Todas elas riem com bondade no Egito. Édipo<sup>144</sup> estava doido quando ouviu a exigência de uma decifração. Não há esfinge com segredo, porque nunca tiveram secretas ideias aqueles que dão aparência de as ter... As rãs podem todas julgar-se decifradoras de um enigma inexistente.

— Sempre é preciso falar...

— É o terceiro capítulo: a inundação de palavras. Fala-se ao ouvido, fala-se na intimidade, fala-se para o povo. É difícil ter quatro ideias e executá-las. É fácil falar de tudo sem possibilidade de execução. Agrada-se a cada um e conserva-se a esperança de todos. Mesmo porque o quarto capítulo é o da ação política.

— Qual é ela?

— Jogar o pôquer com fichas de feijão preto.

— Maquiavel Nicolau brinca!

— Não. Jogar assim é prova de honestidade e quando se joga à noite — meditação. A meditação é conservar o seu lugar, pedir a Deus que nos ajude com bons

---

144. O personagem principal da peça “Édipo Rei”, de Sófocles, que conta a trágica história do filho que, sem saber, mata o pai e casa com a mãe.

e numerosos anjos da guarda armados, ter a noção do cargo acima dos combates, de modo que todos os atos forçados pareçam desejo de equilíbrio das correntes dos outros. As rãs que queriam o morto dividem-se em dois partidos desejosos de mandar. A cada uma a ambição de estar na vez. E nos momentos de agitação furiosa — perspectivas enormes, o lançamento de problemas em que os ânimos se entretendam.

— Esses problemas são para resolver?

— Não. São para encher tempo. O princípio básico é não fazer nada nem consentir que façam. O princípio da inércia experta. O presidente consulta todos, baralha tudo e fica a espiar.

— Mas o povo acaba irritado.

— O presidente deve ter um pouco de manha da raposa.

— Não é uma virtude.

— A virtude é máscara. Basta dizer que não se admite senão a virtude para que o regime seja absolutamente virtuoso e que as rãs coaxem honestidade. Assim, o presidente atravessa com a autoridade do cargo, cercado do respeito geral. E, em pouco, como ele nada faz consultando toda gente, as opiniões tornam-se históricas e a maioria fica realmente com medo do que possa acontecer. Roma e Bizâncio devem estar na memória dos futuros presidentes de povos que merecem pouco. Assim, o presidente aproveita a incompreensão e o pânico,

representando Têmis.<sup>145</sup> Incapaz de agir, por exemplo, no caso de dois presidentes de estado que discutem terras, quando um está com a razão — manda chamar os dois para ouvi-los, conversa dois meses e manda-os estafados, com esperanças. Quando houver uma voz mais forte recua, isentando-se dos direitos da responsabilidade, e quando deseja manter a vontade, sem quebrar a cordialidade — será outra voz grave pelos jornais. A inquietação e a desconfiança alheias são um repouso.

— E a causa pública?

— O presidente amará a causa pública a tal ponto, que se julgará a própria causa. E, como nada mais sério do que a sua conservação, o presidente fica imóvel como a Loie Fuller,<sup>146</sup> sacudindo largos panos presos a dois paus, enquanto nesses panos agitados projetam fitas delirantes os cinematógrafos administrativos.

— É espantoso.

— O presidente perfeito também cuidará da sua sucessão. Não é da lei. Mas, respeitando a lei, faz-se um movimento para que os outros virem a dita lei de pernas para o ar, no intuito de salvar a pátria, reformando-a. Habilmente, de fora, isto é, do alto, assiste-se ao incêndio ateado pelos outros. E, quando chega o fim, é possível assegurar a sucessão e a posse do país para sempre à mesma família que tenha muitos representantes da Câmara.

---

145. Deusa da mitologia grega observadora dos juramentos e das leis.

146. Marie Louise Fuller (1862-1928), atriz e dançarina norte-americana, dançava utilizando panos e luzes.

Quando o médium acabou de dizer tais coisas, um dos ocultistas exclamou, sem medo:

— Mas Maquiavel virou Wenceslau!

Ouviu-se uma gargalhada atroz. Na sala escura todos se ergueram, correndo ao médium. O médium estava a dormir. Era o senador Bernardo Monteiro.

# A horrível tragédia

- “A ciência é muito fraca contra a necessidade.
- Quem governa a necessidade?
- As três moiras e as erínias,<sup>147</sup> que nada esquecem.
- Deus obedece-lhes ?
- Nada pode escapar ao que é fatal.”

Era na sala deserta, com a tristeza de uma iluminação intensa. A treva envolve; a luz afasta. Pode-se ter medo na sombra; tem-se a sensação do isolamento no excesso da luz. Há nada mais triste, mais angustioso, do que a luz, sem a animação das almas, o rumor mortuário do silêncio iluminado? A miragem nasceu no deserto, como o supremo medo da luz que isola. E eu estava

---

147. Deusas primordiais da mitologia grega, as moiras eram três irmãs que teciam o fio da vida e do destino de homens e deuses; as erínias encarregavam-se de punir crimes de sangue.

numa sala com cinco lâmpadas elétricas, e lia tristemente a tragédia esquiliana,<sup>148</sup> e pensava no horror que encheu a semana inteira. Um poço enorme de vinte e tantos metros de profundez, aberto na terra, num breve buraco, como o do inferno dos gregos. Em torno, homens de saber e turmas de homens destinados a agir em nome desse saber. A agitação, o movimento aflito. De vez em quando emergia uma figura com sangue nos ouvidos, com sangue no nariz, lívida, vomitando. E dentro do poço, no fundo, meio enterrada entre tijolos e lodo, uma pobre criatura querendo viver, bracejando com a morte, resistindo, enchendo caçambas de lama, sob o receio do desmoronamento dos tijolos...

A minha memória lembrava os suplícios dos chineses, os terríveis tormentos da Inquisição, os castigos do Dante, a tremenda página do *Germinal*,<sup>149</sup> no desmoronamento da mina, a fantasia amarga de Poe,<sup>150</sup> os discursos profundos de Prometeu.<sup>151</sup> E nada me parecia igual a esse fim de um pobre pedreiro da roça, esquecido do céu durante a existência inteira; nada me

---

148. Ésquilo (ca. 525-456 a.C.) foi ao lado de Sófocles e Eurípedes um dos três grandes tragediógrafos da Grécia Antiga.

149. Romance do francês Émile Zola, retrata a luta, no século XIX, dos operários de uma mina de carvão na França.

150. Edgar Allan Poe (1809-1849), escritor e poeta norte-americano cujas histórias exploram o mistério e o macabro.

151. Semideus da mitologia grega, roubou o segredo do fogo dos deuses e o entregou aos homens. Zeus, dono do fogo, castigou-o amarrando-o a um rochedo com o fígado exposto para ser comido eternamente por abutres.

parecia mais pavoroso que a resolução hórrida dessa banalidade até então despercebida.

O Dante classificava certos homens “vindos ao mundo só para fazer estrume”. A maioria é assim. Não os vemos nem nas guerras, nem nos campos, nem nas oficinas. Eles morrem, muito anonimamente, com uma resignação inconsciente, tendo de nós, durante a vida, talvez a impressão por nós sentida diante das montras de um museu. São os carroceiros, são os lavradores, são os operários. O perigo não existe para eles como para nós; é outra coisa, quem sabe se apenas nós, com o nosso egoísmo ambicioso de feras civilizadas...

O perigo para eles é a desconfiança da superespécie, para a qual mourejam. Nenhum de nós deixaria de se julgar um herói, trepado num andaime de onde eles despencam, ao realizar um lindo palácio, ou cegando numa fábrica onde eles morrem para o nosso luxo, ou em qualquer outro posto arriscado e anônimo. Eles, naturalmente, vieram à Terra para fazer estrume. A morte não os aborrece. É a companheira. A nossa esquisita fraternidade protetoramente exploradora é que os atemoriza. E passam, e vivem, e deixam-se sugar e morrem, sem que nos apercebamos ao menos de que os exploramos.

Cândido Isaías era o Candinho, pedreiro da roça, uma pobre criatura, uma coisa, pó, nada. Nenhuma das pessoas distintas que viam Candinho poderia julgar que essa coisa tivesse sentimentos, tivesse parentes, tivesse a energia física que é o esteio do nosso parasitismo, impertinente e vão. Havia um poço de vinte e sete metros de profundidade, aberto como uma

garganta na terra dura e alargando para o fundo com as infiltrações da água tão fortes, que, para manter a cisterna, fora preciso fazer um revestimento de tijolos e consertar esse revestimento de vez em quando. Mais uma vez era preciso consertar a cisterna. Chamado um engenheiro, ele faria cálculos, levantaria uma planta, exigiria grandes dispêndios. Chamado Cândido Isaías ou qualquer “felá”, ele desceria com a sua pá, a sua caçamba, e endureceria as paredes por quaisquer dez toções diários. Quantos Cândidos Isaías têm saído vivos e ignorados de dentro do perigo, ou têm mesmo morrido sem que ninguém se importe? A vida é sempre a mesma. Os homens leram os caracteres que contam as caçadas de uns determinados reis do Egito, as múmias desses felizes personagens reapareceram nos túmulos de pedra, e ninguém pensou com piedade nos milhares de homens que morreram esmagados ao peso daquelas pedras. A vida é sempre a mesma. Cândido Isaías, pobre desgraçado, desceu ao poço, como quem vai com a certeza de almoçar. Não lhe dava náuseas o ambiente deletério, não lhe causava hemorragias a rarefação do oxigênio, não o assustava a fermentação animal subterrestre, não pensava que descia ao inferno. E, de repente, uma parede inteira de tijolos desabou. Nela virou Cândido com a caçamba, sob o desmoronamento. Estava enterrado no lodo, e murado pelos tijolos até o pescoço. Se tivesse morrido logo, enterrando a cabeça em vez dos pés, quem saberia da existência desse homem? Ninguém! Era um trabalhador que caíra num poço. Nada mais natural.

Mas ele viveu. Viveu para repetir só, para ser o

centro de um quadro atroz centenas de vezes repetido, não na fantasia dos escritores, mas na tormenta da vida, nas explosões das minas, nos desmoraamentos, nos grandes desastres. Ele gritou, no fundo de um poço, enterrado no lodo. E a pobre humanidade ouviu-o.

— Há uma criatura enterrada viva no poço!

De toda a parte corriam homens e mulheres. Sobre o sorvedouro debruçavam-se centenas de pessoas. Com a nova sensacional, a capital de S. Paulo mandou bombeiros com o mais moderno material de salvação; uma companhia dispôs sessenta homens sob a direção de um engenheiro. Os trens chegavam cheios. A planície de Rocinha enchia-se como as planícies gregas, diante dos monstros devoradores das lendas sempre certas. Mas nessa turba atônita digladiavam-se as verdades de Prometeu: o princípio da esperança e o princípio de que a ciência é muito fraca contra a necessidade.

— É preciso salvá-lo! Temos de salvá-lo!

Os homens desciam e voltavam com a cara em sangue. Baldes baixavam vazios e subiam cheios de lodo. O pavor esgaçava as fisionomias. Só o poço era igual, o mesmo, tranquilo, a boca seca, o ventre infiltrado, cheio de morte. E dentro desse ventre, desvencilhando-se às vezes até os joelhos dos tijolos que caíam, da lama que se argamassava, desejando a Vida, debatia-se Cândido Isaías entre as moiras e as invisíveis erínias. Na escuridão, sentindo as larvas e a viscosidade do horror, o homem era, enfim, diante da morte, o herói. A multidão ouvia os que subiam de vê-lo.

Ele dissera: — Consola meu pai, dize-lhe que tenho esperança!

Ele tinha um velho pai a quem amava, o pobre e anônimo pedreiro!

Ele dissera: — Pede à mulher e aos filhos que tenham calma.

Ele casara, ele morria para sustentar uma família!

Ele pedia: — Não me deixes só. Eu não te deixaria, se estivesse no meu caso...

Ele tinha um coração feito de energia e de amor!

Diante do fato por consumir-se, a turba sinceramente revoltava-se contra a “necessidade”, que o poço aluindo representava. Quem uma vez descia, porém, não tornava certo de que encontraria a morte. E só, na travessia pestilenta do monstro, não perdia a esperança o desgraçado pedreiro, ele mesmo enchendo os alcatruzes do lameiro que o afogava, ele mesmo auxiliando a salvação, que o poço obstava tranquilamente. Uma vez o irmão desceu e das cento e tantas horas do tormento partilhou com ele hora e meia. Que se teriam dito esses dois entes ignorantes no fundo do poço? O irmão voltou golfando sangue, louco, querendo outra vez descer. E o povo da planície dramática e o povo das cidades logo depois aprenderam que os irmãos entre os desgraçados também se amam! Tortura sem fim em que, face a face, a desgraça do infeliz e o resto dos homens se avaliavam e se reconheciam!

Por duas vezes, o saber e a boa vontade iam a arrancar Cândido Isaías. De uma delas a “necessidade” do

poço aluiu um dos revestimentos de tijolos, quebrando o cabo. De outra prendeu-lhe as pernas a própria caçamba de cimento do trabalho, travada nas suas pernas. Então, entre a calma das moiras e a fúria das erínias, lúcido de esperança ou furioso de horror, no fundo do poço, sentindo a impotência humana lá no alto, ao ar, Cândido Isaías resumiu toda a dor, todo o desprezo, toda a verdade à face da espetaculosidade sem efeito.

— Estou muito bem! Mandem-me gemadas e vinho!

Sim! A sociedade dava-lhe o que nunca lhe dera: o interesse com gemadas e vinho! Ninguém compreenderia não estar cumprindo o seu dever. Ele só, depois de renovar todas as mortes horrorosas, insistia — para, se vivesse, vir a continuar a ser o pobre homem que ninguém vê... Depois, a primeira das parcas resolveu matá-lo aos poucos. Ele perguntou maquinalmente a um bombeiro:

— Onde estarão as minhas pernas?

As pernas já estavam mortas. Depois foi o ventre.

— Sumam-se! Sumam-se! Levaram a minha barriga com o lodo...

E, quando afinal davam-lhe mais um cordial, ao cabo de seis dias e seis noites, que eram um século de negror e de emparedamento, onde as lâmpadas apagavam e os homens não podiam ficar muito tempo — os seus dentes estavam cerrados. Morrera.

— Tiremos o cadáver! Vejamos se é apenas um desmaio!

Futilidade humana! O poço estremeceu, e das paredes do seu ventre, a vinte e sete metros do solo, despençaram, sepultando o corpo, todos os tijolos, como um surdo final de epopeia...

No abandono luminoso da sala, com a tragédia de Ésquilo na mão, eu via cheio de horror a escuridão desse sorvedouro, que uma semana inteira mostrara tanta coisa à nossa miséria pretenciosa. Todo o meu ser tremia de revolta contra a força que assim vitimara um desgraçado sem culpa outra que não fosse a de ter sido sempre desgraçado. E na luz que tornava tão grande o meu isolamento, uma voz pareceu-me vibrar:

— Não penses em Prometeu. Não penses nas figuras de sonho e de legenda. Respeita o decreto da Fatalidade. Essa tragédia solitária é a repetição de repetidas provas do Destino. Mas, tomando em plena convulsão da pretensão, de ódio inútil e de furor da tua terra — um pobre homem daqueles que ninguém vê, o Destino quis marcar o terrível exemplo da sua única força para a meditação dos que ainda podem meditar. Quis mostrar o nenhum valor da vã ciência e da inteligência diante da Fatalidade. Quis provar a força, a coragem, a resistência e o coração dos desgraçados que servem ao parasitismo odioso dos que a sorte destaca. Quis fazer compreender aos maus, aos invejosos, aos cobardes que pretendem aniquilar os outros com a ideia de vencer, de que ninguém foge ao seu destino e à ordem iniludível da força temerosa. Quis mostrar como às vezes os sem culpa são as vítimas mais castigadas. Quis, neste convulsionarismo de políticos

amalandrados, de jornalismo sevandija, de circo romano em fúria, recordar aos homens com a morte de um desgraçado tudo quanto eles, urrando, gesticulando, acusando e não pensando — parecem já ignorar. A vida é sempre a mesma. Repete-se. E na agonia horrída do pobre Isaías, está como o símbolo do Brasil, pátria no fundo do poço recebendo cordiais dos que a tinham esquecido e não a sabem salvar...

## Portugal na guerra

O cataclismo da guerra chega a Portugal. Tomou para nós, assim, um novo aspecto, de mais viva preocupação a grande tragédia. Cada dia que se passa é, nesse momento de angústia suprema, feito de mais dor e mais heroísmo. As guerras são fatalidades periódicas, são a transmutação dos valores da vida. Os pacifistas de há dois anos, os pacifistas sinceros e os lógicos dedutivos da impossibilidade dos conflitos tremendos, tiveram a maior das decepções e o maior dos desmentidos nesse inaudito choque dos dois elementos que desde Roma se disputam o império do mundo. Nunca tais elementos estiveram tão definidos na sua divisão hostil. A Terra vai ser outra, como o foi depois de Alexandre, depois de Aníbal,<sup>152</sup> depois de César, depois de Napoleão. Os heróis são transformadores e expoentes. Guilherme II é o

---

152. Grande general e estadista cartaginês considerado “o maior dos generais”, enfrentou os romanos na Segunda Guerra Púnica.

expoente da sua raça, dos desejos secretos do seu povo, herói sob medida feito na Alemanha com todas as qualidades da sua terra, industrial, negociante, orgulhoso, dominador, nomeando Deus seu ajudante de ordens e julgando-se o supremo. Em três instantes da sua vida agitada e frenética, passada a preparar a guerra, ele disse a que vinha. Em 1900 a sua frase é esta:

— Só se podem decidir as coisas no mundo pela espada!

Em 1905, aconselhava:

— Pólvora seca e espada afiada!

E, tendo resolvido erigir um monumento ao imperador Trajano, mandou-lhe esta dedicatória:

“A Trajano, imperador dos Romanos, Guilherme II, imperador dos germanos.”

Os germanos! A luta é exatamente a eterna luta dos germanos querendo dominar o mundo por todos os meios, dos germanos tão guerreiros e tão unidos na campanha industrial e comercial, como nas avançadas lamentáveis sobre territórios neutros, germanos nos tempos de Tácito, germanos da decadência de Bizâncio, germanos de Átila,<sup>153</sup> iguais sempre através da vida, querendo fazer o mundo à sua vontade, mesmo contra a manifesta vontade do mundo. Não têm opiniões, têm a opinião de que são os melhores, “os deuses das duas pernas”, como

---

153. Átila (406-453), último rei dos hunos, ameaçou diversos domínios romanos e germânicos.

dizia Heine,<sup>154</sup> “os dominadores das línguas e dos povos” — *Sprachen-und-Wolker boendiger*.

Sem canhões e sem mortes na sua última fase, de Bismark<sup>155</sup> para cá, eles realizavam cerradamente esse domínio, conquistando. O falar as línguas dos outros, sintoma de fraqueza, é para eles prova terrestre de força e de domínio. O mercadejar que não é impor, eles fizeram poder. E todos iguais, na China, no Levante ou na América ou na África, filósofos, comerciantes, soldados ou corretores, unidos e alemães, formam a força disciplinar e mecânica que pode obedecer ao *zucht*, “a unidade de poder”.

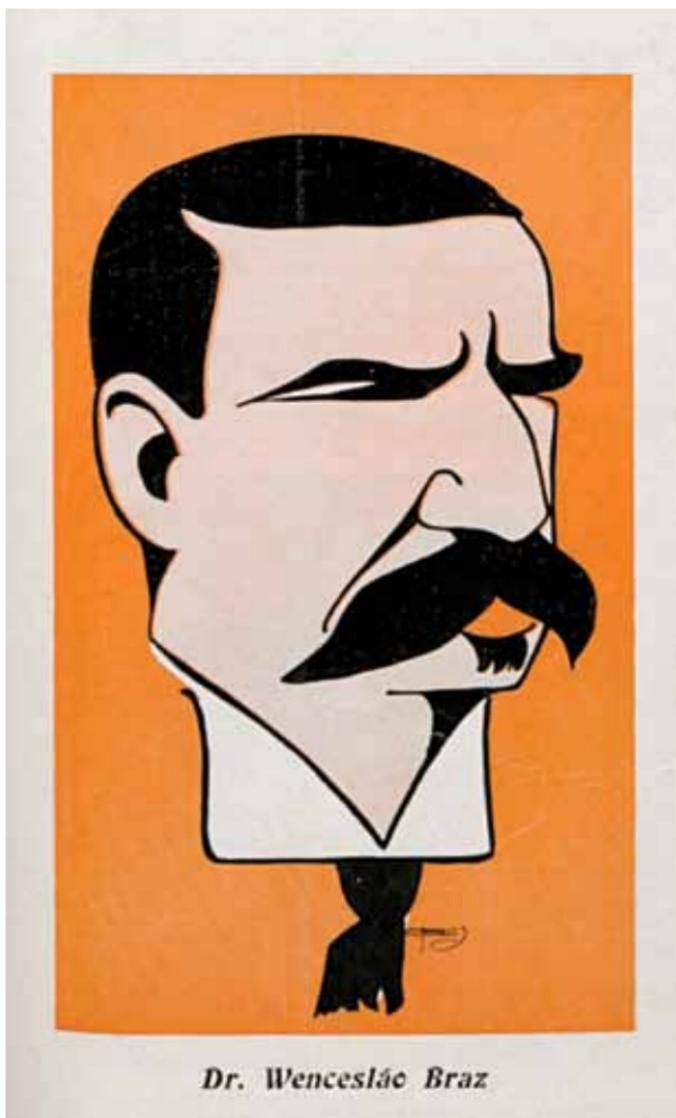
Guilherme II quis a guerra. Os documentos secretos, os telegramas por ocasião do assassinato de Sarajevo provam irrefutavelmente que ele fez tudo para romper a guerra, já preparada, com o papel simpático de Salvador universal, combatendo o mundo inteiro. E, como se ele quisesse, todos os alemães seriam contra a guerra, todos os alemães marcharam para a guerra como diante do próprio Deus da Guerra, porque ele a quer.

Antes assim. Em vez de virar lentamente uma balança, Guilherme II virou-a de súbito, com um golpe de espada. Os homens que pensam e escrevem do lado de Guilherme e do outro lado do mundo, não tendo ido para as trincheiras, estabeleceram outro combate,

---

154. Poeta romântico alemão (1797-1856), chamado de “o último dos românticos”.

155. Otto Von Bismark (1815-1898), o maior estadista da Alemanha do século XIX, liderou a unificação nacional em 1871.



*Portrait charge* de Wenceslau Braz por J. Carlos. *Careta*, n. 246, 15 fev. 1913, p. 7

---

“Eu mantivera relações com o Sr. Wenceslau Braz quando deputado. Era um homem congenitamente simples que erigira essa feição em broquel político, contava até dois milhões antes de tomar uma resolução e estudava com deleite, segundo diziam os íntimos imprecisamente, ciências áridas e amenidades artísticas.”

## EM ITAJUBÁ — A excursão presidencial



*O marechal Hermes e o dr. Wenceslão Braz saindo da estação da Estrada de Ferro.*



*O marechal Hermes e o dr. Wenceslão Braz passeando pela cidadezinha.*

*Careta*, n. 287, 29 nov. 1913, p. 24

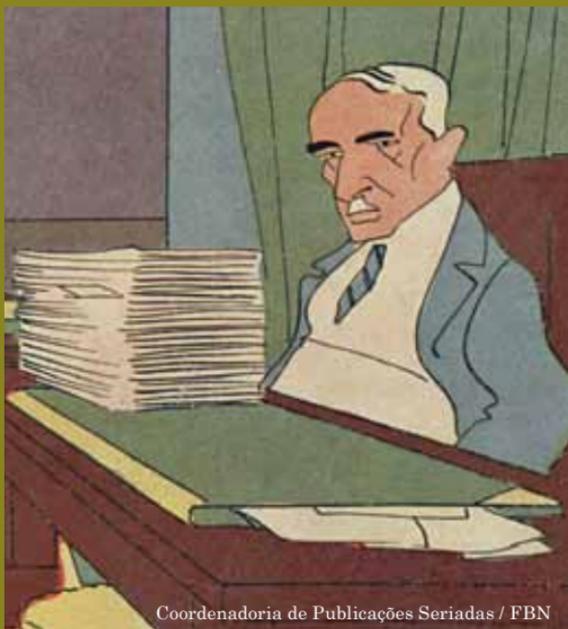
---

“Nós deixamos o Brasil-Hermes, estamos no Brasil-Braz. Para saber o que somos agora, não há melhor documento, mais instrutiva leitura, que a mensagem do Sr. Dr. Wenceslau Pereira Gomes.

Como está o Brasil em 1916? O esplêndido documento di-lo com abundância. Em primeiro lugar, fundamentalmente, o Brasil não sabe escrever a sua língua e pouco se rala que a língua o não ajude. Do período inicial à última oração, não sabe empregar os determinativos, atrapalha-se nos tempos dos verbos, alça, enfim, o país a um idioma novo: o brasilismo. Nessa altitude desabrocham sem temor a ausência de ideias, as informaçõezinhas copiosas e os alvitres fenomenais. Há longos períodos alcocheados por “quês” alucinantes, há frases afirmativas lembrando brindes de sobremesa, aqueles brindes gerundiais à procura do ponto final.”

Antônio Carlos de Andrada. Caricatura de J. Carlos. *Careta*, 15 set. 1917. [Detalhe da capa]

“Há, entretanto, três anos, tenho o trabalho de reviver o imediato, isto é, de filosofar, sem sair da atualidade, sem deixar a moda em torno de um assunto que interessa o Brasil inteiro: o sorriso do Dr. Antônio Carlos. E, com a deferência e o respeito exigidos por cavalheiro tão polido, cheguei enfim a algumas conclusões, que, se não estiverem totalmente erradas, conduzirão o país à verdadeira compreensão desse célebre sorriso.”



Coordenadoria de Publicações Seriadas / FBN

Divisão de Iconografia / FBN



Afrânio Peixoto. Retrato de autoria desconhecida.

“Por que escreveu Afrânio Peixoto o *Minha terra, minha gente*? Todos nós o conhecemos com a centelha divina, protegido dos numes. Elegante, airoso, com uma inteligência matemática e um talento de fogueira, ao serviço de uma atividade sem par e de uma gentileza sem desfalecimentos. Tinha feito um livro que diziam doido. Chegou para reformar o hospício com Juliano Moreira. A sua obra foi admirável. Logo todos sorriram e o estimaram. Não há nada que ele não faça melhor. Inclusive o egoísmo dos homens. Entrou assim para a Academia. Mas, um dia quis fazer um romance e fez um dos nossos mais belos livros — *A esfinge*. Depois resolveu fazer um manual de medicina legal e fez o melhor tratado dessa matéria nos tempos contemporâneos.”



Pinheiro Machado. Caricatura de Hugo Leal. *O Gato*, julho 1911, p. 8

---

“A vida de Pinheiro Machado foi a mais bela tragédia do Brasil. Não é possível pensar nessa existência sem lembrar Suetônio, o Silencioso, sem lembrar Shakespeare, sem lembrar Plutarco, os três grandes plasmadores de homens para a história. Pinheiro Machado era, num período de dissolução, uma alma púnica — alma de conquista, de luta, de afirmação, de domínio. Ele queria. Queria em tudo, nos atos mais simples, como nos momentos mais graves. Queria. [...] Sacrificava amigos, era de pedra aos rogos, aliciava os inimigos, caminhava sereno para os golpes mais arriscados por querer. E desse querer sem peias brotavam as fontes de oposição, cresciam as caudais da raiva.”

# O ASSASSINIO DO GENERAL PINHEIRO MACHADO



1) No Hotel dos Estrangeiros—Enterramento da soma do assassinio; Para Colômbia, seguida de surpresa, volta a casa sua com o corpo do general Pinheiro Machado. Acima em deputação Bento de Andrade e Carlos de Almeida. 2) No morto da Grã-Bretanha da família Pinheiro Machado depositado no salão de gala, sobre uma tábua de ferro, logo após o trágico assassinio.



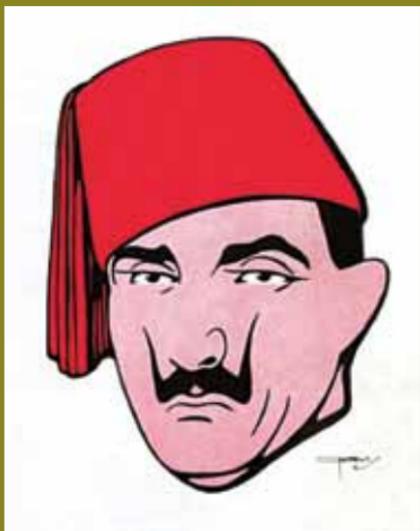
Portrait charge de Maurício de Lacerda por J. Carlos. *Careta*, 6 dez. 1913, p. 11

“Maurício pertencia a uma família de evidência nas questões públicas e a sua inteligência, ainda impúbere, era auxiliada por uma grande ambição. O imperador Hermes, fraco, com medo, dividia-se entre M. Hermes e J. Machado e a desordem na República era vergonhosa. Não se falava noutra coisa graças à licença da opinião — *licentia ac libidine talia loquentia*. A coragem e ambição de Maurício impeliram a sua alma de patriota a abandonar os estudos, com tanto brilho apenas iniciados, para conquistar os cargos em que a sua juventude fosse útil. O imperador Hermes aceitou-o a seu lado.”



*Portrait charge* de Bernardino Machado por J. Carlos. *Careta*, n. 220, 17 ago. 1912, p. 11

“[...] de casaca, luvas brancas e um espesso sobretudo, estava Bernardino Machado, cercado de vária gente. Risonho, afável, urbaníssimo. Com voz tranquila elogiou-me o Rio de Janeiro, as nossas transformações materiais. Sufocado de calor, eu não sabia se falava a um temível e incansável propagandista, ao revolucionário, ao agitador.”



Coordenadoria de Publicações Seriadas / FBN

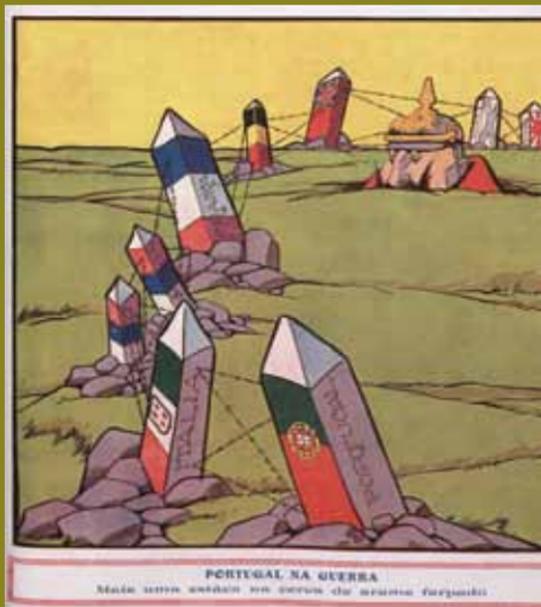
*Enver-bey*. Desenho de J. Carlos. *Careta*, n. 378, 18 set. 1915, p. 15

“Há duas semanas, acompanho nervoso os telegramas de Constantinopla. Terá morrido mesmo Enver — ministro da guerra, paxá, herói, com todas as qualidades formosas e inomináveis dos turcos? Enver é das minhas impressões de homens aureolados pelo Destino, talvez, a mais empolgante.”

Caricatura de J. Carlos. *Careta*, n. 405, 25 mar. 1916. [Detalhe da capa]

“O cataclismo da guerra chega a Portugal. Tomou para nós, assim, um novo aspecto, de mais viva preocupação a grande tragédia. Cada dia que se passa é, nesse momento de angústia suprema, feito de mais dor e mais heroísmo. As guerras são fatalidades periódicas, são a transmutação dos valores da vida. Os pacifistas de há dois anos, os pacifistas sinceros e os lógicos dedutivos da impossibilidade dos conflitos tremendos, tiveram a maior das decepções e o maior dos desmentidos nesse inaudito choque dos dois elementos que desde Roma se disputam o império do mundo. Nunca tais elementos estiveram tão definidos na sua divisão hostil.”

Coordenadoria de Publicações Seriadas / FBN





*O Conselheiro Rodrigues Alves na  
porta do Palácio, com o Presidente Wenceslão Braz, de  
quem fôra despedir-se*

*Careta*, n. 341, 2 jan. 1915, p. 8

“O conselheiro Francisco de Paula Rodrigues Alves é um exemplar perfeito da nossa raça. As origens étnicas trouxeram-lhe a resistência física e a fibra moral. Seu pai morreu quase centenário em Guaratinguetá. Era português. Sua mãe ainda vive na idade em que a bondade é a cristalização de uma longa vida de dedicação, de amor e de nobreza. Rodrigues Alves herdou as virtudes íntimas dos seus progenitores. Elas foram a resistência nos embates da vida pública, porque nunca numa trajetória de quase cinquenta anos de vida pública esse homem deixou de ser o querer consciente, a vontade sem violência, o excepcional que cumpre o seu dever, sem tergiversar — o patriota.”

## NÃO É COM ESSAS!

“Para ser incluída no regimento da Câmara, o deputado Costa Rego fez a seguinte indicação :

“O deputado que deixar de comparecer a 15 sessões seguidamente perderá o direito ao subsídio, enquanto durar a sua ausência, salvo impedimento por motivo de doença previamente comunicado á mesa”. — (Dos jornaes)



*Costa Rego* : — D'ora avante quero este livro de ponto ! Só não perderão o subsídio os deputados que provarem estar doentes...

*Zé Povo* : — Muito bem ! Mas se a malandrice de outros funcionários públicos encontra tanta facilidade em ser attestada como *doença*, quanto mais a malandrice dos deputados !...

Nada vale o livro de ponto quando não ha uma virgula de consciencia e vergonha...

E... ponto final nas suas boas intenções !...

Pedro da Costa Rego. Caricatura de Storni. *O Malho*, n. 682, 9 out. 1915, p. 36

“O Sr. Costa Rego, com o seu melhor sorriso, o seu melhor charuto e uma alma de torcionário chinês, fizera apenas isto: redigira um projeto de tal natureza que os deputados, ou terão de perder o insignificante subsídio, ou serão obrigados a assinar o ponto e, por consequência, a estarem todos ou quase todos diariamente no palácio Monroe.”



Lauro Müller. Retrato de autoria desconhecida.

---

“Ontem, o Sr. Müller devia ter concluído a sucessão de capítulos, dos quais poderíamos extrair os aforismos guias de um país, além de declarações incisivas e patrióticas. Seria absolutamente impossível a alguém dividir a ação condutora de um povo, ação denominada política, em partes distintas, uma para uso externo, outra para uso interno. A noção biológica dos povos exige dos mais simples a compreensão de conjunto. Política é uma só.”

# UMA JORNADA EM MUITOPÓPOLIS

Os oficiais da Pátria



—Dessejam conhecer o Rio de Janeiro  
mais particularmente, Sr. João do Rio...  
—Pois, não. Vou chamar o Sena e vamos  
lá...



—...e não é um bicho?  
—Não Sr. Sena, não. Mas arrapalhem a medida... É a nossa política  
que está efectuando algumas deliquências segundo a lei.



— É essa gripe?  
—Infelizmente Capitão! Não há febre... Já tem a o ginecologista a fazer a grande Capital da grande República das  
grandes Estados Unidos da junção Brasil!



—Desta importância?  
—Esta casa é um gran senado do Congresso Nacional, onde, como vemos ao amargo, reina perfeita harmonia. Um dia  
vamos lá o nosso.



—Desejo voltar—dizem, a João do Rio desapparecer— como a um cidadão. Desappareçam os—compadres, quando houver  
a sua vez — Não se assustem, amigos! Ceda ao interesse do destino segundo para descom mais esse presidente eleito a sempre  
da empresa. É o seu primeiro amigo!

1. Fica que o Rio de Janeiro está dentro do território.

Coordenadoria de Publicações Semanadas / FBN

“Uma jornada [de João do Rio] em Muitopópolis”, por Gil. *O Malho*, n. 161, 14 out. 1905, p. 2

## O imposto de honra. Mirabelli mirabolante



CALÓGERAS — Agora, meus caros senhores, nós vamos fazer sahir dinheiro de dentro desses objectos.

Caricatura de J. Carlos. *Careta*, n. 417, 17 jun. 1916, p. 13

“Mas as ideias são como os hábitos e todos tinham fé em Calógeras, precisamente por ser ele de origem grega, com as boas qualidades helênicas; inteligência, empreendimento, agudeza, espírito. De modo que era uma dolorosa surpresa notar que Calógeras, quanto mais tempo passava no ministério, menos grego se mostrava, vendo-se positivamente grego para resolver os problemas financeiros que o presidente Wenceslau, de origem visigoda, desejava com pachorra adiar.”



*Grupo de alumnos em uniforme de passeio*

O exemplo mais frisante da resurreição do espirito militar vem-nos da bella e culta Curitiba, capital do Paraná.

A propaganda de Biliac, iniciada com o celebre discurso de S. Paulo, continua a produzir excellentes fructos. Em diversas cidades do Brazil fundam-so novas linhas de tiro e militarizam-se collegios e academias.

As nossas photographias representam um grupo de alumnos da Universidade do Paraná com o uniforme adoptado pelo batalhão escolar, e um outro com o seu completo equipamento de guerra.

*Careta*, n. 401, 26 fev. 1916, p. 17

---

“As vozes desses adolescentes enchem o salão virilmente. Eles não cantam como meninos inconscientes. Os versos simples com a sua imensa aspiração clangoram esperanças. Com o coração apertado, eu imagino exatamente o grande Brasil, que precisava fazer o que afirmam os versos: misturar, ligar, plasmam moralmente a unidade patriótica do sul, do norte, do centro e do litoral.”



*Caretas*, n. 388, 27 nov. 1915

“Pode-se fazer de cada soldado um patriota fervoroso, sem oratória, sem explosões retóricas: o soldado alheio à política, o soldado orgulhoso de ser disciplinado, de ser o músculo da Pátria.

A propaganda de Bilac surtiu nos quartéis o desejado efeito. Poderia mostrar-lhe as canções que os soldados cantam em marcha para o exercício.”

## OS IMMORTAES

Teve desusada solemnidade a sessão da Academia Brasileira de Lettras em que tomou posse de uma cadeira de *immortal* o conhecido escriptor Paulo Barreto. (*João do Rio*).



Entrada de tra's uma alma na Immortalidade...

*O Malho*, 20 ago. 1910, p. 20

“Sebastião Cícero dos Guimarães Passos foi a última fisionomia do romantismo. [...] Morreu quase jovem de corpo e com a alma de uma época que não envelhece, mas se classifica. Era egoísta fantasista, era o egoísta bom. Quem o substitui trocou sempre a quimera pela curiosidade, o entusiasmo pelo fato, o próprio sentimento pela sensualidade dos sentimentos alheios. Veio para a vida ver. Ele foi ator. Eu sou espectador.”

ridículo talvez, o combate-reclamo, o combate-propaganda, falsificando e mentindo, culpando e ladeando os fatos, discutindo a sério a Cultura e a Civilização. Os germanos já estavam habituados também a esse molde de batalha. Um dos seus sábios, antes da guerra, escreveu um livro para provar que Jesus Cristo era germano. É difícil ultrapassar convicções de tal ordem. Os outros povos na hora angustiada pretendem comparar tendências sob rótulos diversos, discutindo o crime e as influências.

Essa segunda luta dá-me a impressão de dois alunos de liceu que, em vez de discutir o tema: qual é maior, César ou Napoleão?, fazem como num leilão o reclamo de dois armazéns do gênio humano.

A inteligência é uma força divina. Cada uma dela se serve como está marcado pelos deuses que vivem em nós e são os instintos. Dada a guerra, a necessidade é definirmo-nos e lutar. Os fracos são os que se não definem. A Alemanha, isto é, o sonho pangermânico, teve a sua definição furiosa em Guilherme II. O pretexto foi horrível, os meios morais são descabelados. Mas a outra parte do mundo sabe absolutamente com quem tem de haver-se.

As nações conscientes e os governos menos fracos ligaram-se. A luta é indecisa ainda neste momento. Dá-se sobre a terra o caos de fogo e sangue. Ninguém pode dizer o que será o dia de amanhã. Para os neutros o Destino é o mesmo. Vença o poder unido, o *zucht*, ou vença a união pessoal do livre arbítrio – esses neutros terão de ter o papel dos gregos depois de Alexandre. Curvarão a cerviz, ancilarmente. Depois da guerra o

mundo será inteiramente outro, com um único princípio de pé, o princípio de todos os tempos — o da supremacia da força, que ninguém sabe onde ficará.

A declaração de guerra da Alemanha a Portugal, declaração fatal e provocada pela requisição dos navios mercantes no porto de Lisboa, causando aqui a sensação profunda, trouxe comentários. Há um:

— Que vai fazer Portugal? Que pode ele?

Eu acho que pode muito. Mesmo que os germanos vençam na Europa inteira e invadam Portugal, há uma verdade sobre-humana que é a realidade moral da ação. A Bélgica era, militarmente, insignificante. A Bélgica definiu-se. Não existe momentaneamente. Mas, nunca foi ela tanto uma grande pátria, uma nação, um povo. A Sérvia, aguerrido joguete das combinações do equilíbrio europeu nos Bálcãs, diante da brutalidade humilhadora e covarde das imposições austríacas, tremeu um segundo. Deixou de ser nesse rápido colapso o povo sérvio para ser varrida, dominada, engolida, de novo a grande Sérvia. As nações quase inexistentes, como poder militar, nascidas do desmembramento da Turquia, na península guerreira, cumprem o seu dever, vivem. A Grécia, nesse turbilhão, tentando lucros acomodaticios, é de um sinistro ridículo.

Portugal, desde o começo da guerra, prestou o seu auxílio d'armas àqueles de quem era aliado antes da guerra. Não teve hesitações. Não estava em causa diretamente. Deu canhões à Inglaterra e correu à África a recolocar no seu lugar os germanos invasores. Povo

e governo mostravam as mesmas qualidades generosas que na história do mundo dão a essa terra um privilégio singular de saúde moral. As influências, as sugestões, o trabalho germânico das conveniências, esse trabalho subterrâneo em que os enviados de Guilherme II são inexcedíveis, puderam retardar o ímpeto definitivo. Mas Portugal agiu, e esse ato provocador, tenha as consequências que tiver, é um grande e formoso gesto! Nunca Portugal foi tão moço e tão seguramente demonstrou as qualidades essenciais da raça. No turbilhão de fogo e sangue que transforma o mundo, ele entra com a clara simplicidade dos seus antigos heróis, com esse espírito de liberdade e independência que salvou sempre a pátria, mesmo quando os reis fugiam.

Os comentários, porém, continuam:

— A loucura desse gesto no momento do pan-iberismo espanhol, quando a Espanha aprestada tem tantas simpatias germânicas!

— Mas, mesmo que assim seja, uma atitude neutra modificaria o que tem de ser depois da guerra?

A essa pergunta ninguém responderá senão pela negativa.

Para os que percorrem os países, entre vendo na vida comum a sua vida moral, Portugal é, neste momento de guerra, o velho carvalho em que brotam as folhas de uma nova primavera. E, como nessa terra de conquistadores-poetas, de soldados-poetas, em que até o povo fala em verso sem sentir, o poema épico marca os instantes maiores, eu penso involuntariamente nos ciclos que as epopeias cristalizaram e vejo os cimos que são símbolos.

O momento do esplendor, Camões dilatou-o. Camões é o livro dos livros, a bíblia da força, do triunfo, do domínio e da esperança da raça, a origem esplendorosa da conquista, dessa fascinação lusitana que continua individual em cada português pelo mundo afora. Depois de Camões, Junqueiro. Nos poemas desse gênio, a maior dor soluça o pavor do fim da coletividade, sob a indiferença das dinastias. Compararam Junqueiro a Juvenal. Juvenal é um burguês zangado. Junqueiro é um profeta, que põe de pé o povo a chorar e a rir de desespero e de raiva. Os vates são os únicos *duces* sem derrotas. Esses poemas eram lágrimas de fogo que se fizeram estrelas guidoras. Todo Portugal de agora sentiu a indignação redentora de Junqueiro, mesmo quando não o tenha lido. Ele negou para erguer. E ergueu. Na juventude que inicia a obra de glória, logo como prova de renovo surgiu o novo símbolo. Não é o Gama que abre as portas da Terra e cria mundos protegidos dos deuses. Não é o Doido infinitamente trágico clamando a sua incomensurável dor incompreendida. É Anteu,<sup>156</sup> o que se bateu com Hércules, o edificador de cidades, o portador da fé no ignoto. E, quando, nesse poema de João de Barros, todos nós choramos a lapidação do novo símbolo de Portugal pela turba inconsciente à instigação do tribuno, o eterno inimigo do sonho, que é a grande verdade humana, vemos que marinha pelas pernas

---

156. Filho dos deuses Poseidon e Gaia, quase invencível quando em contato com a terra por conta de sua mãe; desafiou Hércules e foi vencido quando este descobriu sua fraqueza, esmagando-o no ar.

do negador miserável alguém. É o filho de Anteu, é a indestrutível força pura da raça, que continua e quer. E o próprio tribuno o tem de erguer humilhado da vontade, para que ele, a esperança, o novo, o dia de hoje, o Portugal de agora, veja com o seu desejo imenso os navios que voltam carregados de glória!

Não foi jamais a prudência o celeiro da glória. Com prudência, que é o medo a frio, o susto permanente, os homens não são homens e as nações não existem. Prudente, o homem não teria deixado a caverna para edificar este jardim de penas, de lutas feito e refeito que se chama a terra. Com prudência, a vida humana seria a da toupeira. A história não é senão uma cronologia de audácias. Os audazes vencem sempre, firmando-se à memória dos povos. Os símbolos das pátrias são os audazes, e os povos audazes são os admiráveis.

Neste momento crispa-se a terra de audácia e heroísmo. Essas qualidades são fúria em Guilherme, o desencadeador do ciclone. Mas por todos os lados estalam raios e cada homem, e cada povo cumpre o seu dever de projeção. Os germanos que amontoam milhares de mortos em torno de Verdun,<sup>157</sup> podem praguejar ameaças terríveis. É possível que haja ainda mais povos em luta em próximo futuro! Portugal mantém as suas qualidades de audácia. Está vivo. Está Portugal. Integra-se na corrente. E por maiores desastres que venham, o seu nome viverá com desassombro na memória da horrível tragédia transformadora.

---

157. Batalha de Verdun entre exércitos franceses e alemães, uma das mais importantes na Grande Guerra de 1914.

O passado só pode ser compreendido como a força do presente na fé do futuro. Na avalanche de milhões e milhões de homens, a morrer e a guerrear, esse desaparego orgulhoso de um pequeno povo é uma certeza. Vejo nele o Portugal sempre moço e airoso, sadio de alma e corpo — com essa saúde espantosa a que não ousam atacar nem mesmo os climas selvagens e os venenos cruéis das terras inóspitas, com essa vontade pura a que todas as forças da natureza se submeteram como mulheres trêmulas de gozo, com essa coragem que o atirou sempre contra o invasor... másculo, airoso, adolescente, o Portugal que inventou o Atlântico para passar por onde ninguém passara, e ainda outro dia fez na América a minha terra, atravessando oceanos de florestas, como atravessara a ríspida floresta dos vagalhões irosos.

Não pensemos no futuro. Ninguém pode saber o próprio futuro neste momento. Nem nós na América — o nosso. Não tenhamos ódios. Não se trata mais de homens. Eles morrem aos milhares, de minuto a minuto. Trata-se da vitória ou da derrota de duas correntes humanas, de dois princípios de domínio. Entre fogueiras e sangueiras há um ideal pelo qual as raças combatem afinal sem máscara, sem hipocrisia. E nessa luta, o gesto de Portugal é de tal desaparego e de tão ardente fé, que ninguém com alma e com fé poderá deixar de louvá-lo cheio de entusiasmo!

## Conselhos

Como Jorge acabasse o seu curso de direito, em que consequentemente devia ter aprendido os princípios de justiça que são a moral, lembrou-se de seu padrinho, o conselheiro Guedes, homem rico, e daí com o direito de ser esquisito e mal-humorado sob o sorriso benévolo de irreduzíveis amizades. Jorge é um belo rapaz, dança o tango, vai casar com uma menina que em vez de saber coser, sabe compor alexandrinos, redondilhas e até mesmo uma espécie de “cana-verde” métrica posta em moda pelos poetas suburbanos e intitulada “canto real”. Apesar disso, porém, Jorge não tem dinheiro e o seu desejo, indo em visita ao padrinho, era convidá-lo a montar o escritório, entrando com alguns contos de réis para as despesas de instalação da vida de um jovem advogado. Assim, quando passou à sala onde o velho conselheiro tomava uma taça de camomila, Jorge estava doce, amável e paciente.

— Com que então, bacharel? fez Guedes.

— Enfim! Venho, antes do mais, pedir a sua bênção.

— E pretendes trabalhar?

— Honestamente.

— Quer dizer que continuas palerma?

— Padrinho!

— Não te escandalizes. Tenho por ti uma certa estima.

— Obrigado.

— Esperava, pois, a tua visita para te dar alguns conselhos, filhos da experiência e da reflexão.

— Ah! articulou Jorge, preparando-se para fingir que o escutava.

— Senta-te aí...

O conselheiro engoliu a sua camomila, limpou a bígodeira, foi sentar-se numa cadeira de balanço, pigarreou, e, olhando fixamente o afilhado, falou:

— O primeiro erro da tua vida foi aprender para agir. Desde que no Brasil se deu a transmutação dos valores, o homem que vem para a vida, com a pecha de saber alguma coisa, é o cidadão que organiza esquadrões de inimigos, sem estar armado. Lês os jornais? Suponhamos que sabes de fato alguma coisa. A maioria dos cavalheiros que arranja a vida, toma conta das posições, faz negociatas, é composta de espertos ratos que sabem ler, sendo analfabetos. Primeira desigualdade. O saber é como a religião: dá escrúpulos. Tu, se não fores um canalha, terás escrúpulos, pensarás na opinião que os outros possam ter a teu respeito. Os

ignorantes ávidos pouco se importam, tendo o que tu não terás: topete. Ora, topete é o único substantivo de uma sociedade que se cristaliza em torno de um verbo do mau calão.

— Que verbo?

— O verbo achacar.

— Padrinho!

— Achacar compreende desde o assalto até a chantagem. Mantendo a hipótese de que tu saibas alguma coisa, é certo que não tenhas o topete de discutir assuntos que não estudaste, sendo capaz de mudar de opinião da noite para o dia. Os outros não têm opinião, têm garganta para gritar e engolir e tornar a gritar. Não é possível ver-te como os homens aos quais no tempo de Pedro II ninguém apertava a mão, descompondo o que elogiaste na véspera, nem tampouco pedindo ou ameaçando de escândalo, para que te abram os cordões da bolsa. Ficas em posição inferior na concorrência.

Esse é, entretanto, o inconveniente primordial. Há outros. Um é a atenção de todos esses patos fingindo de gansos, a atenção desconfiada dos patos por ti, ou antes, contra ti. Esperam a cada momento estraçalhar o sujeito que sabe mais e que, no seu obtuso conceito, levará mais vantagens. Se não deres motivo, atacar-te-ão sem motivo, pelas tuas camisas, pelo teu bigode, pela tua amante. Serás infalivelmente, por exemplo, plagiário. Imagina um batalhão de ratos diante de uma águia. Ou roubam-lhe as penas como acontece em raros casos, ou guincham que a águia nem gralha é. No ambiente da

desconfiança, se tu dizes mal de alguém, eles vão a esse alguém, pedem dinheiro e berram que tu queres o que eles já arranjaram. Se elogias — já miseravelmente engoliste de um trago o que eles não podem engolir num ano.

Pensará alguém nas posições com discernimento para ver o erro? Engano! O costume força-os a nivelar as situações, e não pedindo serás sempre com escândalo o maior explorador. Mas é incalculável o prejuízo da leitura, o pé-direito moral que ao edifício da alma dá o saber. Mesmo sem vergonha, tu farás inconscientemente elegância, estarás pedindo com gentileza. E sairás perdendo, porque diante de um banqueiro um moço de talento e o notável precursor pula-ventana, o banqueiro pode convidar para jantar o rapaz, mandando a notícia aos jornais com o fim de prendê-lo pela publicidade, mas cede logo e misteriosamente ao pula-ventana, e quem ganha é sempre o pula-ventana...

Não há maior erro do que saber nesta terra!

O jovem Jorge sorriu.

— Não se aflija o padrinho. Eu apenas formei-me. Mamãe fazia gosto e depois, bacharel sempre é um título que auxilia. A gente pode ser delegado de polícia e secretário de legação sem concurso. Não tive tempo de estudar, mesmo porque o regular parecia — formar-me para depois estudar, caso fosse preciso:

— Não é.

— Ainda bem. Adivinhei!

— Com a divina intuição do momento. Tens assim um campo aberto para a única conquista da vida.

— Qual?

— O dinheiro! Podes conquistá-lo anonimamente ou nas posições de mais destaque. Sem saber nada, sem escrúpulo, com topete, conseguirás o teu fim, a ação permanente do verbo achar, ou pelo método sombra ou pelo método holofote, mas sempre gritando, ameaçando e descompondo.

— Só?

— Apenas se soubesses alguma coisa, eu falaria do frenesi que sacudiu o trono de Luís XVI<sup>158</sup> e pensaria na grande revolução. Mas seria idiota, porque, não sendo o Brasil ainda um país, as revoluções acabam como a oposição ao Hermes, para dar a comida a patos, cuja goela gritava moralidade, querendo apenas encher o papo. Como não sabes nada, como te fizeste bacharel sem pensar um momento na tua pátria, como és inteiramente igual aos outros, é mais simples falar. Basta dizer-te: segue o exemplo alheio, o exemplo evidente, sê paródia de ganso, grasna!

— Padrinho!

— Não sejas amigo de ninguém, certo de que ninguém é teu amigo senão por interesse. Queres um emprego? Descompõe, chama de ladrão, de bandido. Depois farás as pazes, se te convier. Exercita o regime moral da “faca aos peitos”. Há muito tempo que

---

158. Luís XVI (1754-1793), rei absolutista da França quando eclodiu a Revolução de 1789, foi mantido como monarca constitucional em 1791, mas acabou acusado de traição à revolução e condenado à morte na guilhotina.

não há mais oradores no Brasil. Mas, em compensação, temos a febre do falatório numa língua que assegura a João Ribeiro<sup>159</sup> a excelência da supressão de Camões nas escolas. Fala! Não precisas provar coisa alguma, nem estudar. Fala! Descompõe na Câmara, descompõe nos *meetings*, descompõe nos jornais, descompõe pelas esquinas. Desde que te coloques, como os outros, na convicção de que todos são uns refinados malandros e tu só o homem de bem, desde que berres diariamente essa opinião pessoal, o público dar-te-á credito e poderás achacar à vontade, sempre em nome da moralidade.

A moralidade é, foi, será a maior arma do mundo. Não há canhão alemão, não há gás asfixiante, não há torpedo, não há principalmente gazua mais formidável que a palavra moralidade. E, se soubesses alguma coisa, eu lembraria que ela foi sempre usada pelos ignorantes, para o bem ou para o mal, conforme os ignorantes, mas sempre como um “abre-te, sésamo” miraculoso. O cristianismo, para vencer, chamou a moralidade. Todos os definitivos savandijas<sup>160</sup> também gritam pela moralidade, ou antes, contra a imoralidade. Como agora aqui, o batalhão regenerador...

Não sei o que pretendes ser. Mas, bacharel, sem ter estudado, podes ser tudo, tens o direito de ser tudo, até presidente da República, contanto que grites com ar decidido: Precisamos moralizar essa corja!

---

159. Crítico literário e filólogo brasileiro (1860-1934), além de membro da Academia Brasileira de Letras, polemizou o uso da língua ao defender uma escrita mais livre e flexível.

160. Parasitas.

— Mas, padrinho, pode haver uma reação.

— De que gênero? Pancada? Tiro? Isso é raro. Arma-te de um capanga e fica tranquilo. Defesa dos atacados? Nada adianta. Ataque contra ti? Melhor. Sobes de valor. A questão é ser bem reles, bem terra a terra nas desconponendas e incessante. O principal é tratar de tudo o que ignoras, chamando de ladrões os mais puros e os mais inteligentes, como os mais teus colegas... A sociedade tem positivamente agora a impressão de um pesadelo. Não acredites que os transeuntes estão refletindo e agindo sadiamente. A miséria do grasnar insaciável criou uma atmosfera de obsessão involuntária, de que o eu de cada um é incapaz de se libertar, como nos pesadelos em que os corpos ficam imóveis e o subconsciente acompanha o delírio, em que muito sujeito visceralmente honesto pensa estar executando com prazer ou acompanhando as torpezas dos outros. Há mais de dez anos grita-se em cada canto: ladrão! Há mais de dois lustros só se ouve falar de canalhas e de patifes. Recorre a qualquer livro de medicina legal e verás como a opinião das multidões se faz de repouso das opiniões de uns sobre os outros. A convicção geral é que todos são uns bandidos. Como esses bandidos são sempre felizes e os que os acusam ficam também provavelmente indecentes negociastas, a multidão acha que o roubo é uma necessidade agradável. E como é assim, todos, na medida dos próprios recursos, estabelecem o dolo como hábito. Destarte, graças à raça dos tribunos, estabeleceu-se a crise aguda da corrupção. Nunca houve no Brasil tantos desvios de dinheiro, tantas ladroei-ras de gente no fundo honesta, tanto crime de roubo,

dos estabelecimentos particulares aos servidores do Estado. A um indiferente eu diria:

“Precisamos abrir uma janela para arejar essa miséria; precisamos formar uma liga de estranguladores dos patos que fingem de gansos; precisamos impor a vergonha a essa gente, que corrompe o país inteiro, achacando aos berros de que está moralizando.”

Mas eu sou teu padrinho, teu amigo. Segundo a igreja, teu segundo pai. Desejo a tua felicidade. Devo dar-te conselhos práticos. Entra na vida sem escrúpulo. Descompõe, insulta, berra. Sempre! Serás tudo o que quizeres!

Jorge ouvia sorrindo o insuportável Guedes. Guedes ergueu-se, Jorge também. E, ultracontemporâneo, depois dos conselhos do velho conselheiro:

— Seguirei à risca, o que me diz. Mas, antes, precisaria que, como um verdadeiro padrinho, além de conselhos, me desse cinco contos para montar o escritório.

Então o venerável conselheiro Guedes alisou a bigodeira e concluiu:

— Combinado, assinando tu uma promissória, para te ter na mão quando tu fores perigoso.

E, modernamente, padrinho e afilhado apertaram-se as mãos...

# Mendigos

Com a sua displicência de infinito bom-tom o jovem deputado Gustavo Barroso<sup>161</sup> descalçou a luva e redigiu indicação a propósito de um caso que precisa ser regulado: o dos imigrantes inúteis, inválidos. Imediatamente souberam os povos de uma coisa fatal — é que também já tratara do caso há muitos anos o edil Leite Ribeiro,<sup>162</sup> o homem dos dez mil projetos. Ficou assim a burguesia da municipalidade de acordo com a elegância da representação federativa. O Conselho disse a urgência de pôr em ordem a miséria que vem do exterior. A Câmara propõe que se veja isso, quando houver tempo, o opulento, rápido e avaro tempo...

A minha palavra não tem valor algum. Mas, por um acaso, faz-se forte por acompanhar a do já venerável

---

161. Escritor e político brasileiro (1888-1959), um dos mais importantes ideólogos do nacionalismo xenófobo e antissemita no Brasil.

162. Barão de Santa Margarida (1865-1936), financista brasileiro.

Leite e a do representante, senão do voto autêntico do Ceará, pelo menos de uma brilhante mocidade, cultora do diletantismo espiritual em todas as manifestações da vida. Concordo com Barroso. Concordo com Ribeiro. E, como há mais maneiras de concordar do que de projetos tem o esforçado Ribeiro, concordo por ideias que nem Barroso nem Ribeiro têm — pela situação assustadora do mendigo interno.

É preciso ser idiota para encarar o mendigo sob outro aspecto que não seja o social, e eu reconheço no mendigo qualidades de ensinamento só compreensíveis na filosofia psicológica — ciência do frio raciocínio, que aniquila o sentimentalismo. Antes de saber do projeto andava furioso com um mendigo que amofinava o meu charuto e a minha digestão, à saída de um restaurante. Neguei-lhe sempre o níquel, que podia subtrair a abundância dos níqueis dados ao garçom, proprietário de duas casas na minha rua. No dia em que li a notícia do encontro de ideias dos dois representantes da vontade eleitoral, ao saltar de um bonde, vi o irritante pedinte prestes a conseguir a moeda da bolsa de um transeunte. Ia defender o transeunte. Mas a moeda caiu antes do tempo, o transeunte seguiu e eu vi o mendigo, que vinha na minha direção, beijando em êxtase o tostão. Entrou numa padaria, louco. Nem me viu. Essa desconsideração chocou-me. Tanto mais quanto estava resolvido a considerá-lo um símbolo da humanidade, diante do Dinheiro, o único Deus da Terra, beijando o tostão como quem beija a imagem de Jesus. Assim, limitei-me à certeza apenas de que era um homem com fome.

Surpresa amarga! Dos homens com fome não há nada a fazer de bom. É incrível o que eles têm de opiniões diversas dos outros. A barriga cheia é um excelente regulador da civilização. O estômago vazio é o desastre. Chega a não dar outras ideias senão a de comer, e permite muito bem o ódio e a desconfiança.

O drama do tal indivíduo com fome — verdadeiro paradoxo num país de explorações como este, em que há vinte anos ao menos acusado dos dirigentes não deixam de atribuir o crime de ter ficado com uma mobília, a fatal mobília de sala — é aliás uma das muitas histórias de mendigos extravagantes da minha vida. Não dou esmolas aos mendigos para não me enfraquecer moralmente, cultor que sou de princípios nietzschiannos. Mas, por leituras, desde Sócrates, o Elegante da Vontade na Miséria, observo curiosamente.

O mendigo é feito de contrastes. Tem a felicidade de não ter que ter honestidade. Não pode haver honestidade no zero, sem esperança de uma unidade à frente. A honra é uma qualidade de que se faz questão nos outros, que não sejam mendigos, isto é, sujeitos sem ambições, incapazes de causar inveja. Ter honestidade é quase sempre ter medo de perder várias coisas conquistadas contra os outros e que os outros esperam retomar de cumplicidade com os códigos.

O mendigo é zero. Não tem honestidade, não a pode ter. Entretanto, tenho encontrado mendigos com esse preconceito necessário à boa mesa, à boa cama e à boa e honesta canalhice inteligente. Uma vez, em Paris, saindo do meu hotel para uma noite de desperdício, uma velha aborrecida pediu-me uma esmola. Não

possuía senão ouro. Recusei. Mas, como eu fizera o gesto de mostrar a moeda e aparecera a respeitável figura de um *sergent de ville*,<sup>163</sup> a mulher suspirou:

— Salve-me, senhor, ou eu vou para a prisão!

Achei demais a prisão, e estendi o luís:

— Vá buscar-me uma caixa de Khedivas.<sup>164</sup>

A mulher correu com os meus vinte francos e eu segui aborrecidíssimo. Tanto mais quanto a autoridade olhava para a minha caridade com um pouco caso consternador. Nessa noite paguei uma ceia caríssima, distribuí dinheiro a todo o pessoal mais ou menos ladrão do estabelecimento. Quando voltava, às quatro da manhã, à beira do hotel, sob a neve, lá estava a mulher.

— Merci, monsieur, merci infiniment! Voilà vôtre paquet de cigarretes...

E estendia-me os cigarros com o troco. Esperara seis horas, a morrer de fome, para restituir uma soma que lhe daria quatro dias admiráveis. Fiquei tão espantado que guardei os cigarros, guardei o troco, depois de dar uma larga gorjeta ao chofer. Um dinheiro imprevisto, o prêmio da loteria da honra na miséria! Francamente, desorganizava... O absurdo da honestidade em alguns mendigos é acompanhado do medo. Quem não tem o que perder tem sempre o que ganhar. Pois, para nossa salvação, os mendigos têm também medo. Todos! Com

---

163. Agente policial encarregado de manter a ordem em lugares públicos.

164. Marca de tabaco.

a mão na consciência, que também é uma bela moeda com livre circulação — a maioria dos cidadãos que andam aí gastando dinheiro é que devia ter medo. Não se enriquece senão com o negócio, o trabalho da esperteza — o blefe ou a ladroeira. Entretanto os mendigos que esperam à porta dos hotéis não se lembram de entrar por ali...

Haveria vários meios de entrar, à maneira dos que comem com fartura. A intriga, a calúnia, a subserviência, a força, o insulto, o assassinato. Os mendigos tremem de medo. — Ponha-se fora! é ordem definitiva. Eles recuam, logo. E, à ideia da polícia, desaparecem. Mas por quê?

Refleti que a maioria dos mendigos tem esse aspecto pusilânime por uma evidente falta de contaminação literária — porque alguns falsos mendigos, quase todos leitores do jornalismo independente, são, como ninguém ignora, impertinentíssimos, tocam as campainhas das casas, entram pelos restaurantes, desprezam a polícia, gritam. Mas depois atentei que esses são os exploradores, têm o estômago cheio, escapam à psicologia de mendigo autêntico. Naqueles há o malandro, neste o estômago vazio. A câibra do estômago é o plasmador do último, desenvolvendo qualidades perniciosas.

De que serve a honestidade, sem motivo algum para ser honesto, desde que a situação de mendigo é um estado final mais desprezado do que o de gatuno? De que serve o medo, quando tudo quanto possa acontecer tem de ser para melhor, inclusive a cadeia? Será, secreta e misteriosamente, o amor da liberdade, o medo de perder o único bem de andar livremente?

Os mendigos, feitos pelo estômago vazio, são, na sua negatividade atravancante, possuidores de uma qualidade superior: desconhecem a amizade e desconfiam dos homens, mesmo na exibição da caridade. Parecem-se com os super-homens e com os animais. Os animais têm apenas o sentimento da espécie durante um certo tempo. Há mendigos que pedem para os filhos. Mas não têm amizades, desta amizade contemporânea de todos os séculos — cooperativa de auxílios mútuos, em que se encontram inumeráveis ladrões. Um animal é capaz de ser amigo do homem. O mendigo é capaz de ser amigo de um animal. Mas, assim como num campo de bois, os bois não demonstram amizades, assim como num bando de lobos, os lobos andam juntos sem intimidades, assim acontece com os mendigos. Mais. Com os animais a dificuldade está em saber até onde eles compreendem e até onde eles deixam de compreender.

Com os mendigos tem-se a certeza de que eles nos compreendem apenas até a desconfiança...

Por isso, as histórias de mendigos são como as fábulas do alegre Esopo<sup>165</sup> e do incorrigível La Fontaine. Metemos nelas tudo quanto os mendigos não dizem, nem diriam. Metemos as lamentáveis opiniões deste vasto edifício da Bolsa, que é o mundo e de que eles são as desprezíveis sujeiras.

Entretanto, do seu impenetrável segredo, que talvez não exista, quem sabe? irradia como uma fotosfera

---

165. Na Grécia Antiga, autor de consagradas fábulas, gênero do qual teria sido o criador.

a expressão da fatalidade. Eles resignam-se, eles sujeitam-se, eles não esperam.

O príncipe Çakia Mouni,<sup>166</sup> em cuja mão imóvel fizeram ninho os pássaros, esperava a dissolução no nada. Os santos na Tebaida<sup>167</sup> comiam gafanhotos, à espera de Deus, que, nesse tempo, organizava um partido político e era forçado a aparecer aos crentes. Os normais de hoje em dia podem correr as ruas com fome, mas correm com a esperança no Dinheiro, com ódio aos que têm dinheiro. Cada homem arrasta uma dose de infâmia capaz de empestar o orbe e não empestam porque morrem em vez de rebentar e uns contra os outros protege-os a vacina da mesma carga.

O mendigo vive sem esperança. A sua vida é o mesmo dia morno, opaco, igual.

O mendigo fica como os animais. Um pouco pior: caça restos e migalhas, estendendo as mãos. Tem medo dos homens, desconfia deles, não os ama, não espera e existe sem vergonha alguma, sem vergonha dos andrajos, sem vergonha da fome, sem vergonha de não ter onde dormir, com a coragem de um sem-vergonhismo épico.

A princípio, quando era uma opinião indiscutível a impossibilidade da miséria na cidade e considerando cada mendigo um transformista explorador, fui

---

166. Outra denominação de Sidarta Gautama, o Buda; também grafado Śākyamuni (“sábio dos Shakyas”, a região onde nasceu).

167. Região ao norte do Egito onde eremitas cristãos se refugiaram ao longo do primeiro milênio.

ver algumas hospedarias de bairros suspeitos, à hora morta. É, como ninguém ignora, desagradabilíssimo. Vendo dormir em torno de sentinas sufocantes velhas lamentáveis, tinha-se a certeza da miséria. Mas, depois, nem mais foi preciso aborrecer os delegados e os comissários e os donos dos albergues, que paulatinamente enriquecem dando o teto a essa gente. Há tantos que dormem ao relento! Outro dia morreu um velho nas escadarias de mármore do Mourisco, como num conto oriental. Em outras escadarias de outros monumentos magotes silenciosos enrodilham-se alta noite. Pelos gramados verdejantes das avenidas, cuja luz é um desperdício de nababo, as manadas dos ex-homens resfolegam.

Talvez a crise, a falta de trabalho aumentem os mendigos de um superávit transitório, o único superávit no Brasil. A minha atenção vai, porém, para as velhas que andam perdidas, e para os velhos respeitáveis que se sentam nos bancos com dignidade.

Fortes seres esfomeados, sós, absolutamente sós, sem um carinho, sem um coração, sem uma enxerga, sem uma vontade, sem uma queixa, sem uma revolta! E passa tanta gente de automóvel, pensando em fazer mal pelo prazer de fazer mal! Que infinitas coisas não dizem essas figuras graves? Pensarão? Tiveram passado? Terão saudades? Ódio? Indiferença? Sem mais nada eles são, entretanto, invioláveis. Ninguém saberá jamais o que está por trás dos instintos famintos que suplicam a migalha como os rafeiros, fogem espavoridos da ameaça humana, e guardam tão desconfiadamente,

tão desprezadoramente o segredo talvez inexistente da alma...

Por isso eles são desinteressantes. Estão perto de nós e estão a milhões de léguas. Não têm mais nada de comum com os nossos sentimentos, as nossas ideias. Um deserto separa-nos, transformando-os: a fome. E deserto maior aqui, neste faroeste de bambochata civilizadora — porque todas as obras de governos e de particulares, tendentes em outros países a diminuir o insistente espetáculo, continuam a ser inteiramente desconhecidas. Nem o governo, nem a municipalidade, nem os particulares pensam na miséria. Só a natureza, sem culpa alguma, aliás, e para desprazer dos elegantes, protege-os um pouco, mantendo eternamente o calor, o calor que no dizer de um homem ilustre é o tempo que não dói...

O diabo é não haver albergue para alojá-los! Nem albergues, nem outras coisas, nem mesmo — oh! céus! — verbas, dinheiro! As leis, as medidas de repressão contra a horrível lepra social (como se diz em estilo indignado) são alegorias que servem apenas para os miseráveis policiais escorraçarem do banco esses impertinentes, aos quais a sorte não quis fazer ministros como a outros mais perigosos farroupilhas, mas da inteligência, e que transitoriamente respeitamos.

Por que manter a mesma criminosa indiferença, deixando entrar também os miseráveis estrangeiros, quando já temos demais nacionais para assustar a gente, e morrer pelas ruas?

Assim, a indicação de Barroso, já pensada por Leite,

vale como a única prova de que pensamos nos mendigos — proibimos a concorrência estrangeira. Nada mais moralmente elegante num país protecionista.

## Substitutivo

Um deputado, o Sr. Costa Rego,<sup>168</sup> cujo nome aparece diariamente a fazer discursos, defender projetos e pedir informações ao governo, entrou outro dia pela Câmara com o seu melhor sorriso e o seu melhor charuto, sentou-se, pegou da pena e redigiu algumas linhas. Em seguida, com o seu melhor sorriso e o seu melhor charuto, foi até a mesa onde o Sr. Astolfo Dutra<sup>169</sup> parece dizer: — “isto aqui é de vocês”. Depois, sem remorsos, com o seu melhor sorriso e o seu melhor charuto, de novo se sentou. O sol continuou a brilhar. Os ventiladores continuaram a funcionar. A espécie humana, representada naquele pavilhão de exposições, não tremeu, não se agitou, não morreu. E, quando, à tarde, os jornais noticiaram o calamitoso crime do laborioso jovem, os transeuntes continuaram a transitar, integralmente descuidosos.

---

168. Pedro da Costa Rego (1889-1954), jornalista e político alagoano, dirigiu o *Correio da Manhã*.

169. Astolfo Nicácio Dutra (1864-1920), político mineiro, foi presidente da Câmara dos Deputados durante o governo Wenceslau Braz.

O Sr. Costa Rego, com o seu melhor sorriso, o seu melhor charuto e uma alma de torcionário chinês, fizera apenas isto: redigira um projeto de tal natureza que os deputados, ou terão de perder o insignificante subsídio, ou serão obrigados a assinar o ponto e, por consequência, a estarem todos ou quase todos diariamente no palácio Monroe.<sup>170</sup>

Pela primeira vez na minha vida tive pena dos deputados. Não por eles. Mas por mim, pelas diversas classes empregadas em divulgar-lhes as ideias, pelo país, pela Pátria incauta. Pela primeira vez pensei no cataclismo irremediável.

A Câmara já foi, em tempo, lugar aprazível. Era assim como um centro de conferências políticas estipendiado pelo Estado. Duas dúzias de deputados, que eram antes homens de espírito, e que por um prodígio providencial continuavam a ter espírito, faziam discursos, diálogos, pequenos ensaios, com linha e aplausos. Os outros, como acontece em todas as agremiações, ou iam lá e nada faziam, ou, o que era melhor — não apareciam absolutamente. Os repórteres menos febris, depois de ouvirem muita vez certos nomes na chamada do secretário, indagavam:

— Quem é o deputado Pantaleão?

— Ah! É um grande orador. Diz que não está para

---

170. Projetado para ser o pavilhão brasileiro na *Exposição Universal de Saint-Louis*, em 1904, foi reconstruído na antiga capital federal, onde sediou provisoriamente a Câmara dos Deputados, entre 1914 e 1922, e mais tarde o Senado Federal, de 1925 a 1930. Foi demolido em 1976.

perder tempo vindo cá.

— E o deputado Guedes?

— Em Paris, há dez anos, curando o reumatismo.

Para arranjar número nas votações, o deputado Neiva corria ao telégrafo. E, não contente com esse aviso, entre nós, talvez, vagaroso, tomava pela madrugada um carro de cocheira, puxado por duas mulas marchadeiras, e ia de porta em porta de deputado.

— Oh! o Neiva! Que saudades!

— Você hoje não pode faltar. É um sacrifício, bem sei. Mas, temos batalha. Trata-se de fatos sérios. Precisamos votar alguma coisa antes da prorrogação, que é dentro de quatro dias. O presidente falou-me...

— A você nada se pode negar. Vou, meu querido amigo...

As coisas corriam bem; o país progredia. Era delicioso ler nos jornais:

“A sessão de ontem, na Câmara, careceu de importância. Às duas horas da tarde não havia mais nenhum Sr. deputado no recinto.”

Mas, a vida é um contínuo imprevisto. Primeiro, estalaram na Câmara as legiões de novos. Todos os jovens deputados seguem o princípio de Nietzsche,<sup>171</sup> de que “o silêncio é a maior injúria”. E, como se julgam delicados — falam logo muito. Quase todos os jovens recém-nomeados parlamentares meditaram, mesmo sem a ter lido, a frase do Vince: “O pior erro dos homens

---

171. Friedrich Nietzsche (1844-1890) escreveu principalmente sobre moral, religião e cultura contemporânea.

está nas suas opiniões.” E, conseqüentemente, a Câmara foi, aos poucos, tornando-se inquietante para os espíritos tranquilos. Podemos dizer que os sintomas se manifestaram como para um estômago frágil uma indigestão de sarapatel. Só quando o novo presidente, Cincinato ribeirinho, largando o caniço meditativo pela rédea federativa, anunciou coisas severas sobre o mando do governo, e a verdade eleitoral, o espírito nacional, engolido o sarapatel e recebido o laxante do fim do triênio, julgou possível respirar.

— Vamos respirar!

Engano ledo e cego! O reconhecimento, exatamente porque não respeitara a possibilidade de eleições, deu como resultado uma erupção vulcânica de parlamentarismo em pleno regime; e o forte Wenceslau, olhando do Guanabara<sup>172</sup> (onde medita à meia-noite, como os sacerdotes caldaicos) aquela imprevista brigada estratégica de disparadores de palavras, em vez de calar-se, estendeu os braços e clamou, assaz inadvertidamente:

— Preciso do vosso auxílio para salvar a Pátria! Dizei as vossas ideias! O país agoniza na bancarrota!

Deuses inclementes que inspirastes a palavra de Wenceslau! Foi o desastre, o pior mal do brasileiro, que não sabe o que há de fazer: — a atividade.

Basta folhear a coleção do repositório da obra

---

172. Palácio Guanabara, residência na antiga capital federal dos presidentes da República, hoje sede do governo do estado do Rio de Janeiro.

parlamentar; basta folhear uma quinzena, uma semana, para termos a visão da assustadora atividade da Câmara. Há, naturalmente, prorrogações. Nunca, porém, por falta de número de homens com o ardoroso desejo de salvar a Pátria e de trabalhar. Estão todos lá, nervosos, de pena em punho e língua em riste.

Entra em cena, perdão, entra em discussão um projeto solene. Os deputados curvam-se nas carteiras e tome emenda. Não consultam uns aos outros, talvez não se leiam mutuamente, como os literatos no tempo em que ainda havia literatos. Trata-se de uma questão de desenvolvimento moral do país, a instrução, por exemplo? Todos são educados, todos entendem de pedagogia, todos têm lá a sua ideia. E lá vai emenda. O projeto é recolhido em estado comatoso e mais irreconhecível que certo S. Sebastião dos primitivos alemães. Trata-se dos interesses de uma classe: o corte no funcionalismo? Cada deputado acera a sua emendazinha, como defensor misto do funcionalismo e do Tesouro, apesar de saltar aos olhos a necessidade de medidas que represem a corrente burocrática para o futuro, mantendo os atuais, cujo peso no déficit é irrisório. E cada grande projeto é arrastado da arena, sem que se saiba bem como ficará ele. Os gladiadores trabalharam e defenderam livremente a Pátria! Mostram atividade!

Mas, há outros aspectos da atividade — o projeto e o pedido de informação. O deputado sente-se humilhado se não fizer um projeto. Alguns são simples

como o Sr. Vergueiro.<sup>173</sup> O honorável paulista pede, por exemplo, quinhentos contos para um monumento a José Bonifácio, arrançados pela loteria e decreta de utilidade pública a Sociedade de Escoteiros, considerando a vantagem do serviço militar obrigatório no Brasil. Outros são mais engenhosos. O Sr. Joaquim Osório quer, por exemplo, um foro especial nos delitos militares dos soldados de polícia; o Sr. Elias Martins reorganiza o serviço de registro civil como fonte de documentos do Direito Civil Brasileiro; o Sr. Fausto Ferraz está disposto a manter o Código Florestal com as multas contra os cavalheiros que não estiverem resolvidos a matar formigas, senhoras imensamente desprestigiadas nesta fabulosa época de cigarras. Cada deputado tem um projeto. Que digo? A obrigação é fazer, pelo menos, dois por semana. Há os que fazem três e quatro, conforme o estado d'alma e o tempo. O tempo, principalmente, porque o Sr. Wenceslau Braz faz questão de explicar os atos do seu governo, e de resolver o problema econômico com os incansáveis deputados, todos cheios de Zelo e Atividade.

Daí os pedidos de informações, uns solenes e graves, outros imprevistos, outros alegres, outros coléricos. Tudo fica como dantes no quartel de Abrantes. Os pedidos têm efeito no momento. Os ministros mandam informações interessantes quando querem. Neste caso, a Constituição é facultativa como o ponto nos dias santos, desde que o Sr. Wenceslau veio expressamente de Itajubá revogar as decisões do Papa, em atenção a

---

173. César Lacerda Vergueiro (1886-1957), morreu assassinado por um sobrinho.

certas senhoras e padres da igreja. Mas é interessante indagar do governo coisas. E ainda havemos de ver perdidos de informações no molde das perguntas de jogos de salão da roça:

— Por que o Sr. Wenceslau toma automóveis da garagem Antunes, quando tem automóveis em palácio — o que é desperdício ?

E essas perguntas encerrariam, afinal, projetos de economias tão dignos de atenção como muitos que lá têm brotado e estão brotando. Porque, no desespero agradável de economias, os pais da Pátria forjicam projetos econômicos de toda a sorte, desde os grandes aos pequenos. Há os substitutivos, há as emendas, duzentas, trezentas, dez mil emendas; há cavalheiros lembrando planos de grandes lucros, como a *régie*<sup>174</sup> do Sr. Irineu e o leilão do Sr. Baptista; há os modestos que cortam vinte tostões ali e chegam até quinhentos mil réis acolá, suprimindo coisas necessárias, como maquinistas, que, por economia, quiseram pôr a trabalhar em máquinas sem o pistão ou sem a caldeira. Cem projetos, cento e vinte salvaçãoes — Atividade!

Um cidadão de bom senso, diante da confusão, do fiorde de agitações, das pororocas de trabalhos, do vazio das ideias, da agonia da oratória, dos golpes na gramática, a aumentarem de mês para mês, de semana para semana, poderia interrogar:

---

174. De acordo com os métodos do Sr. Irineu (provavelmente Irineu Evangelista de Sousa, barão e visconde de Mauá, o grande empresário brasileiro do século XIX).

— Qual a utilidade de tudo isso?

Realmente. Não se vê nada de positivo, de útil. É a epilepsia parlamentar. E, como o Brasil é um país que neste momento oscila entre a “liberdade fastidiosa”, de que fala Plutarco, e a “atividade improfícua”, tão bem definida pelo Sr. Tobias Monteiro,<sup>175</sup> o resultado da liberdade enfastiante na Câmara é o delírio de atividades improfícuas. Assim como um bando de doentes, que tendo tempo e dinheiro, desenfastia atirando bolas de papel na corrente de um rio, que não lhes fez mal algum.

Apenas não são todos. O número de discursos, projetos, salvações e pedidos de informações é furiosamente colossal. Mas, mesmo assim, não estão todos os deputados. Há ainda uma porção de homens agradáveis que não vão à Câmara, que passeiam, tratam da sua vida, repousam no subsídio. Imaginem, depois do “ponto”, todos os deputados, duzentos e doze cavalheiros obrigados a ir ao Monroe, obrigados àquela atmosfera que incita as mais vãs fantasias e referenda com o selo e o cobre da Pátria todas as maluqueiras. Teremos o dobro dos discursos e projetos — porque esses senhores, lá estando, hão de fazer alguma coisa, e o mais fácil é imitar os outros. Nunca mais acabarão as prorrogacões; as sessões serão permanentes, de dia e à noite; o presidente, perplexo, sustará todas as decisões que porventura venha a ter até a terminação dos debates,

---

175. Tobias do Rego Monteiro (1866-1952), historiador, era também banqueiro e foi senador pelo Rio Grande do Norte.

que jamais terminarão. Sob um montão de papéis sem significação, agitado pelo vento arquejante de levar tantas palavras — o Brasil cairá em catalepsia. Será o desastre. Será o cataclismo. Será, enfim — o fim!

Pois foi isso o que pensou e pretende pôr em execução o Sr. Costa Rego, com o seu melhor sorriso e o seu melhor charuto. Saberá esse deputado o crime terrível que cometeu? Na sua consciência não haverá o Remorso depois que de lá saiu — o Ponto Parlamentar?

Diante desse projeto só há duas soluções. A primeira é rejeitá-lo a Câmara. E, neste período de sacrifício dos outros, ela tem esquecido tanto sacrificar-se, que ficaria muito feio recusar a prova da sua atividade freneticamente improfícua. A segunda, porém, contentará a consciência do Sr. Costa Rego, contentará a Câmara. Talvez contente o governo. E contente, de verdade, a Pátria. É um substitutivo que eu modestamente apresento ao tremendo projeto:

— “Art. 1o. Ficam todos os deputados obrigados ao ponto até duas horas da tarde, sob pena de não serem contadas as suas faltas pelo pagador.

Art. 2o. O expediente da repartição acaba, impreterivelmente, às três horas, suspendendo-se todas as sessões e reuniões em sinal de alegria por estarem vivos todos os Srs. deputados.”

# Diálogo

Quarto escuro.

MAGY SALOMÃO (*deitando-se de barriga para cima*): — Meu anjo da guarda, valei-me contra as tentações do pecado, as perdas no pôquer, os pedidos dos mineiros, o meu orgulho! Meu anjo da guarda, fazei que o governo de Wenceslau não fique atrapalhado e que se resolva tudo de modo a irmos descansar em Itajubá, quando Delfim Moreira<sup>176</sup> vier continuar a missão de Minas! Meu anjo da guarda, fazei com que se resolvam esses graves problemas que nenhum de nós compreende...

O ANJO DA GUARDA (*aparecendo de casaca e claque*): — Boa noite, meu velho!

MAGY SALOMÃO (*dá um pulo, senta-se à beira do leito*): — Quem é o senhor? Ainda algum pretendente a esse

---

176. Governador de Minas Gerais durante o governo de Wenceslau Braz, foi eleito vice-presidente da República em 1918 e assumiu a presidência com a morte do presidente eleito Rodrigues Alves.

insuportável Ministério do Exterior?

O ANJO DA GUARDA (*galhardo*): — Tranquiliza-te. Sou apenas o teu Anjo da Guarda.

MAGY SALOMÃO: — Não é possível; nada de brincadeiras.

O ANJO DA GUARDA: — Não negues, Magy, o que não compreendes. Certo pensavas que os anjos têm asas e são meninos com um sorriso de nimbo? Em erro laboravas. No céu há coisas que não existem no Brasil: hierarquia, respeito das funções, cargos conforme os méritos de cada um. Assim, temos lá em cima um verdadeiro funcionalismo sem adidos, divididos em classes sem receio de cortes injustos. Na primeira classe ficam os tronos, os querubins e os serafins; na segunda, as dominações, os principados e as virtudes, que são forças; na terceira, as potências, os arcanjos e os anjos.

MAGY SALOMÃO: — Que me diz?

O ANJO DA GUARDA: — A verdade. Dos anjos é que saem os anjos da guarda, encarregados do serviço externo individual, assim espécies de Lauro Müller de cada homem.

MAGY SALOMÃO: — Bem me pareceu que o senhor era do Ministério do Exterior.

O ANJO DA GUARDA: — Os anjos da guarda têm o poder de serem invisíveis e de se transformarem conforme o meio. Em Itajubá eu andava à vontade. Quando viemos para o Rio, refleti profundamente. Era preciso

conhecer a sociedade, fazer relações, compreender para te defender o governo.

MAGY SALOMÃO: — Por que também o governo?

O ANJO DA GUARDA: — Por uma razão muito simples. O anjo da guarda do Wenceslau viu-o com tanta sorte que pediu uma licença, deixando-te como o verdadeiro anjo guardião de sua excelência.

MAGY SALOMÃO (*assombrado*): — Eu, anjo?

O ANJO DA GUARDA: — Como não tens relações senão em Minas, o meu trabalho foi redobrado. Acumulei sem vencimentos. E o meu esforço desde o primeiro momento tem sido o balanço do Brasil, sem o método confuso da contabilidade do Tesouro, método que realiza o ideal brasileiro: não sabermos nunca a quantas andamos...

MAGY SALOMÃO: — Não é piada ao Calógeras?

O ANJO DA GUARDA: — O Calógeras não tem culpa de coisa alguma. Nem mesmo de ser ministro...

MAGY SALOMÃO: — Então, não deixa de me agradar a lembrança de ser eu o anjo...

O ANJO DA GUARDA: — E eu ajudo-te e tranquilizo-te. Ainda agora vinha da nonagésima festa que o Ayarragaray<sup>177</sup> tem recebido nestes últimos quinze

---

177. Lucas Ayarragaray, embaixador da Argentina no Brasil de 1912 a 1916.

dias, quando ouvi a tua súplica. “Vou tranquilizar de vez o bicho”, pensei...

MAGY SALOMÃO: — Que bicho?

O ANJO DA GUARDA: — Tu. É um modo de falar. Eis porque me tornei visível, e aqui estou à beira da tua cama, para dizer-te sinceramente: dorme, o mundo é nosso!

MAGY SALOMÃO: — Que me diz?

O ANJO DA GUARDA: — A verdade. De fato, a situação não pode ser pior. Mas, para encará-la, basta estudar um pouco a alma do Brasil, retorcida e aniquilada quase pela farandolagem egoística da politicagem. O Brasil é fatalista, sem finalidade como ideal. A questão principal no Brasil foi sempre não levar a cabo qualquer empresa, seja de que ordem for, de fazer propositalmente errado, de entregar-se nas mãos dos outros com preguiça de trabalhar, imaginando malandragens e sendo explorado nessas malandragens. De um modo superior: a indecisão, que tudo consente.

MAGY SALOMÃO: — O senhor não será severo?

O ANJO DA GUARDA: — Basta, meu velho Salomão, olhar o que o Brasil não tem feito. Notarás que todos os problemas prementes no governo do Wenceslau são coisas discutidas há uma porção de anos. Desde Pedro I fala-se na necessidade do ensino e no pão do saber. Após milhões de discursos e de reformas, damos dois passos e encontramos três analfabetos. Fala-se da necessidade

da defesa nacional e, apesar de haver uma lei, o serviço militar obrigatório continua não existindo. No tempo da monarquia os jornais clamavam a favor da “abandonada”, que era a agricultura; há quase um século discute-se a exploração das riquezas minerais. Está tudo na mesma. Há muito barulho, de tempo em tempo, e continua tudo como dantes. Conheces Shakespeare ?

MAGY SALOMÃO (*aborrecido*): — Não!

O ANJO DA GUARDA: — Pois, com alguns títulos de peças de Shakespeare, podia-se fazer a psicologia do Brasil, oscilando entre o *Sonho de uma noite de verão* e o *Muito barulho para coisa nenhuma*. Não deves ignorar que o paraíso foi o Brasil e o calor do Rio é ainda a prova da espada de fogo do meu colega arcanjo Gabriel. Considerando o Brasil como um sujeito qualquer através dos anos, temos a impressão de um maluco com repentinos acessos de entusiasmo, seguidos de prostrações. De repente o maluco encontra os coqueiros, que sempre existiram. “É do coqueiro que me virá a riqueza!” brada. Um mês depois não fala mais nisso e os coqueiros ficam em paz. Tem sido assim com a exploração de todos os produtos naturais. Ainda agora voltou o ataque do algodão, fúria renascida nuns livros que o bom Wenceslau leu em Itajubá. Dentro de seis meses não se falará mais em algodão. Como talvez não se fale mais da turfa e das minas de carvão. Esses problemas já estiveram em moda, voltarão à moda — mas nunca serão resolvidos.

MAGY SALOMÃO (*mais aborrecido*): — Por culpa de quem?

O ANJO DA GUARDA: — De todos e de ninguém; por culpa da raça.

MAGY SALOMÃO: — Ah!

O ANJO DA GUARDA (*implacável*): — Desde que não temos o espírito de continuidade e deixamos de explorar as riquezas naturais, para fazer desta grande extensão de terra o país formidável que já devia ser, o Brasil tem uma amostra reduzida do que é em cada um dos funcionários públicos; pobre homem sanguessugado pelos prestamistas. Um dia neurastênico dos banqueiros dá-lhe cãibras, a comoção europeia leva-o à ruína absoluta. Como os tupinambás, sem compreender as formidáveis riquezas da terra, vemos os raios ao longe. Uns dizem que, com orações a Tupã,<sup>178</sup> o raio não chega. Outros pensam no escorchamento dos impostos para afastar momentaneamente a cólera divina. E os estadistas, cheios de vã retórica, são como pajés delirantes e os jornalistas como cartomantes de terceira ordem.

MAGY SALOMÃO: — Que discurso!

O ANJO DA GUARDA: — É da raça. Ninguém tem decisão. Nada se resolve. Os políticos pensam apenas na gangorra da politicagem; o interesse pessoal é o móvel de cada um, o povo não existe. Diante de Wenceslau há o Brasil, mas há também Francisco Sales.<sup>179</sup> E

---

178. Divindade tupi-guarani, segundo entenderam os jesuítas, Tupã, o som do trovão, representaria a manifestação divina da vida.

179. Francisco Antônio de Salles (1863-1933), prefeito de

Francisco Sales vê-se mais, por ser mais de temer.

MAGY SALOMÃO: — Neste assunto não dou opinião...

O ANJO DA GUARDA: — Antes de me endereçares a tua súplica, eu vinha pensando num simples caso, que poderia servir de exemplo do quanto te venho dizendo: o caso do pão.

O Brasil devia ser o celeiro do mundo. Em imensas regiões, infindáveis trigais poderiam abastecer o mundo. De 1835 a 1845, Santa Catarina teve a fantasia do trigo. Vieram os argentinos, levaram o trigo para a Argentina, que dele fez uma das suas bases de riqueza. Santa Catarina não plantou mais trigo. Nem o Brasil. Prendeu-se à necessidade de importá-lo, estabelecendo o sacrifício do seu café na competição das farinhas dos Estados Unidos e da Argentina. O que esta República fez com o trigo, faz agora com o mate. O que esta República faz com o mate, fizeram os ingleses com a borracha, os americanos com as laranjas, os cultivadores do Egito com o algodão. Assim por diante. Nós olhamos e pedimos dinheiro emprestado para comprar o que pode.

MAGY SALOMÃO (*desinteressado*): — Com o açúcar?

O ANJO DA GUARDA: — Sim! Com o açúcar, sendo ministro o José Bezerra, com o açúcar, que ainda este ano compramos a Cuba! Mas, para que falar do açúcar, quando temos o problema do pão? O pão é o elemento

---

Belo Horizonte, presidente de Minas Gerais e ministro da Fazenda no governo Hermes da Fonseca.

essencial da vida. Desde a noite dos tempos o pão é a base. Em hebraico pão significa alimento. Todos os povos acertaram no aproveitamento de diversas farinhas para o fabrico do pão. Todos os povos têm regulada a venda do pão. No Brasil, cujo solo produziria campos inumeráveis de milho, de centeio, de trigo, e cujas raízes podem dar excelentes pães, até hoje ninguém pensou em semear ou aproveitar as ditas raízes. Dá-se a guerra, sob o preço dos fretes, aumenta o valor da lenha nesta terra de matas virgens. Vemos que o preço do pão também não está regulado, na proporção obrigatória em todas as cidades do mundo. A medida urgente seria abolir as tarifas. Mas o governo, que para pagar as dívidas taxa a carne seca, o governo estuda o problema e o prefeito aconselha a experiência da mandioca — todos aflitos e sem decisão. Imagina tu, Salomão, um país colossal, com trinta milhões de habitantes, todos os climas e todas as riquezas naturais, numa fertilidade de milagre, e que, depois de um século de vida autônoma, com milhões de bacharéis, várias academias, deputados, imprensa amarela, imprensa verde-garrafa, oceanos de estadistas e economistas, está reduzido a, em plena paz, afligir-se por causa do pão, pensar no pão de guerra, sem tomar uma resolução decisiva! Há coisa mais humilhante? Há situação comparável? Nem povo, nem governo, nem ninguém a sentir o doloroso dessa miséria infinita!

*MAGY SALOMÃO:* — ...

*O ANJO DA GUARDA:* — Por isso, eu venho tranquilizar-te, ó meu colega interino, substituto carnal de um anjo

com licença, junto ao Wenceslau. Podes repousar. No Brasil não acontece mais nada. É tudo como foi, e como será, e como o Wenceslau é o exemplo admirável. O pão de guerra, que nem pedido é por um povo sem vontade, na plena orgia das riquezas naturais, basta para provar o que somos. Nada mudará. Ouviste?

*MAGY SALOMÃO:* — ...

O ANJO DA GUARDA: — Ouviste?

*MAGY SALOMÃO:* — ...

O ANJO DA GUARDA: — Dorme! Magy, dorme! (*despindo a casaca*): Realmente. Essas coisas sérias fazem sono. E não adiantam nada... Magy! Ó Magy! Deixa-o dormir... Dorme, Salomão, verdadeiro anjo da guarda do Brasil, dorme, faze como o Brasil, dorme...

E no quarto escuro não se ouviu mais outro ruído senão o de um ressonar profundo — o ressonar que é a expressão musical do perfeito acordo entre o corpo e a consciência.

## Carta

Meu jovem e arrebatado amigo — Um jornal! Recebi há pouco a sua carta, não há meio minuto que deixei a sua folha, o novo jornal, a tremenda alavanca com que você pretende erguer o Brasil. E estou pasmo e estou aturdido. Não pelo jornal. Não pela carta. Mas pela sua assustadora falta de reflexão. Talvez esse meu estado de confuso espanto venha de eu ter passado o dia a reler Platão, sofrendo assim mais o choque do seu ímpeto social. Mas, se refletirmos, eu, que tão bem o conheço, e você, que me sabe desinteressado, acabamos por concordar que o seu temperamento é o contrário do jornalismo e que nada mais vão do que fazer um jornal.

Você tem vinte e cinco anos e grandes ideias de independência, de arte e de sã política, além da preocupação de escrever com senso e com um certo estilo. Tudo isso é impossível no jornalismo, se você desejar que o seu jornal seja lido. Tudo isso desaparece desde que você é o proprietário ou o diretor

ou o redator ou o contínuo de um jornal. Acontece com o jornal o que aconteceu com Deus depois de ter feito a asneira de organizar Adão. Apesar das mais severas medidas da parte de Deus, quem governa Deus é Adão. Você ferozmente organiza um jornal com a pretensão de governá-lo. No segundo dia, tal qual Adão, o jornal sabe mais que você. E um mês depois, ou você deixou o jornal e está inteiramente desmoralizado — tolice em que não caiu Jeová — ou é o escravo e o parasita, o apaixonado e o pobre-diabo, com a individualidade absorvida pelo jornal e só de fato pensando nele.

Lembro-me que muita vez o vi rir desses meninos ingênuos, que se apresentam com pompa representantes do jornal. Os verdadeiros representantes, os criadores, não se apresentam de modo tão pueril, mas a sua preocupação é muito mais forte. São como os sacerdotes dos templos oraculares — certos da onipotência do deus que anima o templo, mesmo quando calha se servirem das profecias. E a independência, isto é, a capacidade de ser apenas e cada vez mais o cultor do seu eu, desaparece, anulada pela própria vontade do jornalista cheio de paixão.

Dirá você: — “Mas o jornal e eu formamos uma expressão única.” Não! Infelizmente não é assim. Jornal, desde que sai à rua, começa a ser um pouco de toda a gente. Um filósofo dizia: “Ciência consiste em saber os pontos em que os homens estão de acordo.” Nada mais difícil! Homero criou Ulisses, que decerto seria presidente da República, como o foi Nilo Peçanha e

como ainda o não foi Lauro Müller. E por que Homero denomina Ulisses o orador certo do êxito? Porque fala sempre com “as ideias admissíveis”. Ulisses jornalista defenderá todos os absurdos — porque não há na vida normal nada mais admissível que o absurdo. Você jornalista é pura e simplesmente, mesmo que o não queira, o homem porta-voz de milhares de vontades desencontradas, e, conseqüentemente, para ter leitores, tem de ser absurdo.

Vejo você assegurar com o seu sorriso: — “Saberei defender-me!” É uma afirmação tão vã como a de alguns mancebos, quando juram nunca mais amar. O jornalista tem de ser absurdo, porque é este ainda o único meio de provar ser alguma coisa: — acarreta com as agressões. No jornal você não poderá fugir a todas as classes e principalmente à política. Independente, você, agredindo uns, faz, sem querer, a defesa de outros, que no dia seguinte se julgam com o direito de usar da sua pena como se ela não fosse independente. Você muda. É trãnsfuga.

E a sociedade inteira, que lhe pede favores em segredo, comenta: “pobre jornal! com um sujeito daqueles!” Esquecida a sociedade que o jornal é seu, que o jornal é você, e que você é independente, um cidadão sem ligações, livre, podendo achar hoje o Papa um gênio e amanhã Pascal<sup>180</sup> uma cavalgada.

Claro que você, vaidoso, modesto ou prático,

---

180. Blaise Pascal (1623-1662), físico e filósofo francês.

deixa a abstração da independência, escreve como quem grita ou esmurra e aproveita a corrente servida pelos seus ímpetos. Pode ser deputado, pode ser amigo dos ministros, e pode ser também o que os inimigos chamam negociista, isto é, um cavalheiro que, por ser de jornal, está inibido de fazer qualquer transação que o honrado vizinho da direita executa sob aplausos, sem ser chamado, principalmente pelos confrades de refinado ladrão. Mas, deputado, amigo, ou negociista, você é por causa do jornal. A sua individualidade some-se secundária. O jornal inventado por você é que é o caso sério — a figura influente, o seu protetor.

O protetor! A palavra diz tudo. Você cria um protetor, que o coíbe de fazer o seu desejo, mesmo na hipótese de ser você inteiramente maluco. É terrível. Muita vez você arremete e destrói um homem. Foi obra sua? Foi a intriga sutil dos inimigos desse homem. Muita vez você pensa azul e o seu jornal sai vermelho. Foi obra sua? Foram os seus amigos, foi o seu repórter, foi de repente a necessidade do jornal. E aí está você fazendo de espantinho, humilhado, estragado, envenenado.

Certo há dois consolos. O primeiro é que todos os seus auxiliares, depois de você, sofrem dos mesmos males, tendo ainda que malabarizar as injunções alheias com o medo da sua neurastenia — que é a porta da rua, a falta de jornal, a reprodução dramática da sombra que perdeu o seu homem. Nenhum dos seus colaboradores, humildes ou famosos, deixa de estar ergastulado, e o mais fútil cronista mundano, como o mais ponderado articulista; o redator mais cotado,

como o mais apagado contínuo, é outra coisa senão o escravo do proteu anônimo, acorrentado ao jornal para servir aos outros.

— Que doente! monologará você, que, antes da minha carta, abriu centenas de missivas e de telegramas capazes de lhe dar a ilusão de que, após o seu jornal, você é quase o Dalai Lama.

Espere, jovem arrebatado. Há o seguinte consolo, o consolo de que você e os seus companheiros participam indistintamente, o consolo que é a certeza suave da abjeção humana. Jornal, na sua função de bazar socialista, é hospício de alienados, é feira de vaidades, é creche, é tribunal, é empresa do teatro da vida, é agência de celebridades, é monte-socorro de indigentes mentais, é cassino, é fábrica. Todos vêm ao jornal, todos pedem ao jornal todos dependem do jornal. Como nos grandes armazéns, sujeitos há que, com o auxílio do dono do jornal, ou dos redatores, ou dos contínuos, saem com mobílias inteiras, cadeiras, roupas, títulos, brinquedos para as crianças, espingardas e soldados para matar os adversários, bombons para as esposas. Há uma infinita série de seções, para o bem dos outros e algumas seções de tóxicos e de instrumentos de guerra com um serviço de antídotos e de assistência só concebível no absurdo. Os caixeiros servem a crédito, com o sorriso nos lábios. Acredita você na gratidão de qualquer dos clientes? Quando eles pedem as chaves da Fortuna e o escravo suspira pela importância do carroto, eles bradam que pagaram. Dos outros bazares ouve-se o grito

colérico: canalhas! A maioria servida grátis grita também. E os que não gritam e foram servidos às vezes com sacrifício — comerciantes, políticos, industriais, mundanos, literatelhos — falam mal, insultam pelas costas ou pela frente mesmo, às vezes, recusam-se ao menor pedido, acham que estão fazendo favor, quando minutos antes suplicavam a química da retorta, que, se ainda não fez o homem físico de Lavoisier,<sup>181</sup> fez, pelo menos no nosso país, todas as reputações. É a ingratidão de face, a ingratidão impudente. Em todas as outras profissões a ingratidão vela-se. Na imprensa aparece nua como a Verdade. E há maior consolo no orbe do que ver, palpar, sentir o monstro da ingratidão nivelando a corja humana, igual, igualzinha no presidente de Estado que acabamos de fazer, como no sujeito amalandrado que realizamos ministro, como no patife que livramos da cadeia, como no delegado, como no vagabundo a quem empregamos, como no escrevinhador ao qual chamamos inteligente?

— “Para vingarmo-nos dessa gente basta escrever o contrário!” dirá você. É uma vingança. Nunca um meio de diminuir a fonte da miséria humana. E, depois, não há nada no mundo que se compare ao inefável prazer de sentir a extensão incomensurável da baixaza alheia.

Só por isso eu poderia compreender a ideia de fundar um jornal. Mas você não é paradoxal, porque, sem

---

181. Antoine Laurent de Lavoisier (1743-1794), cientista francês, fundador da química moderna.

a experiência da idade, o paradoxo é brincadeira. E, ademais, para sentir a ingratidão não é preciso fundar um bazar, tanta é a quantidade de clientes que aparece a solicitar em cada extenuante seção. Basta estar à porta...

Por que então criar um jornal? O momento político não pode exigir talentos especiais. Os talentos especiais foram, aliás, considerados inúteis. Em pleno domínio da ignorância, do medo às responsabilidades, dos acordos, dos conchavos e do quebra-cabeças político — o jornal é um reflexo. Se você vier de outra forma, ou o esmagam, ou ninguém o lê, como ninguém lê *Jó* e o *Apocalipse*. O momento social é o cinematógrafo, com os filmes e as legendas escritas naquele espantoso vernáculo dos cinemas. Para ter o público é preciso ser como cinematógrafo, inclusive as legendas. O momento literário tornou-se a literatura substituída por alguns gorilas, que realizam a dupla covardia de escrever com um pau molhado na mioleira apodrecida. Quanto às ideias, não há ideia de coisa alguma. Há mesmo, ao contrário, uma dança selvagem em torno dos raros que se atrevem a pensar.

Assim, para fazer um jornal e antes de o fazer, um homem de espírito como você pode pensar em sujeitar a alma e reler o *Segundo Hípias*, de Platão, para ficar sabendo que, sendo tudo mentira, um homem pode provar exatamente o contrário daquilo que pensa. “O homem é verídico e mentiroso em todas as coisas”, dizia Sócrates. Mas o desporto fatiga, como o futebol e o remo. “No espírito, como na gnástica, é preciso não exagerar.” E fundar um jornal hoje em dia é o mesmo

que preparar um campo de futebol, deixá-lo invadir por uma turba de bisonhos jogadores e ficar jogando eternamente, sem descanso e sem redes, uma infundável partida em que as bolas são a independência própria, a imaginação, a arte, a ideia, a gramática, os sentimentos; e em que os jogadores todos formam uma equipe contra a destreza de um só.

Em meio à partida, o dono do campo morre ou, reunido aos outros, faz voar as bolas por cima do muro, para ser talvez lapidado, se ainda nisso mostrar capacidade.

Você com um jornal! Decididamente há uma sentença: “conhecermo-nos é conhecer o que há em nós de geral”.

Mas do geral nada tem você, com o arrebatamento dos seus vinte e cinco anos. Lembre-se de que todas as virtudes são ciências e que há uma ciência denominada conveniência. A sua seria conservar as qualidades que lhe deram os deuses. Deixe o jornal para os outros, os que tiveram ilusões como você e os que nunca tiveram nada e, por consequência, nada perdem.

O seu jornal não será lido, ou você deixará de ser você. Como eu. Como tantos outros. E como é preciso responder à sua carta com uma frase, ouça um conselho:

— Deixe o jornal. Aos vinte e cinco anos a fantasia alucina. Tome um banho. Volte à razão. Nada de fantasia no ar frio dos acontecimentos! Dance o tango. Vá ao cinema. Mas nunca mais pense em dirigir uma opinião

que não existe. E creia em quem, como o gênio do Port Royal — *ment en conscience par opinions probables...*<sup>1</sup>

---

1. Encontra-se também a forma “tuent en conscience par opinions probables”, isto é, “matam [ou mentem], na verdade, por suposições.”

# Adão

Como estivesse entretido a brincar com botões — únicos personagens inofensivos da Terra quando as crianças os não engolem — a minha alma estava cheia de inocência. Infelizmente este estado suave não durou muito. A porta abriu-se e entrou um sujeito gordo, de casaco sacco e face bem disposta.

— Queira desculpar se o interrompo nas suas graves ocupações.

— De modo algum.

— Sei quanto é atribulada a vida do jornalismo. Resolvia algum problema com esses botões?

— Talvez, mas confidencialmente. Falar com os seus botões sempre foi pensar em segredo.

— Por quem é! Não serei indiscreto...

O homem sentou-se, sorriu.

— Meu caro senhor. Venho lavar um veemente

protesto e dar um conselho urgente a meia dúzia de loucos desejosos de perder irrevogavelmente o Brasil. Descanse. Não é projeto financeiro. É coisa mais séria.

— Não vejo a razão de V. Ex.<sup>a</sup>. resolver fazer-me o condutor desse conselho urgente.

— É, aliás, simples. De todos os brasileiros, o único que se tem metido com a minha vida e renovado o reclamo do meu nome é precisamente o senhor, meu caro jornalista. Ora, devo dizer que, há um mês a viajar incógnito pelo Brasil, a sua gentileza não deixou de ser-me simpática. Não o incomodaria, porém, se não fosse um tremendo atentado que vi premeditado nos jornais...

— V. Ex.<sup>a</sup>. é?

— O venerável pai da espécie humana: Adão.

Os escritores notáveis, influenciados por um gênero literário que escapou a Shakespeare, a revista de ano, não deixariam de descrever um espanto cheio de pavor. Eu, se descrevesse esse espanto, mentiria. Nada me espanta no Brasil. Fiz apenas um ar interessado, murmurando:

— Realmente?

— Conhece a minha história. Está no *Talmud*, na *Pequena Gênese*, no *Livro dos Jubileus*, no *Livro de Adão*, dos mandaístas, no *Corão*, em histórias árabes, gregas, latinas. *J'en passe...* como se diz em português nos salões de Botafogo. Deve saber, pois, a minha formidável sabedoria. Os cabalistas deram a conhecer a minha vida celeste com o nome de Adão Kadmon. Os primeiros gnósticos também. A Bíblia assegura que eu fui

criado com o pó da terra e os rabinos acrescentam: de toda a face da Terra. Os muçulmanos vão além, dizendo que o pó foi procurado nos quatro pontos cardeais por quatro anjos maiores. O pó não bastava, porém, e com o tempo ficou sabido que além do pó eu tive para a minha formação: sol, nuvens, vento, espírito santo e claridade do mundo. Tenho algumas qualidades...

— Não há dúvida.

Quando Deus se lembrou de me fabricar, o meu caro amigo não ignora que teve uma oposição muito mais séria que as oposições nas repúblicas sul-americanas. Basta ler os rabinos. Anjos e gênios perderam a cabeça. Os anjos da Paz, da Justiça, da Misericórdia e da Verdade, esses então estavam furiosos. O último permitiu-se mesmo gritar: Pai da Verdade, vais criar na Terra o pai da Mentira.

— Que anjo Pedro Moacir!<sup>182</sup>

— Devo dizer que nessas alturas Deus resistiu e criou mesmo. Deus é um sonhador. O seu desejo era ligar o céu e a Terra pelo homem, que, feito de terra vil, tem o sopro divino. Quando me viu realizado, Deus ficou pasmo. Eu tinha saído melhor que a encomenda. Sabia uma infinidade de coisas. Quando Raziel, o anjo, me trouxe o livro em que estavam escritos os segredos do céu, eu já dera nome a todos os bichos sem errar, sabia todas as línguas, era alquimista, agricultor. Os

---

182. Pedro Gonçalves Moacir (1871-1919), deputado federal pelo Rio Grande do Sul.

anjos tinham medo de mim. E Deus em pessoa, passando comigo pelas aleias do Paraíso, ouvia-me embevecido, exclamando de tempo em tempo: este Adão é de primeiríssima...

— Mas S. João Crisóstomo e alguns talmudistas asseguram que V. Ex<sup>a</sup>. não esteve no Paraíso mais de sete horas.

— Rapaz conhecedor! Com efeito. Às onze horas da manhã de uma sexta-feira estava eu feito. Ao meio-dia sabia eu tudo e aborrecia-me. Deitei-me e apareceu Eva. Às duas da tarde estava aborrecidíssimo. Às três, Deus veio para o passeio, e conferenciamos mais talvez com o Bernardo Monteiro. Foi nessa conversa que Deus, mostrando-me várias árvores, mostrou-me a árvore chamada da ciência e que eu chamarei da experiência. “Proíbo-te que toques nessa árvore”. “Por quê?” “Porque não quero”. Às cinco horas, eu e Eva fazíamos um *five o’ clock* frugívoro (como os que estão agora em moda no Rio) comendo bananas, essa musa alimentícia do Paraíso que o Cincinato considera a salvação do funcionalismo público. Estávamos diante da árvore. E eu, sabendo que seria punido, não resisti para saber o que não podia saber. Às seis da tarde era expulso. O complô dos anjos irritara o presidente celeste e havia meninos de espada de fogo no portão do jardim pretendendo meter-me medo! Veja você a pretensão desses rapazes...

— V. Ex<sup>a</sup>. arrependeu-se?

— Não, porque adquirir várias dúvidas certas. A vida mais não é que uma contínua experiência. Eis porque

aqui estou a recorrer ao seu auxílio.

— V. Ex<sup>a</sup>. vem aprender alguma coisa comigo?

— Não. Eu sei tudo. E por saber tudo é que estou indignado com a calamidade irremediável que alguns cidadãos preparam para a sua linda terra.

— Que há? indaguei curioso.

Adão levantou-se da cadeira.

— Há que vão fundar uma liga contra o analfabetismo. Um jornal chamou a isso outro dia “cruzada santa”! Há que espíritos impatrióticos querem fazer um grande, um enorme, um colossal sacrifício de pobres criaturas! Há que essa gente quer perder o Brasil! É horrível. É atroz. É impossível. No mundo quanto menos se sabe — melhor. Esse princípio no Brasil é o único integralmente salvador. Eu posso falar. Sabia tudo e não sou nada. Mas veja, caro escrevinhador, veja o que acontece na sua formosa terra. Os homens que sabem alguma coisa são considerados como eu no Paraíso. As cavalgadas, com sua licença...

— Toda...

— ...obtêm tudo, são tudo, conseguem tudo. Há mais: há o tremendo exemplo dos que estragaram a felicidade pretendendo saber para logo sofrer. Veja você o Wenceslau Braz, presidente da República. Teve a ingenuidade de pensar que era preciso saber para exercer a função, esquecido de que tinha chegado até lá sem ter esse desgosto. Começou a estudar, assaltaram-no as dúvidas, consultou, estudou e fez sempre aquilo que achava impossível. Veja você o Pinheiro. Mandava.

Era dono. Um dia deu-lhe na cabeça estudar economia e foi obrigado a fazer votar um projeto contra a própria opinião! Veja você o Lauro Müller. Sabe tudo. Têm-lhe medo, como tinha medo da febre amarela, e o homem não acende um fósforo sem que toda gente desconfie. Veja você o grego Calógeras, chamado ironicamente de “menino prodígio”, quando está a realizar as bodas de ouro com a vida. Quis mostrar que sabia, e só faz aquilo que proclama estar errado. Soube para fazer do rifle caneta e oposição com a trincheira da própria assinatura — por trás da qual...

— Fica?

— ...cheio da mais profunda agonia! Veja você o Carlos Peixoto a escrever pareceres do tamanho de volumes. Não lhe aceitam uma ideia e, quanto mais longe o Peixoto estiver, tanto melhor. Lembre o Calmon, lembre o Homero Baptista.<sup>183</sup> Desafio que me aponte um só homem que nesta aprazível terra tenha vencido por saber. E desafio mais que encontre um só feliz depois de ter tocado na árvore do conhecimento, mesmo sem ter tempo de o conhecer. Você admira o Rui Barbosa?

— Como toda gente.

Pois o Rui não é presidente só porque sabe. E na Bahia, a vontade do J. J. Seabra<sup>184</sup> é quem decide,

---

183. Jornalista especializado em assuntos econômicos, foi ministro da Fazenda no governo de Epitácio Pessoa.

184. José Joaquim Seabra (1855-1942), presidente da Bahia entre 1912 e 1916 e ministro em vários governos.

mesmo na sucessão... Volte os seus olhos, porém, para o outro lado. Como eles são felizes, como prosperam, como estão convencidos da própria força, como desprezam os pastranas que estudaram e sabem alguma coisa! O mundo corre-lhes ameno, as posições se lhes oferecem ancilarmente; há um ganir de gozo diante da Divina Ignorância. E o Brasil vai indo. Só tremem, só desconfiam do próprio valor os que pensam saber como o Antônio Carlos e os que sabem. Na política, na arte, em tudo. E, de repente, quando este país tem um limitado número de desgraçados, vem um grupinho de torcionários e quer criar a liga contra o analfabetismo! E há um jornal maluco que chama esse massacre em perspectiva da esperança nacional — “cruzada santa”! Mas é diabólico. É pretender estrangular a sorte de todos os rapazes que poderão vir a ocupar os cargos dos respectivos papás e que, se aprendem mesmo a ler, terão a vida fracassada!... Escreva você. Proteste. E pode citar o meu nome. Sou eu, com a minha experiência do Paraíso e a minha observação do Brasil, quem diz: essa liga é uma cruzada criminosa, porque cada um que souber mais é um homem de menos neste país.

— Tenho o maior prazer em satisfazer V. Ex.<sup>a</sup>. Mas com uma condição, Dr. Adão...

— Vai prevenir os irrefletidos organizadores da liga?

— Não. Tenho antes de saber a opinião do Dr. José Bezerra, que decretou a inutilidade dos químicos na cultura da cana, e a opinião do Dr. Carlos Maximiliano, o abalizado ministro da Justiça, da Instrução, do Interior e do Rio Grande.

Adão olhou-me com piedade, atirou o cigarro fora e saiu. Eu fiquei só na minha humilhação. Porque, se eu atacar o sonho da liga, como deseja o Dr. Adão, terei ofendido muito mais o Brasil dominante. O ignorante é como o cavador rico! Despreza a inteligência, mas tem quadros e dorme no Lírico.<sup>185</sup> Proteger uma liga contra o analfabetismo não prejudica e coloca bem. Os únicos prejudicados serão os analfabetos de hoje – amanhã obrigados a comer misérias pelo crime de terem aprendido alguma coisa — para não terem jamais a cadeira do senador Gervásio, nem o direito de darem opinião sobre os futuros projetos de emissão...

---

185. Antigo Imperial Theatro Dom Pedro II, o Teatro Lírico ficava em terreno onde hoje está o Largo da Carioca, no centro do Rio de Janeiro.

## A política brasileira

O Sr. Lauro Müller terminou a série de discursos na qual, desde a sua chegada a águas brasileiras, vem explicando os móveis morais da atitude do Brasil na política externa. A verdade é sempre apenas a possibilidade. A obra do Sr. Lauro Müller, mesmo para os espíritos estreitos, é de fácil compreensão. Mas o momento que Carlyle<sup>186</sup> chamaria com justiça de “paralisia espiritual” — entregues as multidões à demagogia dos tribunos e feitos os homens de Estado de ausência de ideias gerais — tão calamitoso se tornou que, como o eminente Rodrigues Alves,<sup>187</sup> como Carlos Peixoto, rara luz pensante na Câmara; como Miguel Calmon, na reafirmação propagandista de princípios que deviam ser conhecidos — o Sr. Lauro Müller foi forçado a traçar com clareza

---

186. Thomas Carlyle (1795-1881), escritor e polemista escocês.

187. Francisco de Paula Rodrigues Alves, presidente do Brasil em duas ocasiões. De 1902 a 1906 e presidente eleito em 1918; morreu no ano seguinte sem chegar a tomar posse.

geométrica o sistema político em que assentou o Brasil.

Ontem, o Sr. Müller devia ter concluído a sucessão de capítulos, dos quais poderíamos extrair os aforismos guias de um país, além de declarações incisivas e patrióticas.

Seria absolutamente impossível a alguém dividir a ação condutora de um povo, ação denominada política, em partes distintas, uma para uso externo, outra para uso interno. A noção biológica dos povos exige dos mais simples a compreensão de conjunto. Política é uma só. Quando nas democracias é chamado a ser o supremo chefe um homem do excepcional valor de Rodrigues Alves, a seleção das capacidades faz a esplêndida força acorde que foi o governo do eminente paulista. Quando se acentuam os desequilíbrios entre as capacidades e os cargos, as nações ficam independentes muita vez da força de vontade de um só homem. No Brasil internamente tudo se desorganizou no dia em que independência significou a possibilidade vitoriosa da ignorância, e liberdade é a máscara do assalto dos zeros mentais. O instante é de desrespeito, de desconfiança, de chocarrice, de lugar-comum, de vaidade, de inércia. Basta acompanhar os lamentáveis debates da Câmara, basta seguir os atos de alguns ministros. Chegamos a um tal estado que o povo e os homens de ideal tiveram de ouvir o rebote da oficialidade do exército nos quartéis — essa oficialidade dedicada e heroica que lançou a necessidade de fazer o Brasil, de tornar cada homem um soldado do Brasil. No desastre só não rolaram a fé do exército, a chama da juventude, e, por um prodígio milagroso, porque resistiu ao assalto — a direção da política externa. E a direção dessa política em que se apoia o Brasil, neste período de

desacordo entre capacidades e cargos, pertence ao Sr. Lauro Müller.

Certo devemos o receio, o temor dos destruidores e dos assaltantes e a própria figura do Sr. Müller na pasta do Exterior ao fulgor tutelar de Rio Branco. Esse homem, dilatador de território que Rodrigues Alves chamou a fixar a personalidade do Brasil no concerto universal, trouxe de tal modo o prestígio da sua fé, o orgulho da sua nacionalidade, a vontade de realização da grande política brasileira, que a miserável politicagem jamais pensou em substituí-lo em três governos sucessivos, e, quando morreu, o seu nome fez-se estrela e só um homem teve a coragem de sentar-se em sua cadeira, sem que o ridículo espoucasse em risos. Continuará assim a manter-se intangível a única expressão séria da nossa política, ainda não destroçada.

Em torno do Sr. Müller há sempre o ferver de opiniões desencontradas. As ambições, os interesses pessoais, o tristíssimo pernosticismo dos paspalhões fazem-se cenário dos botes magistras dos que não podem admirar senão diante de um espelho. Todas as ideias e todas as intenções lhe foram atribuídas. O Sr. Lauro Müller é simplesmente uma alta inteligência de corte mediterrâneo e de cultura mediterrâneo-americana. É mesmo muito mais mediterrâneo do que qualquer outro estadista nosso, é essencialmente um espírito grego, não no que ele possa lembrar de apolíneo, mas no que tem de agudez hábil, de alegria inteligente, de percepção oceânica — qualidades que estão em certas figuras de Plutarco e

em homens atualíssimos como Lloyd George,<sup>188</sup> como Venizélos.

No fundo da alma, acompanhando o remígio<sup>189</sup> do espírito, como Rio Branco continuou jornalista patriota, o Sr. Müller continua, é o mesmo tenente patriota que se tornou rebelde à monarquia em 1889, pensando na grandeza do Brasil e no seu próprio futuro. Capacidade miriônima,<sup>190</sup> com um poder de adaptação quase absorvente, o Sr. Muller vê, adapta-se, agrada-se, liga as correntes mais opostas, é o primeiro em tudo quanto entra sem dar por isso, continuando matematicamente patriota.

A plebe política tem-lhe medo. O Sr. Müller é inteligente demais, excessivamente mediterrâneo para tal gente.

Em compensação, no desporto a que se entrega de enxadrista das simpatias e de absorvente plásmico, possui um formidável individualismo patriótico. Quer fazer o seu país. Sempre quis.

É, assim, o homem que mais batalhas tem vencido contra a inércia e a rotina, sendo de aparência um conservador. O seu nome, para o historiador da intenção política, será um dos raríssimos grandes nomes destes vinte e cinco anos de República. Ele fez tudo quanto há de efetivo progresso material no Brasil; ele realizou a parte interna da grande obra que Rodrigues Alves

---

188. David Lloyd George (1863-1945), o primeiro-ministro britânico na época.

189. Voo das aves.

190. Múltiplas capacidades, sabedoria.

presidiu. E todo o segredo de sua atenção esteve sempre na fórmula “realizar o Brasil”. Realizar o Brasil pela coesão, pela harmonia, pelo trabalho, pela consciência solidária, pela confiança do estrangeiro, pela paz continental, pelos progressos materiais, pelo auxílio às classes produtoras, pela fusão de todas as classes e a fusão do respeito dos velhos e de força juvenil na vontade de realizar o Brasil.

É o programa político que menos tem mudado. A sua ação na pasta do Exterior, dentro do traçado gigantesco de Rio Branco, é a dilatação magnífica desse programa, que é convicção, é ímpeto d’alma na ponderação e é ideal. Desde a sua entrada para a pasta do Exterior o Sr. Müller demonstrou o desejo de revigorar e dilatar as conquistas morais de Rio Branco, prendendo o continente americano na compreensão das necessidades práticas que obrigam os países a deixar simpatias platônicas ou antipatias precoces mesmo na América, pela teia unificadora do espírito americano. O Sr. Müller exprime a fórmula em que se fundem o princípio de Monroe<sup>191</sup> e o forte patriotismo liberal de Rio Branco, criou o “espírito americano”, que se pode entender por unidade moral dos países da América, coesão de sentimentos de ascensão americanos, harmonia para o valor conjunto do novo continente no mútuo respeito dos valores de cada um e no igual cumprimento dos deveres para com os outros povos. Os são elementos

---

191. Formulada em 1823 pelo presidente norte-americano James Monroe, a Doutrina Monroe estabelecia a não intervenção de outros países nos assuntos dos estados americanos.

sul-americanos compreenderam-no. Os Estados Unidos mostraram saber as suas intenções grandes e fortes de fraternidade do novo mundo. A sua obra na guerra ianque-mexicana é maior para a nossa civilização que qualquer das grandes obras materiais que com a sua rubrica intensivaram o nosso surto econômico.

A calamidade da conflagração europeia fê-lo patrioticamente continuar essa obra de aproximações necessárias, deu-lhe ocasião de marcar de modo nítido a atitude do Brasil nos conflitos externos. E o que o Sr. Müller vem repetindo acerca da neutralidade e da política externa brasileira, alta política que está no aforismo de Nietzsche — “os nossos deveres são os direitos dos outros” — e que o ministro ainda ontem condensava na fórmula “ser neutro é reservar as suas energias para ser forte quando nos atacarem”, a Inglaterra compreendeu e louvou no Canadá pela recepção do duque de Connaught.<sup>192</sup>

O Sr. Müller retomou o trabalho da sua pasta. Pode-se dizer que nele não houve interrupção. Em terras distantes esse homem de Estado continuava o trabalho da política brasileira. Aqui afirmava e defendia a sua obra o Sr. Luiz Martins de Souza Dantas,<sup>193</sup> que, sem descontinuar na sua carreira diplomática, fazia a simpatia pela sua Pátria, como a Argentina fora a pedra angular dos nossos melhores sentimentos. O Sr. Lauro

---

192. Sétimo filho da rainha Vitória, foi governador-geral do Canadá (1911-1916), quando o país ainda estava na área de influência do Reino Unido.

193. Ministro interino das Relações Exteriores em 1916.

Müller levou a obra magnífica certo de que deixava no diplomata jovem a ponderação sem tibiez que soube manter a nossa elevada política externa sob a égide de Rio Branco.

Desde o Pará, o ministro do Exterior vem, entretanto, ao contrário dos seus hábitos, que são mais de agir do que de falar, abrindo todas as janelas de suas intenções, mostrando ao país e ao estrangeiro, em afirmações categóricas a diretriz sem curvas da nossa política. Ontem, o Dr. Frontin<sup>194</sup> chamou-o apóstolo. Apóstolo de um Deus que todos nós devemos ter: a Pátria. Foi o remate da evangelização. Bastaria compendiar o que o Dr. Müller disse para que se tivesse a mais clara divulgação do que é civismo.

Ele precisou, entretanto, falar — depois de agir. É grave? Sim. Ainda, porém, nos salva da desesperança — porque o ouvirão.

Eu guardo nessa esfera elevada mais do que o reconhecimento da obra realizada, o preceito que todos os brasileiros devem guardar: — política é uma só, e quer interna, quer externamente, cada homem de Estado deve ter uma só política: a política brasileira.

Nunca tão nobremente se disse à consciência nacional palavras tão graves e ardentes. Nunca se proclamou ao universo tão honesta e orgulhosamente o direito de se ter amigos e de se ser respeitado.

---

194. André Gustavo Paulo de Frontin (1860-1933), engenheiro e político, considerado o patrono da engenharia nacional.

# País de jornalistas

Há alguns meses, um velho político extremadamente cortês segredou-me:

— Meu caro amigo, estamos vencedores!

— Como?

— O presidente tem medo da imprensa e mandou reconhecer todos os jornalistas. A Câmara está cheia de jornalistas!

— Não exagerará V. Ex<sup>a</sup>.?

— Exagero? V. é ingênuo! Há duzentas e doze cadeiras e duzentos e treze deputados jornalistas!

— Mas, que me conste, excelência, profissionais nem uma dúzia...

— E quem fala de profissionais num país de amadores como o Brasil? V. decididamente esquece as qualidades fundamentais do seu povo. E, esquecendo-as, é com estreiteza de espírito que encara a questão do jornalismo parlamentar. No Brasil, cada vez mais todos

são capazes de tudo, sem saber nada. É o país da suficiência. Há, porém, quatro vocações que o brasileiro tem sempre: a política, as finanças, a poesia e o jornalismo. Os meninos mal começaram a ler, fazem versos, redigem jornais manuscritos, atacam o governo e discutem economia política. O Brasil é assim um composto de Wenceslau Braz, Leopoldo de Bulhões<sup>195</sup> e Catulo da Paixão Cearense, dando como solução o desequilíbrio poético, o frenesi jornalístico...

— V. Ex<sup>a</sup>. abusa do paradoxo...

— O paradoxo é o satanás da ponderação burguesa. Leva-a a dizer e a sentir o que não diria nem sentiria se estivesse a sós com o respeito dos lugares-comuns. Reflita um instante sem preconceito e verá o quanto de verdade existe na minha observação.

Deixei o velho político extremadamente cortês desejoso de estudar o assunto. Não há como os assuntos inúteis para interessar-me. Tenho estudado a salvação da Pátria, a literatura nacional, as opiniões do Dr. Calógeras, o voo em trapézios, os despachos do Sr. José Bezerra, uma porção de futilidades com verdadeiro amor. Estudei também o paradoxo do velho político. E, de fato, há no seu paradoxo uma verdade geral. Nós todos somos mais ou menos financistas, políticos oportunistas e poetas. Desse coquetel orgânico resulta o que os senhores estão vendo: — uma colossal embrulhada em que a política e a finança têm da poesia. Quanto

---

195. José Leopoldo de Bulhões Jardim (1856-1928), banqueiro e político, foi senador durante o governo Wenceslau.

ao jornalismo, pode-se estabelecer o seguinte princípio absurdo: à proporção que se multiplica o número de jornalistas e o jornalismo aumenta de valor, desaparecem os jornalistas profissionais.

E a razão é simples. Para exercer qualquer profissão é preciso prática, é preciso saber. Tocar trombone ou pratos parece fácil, mas basta chegar aos instrumentos para ver que, antes de tocar pratos ou trombone, é preciso aprender. Vender jogo de bicho é, segundo muita gente, fácilimo. Mas, desde que se entra num respeitável banco de bicho, é logo evidente a necessidade da prática e da vocação. Daí haver muito mais compradores de bicho que banqueiros e um número colossalmente maior, em proporção aos tocadores, de ouvintes de trombones e de pratos. E se com essas profissões ou artes mais ou menos fáceis, as dificuldades são flagrantes, com as outras então, com todas as outras, ainda maiores se tornam. Por mais academias que haja com cartas a preços módicos, não há homem que se improvise advogado, engenheiro ou médico, sem a ameaça perene da cadeia ou de uma sova.

Com a política, a poesia, as finanças e o jornalismo — não acontece absolutamente nada disso. A política, em última análise, é uma forma de egotismo irradiante. Não há ninguém que não se julgue com valor para fazer o sacrifício patriótico de ocupar um cargo político. Qualquer cavalheiro, seja engenheiro ou bicheiro, médico ou sem profissão, com talento ou sem talento, erudito ou analfabeto, pode querer ser intendente, deputado, senador, ministro, presidente de Estado. Nesses postos temos tido de tudo e havemos de ter.

A reflexão impõe-se:

— Por que não serei eu, em vez de outro qualquer?

A poesia é ainda mais fácil que a política. Fazer versos é uma questão de estado de alma. É um devaneio, uma espécie de sobremesa de qualidades que, num povo de aparências como o nosso, se torna desde logo o prato de apresentação. Já tenho reparado que o brasileiro admite tudo, isto é, pode admitir tudo, menos que não lhe apreciem os trabalhos poéticos. A prosa pode ser censurada; os versos, nunca. Quem se arrisca a censuras, arrisca-se a criar inimigos mortais e muitas vezes a morrer. Dessa intolerância resulta que, cada vez, a poesia é mais idiota e que o número de poetas aumenta impunemente. Mesmo porque, para ser poeta assim, basta ter a coragem de dizer uma porção de tolices com o auxílio de um dicionário de rimas.

A economia política é a pedra de toque do nosso idealismo. Encaramos a formação da riqueza com uma fantasia que tem do Mediterrâneo e tem do trópico. Cada um de nós pode passar a vida inteira sem um vintém de seu, mas cada um de nós tem na cabeça planos irresponsáveis para fazer cair sobre o Brasil um dilúvio de ouro. Ainda há tempo, quando o Dr. Wenceslau acabou de se capacitar de que o Tesouro não tinha níquel, foram tantos os projetos publicamente apresentados e enviados particularmente, que, para não aumentar mais as enxaquecas, o digno homem resolveu mais papel. E, num país de sonhadores ávidos, de nigromantes, de descobridores da pedra filosofal, de transmutadores auríferos, o papel que representa dinheiro não é apenas

um recibo de lastro sonante, é um atestado de ideal, de sonho, de volúpia fantasista. Os poetas dizem:

— Isto é ouro...

E os que vierem depois que se arranjam...

O jornalismo foi com certeza uma árdua profissão. Para exercer essa profissão eram precisos prática, talento, vocação. O jornalismo se fazia assim uma arma que algumas vezes se tornava apostolado. Mas continuamente os jornalistas eram os irmãos da Cruz Vermelha das ambições e das vaidades. O jornalista não passava de jornalista, obrigado a vida inteira a servir os outros, porque nesta arte, quando se é apenas o profissional, mesmo atacando, tem a gente de servir os inimigos dos atacados, e, quando se elogia, faz-se a glória alheia com a certeza da ingratidão. Apenas os apetites aumentaram, as vaidades cresceram à proporção que a incompetência subia. Tanta gente exigia a trombeta dos jornais, que os jornalistas tiveram a neurastenia do excesso de trabalho, o esgotamento do sopro. E a população inteira: políticos, poetas, financeiros — resolveu escrever por conta própria, trombetear-se a si mesma. Os jornalistas eram intermediários de egoísmos. Os jornais marcavam essa atitude calma. Desde que os interessados viravam jornalistas, o jornal foi mais violento em tudo, e os jornalistas ficaram na situação de exercer uma profissão que todos exercem no Brasil, quando pretendem alguma coisa.

Para dar razão, porém, ao velho político extremadamente cortês, contava eu, os jornalistas, segundo ele, tinham entrado na Câmara pelo receio do Dr. Wenceslau Braz. Mas com certa mágoa, verificava só a entrada de menos de uma dúzia e, por motivos inteiramente independentes da vontade do Dr. Wenceslau, quando o deputado Costa Rego, um dos raros jornalistas profissionais, subiu à tribuna com a lista de chamada na mão e memoravelmente demonstrou que todos aqueles senhores sócios do “Monroe Club” são também seus colegas, são também jornalistas. Do Amazonas ao Prata, do Rio Grande ao Pará, além da dúzia conhecida, a representação nacional é composta de jornalistas.

Jornalistas como? De maneira simples. Cada um desses senhores, com a justa aspiração de entrar para a política e com o lindo ideal de salvar a Pátria, ou deu um certo número de artigos atacando os dominantes para se fazer notado, ou comprou um jornal para defender as suas aspirações. O jornal é o piano mecânico do louvor ou a espingarda do ataque. Deixou de ser uma arte para ser uma função ajudativa, o rápido auxiliar da entrega de postos a domicílio.

Enquanto o Sr. Costa Rego falava para os colegas do recinto, eu lembrei então o número de governadores de Estado jornalistas, desde as terríveis perversidades de Eneias Martins no Pará, até os doutrinários artigos de Borges de Medeiros<sup>196</sup> na *Federação*, com passagem pelos trabalhos

---

196. Antônio Augusto Borges de Medeiros (1863-1961), governou o Rio Grande do Sul por 25 anos e, depois da morte de Júlio de Castilhos, liderou o Partido Republicano Rio-Grandense.

incógnitos de J. J. Seabra e o diabolismo sem rival do jornalista Nilo Peçanha; eu lembrei que todos os nossos presidentes da República, salvo os dois últimos e os dois primeiros, tinham escrito em jornais, e que em todos os ramos administrativos em cada canto do país só havia jornalistas.

Estava assim nesta meditação, quando o velho político apareceu.

— Em que pensa?

— Nos jornalistas.

— Somos todos nós. Você pensa na Pátria...

— Mas eu penso que V. Ex<sup>a</sup>. quis rir e o Costa Rego faz blagues.

— Pensa espessamente, caríssimo amigo, pensa com o preconceito do profissional, pensa com exclusivismo.

— Os colegas políticos são amadores.

— São os únicos que se servem com utilidade da arte. O jornalismo é uma espingarda. O profissional faz nela uma exibição de tiro ao alvo. Os outros servem-se dela para uma coisa sempre séria: os progressos da própria pessoa. Eu já lhe disse as quatro vocações do brasileiro. Com elas, o brasileiro vai indo muito bem, apesar dos pesares... Um homem que é só jornalista numa terra em que todos são jornalistas, com os resultados que podem advir do manejo, mesmo bisonho e, por consequência, mais perigoso dessa arma — não passa de um especialista maníaco, de um virtuose de funções comuns, de um amador, sim, de um amador extravagante. O Brasil é a terra dos jornalistas. Por

isso, cada vez se escreve pior e nós caminhamos para a criação de um volapuque<sup>197</sup> recheado de solecismos. Mas, todos são jornalistas, e os únicos amadores são os raros profissionais que ainda existem – porque amador é o homem que não tira proveito da arte com que se inebria...

O velho político despediu-se, rindo. Eu olhei com indiferença a bancada da imprensa, e saí humilde, cumprimentando os mestres, os outros jornalistas, os do Monroe, os da Avenida,<sup>198</sup> os das outras ruas, todos os transeuntes jornalistas, deste país de jornalistas.

---

197. Língua internacional criada em 1880 pelo alemão Johann Martin Schleyer.

198. Na avenida Rio Branco concentrava-se a maioria dos jornais cariocas.

## O novo soldado

Ao sair do Senado, outro dia, lembro-me das palavras de um camarada:

— Precisas ver a obra de integralização do novo soldado no organismo nacional.

— Onde?

— Visita os quartéis.

— Todos?

— Alguns. Para sentir o novo Exército bastam alguns. Começa, por exemplo, pelo 52º, em que se iniciou sem barulho essa transformação dos quartéis em colégios de patriotismo.

O quartel do 52º fica a dois passos da casa do Senado, na desolada e triste rua do Areal.<sup>199</sup> Caminhei com a desconfiança de quem não conhece, até a beira desse quartel — um quartel que, pelo acaso, vive na minha

---

199. Atual rua Moncorvo Filho, no centro do Rio de Janeiro.

memória de criança, porque era o quartel do carneiro há mais de vinte anos, no tempo em que os soldados eram de temer como os mercenários das guerras bárbaras.

Passa um capitão, de luvas. Tomo coragem. Explico a minha curiosidade sem o conhecer. Ele é gentilíssimo e simples.

— Vou prevenir o major-fiscal.

Sobe. Eu fico. Que irei dizer ao fiscal major, como explicar-lhe o meu estado de abatimento e de exaltação, de dúvida e de desejo, de desencontro de alma, formador de uma curiosidade talvez impertinente?

O major-fiscal aparece. Olhos claros, que olham direito para o interlocutor, voz igual sem hesitações — um trato de absoluta distinção. Dou o meu nome. Ele diz o seu: Otávio Coutinho.

E, como eu tento explicar-me, revela-se aquele capaz de compreender o meu sentir, porque a sua vida, o seu ideal é aquele.

— Compreendo e agradeço a sua visita. De fato, todos nós trabalhamos para que o Exército, independente de política, seja o músculo da Nação, para que o soldado tenha o sentimento da Pátria, a fim de o povo ver na farda a expressão armada da sua individualidade moral. Queira entrar.

Atravessamos um corredor. Vejo os soldados que por ele passam. São todos novos, rapazes desempenados, sadios, com o garbo convencido da continência, o olhar vivo. É a primeira impressão de surpresa para quem pensa sempre no antigo soldado desengonçado, velho.

— Há uma idade para assentar praça que é aqui respeitada?

— Sim, só podem assentar praça os rapazes de dezessete aos vinte e cinco anos, Aqui, prefiro sempre os que não chegaram aos vinte e cinco ainda.

— Bela mocidade!

— Exigimos também atestados de saúde, de conduta. E, sendo o regulamento cumprido severamente, não há no batalhão um castigo por falta grave, embriaguez, má conduta. Precisamos fazer compreender a cada soldado o que eles são como a parte de um todo, como a prova da saúde da Pátria. E assim, com os moços, as lições de civismo têm sempre resultado. Por exemplo, no 52 são raros os analfabetos. Já exigimos também que ao assentar praça eles saibam ler. Os outros têm de aprender. E há dezenove dos nossos soldados no Liceu,<sup>200</sup> frequentando os cursos noturnos.

— É tão imprevisto...

— Porque o momento é único. Não sei se a guerra europeia, se a crise financeira, ou ambas as cousas, ligadas às simpatias dos intelectuais pela formação do soldado, deram ao ambiente e às gerações novas o entusiasmo patriótico. Recebemos aqui, por dia, cinco a seis pedidos para assentar praça. Podemos escolher. Escolhemos os melhores.

— Para mais facilmente educá-los?

— Para incutir-lhes a consciência da função que

---

200. Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro, fundado em 1856 para ensinar belas artes aplicadas à indústria.

exercem. Esse trabalho é o preparo físico e militar propriamente, com os exercícios diários, pela manhã, no quartel e no campo da Aclamação; é o preparo do espírito e o preparo moral, com o exemplo, com a insistência educativa. Pode-se fazer de cada soldado um patriota fervoroso, sem oratória, sem explosões retóricas: o soldado alheio à política, o soldado orgulhoso de ser disciplinado, de ser o músculo da Pátria.

A propaganda de Bilac<sup>201</sup> surtiu nos quartéis o desejado efeito. Poderia mostrar-lhe as canções que os soldados cantam em marcha para o exercício.

Fez um gesto, um soldado que passava desapareceu, e cinco minutos depois estávamos num outro salão de ensaio da banda, atopetado de rapazes de aspecto reto e ardente, chama no olhar.

— Como chegou sem ser esperado, aproveitou a 2ª companhia do capitão Álvaro Maureau, que está no quartel.

O mestre da banda tem um gesto de um homem de sociedade.

Lembro-me de alguns soldados italianos, os primeiros que me mostraram a necessidade do serviço obrigatório como a coordenação das forças vivas da Pátria. É o sargento Francisco Fontes Filho, apenas irmão de Hermes Fontes,<sup>202</sup> um dos nossos mais louvados

---

201. Refere-se à campanha promovida pela Liga da Defesa Nacional, criada em 1916 por Olavo Bilac, Miguel Calmon e o próprio Wenceslau Braz para difundir valores cívicos e patrióticos.

202. Hermes Floro Bartolomeu Martins de Araújo Fontes (1888-1930), compositor e poeta.

poetas. O jovem que dirige o coro tem o nome de Rocha Lima, família ilustre. O cabo que obedece às ordens do major-fiscal conserva o garbo de um jovem oficial francês. Chama-se Nerval Gomes. E em toda aquela mocidade nada do antigo mercenarismo bronco e apavorante, mas o ímpeto satisfeito, a alegria adolescente de ser soldado — a fundamental alegria da mocidade nos povos que marcaram e marcam na vida do globo.

A primeira canção que ouço, das várias “canções de marcha” do 52º, é uma lição de patriotismo, letra do capitão Joaquim de Castro, música do sargento Januário Silva.

Somos do sul e do norte  
Do centro e do litoral  
À Pátria gloriosa e forte  
Temos amor sem igual.

As vozes desses adolescentes enchem o salão virilmente. Eles não cantam como meninos inconscientes. Os versos simples com a sua imensa aspiração clangoram esperanças. Com o coração apertado, eu imagino exatamente o grande Brasil, que precisava fazer o que afirmam os versos: misturar, ligar, plasmar moralmente a unidade patriótica do sul, do norte, do centro e do litoral. E a canção continua:

Do Oiapoque ao Chuí  
Trêmula, bela, altaneira  
Pálio estelar que sorri  
A nossa linda bandeira.

Rapazes de vinte anos, que tendes vinte anos no grande momento da transformação do mundo; rapazes de vinte anos, que sois dealbar no instante em que se reintegram de súbito os sentimentos de raça e de Pátria, no orbe; rapazes de vinte anos, que tendes idade auroral em que se participa do sonho do céu e do ímpeto da terra no momento dramático em que o sangue de milhões de homens apaga das almas a fraqueza do ceticismo e a corrupção amolecedora — rapazes! como as simples palavras encaminham o aperfeiçoamento!

O major-fiscal Otávio Coutinho continuava com a mesma voz tranqüila a dar-me informações. Nesse homem eu encontrava o patriota como ele deve ser, com uma convicção sem esmorecimentos, aplicando a inteligência à obra maior de educação. De vez em quando parava. Era um novo hino. Assim os soldados cantaram o Hino da Proclamação da República, o Hino à Bandeira, o Hino Nacional. Esse Hino Nacional é o maior educador cívico que conheço. Os ingleses, tornando obrigatório o seu hino à terminação de festas e espetáculos, realizavam com intenção a obrigação de recordar, mesmo aos que se divertem, o respeito à Pátria. Aqui, a nossa geração já protestou contra o hino nos espetáculos, como se a lembrança varonil da Nação pudesse ser diminuída, seja qual for o executante, seja qual for o lugar onde se o execute!

Os brasileiros ouvem pouco o Hino Nacional, novos soldados ouvem-no e cantam-no diariamente. É um largo começo. O major-fiscal Otávio Coutinho diz-me:

— Isto que fazemos aqui, sob o comando do tenente-coronel Jansen Junior, é exatamente feito em outros quartéis.

Enquanto o major fala, eu penso em mil coisas. Penso de mal no egoísmo dos governantes, incapazes de guiarem o Brasil, nos dinheiros perdidos e no trabalho malbaratado das linhas de tiro, na covardia da politicagem sem saber formar o serviço obrigatório, quando a mocidade o aceitaria como um exercício de preparação sem esforço.

— Está claro, continua o major com muito bom senso, que o trabalho dos oficiais, irmanados pelo desejo de fazer Exército e povo um todo uno — é um lento trabalho de formiga, feito em silêncio, sem gritaria. Precisamos preparar antes as cidades, fazer o soldado consciente e o povo querendo-o, amando-o. Depois o interior, o campo, a raça, onde é preciso que desapareça o terror da missão militar e se encrave a verdade de que o Exército, longe de ser um parasitismo ocioso, é a guarda da ara da Pátria, guarda a que têm obrigação todos os brasileiros unidos, para saber defendê-la quando a atacarem.

Assim, deixamos o salão da banda para percorrer o quartel. E entre os soldados, uns que faziam exercícios físicos, outros que liam, outros aplicados ativamente em diversos misteres, eu pensava na continuidade da educação verdadeira. Disciplina? É a vida das nações que não perdem o próprio respeito na fúria do insulto e da desconfiança que gera a canalhice, a decadência, a ruína de povos feitos e de povos por fazer como o nosso. Necessidade de criar em cada canto colégios de patriotismo? Desde a Lacedemônia<sup>203</sup> foi

---

203. Região da Grécia, mais conhecida por sua capital, Esparta.

assim, com outros nomes através os séculos e as nações. Canção como o excitante da fé admirável? Já Tirteu,<sup>204</sup> na noite dos tempos, coxo e velho, levava-as em baterias à vitória ao som das canções. Continuidade da vida – por que não a reatamos nós que ainda não somos povo?

Mas em pleno palco, de repente, ouvimos um invençível clamor de alegria:

Do Oiapoque ao Chuí  
Trêmula, bela, altaneira  
Pálio estelar que sorri  
A nossa linda bandeira.

— É a 2ª companhia que vem por aí em marcha, cantando.

E da porta em concha do quartel golfou radioso o passo de marcha daquela mocidade, produto do verdadeiro amor patriótico da inteligência militar, romperam na luz azul do dia, os novos soldados, direitos, firmes, convencidos, outros brasileiros, os brasileiros como deviam ser. No ar vibravam os versos.

E foi como se de repente todos nós tivéssemos a imagem do Brasil fabuloso ao desfraldar de centenas de bandeiras, tesouro de força e de esperança a alcançar o mais formoso pedaço do vasto céu azul.

Era no quartel do 52º de Caçadores a obra do novo soldado.

---

204. Poeta grego (ca. século VII a.C.), encorajou, com seus cânticos, espartanos na Segunda Guerra Messênia.

## A formação do soldado

No Grupo de Obuseiros, às dez horas da manhã. Em frente ao edifício que, além dos obuseiros, abriga um comando de brigada e uma companhia de metralhadoras, a praça termina nos muros da Quinta. Procuo uma frase, a primeira frase que explique ao comandante e aos oficiais o meu desejo de visitar o quartel. No Grupo de Obuseiros deve-se ter um dos aspectos do novo Exército, o aspecto do preparo técnico do soldado. É preciso vê-lo. Mas far-se-á necessária a frase de explicação? A atual oficialidade de nosso Exército tem uma tal irradiação de inteligência patriótica, de ardente dedicação à causa da nacionalidade, que o meu desejo é como um pálido reflexo da sua obra extraordinária. Quando me anuncio, o 1º tenente, Demócrito Barbosa, com simpatia nos seus gestos militares, diz-me:

— O Sr. comandante terá decerto prazer em atendê-lo.

O comandante é o major Leite de Castro, forte, elegante, varonil. Fala como um matemático e como um patriota fervoroso.

— Comandante, eu desejaria não o aborrecer.

— Mas todos nós temos prazer em que passe conosco algumas horas.

E eu que contava absolutamente com uma impressão forte, eu que sabia o espírito desses homens sem os conhecer pessoalmente, eu fui de surpresa em surpresa na visita ao Grupo de Obuseiros.

A primeira é a da nobreza total, da dedicação com que esses jovens oficiais criam o novo Exército. Eles dedicaram a vida à formação definitiva que só será uma Pátria consciente quando cada homem for um soldado, quando cada soldado compreender a sua missão, quando cada um respeitar no soldado a defesa da integridade nacional — não com retórica, mas pelo fato. Quase todos esses oficiais estiveram na Europa. Mas voltaram com a ideia fixa da dedicação pela Pátria. Um dos sentimentos que encontro nos obuseiros é a negação às aspirações políticas, é o desejo de limitar a vida à ação militar. Daí um orgulho — o orgulho da disciplina, o maior dos orgulhos, que só têm os verdadeiros crentes. Daí a obra feita na sombra, a obra da formação entusiástica do civismo. Daí o trabalho insano, o trabalho quase incrível de preparo e de educação.

O comandante Leite de Castro mostra a princípio todas as dependências do quartel — um quartel mantido como nos grandes centros militares da Europa. O comandante Leite de Castro tem a preocupação de provar como os pais podem entregar os filhos ao serviço militar, certos de que eles serão bem tratados, bem

alimentados, bem dormidos – como no melhor colégio. E eu vejo isso nos dormitórios, no refeitório, onde os oficiais levam o seu entusiasmo a ensinar a comer aos inferiores. Mas eu vejo mais, vejo o cuidado, a solicitude quase paternal na enfermaria de urgência, na criação de aulas, como a de veterinária, feita com os próprios recursos do batalhão. É o trabalho. É o amor à Pátria.

Ao entrarmos na parte em que se acha instalada a 1ª bateria sob o comando do brilhante capitão Castro e Silva, deparo com um programa de instrução de bateria pelos dias da semana. Segunda-feira, por exemplo, eles começam às seis horas da manhã. O programa é apenas isto:

“Composição e formação da bateria atrelada. Acionamento. Fracionamento da bateria para o combate. Reconhecimento do objetivo e da posição de tiro. Avaliação ou medição de distâncias. Determinação da situação das peças, de acordo com o espaço morto tolerado, instalação de observatórios e das ligações. Marcha de acesso. Serviços de segurança, de exploração e observação. Croquis. Ocupação de posições. Serviço de bateria em combate. Preparação e execução do tiro (simulado). Remuniciamento. Abandono e mudança de posições.

Parada para revistas e inspeções.

Serviço em campanha. Marchas. Bivaches. Passagem de cursos d’água. Construção de uma pequena ponte improvisada. Embarque e desembarque em caminho de ferro. Preparação de posição fortificada de campanha. Defesa contra aeroplanos.”

— Mas é esfalfante!

— Cada dia da semana tem um programa. Entramos sempre, todos os dias, às seis da manhã e só podemos deixar o quartel depois das seis, quando escurece. No verão chegamos mais cedo. Às vezes, às quatro da madrugada. Mas o treino é de tal ordem, as coisas estão de tal forma dispostas, que o 3º Grupo de Obuseiros pode partir, ao receber ordem de marcha, um quarto de hora depois do recebimento dessa ordem.

Vejo realmente nas arrecadações as disposições numeradas e em ordem dos pertences de cada bateria. As baterias armam-se em segundos.

O comandante vai depois mostrar-me a cavallhada. Cada cavalo tem um nome de vitória brasileira arrancado ao nosso limitado passado guerreiro. E os soldados sabem as razões desses nomes. De resto, por todos os cantos, no pátio das duas baterias — aquela sob o comando do capitão Castro e Silva, e a outra sob o comando do distintíssimo capitão Olyntho de Mesquita Vasconcellos — encontramos colados às colunas pensamentos formadores de civismo, escritos a máquina e alguns de uma concisão lapidar.

Exemplo este sobre a solidariedade:

— “O espírito de solidariedade é um sentimento que impele os soldados e os chefes a se auxiliarem mutuamente, no campo de batalha, para um fim comum — a vitória.

O espírito de solidariedade deve-se manifestar, em tempo de paz, estimando-se uns aos outros, e não

fazendo a outrem o que não se quer que se faça a si próprio.”

E este admirável sobre patriotismo:

— “Todo brasileiro, todo soldado deve amar a sua Pátria — o Brasil — não só por causa do seu belo passado, como também pelo futuro que lhe está reservado entre as nações do mundo. E, para assegurar esse futuro, é que devemos ter um exército forte, para encarar sem temer a eventualidade de uma guerra.”

O comandante Leite de Castro atravessa o pátio para o estreito campo de manobras. Nesse momento já o acompanha toda a oficialidade.

— Desejará ver um exercício, ter a prova do que leu e do que lhe dissemos?

Faz um gesto. Vamos ter a certeza da segurança do ensinamento dos soldados. Uma bateria de obuseiros é naturalmente composta de soldados que representam cada um, um número de um problema algébrico correspondente a cada parte do aparelho e cuja resolução é o tiro ordenado pelo oficial — ordem muita vez dada telefonicamente. Mas, cada soldado, correspondente a cada objeto da peça, deve saber a peça inteira. Formada a bateria, encarrega-se de mostrar a instrução dos soldados o 1º tenente Sebastião do Rego Barros, figura juvenil de rara simpatia, têmpera de franco entusiasmo vigoroso.

As peças são carregadas e descarregadas em segundos. Depois seguem as perguntas, feitas em tom de comando, respondidas sem hesitação, desde os arreios dos animais até o ângulo de mira. O tenente Rego

Barros não pergunta só o nome dos objetos, quer a razão, a explicação, o porquê. Assim, na desmontagem de um *schrapnell*, a propósito das cargas, das pressões. Por mais frio e mais cético que seja o indivíduo diante desses soldados, ainda ontem ignorantes e que a oficialidade nova liga e plasma à grande inteligência vigilante da Pátria, é impossível deixar de sentir o entusiasmo de um outro ambiente.

Mas, após a prova do conhecimento de cada soldado, o comandante encarrega o 2º tenente Maurilo Meirelles Alves das evoluções das baterias montadas, tocando para o ataque, parando para entrar em fogo, partindo. Vemos esses soldados que sabem a peça inteira, do freio do cavalo sota ao eixo da roda, da alavanca da peça ao percutor do explosivo, ocuparem instantaneamente os seus lugares e as peças partirem a toda. O Exército é empolgante, porque cheio de perigos. Um soldado que caía está morto. Ainda outro dia a oficialidade do 3º Grupo de Obuseiros levou ao túmulo um soldado, digno morto por acidente no cumprimento do seu dever, como à beira da sepultura o disse o major Leite de Castro, em oração que é sóbrio modelo de civismo. Apenas o tenente Maurilo, montado, a comandar, tem um entusiasmo tão ardente, o fragor das peças rolando é tal e a presteza com que a bateria obedece aos seus gestos é tanta, que o pensamento é o da fatalidade heroica. Numa avançada assim é impossível pensar na própria vida senão para acabar com a do inimigo.

O comandante tira o relógio. Há o sinal de parar, o sinal de preparar a peça. Os soldados fazem isso em trinta e cinco segundos. Quer dizer, meio minuto

depois de chegar ao lugar ordenado, a bateria pode dar o seu primeiro tiro. E, para encaixotar, atrelar e partir, os soldados levam quarenta segundos. No meio dos soldados o tenente Maurilo cresce, é o condutor. O exercício dura meia hora. E a um simples sinal do comandante Leite de Castro, tudo de repente para, o tenente Maurilo desmonta, fazendo a continência; e quando, ignorante da disciplina, eu vou com ambas as mãos saudá-lo, o tenente Maurilo, perfilado, correto, sem uma leve sombra de cansaço, parece ter chegado naquele instante ao quartel.

São duas horas da tarde. Vamos à sala de repouso da oficialidade. Estão todos em torno do comandante: o 1º ajudante Demócrito Barbosa, o 2º tenente Francisco Pereira da Silva Fonseca, o capitão veterinário Augusto Tito da Fonseca, o tenente médico Dr. Augusto Tavares de Souza Vaz, o 1º tenente intendente Alfredo de Sá Miranda, os comandantes das baterias, capitães Castro e Silva e Mesquita Vasconcellos, os 1ºs tenentes João Baptista Mascarenhas de Moraes e Sebastião do Rego Barros, os 2ºs tenentes Raul Mendes de Vasconcellos, Maurilo Alves e Dario de Castro Pinheiro Bittencourt, o aspirante Geobert de Queiroz. São todos perfeitos cavalheiros, e são todos presos ao mesmo ideal, com o coração a vibrar pelo diapasão patriotismo. Cada um deles faz o que o outro faz, cada um deles está contente com a sua obra incessante e nobre, cada um deles sabe rir e sabe estender a mão porque tem fé. Eles sacrificam-se na obra do novo soldado — o Brasil coeso de amanhã. O tenente Rego Barros a conversar repete o desejo de Leite de Castro de ver os jovens espontaneamente fazendo o seu serviço militar:

— Aqui todos trabalham. E nós, não só ensinamos, como ajudamos o trabalho quando é preciso.

— E quando é preciso?

— Todo o dia...

Juventude que é preciso louvar, seguindo-lhe o exemplo! Uma larga esperança alegre o meu coração. Naquela sala, enquanto lá fora políticos desmiolados, fatores de opinião sem opinião senão a do ventre, irresponsáveis sem inteligência e responsáveis inteligentes dão a impressão da balbúrdia e do desastre, nos quartéis, que se tornam sagrados, acendem os brasileiros oficiais as fogueiras do entusiasmo a chamar a juventude para a consciência disciplinada da defesa da Pátria. Eu sinto a emoção de ser brasileiro. Do bater daqueles corações irradia o Brasil. A sala está cheia do Brasil porque está cheia de fé — a fé que faz cada um cumprir o seu dever com alegria. E é com pesar que me despeço do major Leite de Castro, filho de soldado, alma de soldado; é com tristeza que deixo essa forte forja do grande broquel da nacionalidade. Uma hora depois estarei na biblioteca cética... Então o comandante mostra-me a bandeira. Os oficiais aproximam-se. É a imagem do Deus do Templo. Há um súbito silêncio. E eu saio, lembrando um dos dizeres de ensinamento cívico que encontrara no pátio:

— “A bandeira é o símbolo da Pátria. É também o emblema da glória do “Grupo”, porque terá inscrito nas suas dobras os nomes das batalhas em que as nossas baterias tiveram a ventura de tomar parte.”

# O jogo do Camboja

— Mil perdões. O Sr. Khol?

— Exatamente.

— Do Camboja?

— Do país de Khmer.

— Perto do Camboja?

— Do próprio Camboja, o país cujo primeiro rei pediu à Índia a bainha da espada para ter o império absoluto.

— Peço desculpas da minha ignorância. Os brasileiros são temíveis quanto ao conhecimento geográfico dos outros. Eu sou brasileiro...

— Mas não há do que pedir desculpas. Camboja chamaram os siameses a nossa terra. Os chineses chamam-na Tehin-la. Foram os portugueses que adotaram o apelido siamês. Até um poeta lusitano, Luís de Camões, não sei se conhece?

— Vagamente.

— Até esse poeta tem dois versos citáveis:

Vês, passa por Camboja, Mecom rio  
Que capitão das águas se interpreta

— E esse cavalheiro ?

— Qual?

— O Mecom.

— É o rio Mekong, em nossa língua “mãe das águas”. Eu sou mesmo de perto desse rio, pois nasci há cinquenta anos em No Koz-Khmer, ou, como se diz no estrangeiro, no Camboja. V. Ex<sup>a</sup>. não diz, entretanto, o motivo da sua visita. Há alguma novidade? Habito esta hospitaleira rua da Misericórdia vai para dez anos, empregando o meu tempo em operações financeiras. O clima agrada-me. Na minha terra nunca faz menos de 28° à sombra. O Som Dach Prat.

— Que Som Dach Prat?

— O presidente, o rei, dá a maior liberdade aos estrangeiros.

— Ah!

— E devo dizer-lhe que, possuindo a Ordem do Camboja, eu possuo já a ordem que no Brasil corresponde a essa geral condecoração do meu país.

— Como?

— Sou também oficial da Guarda Nacional... Digame V. Ex<sup>a</sup>. o que deseje.

Poderia mentir ao Sr. Khol, dizer-lhe o meu súbito desejo de ir habitar o Camboja, perguntar-lhe coisas vagas sobre as ruínas de Angkor, que o Pierre Loti<sup>205</sup> fantasia tão deliciosamente, falar-lhe das cidades, da vida dos cambojanos.

Apenas tratava-se de um problema nacional. Problema de economia por um lado e de dignidade inventiva por outro. Eu tinha diante dos olhos o resumo da proposta do Sr. Érico Coelho<sup>206</sup> à comissão de finanças do Senado.

Desde que Wenceslau Braz, o suave soberano da hesitação, pretende equilibrar o orçamento, e antes da tremenda pancadaria prestes a rebentar, quando os seus honrados e patrióticos amigos perderam a esperança de mais empregos e mais posições, reina no exército de estadistas um verdadeiro frenesi de ideias econômicas. Como nem Wenceslau nem Calógeras mantêm um plano a executar, cada sujeitinho representante da ignorância e da Nação quer ter uma opinião que se exprime do modo mais simples: o corte. Não há quem lembre a consulta a figuras tutelares da Pátria como Rodrigues Alves. Não se pensa na política de São Paulo, executada sob a forma lapidar do binômio: economizar e produzir. A política agrária do Sr. Nilo Peçanha, com a superprodução de abacaxis e

---

205. Pseudônimo usado pelo oficial da Marinha francesa Julien Viaud (1850-1923), conhecido por suas narrativas de viagem, como a mencionada *Un pèlerin d'Angkor*, de 1912.

206. Érico Marinho da Gama Coelho, senador da República de 1909 a 1911.

de beringelas, deixa de obter a girândola escrita dos seus alarmantes expoentes da última hora. Todos imaginam ideias próprias — impostos que são decepções arteriais no progresso nacional, e cortes mirabolantes de que seriam incapazes os próprios índios domesticados pelo coronel Rondon.<sup>207</sup> Ainda outro dia, um cidadão lembrou-se de acabar com o gabinete médico legal, como medida econômica, sem lembrar uma urgente supressão útil ao equilíbrio mental — a supressão da Câmara.

Nada mais para aplaudir, pois, que as ideias propostas pelo Sr. Érico Coelho à comissão de finanças do Senado, ideias que se resumem na taxação oficial do jogo do bicho. O senador fluminense expôs aliás opiniões correntes há muito entre pessoas de bom senso, e opiniões que assentam em exemplos estrangeiros, na deficiência lastimável do nosso Código perante as contravenções do jogo, na visceral necessidade do bicho, que, como o loto em Nápoles, é absoluta no Rio. Todos aplaudirão o Sr. Érico — a polícia, o povo e os banqueiros que arriscam na manutenção do crime, o parasitismo insaciável de tanta gente. A proposta Érico é honesta, sã, equilibrada e de resultados seguros, sem prejudicar, antes defendendo com a taxação o que é impossível proibir. As atitudes precisas e claras são sempre as únicas dignas. Moralmente só perdem os indignos clandestinos. Economicamente, ficamos

---

207. Cândido Mariano da Silva Rondon (1865-1958), o marechal Rondon, um dos mais importantes sertanistas brasileiros.

livres da assustadora montanha de emendas, que, por um pouco mais, proporião a interrupção do tráfego dos caminhos de ferro como medida urgente. Financeiramente, é a realização legal de mais de cem mil contos, sem sustos para mais ninguém.

É possível que a hesitação de Wenceslau presidente encontre escrúpulos em tornar oficialmente possível — o que todas as polícias do mundo não impediriam. Em todo o caso, o Sr. Érico Coelho terá com a sua proposta mostrado com lucidez e patriotismo — um aumento de rendas sem os disparates dos Pilatos que mandam escorchar o Brasil, por escrúpulos que depois passam a crimes.

Mas o Sr. Érico Coelho, como todo homem de inteligência, é um ironista. E, mais do que o problema resolvido, preocupava-me a sua insistência em denominar o jogo do bicho, o jogo nacional por excelência, a sedução jacobina deste país de jogo cambojano. Pilhéria? Verdade? Assim, durante duas noites e dois dias, procurara pela vasta cidade alguém que fosse do Camboja, ou que lá tivesse estado, alguém capaz de explicar-me exatamente, absolutamente a verdade sobre a semelhança do Rio e do Camboja no jogo, que é uma das extravagâncias tropicais do Brasil. E diante do homem impassível todo o meu ser tremia de curiosidade — perdição e glória da espécie humana.

— Vou falar-lhe com franqueza...

— Fale.

— Trata-se de uma questão séria.

— Responderei.

— Conhece bem o Camboja?

— Nasci em Phnom Penh, ou montanha cheia, por causa de um pequeno monte que há lá; estive em Angkor, em Kampot, que exporta pimentas; fui exportador de arroz em Banam, vivi nas povoações dos altos planaltos, apanhei a diarreia na baixada. Conheço a minha pátria como a palma da minha mão.

— Então diga-me...

— Digo.

Fiz um esforço e, com violência:

— Há quantos anos há o jogo do bicho no Camboja?

— Só isso?

— Só.

O Sr. Khol ofereceu-me um lugar no sofá e sentou-se numa cadeira de braços — como fazem os nossos ministros de Estado com os pretendentes. Depois, friamente, falou:

— No Koz-Khmer, o meu país, é uma terra de miséria, apesar de ser naturalmente rico. O Som Dach Prat tem cinco ministros, que são as primeiras figuras do *sam-rap-ek*, isto é, do primeiro corpo dos funcionários — o *chau-féa*, presidente do conselho; o *yotn-rech*, que é o nosso Maximiliano;<sup>208</sup> o *kralcom*, ministro da

---

208. Referência ao jurista Carlos Maximiliano Pereira dos Santos (1873-1960), ministro da Justiça de Wenceslau Braz que organizou o alistamento militar e foi um dos principais incentivadores da criação do Código Civil Brasileiro, de 1916.

Marinha; o *cha-krey*, com a pasta da guerra e da requisição de búfalos. Apesar do protetorado francês e da influência de muitos estrangeiros, o povo é miserável, porque os ministros e o soberano carregam nos impostos e o ministro da Fazenda, *veang*, nunca tem outra ideia a não ser absorver mais províncias. A vida se faz de tal modo, que os nacionais são quase todos funcionários, dividindo-se em vários corpos. O Camboja é parecido com o Brasil. Há então para esses funcionários, cujos vencimentos são roídos pelo poder absoluto, a esperança na sorte e algumas diversões religiosas...

— Religiosas?

— Absolutamente religiosas. A nossa religião é um tanto confusa. Temos sempre o *Prom*, que equivale ao Deus brasileiro. Mas o acervo de superstições é colossal. Daí a parte, que não é funcionária pública, dar em explorá-la com os nomes de bonzos, talapoins, bakours, achars, horas...

— Muito bem. E o jogo do bicho?

— Não há jogo do bicho.

— Ah!

— Isto é, a sua expressão pejorativamente latino-americana parece-me criminosa. Vou explicar-lhe. Quantas eras regulam a vida do Rio?

— Uma só, a de Cristo.

— O Camboja é mais abundante em eras. Há quatro. A primeira é a era divina; a segunda é política, contada da morte de Çakia Mouni; a terceira é a *moka sacrach*; a quarta é a *cholla sacrach*, que começa com

a vinda dos livros budistas de Srok-Langa, em vulgar Ceilão.<sup>209</sup> Naturalmente há muitas ideias da China no plasma religioso. O ciclo lunar de sessenta anos divide-se em períodos de doze anos, que se denominam *Moklisé-chenam*, corda de anos, representada por doze nomes de animais.

— Hein ?

— Sim. Doze nomes de animais, que são os seguintes: *chou*, boi; *khal*, tigre; *thas*, coelho; *mosamb*, cobra.

— Mas são os nossos bichos!

— Nem todos. *Momi*, cavalo; *momé*, cabra; *vok*, macaco; *cha*, cachorro; *koz*, porco; *chut*, rato, e *rong*, dragão. Esses doze nomes, repetidos cinco vezes, fazem uma série de sessenta anos, que se dividem em década ou *chors*. De modo que, quando se quer dar uma data, diz-se assim: *Chollá sacrach* 1285, ano do boi (ou do tigre ou do cavalo) 1 (2 ou 3 ou 4), seguido da década correspondente. Assim, os funcionários consultam os *horas* e, por simples combinações, podem fazer fé propriamente no bicho, ou no final, ou na dezena, ou na centena, ou no milhar, sempre com o pensamento na vinda dos livros sagrados de Ceilão. Não é jogo do bicho, é religião.

Houve um profundo silêncio. Humilhado, desanimado, desfeito, eu olhava o Sr. Khol.

— Então, nem o jogo de bicho é invenção nossa? Como a palmeira, como a mangueira, como tudo — é dos outros!

---

209. Atual Sri Lanka.

— Mas dá admiravelmente aqui. Acho, porém, que não é caso de tristeza. A invenção não é do Camboja e sim da China. E, nada sendo novo na Terra, deve ter reparado que, desde os papagaios, até os velocípedes, os chineses inventaram tudo para uso alheio, desde a noite dos tempos. O acertar nos bichos data dessa noite.

Ergueu-se.

— E agora há de dar-me licença...

— Que vai fazer?

— É boa! Que queria o senhor que um cambojano fizesse no Rio de Janeiro? Sou banqueiro de bicho. Vou correr a minha freguesia!

E, religiosamente, o Sr. Khol partiu, deixando comigo a amarga certeza de que até o invencível jogo do bicho, do qual o Estado deve extrair cem mil contos por ano — nem esse jogo tão nacional... nem isso é nosso...

# O problema

Após a violenta corrida para o progresso que teve o seu fastígio no governo Nilo Peçanha, curto instante em que o Brasil pareceu ao próprio Rotschild<sup>210</sup> um dos mais felizes países da Terra, a ingovernabilidade de quatro anos a seguir enfraqueceu a nação de tal forma, oral e economicamente, que o sentimento geral é de pavor. Os simples gritadores, tribunos de todos os tempos, só a gritar; os reformadores intelectuais achando a razão do desastre na deficiência da Constituição; os pessimistas rindo com a prova triunfante dos seus vaticínios; o turbilhão de roedores filhos da enxurrada e de políticos sem imaginação forma o clamor dissonante e tremendo. A situação é tão grave, que um grande mental, poeta príncipe da raça, não conteve a sua dor e a sua esperança, e, obedecendo ao destino dos vates, vem dizer à sua Pátria:

---

210. A casa bancária mais poderosa do mundo no século XIX e início do XX, estabelecida em diversas capitais europeias.

— Precisamos união; precisamos criar a nossa nacionalidade!

A mocidade — cujo ideal precisa do calor do entusiasmo para frutificar — correspondeu ao apelo do poeta. Escritores de agudo pensar acorreram à voz de Bilac, apresentando outros aspectos do problema e discutindo a forma de soerguer o Brasil de uma decadência — que não pode existir, porque o Brasil ainda não está feito. Será a revisão da Constituição como o deseja o eminente Pedro Moacir e com ele tantos que a revisão está hoje positivamente na moda — o que quase, como todas as modas, impede o livre exame de semelhante opinião? Será o ensino do culto da Pátria e do culto dos nobres sentimentos, como parecem querer os lançadores do escotismo? Será o serviço militar obrigatório capaz de estabelecer uma circulação de sangue brasileiro nas múltiplas regiões desassociadas por índole e caráter em que se divide o Brasil? Será o respeito ao passado e as suas lições como indiretamente o afirmam nos seus escritos a brilhante ponderação do Sr. Tobias Monteiro, a segurança vitoriosa do Sr. Félix Pacheco,<sup>211</sup> o ímpeto juvenil do Sr. Avelino<sup>212</sup> e a cultura do Sr. Vitor Viana?<sup>213</sup>

Em quase três lustros de jornalismo, livre sempre dos interesses da política eu tive, aliás sem a menor

---

211. Jornalista e político brasileiro (1879-1935).

212. Antonio Avelino Fóscolo (1864-1944), escritor anarquista.

213. Dirigiu importantes jornais cariocas e foi considerado um dos comentaristas mais bem informados sobre a Grande Guerra de 1914; era membro da Academia Brasileira de Letras.

autoridade, um princípio que de tanto o repetir em livros e artigos já não o posso modificar, porque cada vez o sinto mais: — patriotismo é querer a sua Pátria igual às melhores. Os princípios fizeram-se para serem explicados. Eu tinha a explicação na ação de que me fazia elogio. Assim pensava e dizia na curta atuação de Carlos Peixoto e Miguel Calmon, assim o disse no governo breve do Sr. Nilo Peçanha, assim o notei na administração Rodrigues Alves. E a minha fascinação por S. Paulo e pelos seus homens de governo e pelo seu admirável e incomparável povo vem de ver a unidade, o acordo com que em S. Paulo o patriotismo é querer incessantemente a Pátria igual às melhores.

Diante, porém, das dificuldades do problema atual e da apresentação de tantas ideias, senti-me falho de coragem de repetir opiniões apoiadas apenas em fatos e fui ouvir um estadista jovem. Podia ter ido ouvir um estadista velho ou mesmo um de meia-idade. Mas há muito tempo sou de opinião que só os jovens dizem coisas sensatas — porque ainda têm o receio de que não os tomem a sério.

O estadista jovem acendeu um cigarrilho e disse-me com simplicidade:

— Meu caro amigo, a revisão da Constituição está na moda e é pregada por homens de talento real. Apenas de todas as ideias em circulação é a perigosa e a que daria resultados perniciosos, permitindo a eficiência da destruição de que para nosso mal tanto abusamos. Todas as leis são más quando não há homens que saibam cumprir. Precisamos, ao contrário,

respeitar a Constituição, monumento que daria de nós um atestado digníssimo, se o Brasil desaparecesse e só ela restasse. As outras ideias em circulação são todas boas e todas necessárias na completa formação de uma nacionalidade. Apenas elas não são básicas, mas decorrentes.

— Como ?

— A base é econômica. Um país de moeda sã é um organismo perfeito, com todos os órgãos funcionando bem e pensando elevadamente. A moeda é o dinamômetro das nacionalidades. Não preciso de exemplos estrangeiros. V. tem lido alguns livros, segundo me parece, e tem viajado. Basta ver e cotejar. Aqui no Brasil deve ter notado que às crises da moeda correspondem, geométrica e infalivelmente, a crise da moral, a crise da administração, a crise de tudo, inclusive a da inteligência e dos seus veículos de difusão — o jornalismo e o livro. A razão dessas crises está primeiro na falta de continuidade administrativa dos governos, revogando uns os programas dos anteriores. Está depois na incompetência, que não sabe aproveitar a tempo a abundância dos empréstimos para criar de fato a fortuna pública. Vamos aos saltos por isso, uma verdadeira corrida por monte e vale, ou, como se pode dizer desportivamente, um jogo de montanha-russa...

— O medo agora é que a montanha-russa tenha virado tobogã e tenhamos todos de cair n'água, definitivamente.

O ilustre estadista sorriu.

— Seria dessa opinião, se não tivesse fé no futuro.

— Remotíssimo ?

— Não, porque há muita mocidade. Eu dizia-lhe que a base de tudo está na regularização da vida econômica. E está ao mesmo tempo em fazer o brasileiro amar e cultivar a sua terra. Onde pode haver noção de pátria e riqueza, quando ninguém pensa em se aproveitar da riqueza natural, plantando e colhendo? Eu olho os produtos naturais do Brasil verdadeiramente aturdido de tanta riqueza e do crime dos governantes. E quando vejo os bandos de homens válidos e famintos nas cidades não os posso criminar, mas os governos, que os desamparam, que não lhes indicaram o trabalho fácil e remunerador. É a cultura da terra que cria o amor, o sentimento de defesa e a razão da solidariedade, a abundância e o desenvolvimento mesmo da força externa. Este imenso país está cheio de tesouros. Os habitantes que os não exploram e vivem de importar d'outras terras não passam de parasitas inferiores, sem ligação direta com o solo. É o que nós somos e é o que desde logo nos diferenciou de S. Paulo — onde a cultura da terra e o amor ao solo conseguiram criar essa admirável coesão paulista, dando-lhe a noção das responsabilidades coletivas e o apuro perfeito do ideal patriótico.

Há uma lei de filosofia primeira que os positivistas divulgam na fórmula de Comte<sup>214</sup> e que palpita na visão global da civilização, a lei dos três estados, que é a explicação da fatalidade das progressões sociais como

---

214. Auguste Comte (1798-1857), filósofo francês, criador da sociologia positivista.

a lei de Newton é a redução a princípio do fenômeno da queda dos corpos. Não há fugir. Nenhum povo, nenhuma terra pode dar saltos e iniciar a força da sua economia senão lavrando e colhendo. Foi assim desde que os homens se fixaram ao solo. Foi assim no Egito, na Grécia, em Roma. As grandes nações europeias têm esse fundo e a oscilação das pequenas é acentuada pelo abandono da terra. Aqui na América há dois grandes exemplos: Estados Unidos e Argentina.

Tenho a impressão de que estou a dizer coisa velha. Mas a coisa velha é tão desatendida, que pode ser considerada paradoxo ainda não ouvido – mal que acontece a todas as grandes verdades. Fizemos uma civilização artificial, uma nacionalidade de cidades, que são aglomerados heteróclitos de colônias diversas. Conseguimos conjuntos postigos em que o ideal é o negócio fácil, o assalto urbano, e onde os nacionais defendem mal ou bem para exclusivo uso o Tesouro, vivendo da esperança da importação, quando a importação é um fenômeno correspondente à exportação e não pode atestar a saúde de um país enquanto não existir equilíbrio entre uma e outra. Precisamos levar os brasileiros à terra. Parece difícil? Nada mais fácil. A questão é ajudá-los com continuidade, é garanti-los, é dar o impulso administrativo, é deixar a politicagem e pensar um pouco na vida do Brasil. Os estadistas não tinham mais que copiar S. Paulo. Que digo eu? Nem isso. Bastaria verem o que faz o Sr. Nilo Peçanha, sem dinheiro e cheio de complicações políticas no Estado do Rio, e notar como em escala mínima, sem recurso algum, o Sr. Nilo, animando os lavradores, conseguiu

agora rendas duas vezes maiores que as do ano anterior, e, graças à tremenda diminuição de impostos para a policultura, obteve a mesma renda que dá o café taxado enormemente.

Da cultura da terra vem o culto da terra, vem o estímulo para as grandes ações, emanam os sentimentos de solidariedade que formam a raça. E quando a terra dá a abundância — a necessidade de aparelharmos para defendê-la, o serviço militar obrigatório não precisa ser imposto, mas é espontâneo como são o culto e o respeito pelo passado, como é a segurança de caminhar certo do futuro. Nenhum dos ideais agora agitados poderá entrar na multidão como sentimento, que é a convicção das turbas, enquanto não nos voltarmos para a terra. Um homem com a mão cheia de sementes pode dar alimento a mil homens. Um homem à beira-mar, diante de um transatlântico, à espera das batatas e do arroz e das fatiotas pode dizer coisas admiráveis. Socialmente, para os do transatlântico, não passa de um santo retórico, com o qual se trata não para comerciar, mas para explorar. É infelizmente quase o nosso caso se pensarmos na extensão territorial inculta e no abandono dos governos estaduais e no imenso e permanente desnorteio do governo federal.

Mas tenho esperanças. Dois quadriênios com a mesma orientação fariam muito. Para a riqueza bastaria que o Ministério da Agricultura realizasse três ou quatro casos que há anos estão para resolver. Eu espero ainda ver o Brasil com muita cultura, com o ensino profissional difundido, com o ensino obrigatório arregimentando na língua os milhões de criaturas

que devem falar o português, com o serviço militar tão natural e necessário como saber ler e amar os seus pais, e com uma porção de intelectuais convencidos de que a revisão era desnecessária, pelo menos para o bem da Pátria.

— Mas é um sonho!

— É apenas o que o Wenceslau Braz pensava fazer, antes de iniciar o governo da imobilidade administrativa para o equilíbrio impossivelmente conciliatório da politicagem. E será feito amanhã desde que haja no governo uma ação ao serviço de uma clara vontade.

O jovem estadista tinha acabado o cigarrilho. Calou-se. Eu saí sem lhe dizer que publicaria a sua opinião. Opinião, aliás, fora de tempo — porque não está na moda pensar nessas coisas tão paradoxais, e tão velhas, que nem delas tem notícias o Ministro da Agricultura-Rei do Açúcar.

# Explicação

É positivo. Basta examinar o noticiário dos jornais para termos a impressão de que se desenha no horizonte um agudo período de moda norte-americana. O Brasil era e ainda é um país essencialmente desejoso de adotar as formas sucessivas e internacionais da civilização. Até agora estávamos transatlânticos, presos à Europa, copiando e pedindo dinheiro emprestado à Europa.

A guerra, o tremendo conflito, teve a princípio a propriedade de excitar os ânimos, criando entre os homens partidos aguerridamente platônicos e entre as senhoras companhias de cruces caridosas.

Mas a guerra continua. Não recebemos mais nem modelos a copiar, nem imigrantes, nem hóspedes ilustres, nem dinheiro. Dá-se mesmo o caso anormal de virem cá homens notáveis ver como poderemos pagar concessões, contratos. Nada menos delicado. A Europa tem, pelo menos temporariamente, de passar de moda.

Que fazer? Voltarmo-nos para a América do Norte.

Nesse poderoso país de monopólios e de *trusts*, que fica, como muitos ignoram, justamente ao norte da América, entre o Canadá e o México, não se conhece o Brasil. Segundo viajantes austeros, os americanos acreditam as nossas cidades passeadas por índios nus e muitas cobras, algumas das quais mansas. É a mesma opinião que a Europa tinha do Brasil há dez anos. Razões demais para que os americanos iniciem também o nosso descobrimento. Por outro lado, a nossa pretensão de conhecer coisas estrangeiras, ignorando as nacionais, esbarra na mais completa ignorância diante da América do Norte. Conhecemos os Estados Unidos pelas peças francesas, os romances do Abel Hermant,<sup>215</sup> os reclamos de Paris, exatamente como travamos relações com o tango, o *cakewalk* e o maxixe mexicano. Não se pode fazer uma ideia exata; e nós nunca pensaríamos em fazê-la, se não fosse a guerra europeia.

Há, porém, a guerra. Nós esperamos nervosos. E os americanos começam a vir para o Brasil. Quando são jornalistas, telegrafam impressões, dizem eles, pelo menos para quatro dezenas de jornais. Quando são simples viajantes, nunca deixam de ser parentes de calamitosos miliardários e vêm sempre trazer dinheiro, propor negócios, comprar terras, implantar indústrias colossais...

Com tais elementos é impossível duvidar da próxima instalação da moda americana, com músicas americanas, cantigas americanas, estadistas à americana,

---

215. Escritor (1861-1950), crítico satírico da sociedade francesa.

industriais à americana, senhoras à americana. E por sentir essa renovação de estilos iminente é que eu me abalancei a ir tomar algumas informações autênticas acerca dos Estados Unidos com um americano.

Esse cavalheiro, atualmente enviado de dezenove sindicatos para estudar a cultura do boi e seus anexos industriais no interior de Goiás, é terrivelmente prático, como todo americano. Nunca saiu da Avenida Rio Branco e está sempre ocupadíssimo telegrafando opiniões decisivas para os tios miliardários. Assim, ao saber da minha intenção, foi claro e revelador.

— “Realmente, disse-me, há um começo de relações que prenuncia a moda americana. Por enquanto tudo quanto a América tem mandado recebe um acolhimento desvanecedor. Foi assim com a *Caraboo*,<sup>216</sup> tem sido assim com as cadeiras de molas, as danças, as contas de *Standard Oil*... Apenas as nossas relações serão muito mais íntimas que as relações do Brasil com os outros povos. Porque não há no mundo duas nacionalidades mais parecidas em costumes, hábitos, usos.

Que pensa o meu amigo do americano de Nova York? Julga-o, decerto, um tipo forte, espadaúdo? Pois, não senhor. É um indivíduo como o brasileiro da Avenida Rio Branco. Andam todos doentes. A América do Norte é uma grande federação. Como o Brasil. Cada estado tem o seu tipo físico. Como o Brasil. Há pretos, há índios em certos sítios, as paisagens são portentosas, e,

---

216. Trata-se de Mary Baker (1791-1864), que se passou, na Inglaterra, por princesa Caraboo de uma ilha no Oceano Índico; depois de descoberta, foi para os Estados Unidos, onde fez fama com o personagem de sua farsa.

ao sair de uma cidade para o deserto, tem-se a mesma impressão que se tem no Brasil, quando se sai de uma cidade...

Devo notar que a extraordinária semelhança é a do estado moral. O brasileiro é em tudo igual ao americano — porque sofre de um agudo mal coletivo: o exagero.”

Sorri, agradecido — porque ficamos sempre agradecidos quando nos comparam a outros países grandes. O americano continuou:

— “Sabe V. que vem a ser o exagero? É a falta de medida em tudo, é o salto epilético no incomensurável, é a cambalhota nos sentimentos, é a lucidez desvairada. Compreendeu? Talvez as frases não precisem tanto como os exemplos. Dou-lhe exemplos. Tem V. um casaco de homem, levemente cintado. É a moda. Os alfaiates americanos fazem um casaco espartilho. Esse casaco tem portinholas. Os alfaiates americanos fazem portinholas duplas e arrumam quatro bolsos em vez de três, para haver mais portinholas. A cirurgia fez progressos. Os cirurgiões americanos entram a mudar os homens, a trocar alguns dos seus órgãos por equivalentes órgãos de outros bichos. Cria V. uma dança? Todos criam danças com uma coleção de nomes zoológicos. Como no Brasil...

São exemplos inofensivos esses. Há os que não o são. O americano é o automóvel sem freio. A sua ideia capital é que ele é o primeiro homem da Terra, capaz de realizar o que nenhum outro realizará. Arrua um matagal, divide as margens em lotes, planta cinquenta lâmpadas elétricas e chama logo a esse trabalho, por exemplo: Nova Atenas. Temos de aplaudir essa ousadia

do homem forte.

Mas a ousadia alucinada manifesta-se em tudo: nos jornais, nas explorações, nas gatunagens...

Em países antigos tudo tem uma certa medida. O enorme do antigo continente é, entretanto, irrisório para nós outros.

Fala-se na adoração pela mulher? As americanas são tratadas como deusas e exigem o divórcio e casam três e quatro vezes e todos os maridos sucessivos têm por elas um respeito religioso, e elas ainda não estão contentes. Fala-se no problema dos criados? Os criados na América resolvem logo mandar nos patrões e as cozinheiras têm dias de receber e tocam piano. Fala-se em imoralidade dos homens públicos? A América tem logo sindicatos de exploração no gênero. Pensa-se em gatunos? A América é de tal forma, que chegou a sonhar um Nick Carter<sup>217</sup> como esperança e alívio dos seus inúmeros ladrões, das suas tremendas associações de ataque à bolsa. E, com tudo isso, perfeitamente ingênuos. Sim. A preocupação do estrangeiro lá é tão intensa como cá. O reclamo violento marca a infantilidade da raça. O americano é o homem que acredita, que acompanha o anúncio e vai ver a atriz anunciada como a mais feia do mundo, e dá fortunas a uma vaga menina de revista que aproveitou a simpatia de um reininho. O americano é o homem que arreventa e arruína dez mil pessoas para casar a filha com um fidalgo autêntico...”

Aproveitei aí uma pausa e arrisquei:

---

217. Protagonista de série policial nos Estados Unidos no fim do século XIX, cujo sucesso se estendeu à Europa.

— Ao que me parece, V. fala mal da América?

— Falar mal é dizer mentiras aos outros. Eu apenas quero dar-lhe exemplos de exageros. A América é o país do exagero. E depois da América só o Brasil.

— De fato, nós exageramos às vezes...

— “Exageram sempre. Tudo aqui é exagero. A começar pela natureza. Que digo? A começar pelo clima. Quando pensamos que é primavera, o calor é o de uma caldeira. Quando pensamos que as paisagens têm um limite, elas se superpõem monstruosamente. Em tal ambiente, o brasileiro tem de ser o expoente do ‘ou tudo ou nada’. Os homens, ou são deuses, ou são refinados patifes. Como nos Estados Unidos. Tanto o louvor como a censura produzem em quem os faz uma espécie de alucinação. A reflexão perde-se. O delírio impõe-se. Não é vida, é sarabanda. Pode-se assistir às diversas modalidades da nacionalidade como a um desdobrar de crises agudas. O brasileiro julga-se extremo e incomparável. Dorme vinte dias e na tarde do vigésimo dia quer dar o trabalho de quarenta dias; quanto mais ganha mais gasta; faz da existência uma furiosa escalada com adormecimentos; é megalomaníaco e tímido. E, por consequência, perigosíssimo.

Eu encaro na rua sem temor um francês, um inglês, com todo o seu orgulho social de *goalkeeper*<sup>218</sup> oceânico, e um turco e um italiano e mesmo um paraguaio. Diante de um americano ou de um brasileiro, a minha tranquilidade desaparece, porque eu não sei o que ele vai fazer. Pode passar-me a escritura de doação da sua

---

218. Goleiro.

casa como pode pregar-me uma partida tremenda. É a timidez, é a megalomania — é enfim a epilepsia do exagero. Mesmo em repouso, o brasileiro exagera. Cada um dos cavalheiros com quem conversamos se julga o primeiro homem da Terra. O ato imediato à realização de qualquer coisa é uma festa com brindes, em que se exalta o trabalho ingente, a audácia sem par. As manifestações, as surriadas, a insistência afirmam no desespero de estragar os outros a mórbida falta de medida. As contínuas mudanças, a falta de planos, a desordem inconsciente e orgulhosa na solução de questões capitais mostram ainda mais o mal...

— Não lhe parece que V. também exagera?

— Talvez. Estou, porém, explicando por que as relações entre o Brasil e os Estados Unidos serão estreitíssimas. Há semelhanças enormes.

E quando vocês tiverem importado mais alguma coisa, verão todos a verdade do que lhes digo. Assim, estou seguro, quanto ao futuro do Brasil: será, apesar de tudo, formidável como é a América do Norte. O seu desequilíbrio é mesmo na despreocupação com que encara a ruína, tão americano, que não podemos duvidar do seu futuro, quando importar todas as modas americanas.

— A propósito: há uma corrente de capitais norte-americanos para o Brasil, não?

— Intensíssima.

— Mas ainda não chegou o dinheiro?

— Chega a ideia de que ele virá — para termos em mão coisas daqui capazes de produzir imediatamente

muito dinheiro para nós. É um processo que precisa ser ensinado o quanto antes aos brasileiros na americanização que tanto nos une.

— E como se chama? indaguei tão ingênuo como os americanos diante dos estrangeiros.

O americano olhou-me e disse sério, ensinando:

— Chama-se blefe!

# Um cidadão

É quase inacreditável. Há uma porção de anos conheço esse cidadão. Quanto mais o conheço menos o compreendo e mais interessante me parece. Tem o interesse, às vezes, da sua antipatia, ou melhor, tem a atração de ser inteiramente diverso do que eu desejaria. É inteligente? Há momentos que o julgo de uma finura de compreensão espantosa. Mas em norma é desesperadoramente o contrário, com o ar de que continua no fundo esperto. Sou forçado a viver a seu lado. Já o julguei idiota, já lhe tive ódio, já o animei. Cada vez me espanta e irrita mais. É a Esfinge Diorama,<sup>219</sup> uma esfinge que se arranjasse de mil formas no fundo de um óculo. E como todos são forçados a encontrá-lo e a falar-lhe, tenho muita vez de fazer esforço para não perguntar o que pensam d'Ele.

---

219. Termo criado em 1822 por Louis Daguerre (o primeiro a patentear uma técnica fotográfica) para designar um tipo de display rotativo empregado até hoje em exposições, museus e atividades de entretenimento.

Ele é fisicamente um sujeito forte e sensual. Tem maus dentes e sente-se que deve ser indolente. Quando, porém, o julgo incapaz de qualquer ação, além da de trocar as pernas, o cidadão tem uma crise de febre e realiza subitâneos e admiráveis trabalhos — para cair numa expectativa quase agressiva e sempre duvidosa, incompreensível.

O moral do cidadão, por isso mesmo, espanta-me. Nós sabemos do que é capaz um francês, um grego, um alemão, um argentino, um americano do norte. A convivência, o estudo das raças através da história facilitam-nos esse conhecimento. Diante de um turco ou de um polaco temos mais ou menos a certeza das suas qualidades básicas. Com o cidadão, irritamo-nos a vida inteira com os seus atos, vemos a multiplicação diorâmica da esfinge, estamos quase a jurar que a esfinge não tem segredo. Mas, de repente, sentimos a consciência que pode dar um salto... É atroz.

Como os psicólogos ensinam que o conhecimento da hereditariedade é excelente para a resolução de certas almas, enigmáticas, procurei estudar-lhe a ascendência. Ela é muito confusa, cheia de cruzamentos e de adicionamentos de raças diversas. Mas no fundo os seus ancestrais, há quatro séculos, sempre tiveram as qualidades que no cidadão atual estão apenas acirradas até o paroxismo.

A primeira qualidade do cidadão é uma ausência de qualidade: a falta de fé. Falta de fé religiosa, falta de fé cívica, falta de crença num ideal. Podemos pretender que esse cidadão seja um cético, um desses filósofos cínicos, indiferentes ao erro humano. Não. O cidadão não acredita em Deus, mas tem todas as superstições;

abandona o seu Cristo, mas dá-se como nele crendo; não tem convicção na Pátria, mas alardeia um confuso e estridente patriotismo; não segue um ideal, mas apresenta-se como roubado desse ideal pelos outros.

Hipócrita? Será hipócrita? Os que assim pensarem, enganam-se. Ele é sincero e exagera admirações... E não é egoísta quando o parece e não é generoso, e é invejoso não o sendo, afinal.

A outra qualidade é como a coluna vertebral do seu eu moral. O cidadão protesta, o cidadão nega, o cidadão é contra. Sempre. Infalivelmente. Podemos de raro em raro vê-lo ao lado de alguém. Está assim, não a favor do alguém, mas contra o inimigo desse alguém.

Destarte, o cidadão vê todas as coisas com amargor, descobre más intenções em cada cérebro, julga os homens com o fel do insulto. Os governos são compostos de ladrões; desde que um cavalheiro se destaca, para o cidadão tem vícios e crimes; os atos mais simples transformam-se em batotas, negociatas, bandalheiras.

— Cidadão, que belo gesto o do grande Fulano querendo o Brasil patriota!

— Para cá vens de carrinho. Fulano comeu!

— Comeu o quê?

— Está sendo pago! Uma corja. É o meu dinheiro que queimam.

— Cidadão, Sicrano publicou um belo livro.

— É um canalha. Há decerto comilança.

— Ainda agora, cidadão, o líder...

— Pulha! Pulha!

A sua cólera, às vezes gargalhante, às vezes furibunda, arrasa sem distinções. Para que esteja a favor de alguém é preciso que esse alguém seja uma pedra contra os outros. Nas letras, no comércio, nas artes, no magistério, na diplomacia, nas indústrias. Onde, entretanto, a rasoura é sem piedade é na política. Mal uma cabeça levanta, o cidadão arruma-lhe no alto do crânio a primeira bordoadada. Descobri que alguns nem conhecidos eram do cidadão, e já o cidadão os esbordoava, os enlameava.

— Mas, cidadão...

— Canalha! subiu... Boa coisa não fez!

— Como é absolutamente impossível passar sem governo, ou os governos se fazem sem o cidadão, ou o cidadão dá o seu aplauso aos exploradores que assaltam as posições, matando, anarquizando, “salvando”. Não tem a menor convicção, porém. O seu desejo é apenas falar, arreliar. Em geral, repete as palavras, as acusações dos agitadores, para repeti-las de novo contra os que se apossaram do poder de modo indevido.

Há ocasiões em que tenho vontade de convencer o cidadão.

— Meu caro amigo, se você acha infames todas as pessoas capazes do seu país, se você repete sem provas e cria com o seu pessimismo, que é uma careta debochativa, o ambiente de vilipêndio, de luta estéril – você não pode ter esperanças. Isso tem de ir de mal a pior.

— E vai...

— Você é forte, você é inteligente. Em vez de repetir

palavrões, de olhar com ódio e de se limitar à ação idiota e destruidora, você devia agir. Eu não digo que você ache honestos os que não são. Digo apenas que você devia pensar, ver, examinar e pôr-se ao lado de alguém, definitivamente, com confiança, ter um ideal, qualquer que ele fosse...

O cidadão ri.

— Quem te encomendou sermão? Não há ninguém sério. Só têm razão os que chamam de bandidos os outros.

— E esses ?

— Também não deixam de ser patifes.

Vou ficar com ódio do cidadão. Reflito, porém. Examinio a situação. E fico perplexo. Esse homem é a esfinge, esse homem é incompreensível. Como ele não quer ter opinião, como ele não quer tomar a sério a vida, como ele se agita apenas remoendo as mesmas palavras vãs que não prejudicam nem aos que as sofrem nem a quem as diz — tacitamente todos concordaram na sua imbecilidade.

É um boi que berra; é a esfinge sem Édipos. Atiram-no uns contra os outros, rindo. E, após a exploração dos seus urros, que são vivas e vivas, palmas e assobios sem convicção — cada cavalheiro que sobe ao poder, nutrin-do pelas suas opiniões o mais absoluto desprezo, só tem um desejo: explorar-lhe o trabalho, cortar-lhe a carne, chupar-lhe os ossos. Há muitos anos, quando fiz o meu primeiro encontro com tão esquisito sujeito — o cidadão ganhava a sua vida, tinha, apesar de tudo, um certo ar de prosperidade. De ano para ano foi a pior.

— Que diabo! Você anda magro, com o fato mau.

— Que quer ? Ganho o mesmo. Mas os impostos...

— Proteste!

— É o que eu faço. São uns ladrões. Este país está perdido.

— Não basta isso...

— Será você pago também para me enganar?

E os anos passaram, e o cidadão cada vez pior, sacudindo opiniões azedas, mas correndo ora a pedir porque lhe suprimiam o emprego, ora a debater-se porque fechava a fábrica, ora a soluçar que o deixariam nu, tanta coisa lhe tiravam.

— Cidadão, esta é a sua terra. Entretanto, você vive nela como um escravo em país inimigo. Os seus protestos, o seu humor amargo, as suas insolências são de escravo. Não impressionam, porque você, joguete parvo ora de um ora de outro, esqueceu-se de afirmar a sua personalidade, escravo em vez de dono, numa terra em que devia ser o único soberano. Qual o castigo do senhor às murmurações da presa? Mais trabalho e mais relho. Você desconfia de todos e todos o exploram. Cidadão, você precisa mudar de vida...

— Está muito enganado. Sou livre. Quem manda aqui sou eu. Insulto a todos.

— Como a população de Roma insultava os Césares.

— E os matava.

— Para pôr outros piores no lugar de César. Cidadão, ou você toma juízo ou morre!

— Veremos...

Ontem, encontrei o cidadão, magro, esquelético, com as botas furadas, o chapéu roto, a camisa em pedaços e o casaco debaixo do braço.

— Cidadão, em que estado!

— A guerra, o *funding*,<sup>220</sup> esses canalhas...

— Como?

— Estou no mesmo emprego. Depois da ameaça de supressão, tiraram-me dez por cento. E de repente todos os gêneros de primeira necessidade aumentaram logo o dobro. Fiquei na miséria com emprego. O meu dinheiro não chega nem para comer. E ainda os agentes do governo assaltam-me por todos os lados. Está vendo a bota furada? É o imposto. Está vendo o chapéu rasgado? O imposto! Está a olhar a camisa em tiras? O imposto! Arrancam-me dinheiro de toda a parte, federalmente, municipalmente. Este país pode lá continuar com uma corja de sanguessugas assim?

— Agora, sim! Agora é o caso de protestar, de gritar. Há uma razão positiva. Exploram o cidadão. Indignamente. Nenhum povo do mundo toleraria o que lhe querem fazer. Reaja!

— Qual a sua atitude, cidadão?

— A minha atitude? Qual há de ser? Ora esta! Posso lá fazer alguma coisa?

---

220. Referência ao *funding-loan* de 1914, grande empréstimo de consolidação pactuado pelo governo brasileiro com credores estrangeiros.

— Mas você é o cidadão, a força maior. Congregue esforços, seja uno — em vez de se gastar em desaforos vãos, tenha um ideal, imponha-se.

— Que ideal? Você está maluco! Ideal com fome!

— Exija, queira alguma coisa.

— Com essa gente!

— Com alguém! Você é que faz os governos.

— Eu? Nada de disparates... Agora, nem grito...

— Mas é a sua anulação! Venha comigo. Vamos protestar. Você irrita-me, mas afinal eu não o quero ver escorchado vivo. Ande daí. Em vez de desaforos inócuos, seja homem!

— Não posso. São nove e meia. Está na hora da última sessão do cinema. Já viu você a última fita? Dizem que é linda. Eu não a quero perder. Seguro o meu casaco para que não mo arranquem. À porta, visto-o. Ainda dá um ar. O que se leva da vida é uma diversãozinha barata. Nem todos são o Wenceslau, que tem cinema no palácio — pago pelo povo.

— Cidadão!

— Adeus grande felizardo.

E partiu.

É quase inacreditável. Há uma porção de anos conheço esse cidadão e cada vez menos o compreendo. É um conjunto antinômico, é a esfinge diorama, é um idiota, é um desgraçado?

É o povo do Rio de Janeiro!

## O nosso patriotismo

Como o jornalista estrangeiro chegasse muito bem recomendado — recebi-o com lhanza. Como o jornalista estrangeiro fosse ceticamente simpático e tivéssemos camaradas e conhecidos comuns em vários pontos da Terra, conversamos, rimos e acabamos a noite tendo eu a impressão de que a terra de onde ele vinha era de primeira ordem e tendo ele a segurança de que o meu país era um grande país.

— Muito bem! dizia ele ao despedir-se.

— Muito bem! pensava eu ao deixá-lo.

Dois dias depois o jornalista fez-se encontrado por mim.

— Já estive com muitos brasileiros — jornalistas, políticos, artistas, gente do comércio...

— E então ?

— Então? Então tenho uma impressão dominante:

falam mal uns dos outros e falam unanimemente mal do seu país. Por quê?

Não respondi, vexado. Ontem, quinze dias depois do nosso primeiro encontro, fui jantar com o jornalista estrangeiro. E, logo após o peixe, tive a certeza de que esse brilhante jornalista adquirira elementos na quinzena para fundar um dos órgãos independentes do Rio, ou para fazer um livro atroz, que poderia ter por título: *Os brasileiros julgados pelos brasileiros*.

— Mas por que são assim vocês? indagava com displicência o jornalista. Poderia ser o caso de uma crise de pessimismo generalizado. É, entretanto, apenas, uma crise de inconsciência. Esses seus patrícios levam a falar mal uns dos outros, sem que para tal tenham o menor motivo. Em toda a parte onde estive, nas cidades da Europa, nas cidades da América — exige-se o orgulho coletivo dos monumentos, dos sítios belos, dos grandes nomes nacionais, dos progressos do país. Não há português que leve um estrangeiro aos Jerônimos<sup>221</sup> para criticar esse monumento, nem que vá agredir a paisagem do Bussaco<sup>222</sup> perante pessoas estranhas. Assim em Madri, em Roma, em Buenos Aires, em Lima, no inferno. É preciso vir ao Rio de Janeiro para

---

221. Mosteiro dos Jerônimos, construído em 1502, em Lisboa, à entrada do rio Tejo, é um dos mais importantes monumentos arquitetônicos de Portugal.

222. Elevação situada no centro geodésico de Portugal, famosa pela Mata Nacional do Buçaco e pelo antigo Convento de Santa Cruz do Buçaco (hoje Hotel Palacete Buçaco), construído no século XVII pela Ordem das Carmelitas Descalças.

ter essa sensação inédita. Os grandes homens do país, cuja fama passou as fronteiras? Cidadãos indignos, canalhas, “cavadores” e estúpidos! A ideia da ladroeira e da imoralidade é fixa. Todos são uma corja! Outro dia estava no Monroe notando que, apesar do calor, vinha uma agradável viração do mar. E um jornalista: — “A história deste Monroe é uma ladroeira!” Há uma semana fui ao Pão de Açúcar e, achando maravilhoso o passeio, logo um sujeito me disse que aquilo era um monopólio indecente. Ao cabo de alguns dias, um informador menos arguto pode indagar com justa razão — Onde estão os homens sérios? Onde os homens de valor? Onde as obras consideradas dignas? Com um inteligentíssimo político conversei três longas horas há dois dias, e estava contente de vê-lo fugir à regra. Mas, no último quarto de hora, ele recobrou o tempo perdido e começou o ataque...

— É porque todos aqui andam na fúria das competições.

— Mas é tão feio! Olhe; eu vinha com a convicção de que a diplomacia brasileira era a primeira da América. Chego cá e vejo que os brasileiros consideram os seus diplomados parasitas idiotas e atribuem a sua situação externa a tudo, menos ao valor dos seus enviados. Isso acrescido de um ataque de jornais a que não escapa ninguém. Pode ser competição, como diz você. Mas, como esses diplomatas representam o Brasil onde estejam — o ataque é a desmoralização do Brasil feita pelos próprios brasileiros. De resto, não passa isso de um aspecto geral do apetite de denegrir a sua terra, peculiar

a cada habitante da cidade. Imagine que desde a minha chegada falam das dívidas do Brasil, de envolta com histórias da vida privada de cada político! Acabei por tomar a defesa nacional!

— Você? fiz, procurando rir.

— Pois claro. Eu digo: — Vocês devem? Mas todos os países novos e com o violento progresso têm de dever. Pediram dinheiro? Mas há grandes cidades, há estradas de ferro. O dinheiro não se escoou. Está aí. Claro que seria melhor que as cidades surgissem da cultura da terra. Surgiram antes? A questão é coordenar vontades, haver uma força uniformizadora das necessidades do país. Aos insultos e a menoscabar a própria terra — nada se adianta! O Brasil é uma grande nação, com várias cidades iguais às de segunda ordem na Europa, e uma capital, este Rio de Janeiro, verdadeiramente única no mundo pela beleza. Não só. O Brasil é um país em que a inteligência foi largamente distribuída pelos habitantes. Faz-se necessário convencer esses habitantes de que são partes componentes de uma pátria, em vez de exacerbar o individualismo de cada um. O Brasil tem menos de cem anos de vida própria. Apesar dessa criminosa mania de se rebaixarem uns aos outros — é possível encontrar no mundo progresso maior? Mas essa gente não vê, não sente o que nós vemos?

Progresso! Apontamos os Estados Unidos e a Argentina. Em ambas as repúblicas o orgulho nacional é tudo. Não há americano que não ache tudo da América melhor. E o formidável desenvolvimento ianque vem

desse sentimento de pátria, de que a Alemanha deu ao mundo uma prova — absorvendo os mercados pelo saldunismo moral. A situação da Argentina é a mesma — posto que em menores condições, precisamente porque o sentimento excessivo, mas prático, nos Estados Unidos, tem ainda na Argentina tintas de pretensão e de dúvida — isto é, tinge-se de elegâncias esnobes.

Vocês, porém, são esnobes provincianos, levam a elegância de falar mal a irritar quantos sintam sinceramente o futuro do Brasil. Não só. Em vez de absorver a corrente imigratória, como fazem os Estados Unidos e a Argentina, posto que em menor escala — os brasileiros tornam-se na sua terra parasitas maldizentes, entregam às colônias estrangeiras a exploração de todas as riquezas, e criam um tal ambiente de falta de fé, falta de prestígio à sua terra, que os estrangeiros ficam sempre estrangeiros.

— Mas o meu caro amigo faz uma conferência!

— Exatamente. Em torno de um assunto palpitante. Desde que cheguei ao Rio são tantos os brasileiros a falar mal dos brasileiros e a não achar nada bom no Brasil que me dá vontade de fazer *meetings*. O Brasil tem vários aspectos da sua raça que é preciso transformar. Bilac parece conseguir o entusiasmo da mocidade pela formação da defesa consciente da Pátria. Tobias Monteiro, num pequeno e admirável livro de análise, *Funcionários e doutores*, aponta o aspecto bacharel, mostra a impossibilidade de continuar o Brasil na plethora bacharelise, afastado da riqueza da Pátria, e constituindo uma casta à parte. Eu acho que o mesmo

problema nacional tem um outro aspecto a combater: esse apetite de destruição interna, essa miséria de competições, essa fúria que é uma fraqueza, essa pretensão que é uma covardia: – a doença dos brasileiros de falar mal dos seus compatriotas e da sua terra.

Estou cá vai para uma quinzena e ainda não ouvi falar senão em ladrões, bandalhos, sevandijas, dívidas, erros, fealdades. Até da baía de Guanabara me falaram mal!

— Quem?

— Dois poetas que preferiam Nápoles, sem nunca terem visto Nápoles!

— Era superioridade...

— Pense você, porém, que eu era um perverso ou um idiota. Em vez de encolerizar-me escrevia um livro contando o que os brasileiros dizem do Brasil.

— E aí você sentiria a fúria épica do nosso patriotismo!

— Hein?

— Os jornais passar-lhe-iam tremendas descomponendas, apontando o miserável que abusou da nossa hospitalidade, e os rapazes far-lhe-iam o enterro, queimando-o em efígie na Avenida!

— Não é possível! fez o jornalista amigo, a sorrir.

Então eu, fincando os cotovelos na mesa (acabavam de servir o assado), olhei-o com arrogância, uma arrogância que afastasse a análise e encobrisse a minha opinião, que era a dele. E concluí:

— Não se explica. Não se pode explicar. Nós descompomos e denegrimos o que é nosso, escancaramos aos estrangeiros misérias hipotéticas. Quando, porém, o estrangeiro reproduz o que dissemos, ficamos como umas feras. É o nosso patriotismo!

— Positivamente o terreno próprio para os exploradores. Ou vocês mudam de pensar ou atrapalham a vida ainda por muitos anos. Porque só existe pátria quando os seus filhos a julgam e a querem igual às mais fortes.

# O estadista brasileiro Rodrigues Alves

Noite de chuva. Veio com o temporal a ventania. No imenso parque sob a fixidez branca das lâmpadas elétricas, o ar sensacional das árvores e das plantas sob a chuva. Parece que todas as verduras proclamam o acontecimento, que os tinhorões, as samambaias, os coqueiros minúsculos, relvas, troncos, frondes murmuram e discutem um acontecimento espantoso. Na escada de mármore do palácio, um criado espera, alheio ao drama vegetal. Entro. São nove horas da noite. A pequena sala de espera repousa de políticos, profissionais. Só o major Lejeune,<sup>223</sup> com um garbo francês, mostra os seus galões; e Francisco Rodrigues Alves olha os cordões d'água com o ar abstrato diante da chuva.

---

223. John Archer Lejeune (1867-1942), décimo terceiro comandante do Marine Corps, teve participação destacada na Grande Guerra de 1914.

Algumas horas em S. Paulo, não deixo nunca de fazer a visita do respeito e da admiração ao Presidente. Rodrigues Alves, filho, já o sabe.

— Quer ver meu pai?

— Muitas visitas?

— Só, em família.

Atravessamos algumas salas, damos num vasto saguão, onde o conselheiro, depois do jantar, lê os jornais e conversa com as suas filhas e com os seus íntimos. É impossível esconder o prazer que me causa o vigor do homem venerando. Aquele vigor, após uma grave moléstia e o trabalho exaustivo da presidência, é como a esperança para os que, como eu, respeitam na figura admirável o criador do Brasil Novo. Vivo, cheio de cintilação, moderno, o conselheiro começa a falar. As minhas palavras são apenas o motivo para o desenvolvimento das suas observações, dos seus conceitos e eu só o vejo parar quando uma de suas filhas fala e nos seus olhos brilha o encanto paterno de se reviver na inteligência da filha. A política na palestra é um comentário filosófico. Conversamos de literatura, de arte, de teatro. O conselheiro lembra-se do passado remoto, lembra-se do presente e lembra-se também do futuro. Não sei se falo a um ancião de 1848 ou a um jovem cheio de esperanças e de fé. Lá fora chovia torrencialmente. O saguão é aconchegado e tépido. Arde uma chama rara na calentura dos lares.

Então, enquanto a conversa ondeia, varia, ziguezagueia, a ouvir Rodrigues Alves, eu penso na ação dessa vida esplêndida.

O conselheiro Francisco de Paula Rodrigues Alves é um exemplar perfeito da nossa raça. As origens étnicas trouxeram-lhe a resistência física e a fibra moral. Seu pai morreu quase centenário em Guaratinguetá. Era português. Sua mãe ainda vive na idade em que a bondade é a cristalização de uma longa vida de dedicação, de amor e de nobreza. Rodrigues Alves herdou as virtudes íntimas dos seus progenitores. Elas foram a resistência nos embates da vida pública, porque nunca numa trajetória de quase cinquenta anos de vida pública esse homem deixou de ser o querer consciente, a vontade sem violência, o excepcional que cumpre o seu dever, sem tergiversar — o patriota.

Da geração magnífica que nos deu Joaquim Nabuco<sup>224</sup> e Rio Branco, já era deputado provincial em 1872, militando na nova corrente conservadora em que se notabilizavam Caio Prado,<sup>225</sup> Almeida Nogueira<sup>226</sup> e outros. Na luta política rugiam os elementos transformadores da Abolição e da República. Os liberais tornavam-se uma expressão de receio, o meio-termo. Os conservadores tiveram mesmo um forte período em que foi preciso fazer oposição. Rodrigues Alves tinha o trabalho

---

224. Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo (1849-1910), o notável jurista, diplomata e político abolicionista.

225. Antônio Caio da Silva Prado (1853-1889), membro de tradicional família paulista, era advogado e jornalista, atuou no *Correio Paulistano*, jornal do Partido Conservador, e presidiu as províncias de Alagoas e Ceará.

226. José Carlos de Almeida Nogueira (1851-1914), formado em Humanidades e Direito, dirigiu o *Correio Paulistano* e foi por diversas vezes deputado e senador por São Paulo.

político. Mas, longe de se esterilizar nesses combates, a sua atividade agia no seio das comissões em questões econômicas, como a da tributação fiscal e a da transformação do trabalho. Para o Brasil, e principalmente para S. Paulo, a abolição dos escravos seria a desorganização integral, se S. Paulo diante da ameaça dos fatos não tivesse criado a *Sociedade Promotora da Imigração*, a substituição do braço negro pelo braço do colono. Um momento foi preciso mesmo a resistência organizadora. Rodrigues Alves subiu à presidência da província aos 34 anos. Mas, quando era impossível resistir mais à onda desorganizadora, renunciou a essa presidência, recolheu-se conselheiro, já cercado das simpatias gerais.

Os acontecimentos precipitaram-se. A Abolição anunciou a República. Feita esta sob o largo regime federativo, as antigas incompatibilidades de partidos políticos desapareciam. Era preciso reconstruir o Brasil. Em S. Paulo, atalaia do Brasil, o sentimento de construção é uma das expressões de raça. A diferença radical entre os políticos de S. Paulo e os do resto do Brasil é que os do resto do Brasil, ou estão sempre no período convulsivo da imposição do próprio eu, ou repetem pessoalmente o estado d'alma das republiquetas caóticas como Nicarágua, e dos reinados exóticos como a Grécia. Em S. Paulo, feita a República, Campos Sales,<sup>227</sup> republicano histórico, foi conferenciar com o conselheiro Antônio Prado<sup>228</sup>

---

227. Manuel Ferraz de Campos Salles, presidente da República (1898-1902).

228. Antônio da Silva Prado (1840-1929), o conselheiro

sobre a fusão dos elementos políticos, para o bem de S. Paulo. O conselheiro Rodrigues Alves em 1890 era deputado federal — uma das figuras que o Brasil devia ouvir. Também, dilatando a ação política, a sua linha foi sempre a do dever. Deputado, o golpe de estado de Deodoro colocou-o na oposição. Ministro da Fazenda de Floriano,<sup>229</sup> à prova de tirania do marechal, exonerou-se, sendo logo eleito senador.

Era chegado o fim do período de transformação. S. Paulo ia consertar o Brasil dando-lhe sucessivamente três presidentes que o elevaram ao apogeu. Era primeiro presidente eleito Prudente de Moraes,<sup>230</sup> que foi a energia da paz. O conselheiro Rodrigues Alves voltou a ministro da Fazenda, exonerou-se na interinidade presidencial do vice-presidente Manuel Vitorino,<sup>231</sup> foi senador, presidente de S. Paulo e daí, sucedendo a Campos Sales, o consolidador do nosso crédito, presidente da República.

O eminente brasileiro falava-me de poetas, de escritores. Acabara de ler um volume de Antônio Correia de Oliveira<sup>232</sup> e notava o panteísmo místico já agora

---

Antônio Prado, político egresso da aristocracia cafeeira paulista.

229. Marechal Floriano Vieira Peixoto, segundo presidente do Brasil de 1891 a 1894, conhecido como “Marechal de Ferro” por seu decisivo papel na consolidação da República.

230. Prudente José de Moraes e Barros, terceiro presidente do Brasil de 1894 a 1898, e primeiro presidente civil.

231. Manoel Vitorino Pereira, vice-presidente da República no governo Prudente de Moraes, ocupou interinamente a Presidência.

232. Poeta português (1879-1960).

definitivo do autor admirável do “Auto de Junho”. E então mostrava as correntes inteiramente diversas da poesia portuguesa contemporânea: o filosofismo de Antônio Correia, o saudosismo da *Águia*<sup>233</sup> e o dionisismo de João de Barros, enquanto no Brasil os grandes poetas representativos continuavam a ser os da geração de 1885 — Bilac, Alberto de Oliveira, Raimundo Correia. A segurança com que falava de poesia era a mesma falando de prosadores — romancistas, jornalistas. Vivo, agudo, cintilando, fez o elogio de Carlos Malheiro Dias,<sup>234</sup> e a propósito dos novos jornalistas, a sua pergunta era às vezes curiosa:

— Como é ele? Ainda não o conheço pessoalmente.

Esse interesse pelas coisas de espírito, o conselheiro Rodrigues Alves teve-o sempre. Pode-se dizer que a sua vida, dedicada a serviço da Pátria, foi e é um permanente desejo de conhecimento que se transforma em bem do Brasil. Estava a falar dos poetas, dos novos jornalistas como, antes, falara da nossa situação econômica, senhor absoluto dos menores detalhes. E a sua fé no Brasil era ardente.

Insensivelmente lembrei-me do que, Presidente da República, aquele homem fizera. Vinham-me em

---

233. Revista de arte e cultura editada em Portugal (1910-1932).

234. Escritor e político português (1875-1941), viveu entre Portugal e o Brasil, onde lançou seu primeiro e ousado romance, *A mulata*, sobre uma prostituta e o baixo mundo no Rio de Janeiro; foi também o organizador da monumental *História da colonização portuguesa no Brasil* (1921) e o fundador da importante revista carioca *O Cruzeiro*.

tropel à mente todos os atos em que se repartiu a ação maravilhosa do quadriênio 1902-1906. O Brasil teve nesse período o seu tempo d'ouro. Foi o apogeu, foi a florescência afirmativa, foi a Terra Nova gritando ao Mundo:

— Eis-me aqui!

O conselheiro Rodrigues Alves realizava o ideal patriótico de fazer a sua terra igual às melhores; rompia o molde colonial, arejava o país, obrigava o Brasil a entrar na corrente universal. E, ao mesmo tempo, por todas as fases, o seu programa era a afirmação moderna do Brasil. Por um prodígio, os politiquieiros das câmaras tiveram a fascinação do grande homem, não lhe criando obstáculos a princípio. E Rodrigues Alves teve como auxiliares na pasta do Exterior o eminente Rio Branco, na pasta da Viação o Sr. Lauro Müller, na Prefeitura — Pereira Passos.<sup>235</sup>

Rio Branco fez a hegemonia moral do Brasil na América do Sul, ligou os Estados Unidos do Brasil aos Estados Unidos da América do Norte pelos laços mais estreitos, fazendo vir Elihu Root<sup>236</sup> ao Rio de

Janeiro e criando a embaixada em Washington. A obra formidável do dilatador do nosso território teve um tal

---

235. Francisco Pereira Passos, prefeito do Rio de Janeiro de 1902 a 1906, reformou e embelezou a cidade.

236. Secretário da Guerra no governo de William McKinley (1889-1903) e secretário de Estado do governo de Theodore Roosevelt, nos Estados Unidos, ganhou o Nobel da Paz de 1912 por sua participação nas negociações de diversos tratados de paz.

cunho de autoridade que o seu nome é pronunciado na América como o de Bismark na Europa. Rio Branco era um Bismark da paz. E, ao mesmo tempo em que resolvia pendências antigas com assinaturas de tratados definitivos, ao mesmo tempo que a sua influência marcava cada ato da política internacional do nosso continente — Rio Branco tinha Rui Barbosa na Haia; e nessa memorável conferência garantia ao mundo o direito dos pequenos estados.

Uma atmosfera de altitude fazia ver os problemas com os olhos da elevação e do imediatismo. O Brasil dormira durante todo o império. O Brasil acordara na República para a deplorável tragédia dos “pronunciamentos”. Um presidente paulista, Prudente de Moraes, resolvera acabar e acabou com os “pronunciamentos”. Outro presidente paulista, Campos Sales, tendo como ministro da Fazenda a figura excepcional de Joaquim Murtinho,<sup>237</sup> refizera o nosso crédito inexistente quase após os abalos das revoltas internas. Rodrigues Alves, paulista também, teve a missão de criar o Brasil Novo, abrindo-o civilizado ao mundo. Se Rio Branco afirmava a Pátria na política externa, ao influxo de Rodrigues Alves, os seus auxiliares transformavam como nos contos de fadas o Brasil interior. Foi sob Rodrigues Alves que o Sr. Müller executou o seu plano ferroviário de ligação do país inteiro; foi sob Rodrigues Alves que se fizeram todas as reformas da administração,

---

237. Joaquim Duarte Murtinho (1848-1911) reduziu o meio circulante e fez o primeiro *funding-loan* para sanear a economia brasileira depois da malsucedida política de incentivo à indústria adotada por Rui Barbosa.

transformando estabelecimentos lamentáveis em modelares exemplos; foi sob Rodrigues Alves que se fez o cais do porto do Rio de Janeiro, a Avenida Central e a transformação da velha cidade numa das grandes cidades monumentais do mundo, que é hoje o Rio; foi sob Rodrigues Alves que Osvaldo Cruz acabou com a epidemia da febre amarela.

As repúblicas do Prata que assentavam na nossa desídia, a segurança de rápidos progressos e a corrente imigratória no horror do mal amarelo do Brasil — compreenderam ter cessado na Europa uma das razões da eficácia da campanha de interesses que dificultavam a imigração.

Rodrigues Alves fez tudo isso ao mesmo tempo. Ele compreendia; ele queria; ele dava mão forte aos homens ilustres capazes de realizar o bem. Sem Rodrigues Alves a energia de Pereira Passos não teria transformado a cidade. O Presidente fez o Congresso dar ao extraordinário engenheiro poderes ditatoriais. Sem Rodrigues Alves, Osvaldo Cruz não poderia realizar a sua obra de extinção da febre amarela — gastando discricionariamente e agindo num meio em que a incredulidade idiota era a base da maioria das opiniões.

Mas havia Rodrigues Alves. No seu quadriênio o Brasil floresceu economicamente, financeiramente, materialmente, intelectualmente. Surgiu nele a última geração literária; surgiram sábios como Osvaldo Cruz, como Juliano Moreira, como Afrânio Peixoto; os maiores estadistas puderam dar o seu auxílio prestigiado pela autoridade do Presidente. E, quando espíritos irrequietos por ambição triste pretenderam inaugurar

revoltas, Rodrigues Alves que renunciara às posições sempre que essas posições podiam contrariar a suscetibilidade do seu caráter, dessa vez reagiu e, tranquilo em palácio, disse:

— O meu lugar é aqui, e daqui não saio.

A opinião pública cercava-o. Saiu sim, mas ao terminar o quadriênio, após inaugurar o cais e inaugurar a Avenida, com a estima de todos os brasileiros. Há, desses atos, fotografias. Lembro-me de uma em que se vê o conselheiro, debaixo de chuva, rompendo a fita que vedava o acesso à Avenida. Símbolo! Naquele gesto Rodrigues Alves exprimia o seu admirável governo: ele abria ao Brasil uma nova era de civilização. A Avenida é em tudo o traço de separação entre o Brasil Parado e o Brasil Novo...

Um criado de casaca apareceu a servir café, licores. O Presidente falava agora do nosso desejo de fazer definitivamente a mútua obra de conhecimento entre Brasil e Portugal.

— Nobre esforço. A verdade é que nós conhecemos as forças vivas de Portugal muito mais do que ele as nossas.

— Devo dizer a V. Ex.<sup>a</sup> que o seu governo conseguiu em Portugal o espírito de curiosidade pelas nossas coisas...

“Mais atenuado do que nos outros países, entretanto — quando devia ser o contrário. Estamos muito ligados para não nos conhecermos bem. Os

fenômenos políticos de cada país repercutem no outro de tal forma, as correntes portuguesas de imigração são tão densas, que só há lamentar essa ausência do íntimo conhecimento como prejuízo para ambas as repúblicas. Portugal tem moralmente de defender no Brasil a sua projeção magnífica: a raça e a língua. Mas há milhares de interesses econômicos além disso...”

— Estamos nós a fazer propaganda!

S. Ex.<sup>a</sup>. riu. A propaganda interessava-o no momento da conflagração europeia. É o grande momento para o Brasil conquistar posições nos mercados mundiais, incentivar as suas culturas, enriquecer com as forças da terra. Nervoso, de pé, entusiasmado como um jovem, o ilustre varão dá-nos detalhes, explica-nos leituras, prova com dados e algarismos o grande momento.

Energia entusiástica de patriota! Seria preciso recordar a última fase de política ativa desse ancião de mais de setenta anos para admirar-lhe devidamente a mocidade, o arroubo, o ímpeto d’alma e a viveza do espírito. Rodrigues Alves, após seis anos sem cargo administrativo, assumiu o governo de S. Paulo em 1912, no momento em que o grande estado necessitava opor um nome de prestígio mundial às veleidades de invasão do desastroso e horrendo governo Hermes — a que o Brasil deve todos os males atuais. O conselheiro não podia ter outro procedimento. Patriota, da projetada vergonha pelo menos evitaria o seu nome a desgraça. Mas o escrúpulo, as preocupações, os labores da presidência logo o absorveram de tal modo que enfermou.

Enfermou para morrer. A sua vida atual é uma

resurreição. Diziam-no cada dia morto. Mas, doente assim e assim quase agonizante, Rodrigues Alves deu à mocidade o forte exemplo da probidade ideal, do sacrifício diante do dever. Até quando podia governar, governou — não por outros, mas pela sua vontade. Nenhum ato era realizado sem a sua prévia aprovação: nenhum decreto se lavrava sem que disso tivesse conhecimento. Elói Chaves,<sup>238</sup> o jovem, enérgico e brilhante secretário da Justiça, contava-me certa vez cheio de dor e de entusiasmo uma cena que devia estar em Plutarco.

Era preciso uma decisão urgente sobre um grave assunto. Elói Chaves partiu com os papéis para os Campos Elíseos. Ao chegar teve a notícia de que o conselheiro piorara ainda. Oscar Rodrigues Alves, secretário da Presidência e médico, temia importunar o grande vulto, tinha quase a certeza de que ele não poderia responder. Mas o respeito era tal e é tal pelo eminente estadista, nos seus filhos e nos seus amigos — que ninguém pensava em infringir a sua vontade. Elói Chaves entrou para o quarto de cama. O conselheiro, abatidíssimo, não podia erguer os braços, abrir os olhos. Só uma força misteriosa conseguiria galvanizá-lo. Entretanto, Elói Chaves ouviu a sua voz débil:

— Fale!

O secretário da Justiça explicou o assunto.

---

238. Eloi de Miranda Chaves (1875-1964), empresário bem-sucedido e político, foi o autor da lei que criou a Caixa de Aposentadoria e Pensões para os empregados das empresas ferroviárias (Lei Elói Chaves), considerada a primeira lei previdenciária do Brasil.

— Torne a dizer!

Elói Chaves repetiu.

— Que pretende fazer?

O chefe da segurança desenvolveu a sua ideia.

— Bem. Faça assim. Escreva um telegrama. Eu ditarei o telegrama.

E a morrer ditou o telegrama que afastava de S. Paulo um grave perigo.

Também no dia em que lhe foi impossível governar, passou o governo ao vice-presidente e só voltou a ocupá-lo bom, forte, redivivo. Era assim que nós o viamos agora, nessa noite de chuva — tão moço como em 1902. Alguns dias mais e passaria o governo ao seu sucessor.

Erguemo-nos. Eram dez horas da noite. Fora, a chuva continuava. Sentado na sua *rocking chair*<sup>239</sup> o Presidente voltava ao comentário malicioso, analisando homens e coisas. A ironia avivava-lhe a fisionomia.

— Nós acreditamos todos, conselheiro, que ao deixar o governo de S. Paulo não abandone o Brasil, mais do que nunca necessitado dos seus serviços.

— Não. Se a saúde me ajudar não poderei deixar de me interessar pela administração e pela política do nosso país. Continuo na política ativa. Claro que não desejo cargos de administração. Eles abatem muito. Só as visitas a estabelecimentos e com chuva, temporais...

E sorria. Evidentemente aquela saúde maravilhosa brincava com os receios que entibiam os menos fortes.

---

239. Cadeira de balanço.

— Mas agirá?

— Oh! Interessar-me-ei. Afinal — os seus pequenos olhos fuzilavam ironia e mocidade — eu sou conselheiro. Não poderei deixar de aconselhar sempre que julgar necessário.

Houve em torno um largo riso. Rodrigues Alves estendia a destra, que com veneração apertei. Saiu. E como das outras vezes em que o ouvira, eu me sentia contente, capaz, portador desse estado d'alma que é a esperança certa de ter apoio, de ser compreendida, de ser estimada. O Brasil está aliás assim. O Grande Obreiro resume as suas esperanças. No dizer de um diplomata, o Sr. Sílvio Romero Filho — “Rodrigues Alves é o maior dos estadistas vivos da nossa terra.” Os deuses quiseram que, já imortal por uma obra imorredoura, a saúde reconquistasse à morte a figura incomparável para apontar à Pátria, com o seu conselho de diamante, o caminho reto. Nele todos os olhos, todos os corações, todos os espíritos. Vivemos na certeza do milagre. Deus protege escandalosamente o Brasil. Quando está tudo perdido — surge um bando de homens inspirados que o salva. Há dez anos destroem a obra de Rodrigues Alves no que é possível destruí-la. Vendo-o forte e assim decidido, é impossível deixar de pensar com alegria:

— Ele realizará ainda um milagre e consertará tudo isto!

## A viagem

Era no período da Grande Guerra, no ano de mil novecentos e dezesseis. A Europa inteira em fogo e em sangue, todas as atenções voltavam-se para a América. Os Estados Unidos, compreendendo que neutralidade era vender sempre a quem desse mais, aumentavam a produção, aumentavam os preços, aumentavam tudo. O dinheiro quase mudara a sua residência central de Londres para Nova York. E os ianques, sem perder tempo, com o princípio de que a América é dos americanos, substituía de súbito os germanos, derramando na América do Sul nuvens de caixeiros-viajantes e de comerciantes. E, apesar de ser o momento da ativação das energias, esses americanos só encontravam vontade e força de prosperar no extremo sul, numa terra chamada Argentina.

Havia por essa época formidável extensão territorial, ligada pelos laços de uma República federativa e denominada Brasil. Dela fazia parte a fortíssima República de São Paulo. Os homens dessa República, dirigindo

a Federação Brasileira, haviam conseguido um certo progresso. Mas, viera em seguida o desastre das más administrações e, com o Tesouro arrebatado, todos os ramos do governo desorganizados, inúmeros credores, a anarquia no povo e a perplexidade governamental — gritavam todos que era a ocasião de trabalhar, de consertar as finanças pelo labor honesto, à espera de um homem decidido a guiar o país.

Apareceram muitos com tal vaidade — logo postos à margem. Mas ficou, precisamente ministro da Fazenda, um mais decidido. Era de físico mais baixo que alto, reforçado, posto que nervoso, com dois bigodes espetados e um andar seco e impertinente, para não dizer marcial. Parecia espiritualmente um desses homens complexos que, depois dos teóricos da Enciclopédia, só existiram, e com péssimos resultados na prática, durante o curioso período do Brasil — homens que sabem tudo, fazem tudo, estão aptos para tudo. Diplomata hoje, jurista amanhã, ministro da Agricultura logo mais, parlamentar à noite, financeiro pela madrugada, o ministro da Fazenda escrevia copiosamente, e é de crer que também não fazia nada copiosamente.

Como, porém, esse ministro dava pelo nome de João Pandiá Calógeras, assinando, quando fazia conferências em Paris, Jean de Calogeras, ninguém ignorava a sua origem grega. Naquela época da guerra, quando a Alemanha pretendia fazer uma guerra de raças para o domínio da superespécie germânica, os sábios revoltados tinham decretado que “isso de raça era uma história, e que não havia mais raças puras”.

Mas as ideias são como os hábitos e todos tinham fé em Calógeras, precisamente por ser ele de origem grega, com as boas qualidades helênicas; inteligência, empreendimento, agudeza, espírito. De modo que era uma dolorosa surpresa notar que Calógeras, quanto mais tempo passava no ministério, menos grego se mostrava, vendo-se positivamente grego para resolver os problemas financeiros que o presidente Wenceslau, de origem visigoda, desejava com pachorra adiar.

Os brasileiros, como de costume, diante das necessidades urgentes, não tomavam uma resolução, mas discutiam com entusiasmo, ironia e outras qualidades que lhes deram fama de povo inteligente e pouco prático, a exceção atávica, o caso étnico do Pandiá Calógeras. Nos cafés, nas confeitarias, nas esquinas, era uma preocupação.

— Qual! Não é possível que seja grego!

— Deves notar a influência de Minas.

— O sangue dos helenos vale por tudo. Uma gota de sangue grego determina a vontade do homem... Os gregos fizeram a nossa humanidade, e até hoje são banqueiros, são viajantes, são empreendedores, são sagazes.

— Calógeras não tem nenhuma qualidade homérica.

E assim por diante. Mesmo em Minas, havia comentários. Principalmente do senador Chico Salles, tenaz inimigo...

Tudo, porém, vai de ocasião. Os homens frívolos tiveram de calar, de repente. Anunciava-se uma

conferência financeira americana. A ideia de conferência partira, como é de prever, da terra do Brasil reconhecida imaginosa. Mas as outras nações logo resolveram não lhe dar a honra de realizá-la na sua capital. A primeira conferência foi em Nova York. A segunda seria em Buenos Aires e, para cortar pela raiz qualquer pretensão, as nações só permitiam como línguas da conferência o inglês e o espanhol, obrigando os financistas brasileiros a traduzir as suas ideias.

— Que irá fazer Calógeras? indagavam.

Então, deu-se o prodígio. Calógeras não protestou contra a exclusão da língua portuguesa que ainda, nesse tempo, era mais ou menos falada na Federação Brasileira. Calógeras não preparou memórias nem em inglês, nem em espanhol, nem mesmo em grego, apesar de falar todas essas línguas e mais algumas. Calógeras diante das mil e uma preocupações do ministério não enviou uma comissão de economistas. Calógeras quis ir. Foi de repente. O sangue helênico explodia diante do mar, o sangue de Jasão, o sangue de Odisseu. Era um delírio sagrado como o conta o venerável Homero, para explicar as subitâneas e tremendas vontades dos seus heróis.

— Que vais fazer?

— Eu quero ir!

— Mas não chegas a tempo.

— Chegarei.

A Grécia mostrava, enfim, o frenesi dos seus périplos a bater nas artérias do ministro brasileiro. E,

como a vida é uma repetição, o cais de um porto banal repetiu a ilha de Ogígia e os vagabundos do desembarcadouro, como as ninfas de Calipso, viram passear de chapéu de palha e calça de brim, a última encarnação de Odisseu. Era Calógeras, sem vintém para pagar o excesso de carvão de um vaso de guerra que levasse o Brasil à conferência; era Calógeras, à espera de um vago transatlântico de segunda ordem, nesse caso a simbólica jangada do protegido de Atena. Nervoso, sem jantar, sem almoçar, Calógeras olhava o úmido elemento e corria ao telefone.

— É a Royal Mail?

— Sim, excelência, respondia a agência, fazendo de Calipso.

— Então, esse navio, vem ou não? Eu quero virar! Eu quero partir!

— Que há de fazer, se os monstros submarinos andam por aí?

Calógeras voltava à praia: — E não poder seguir já! bradava.

Assim passaram dois dias. À noite esse grito da natureza correu a cidade. Muitos curiosos foram admirar o ministro, desejoso de partir, a ver navios ao longe. O presidente mandou um homem da sua confiança — o Sr. Salomão, de origem judaica, encarnação da Justiça, e para a ocasião temperado com o molho argentino de Maggi. E o Dr. Salomão veio sombrio.

— O ministro, Sr. presidente, parece Xerxes,<sup>240</sup> o que chicoteou a onda!

Os deuses, entretanto, tinham piedade do mortal ansioso. Quando Calógeras, prostrado, caía num banco do cais, apareceu na curva da ilha o velho barco *Drina*. O ministro deu um pulo, e disse para o seu séquito de financeiros, composto de ilustres advogados: — Companheiros, avante!

Pobre navegador! Um homem tranquilo veio dizer-lhe que o barco teria de carregar e que o serviço da estiva, muito diverso do tempo em que Jasão<sup>241</sup> se metia em ir buscar o velo de ouro, dependia de um batalhão voluntarioso. Odisseu apressara aos murros as ninfas que enchiam o seu barco. Calógeras, ministro da Fazenda, foi suplicar ao chefe dos estivadores:

— Aprese V. o carregamento, ó chefe da estiva, que lhe trago um mimo da Calle Florida!

Muitos acharam demais essa entrevista, quando o habitual Calógeras não dava no ministério entrevistas a ninguém. Os que respeitam os prodígios, reconheceram o gesto patético. Hesitaria o Rei de Ítaca,<sup>242</sup> cujos barcos em Troia eram vermelhos, se para partir precisasse suplicar ao chefe dos estivadores a graça

---

240. Imperador persa (518- 465 a.C.).

241 Herói mitológico grego, comandou o Argos, embarcação que saiu em busca da felicidade, simbolizada na pele dourada de um carneiro.

242. Odisseu (do grego) ou Ulisses (do latim), personagem da *Ilíada* e da *Odisseia*, poemas épicos atribuídos a Homero.

de não lhe aborrecer muito tempo a paciência? Não! Calógeras, vice-rei dos soberanos, que cada vez eram mais raros no Brasil, democraticamente rojou. Era o seu último esforço. O chefe dos estivadores disse:

— Vou ver se em três horas...

— Veja se em duas...

— Talvez.

Calógeras, então, com duas noites sem dormir, deitou-se, sonhando com o mar, os vagalhões, as sereias, as trirremes airosas e os ventos e os deuses. Quando acordou, deu um grito. Dormira seis horas:

— O navio partiu sem mim!

— Não, excelência.

— Corramos, ao cais! Telefonemos!

Meteu-se num automóvel a toda velocidade, correu pelo cais, galgou as escadas do *Drina*:

— A que horas sai?

— Só pela madrugada.

— Mas eu fico; não saio mais daqui. Eu tenho de partir!

A cidade perplexa viu-o partir assim. Telegramas amigos disseram Calógeras a bordo pedindo ao comandante um pouco mais de pressa, uma ou duas milhas mais por hora; Calógeras, no cais de Santos, apressando a estiva paulista; e Calógeras, no oceano, batendo o pé e dizendo: — mais pressa! mais pressa! As nações sul-americanas alarmaram-se. Quando em

Montevidéu, souberam que telegraficamente Calógeras fretava as barcas de outro grego que tem uma companhia de navegação pelo rio da Prata, o governo preparou um cruzador para recebê-lo, enquanto em Buenos Aires davam ordens para ir buscá-lo um vaso de guerra. Essa memorável agitação, alarmando com uma ponta irônica as chancelarias oriental e platina, obrigava a chancelaria brasileira a mandar despachos de agradecimento defensivo do ridículo, com menos de cinco meses de meditação — o que era assombro geral. Alheio a tudo, saltando de um barco para outro, sempre na tolda, ora do barco da Royal Mail, ora do vaso uruguaio, os olhos fixos, murmurando: mais! mais! o navegador sacudia o crânio às lufadas do vento.

— Ele vai ler o plano maravilhoso do subitâneo triunfo econômico da América!

Ele vai dizer na Argentina a sua descoberta da fortuna para o Brasil!

— Ele mostrará a pedra filosofal!

Calógeras chegava. Os economistas ansiosos esperavam-no. Calógeras caiu numa cadeira, e a conferência inteira ouviu a voz de Calógeras, dizendo em grego um verso de Nono de Panópolis.

— Enfim, do salso elemento os vagalhões cortei!

E nada mais fez Calógeras digno de nota, nessa apressada conferência de língua anglo-hispânica.

Divergiu muito a opinião quanto ao julgamento da crise do ministro. Talvez ridícula e decerto inútil. Para que o espetáculo lendário, essa repetição em costume

contemporâneo das complicações de Odisseu, se o ministro mostrava, continuava a mostrar o seu completo alheamento dos interesses vitais da sua malograda federação! Os filósofos esotéricos foram, porém, de parecer contrário, julgando e provando como João Pandiá Calógeras, nascido em Minas e ministro da Fazenda, tivera de súbito a ação atávica do sangue grego e que reproduzira da sua crise, talvez contra a vontade, apenas o desejo oriental da raça — o desejo de partir, o desejo do “vou ali, já volto”, a vontade do périplo, afinal.

E do governo de Wenceslau, o visigodo, guarda-se apenas a memória dessa viagem por uma questão de mistério hermético ou como argumento científico da predominância das raças...

# As opiniões do ministro da Etiópia

Senti então que estava só, lamentavelmente só, entre pedras que falavam de mortos e pedras que representavam deuses. Do céu azul caía uma luz amarela e contrariada, luz sem brilho, morna, aumentando aquele mundo de ruína e de museu. Recuei alguns passos e procurei refletir. Para que sustos? Não havia nada de anormal. Eu era apenas a vítima de um pesadelo com as recordações das salas egípcias dos museus de Londres e do Cairo. Sim! Agora reconhecia as antiguidades pré-dinásticas, os hieróglifos, os sarcófagos, as múmias de homens e de bichos, os reis populares, os deuses, as estelas pintadas. Mais adiante estava a deusa do fogo Sekhmet, e eu via esses deuses assustadores: Khepri, cuja cara é um escaravelho; Benin, de pescoço esgaldado como uma cegonha, e a serpente de asas Nekhbet, e Tahu, a vaca em pé, e Mehturt, a vaca da maternidade, e para a direita uma legião de figuras da deusa Hator.

— Olha para trás! ordenou uma voz tremenda.

Olhei. Agudo e esgoelante, o deus Anúbis, o deus dos mortos, acompanhado dos quatro deuses das principais partes do corpo; Mesthá, de barbicha aguda; Hapi, com uma cara de cachorra feliz; Qebhsenuf, Tuamutei, milhafre enojado. Mais ao longe, entre múmias de gatos, Bastet, o gato, deus do oeste, e o galope ardente de Ram de Mendes...<sup>243</sup>

Oh! Eu sabia todos os nomes daqueles deuses! Os nomes e as histórias complicadas. A minha tristeza vem desse desejo de conhecer os deuses que são os sentimentos das gerações. Cada vez se sabe menos, porque cada vez é mais a mesma coisa. Mas esses deuses da beira do Nilo, o exército acompanhador de Hórus, de Osíris, de Ísis deixaram-me a sensação do esmagamento moral. O seu eterno sorriso, sorriso que provoca — nos lábios, nos focinhos, nos bicos, parece ressurgir do fundo dos tempos a dizer o desalento de um para quê? universal. E eu conhecia-os todos, conhecia até mesmo o enorme, o monstruoso eterno sorriso de todas as esfinges.

— É preciso fugir deste pesadelo! pensei.

Mas, como esbarrasse num deus ou num rei colossal, que sorria sarcástico, vi por trás dele surgir a figura austera de um preto austero.

— Oh! desculpe.

— Sou eu quem pede desculpa.

---

243. Uma das muitas divindades do Antigo Egito que havia em cidades próximas ao delta do rio Nilo, como Mendes, nome em grego da cidade de Djedet.

— Deserta o trecho da eternidade ?

— De fato.

— Está o senhor patrioticamente estudando as origens do Brasil atual?

— Perdão. Estou no antigo Egito.

— Exatamente. Sou um pouco posterior às dinastias. Mas conheço bem.

— Com quem tenho a honra de falar ?

— Com Servulus, o eunuco da rainha da Etiópia.

Curvei-me. O eunuco da rainha da Etiópia fora em vida de alma decidida.

Os espíritos cristãos queriam conquistar-lhe a fé, mais por causa da rainha e ainda mais por causa da Etiópia. Daquele eunuco, reluzente e negro, ministro, inspirador da majestade opulenta, dependia a conversão de milhares de almas. O eunuco ouvia, indagava e reservava-se. Mas um dia, com espanto de Felipe, que andava a catequizá-lo, o eunuco da rainha da Etiópia parou:

— Pois cá temos água. Acabemos com isso. Nada impede que me batizes.

Felipe olhou o rio meio espantado:

— Se crês, é possível...

— Creio, disse o eunuco com decisão, que Jesus é filho de Deus.

Depois mandou parar o carro, desceram os dois à água corrente e Felipe batizou-o.

Esse exemplo de resolução, de coragem dos seus

atos, ficou eternamente guardado nos *Atos dos apóstolos*. O meu encontro era, assim, venerável. Ao mesmo tempo sentia-me diminuído. O eunuco da rainha da Etiópia sorriu, compreendendo.

— Rapaz, fez ele, sabes que sou decidido e franco. Ora, ultimamente, lendo por acaso os jornais da tua terra, notei a moda de aproximar o Egito e o Brasil, e vim até ela por instinto de observação. Dessa observação é que nasce a minha afirmativa. O Brasil é um país fabuloso, vivendo no governo as pré-dinastias do Nilo. Que vês aqui?

— Deuses pavorosos, reis assustadores, sorrindo misteriosa e terrificamente.

— E que vês tu no governo da tua terra? Homens que sorriem, como a careta de Tutmés ou o focinho da deusa Hator. Todos sorriem. Sorri o Wenceslau, sorri o Alexandrino, sorri o Faria, sorri o Lauro Müller, que parece o deus Hórus de sobrecasaca; sorri o Antônio Carlos, sorri o estupendo Bezerra, sorri o Maximiliano, sorri o poeta Magy. Estão todos sorrindo não se sabe de que e por quê. Cada sorriso desses homens vivos corresponde ao sorriso de um destes deuses de pedra ou de um destes reis pintados. Maximiliano é o Ram de Mendes. Wenceslau é o sorriso do Osíris de Tebas. Bezerra sorri como Tahu. Ansiosos, os homens desejam saber a significação dramática desses sorrisos e, por entre sorrisos de pedra, que lembram a alucinante avenida das esfinges de Carnaque,<sup>244</sup> nenhum desses sorrisos é voluntário,

---

244. Templo de Carnaque no Antigo Egito, dedicado ao deus Amon-Rá.

exprime alguma coisa, quer alguma coisa.

Como todos os mortais cheios de vã curiosidade, já desejava decifrar o sorriso unânime do Egito morto? Já interrogaste o rito das múmias desenterradas, a contração das faces nas pinturas, o riso de todos esses monstros de granito? Já indagaste das velhas esfinges, ancilas eternas da corte que sorri — a razão, a causa, o fim desse gesto? Algum tempo depois de os frequentar, em vez do horror grego: “decifra-me ou devoro-te” — não existe nada, absolutamente nada, por trás desse sorriso apavorador. Os animais não queriam nada, os deuses nada desejavam, os reis não compreendiam. Deuses, reis, bichos sagrados, eram criações de um povo de escravos indecisos, à espera que o boi Ápis entrasse por uma ou por outra porta para saber se seriam felizes ou infelizes. A indecisão formou o povo do limo das correntezas e das areias movediças. Com medo eles se defendiam sorrindo. E os imensos túmulos, e os eternos embalsamentos eram o medo deste mundo e o medo do outro ao mesmo tempo, mesmo depois da morte, o terror dos atos, o pânico monumental. Egito! Sorriso ansioso entre a abundância e o deserto... Temos dó dessas múmias, dessas pedras que riem. Elas só têm medo. Nos reis, o medo de serem insultados depois de mortos; nas pedras, o temor da destruição. Monstros inúteis, apavorados na areia, a rir...

— Eunuco da rainha da Etiópia, falas como um cristão!

— Que teve a resolução como norma da vida e iniciou o batismo obrigatório.

— Era fé.

— Era opinião. É o que fazem os homens: agir sem fugir às responsabilidades dos próprios atos. E por isso o teu país parece-me agora o reflexo vivo do imenso cadáver do Egito antigo. Como no tempo em que um rei apavorado construía Carnaque, os escravos agitam-se carregando pedra sem protesto. E nas altas camadas, o medo enrosca as áspides da intriga. Ninguém manda, todos mandam, ninguém tem medo e todos têm medo, todos se julgam capazes, julgando os outros incapazes na incapacidade geral. A indecisão e o pânico, como a própria vida de todos vocês, e a angústia de querer parecer maior na ondulação arenosa do nada.

— É demais!

— É verdade. Para haver um país é preciso em primeiro lugar — autoridade cercada de respeito, a autoridade que se distribui por quem a merece, não recua diante das responsabilidades e sabe o que vai fazer. O princípio da autoridade não existe. O rei da dinastia mineira, que parece governar, só tem uma ideia; não ter responsabilidade. Assim, cada um pensa na sua pessoa, com a vontade de desmoralizar a que está mais próxima. Clamam todos, gritam todos e, para os que passam de largo, a leitura dos jornais faz pensar que habitamos a cidade do crime num perpétuo carnaval de ladrões.

Há milhares de problemas a resolver. Como resolvê-los, se a indecisão e o medo às acusações tornam trêmulas as mãos e vesgos os olhares? Bem, muito bem, cada vez melhor. Ninguém se acha com ânimo de

lutar por uma ideia. Para quê? A insistência desencadearia o desespero das toupeiras. Não há um pensamento que não se prenda imediatamente à polícia, que aumenta de inutilidade na proporção assustadora das acusações impunes.

Pergunta o que pretende fazer a um ministro. Ele não te dirá. Porque não sabe. Pergunta ao transeunte. Obterás a mesma resposta. Vivem todos à espera, fazendo da vida uma loteria. Em vez da coletividade solitária — almas hostis na ânsia da vez de escapar. Podes dizer quando o teu rei pensou dois dias da mesma maneira? Podes dizer se há governo na tua terra? Podes determinar a diretriz e o programa do governo? Uns não fazem programa porque não sabem; outros porque seria inútil. É o domínio do absurdo, é a vida normal da extravagância, é o disparate-cânone. Assim, o povo também não trata e não consente que tratem da sua vida — levado pelas palavras cada vez mais ignorantes, esquecido de ver as origens. E assim tu tens o verdadeiro Egito de Quéops. Em baixo, os escravos, sem opinião, muito cansados, erguendo as mãos e achando bom tudo o que os de cima não fazem. Em cima, os deuses inventados por eles, deuses que se multiplicam inúteis, sorrindo o medo do seu imenso vazio, sob a asa velha da indecisão, encarnada em Wenceslau-Osíris... E embaixo, em cima, todos, escravos e deuses, à espera de ver se o boi Ápis entra por Goiás ou sai, para que haja dinheiro, pelo matadouro de Barretos...

— Sinto que o senhor não tenha...

— O que falta no teu país moralmente. Mas nem tudo é possível ter! concluiu o estadista legendário.

O desrespeito do eunuco da rainha da Etiópia era evidente. Com toda a sua autoridade sagrada, o seu ar afirmativo merecia um artigo insolentíssimo em resposta. Não pelo Egito, mas por nós, pelo Brasil. Abandonei-o no salão com a superioridade de um dos nossos estadistas quando lhe falam de coisas difíceis. E vim pelas salas apressado. Mas agora os monstros que sorriam tinham dois nomes, e eu via Sekhmet-Faria, Benin-Antônio Carlos, Bastet-Bernardo Monteiro, Tuannetef-Magy Salomão. Quando recuava de Tahu-Zé Bezerra, acordei. Era tempo. Já ao longe vinha a galope Mehturt-Pires Ferreira.

E ainda agora penso nos insolentes contrassensos do ministro da rainha da Etiópia ouvidos por uma noite de pesadelo egípcio.





**Imagem da capa**

Detalhe de ex-libris de Carl Neumann Reichenberg (1907)  
da “Coleção de Ex-Libris” v. 8 – Área de Iconografia da  
Fundação Biblioteca Nacional



CADERNOS DA BIBLIOTECA  
NACIONAL  
Volumes publicados

1. *Reflexões sobre a vaidade dos homens*, Matias Aires.
2. *Swift*, Rui Barbosa.
3. *Os meus balões*, Alberto Santos Dumont.
4. *O bibliotecário do rei*. Trechos selecionados das cartas de Luís Joaquim dos Santos Marrocos. Marcus Venicio Ribeiro e Mônica Auler (Org.).
5. *Senhora das imagens internas*. Escritos dispersos de Nise da Silveira. Martha Pires Ferreira (Org.).
6. *Caderneta de campo*, Euclides da Cunha. Olímpio de Souza Andrade (Org.).
7. *Escoço biográfico de Dom Pedro I*, Maria Graham.

8. *O Japão*, Aluísio de Azevedo.
9. *Diário Carioca: o jornal que mudou a imprensa brasileira*, Cecília Costa.
10. *O pós modernismo: Graciliano Ramos e José Lins do Rego*, Nelson Werneck Sodré.
11. *Doze horas em diligência: Guia do viajante de Petrópolis a Juiz de Fora*, Revert Henry Klumb.
12. *Psicologia urbana*, João do Rio.
13. *Os dias passam*, João do Rio.



**Impresso pela Editora e Papéis Nova Aliança Ltda.**

**Composição em Bodoni MT**

**Capa em papel Kraft 300 g/m<sup>2</sup>**

**Miolo em papel Pólen Soft 80 g/m<sup>2</sup>**





João do Rio, mais famoso e definitivo pseudônimo de João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto (1881-1921), nasceu na rua do Hospício, atual Buenos Aires, no Rio de Janeiro. Célebre cronista da cidade, então capital federal, notabilizou-se por

suas modernas crônicas e reportagens, testemunhos vibrantes das mudanças de valores e costumes que ocorriam na “hedonista” sociedade carioca de seu tempo.

Ingressou no jornalismo aos 17 anos de idade, tendo sido repórter, redator, diretor e colaborador em vários periódicos fluminenses, além de fundar *O Rio Jornal*, *A Pátria* e *Atlântida: mensário artístico, literário e social para Portugal e Brasil*. João do Rio foi também tradutor, crítico, teatrólogo e membro da Academia Brasileira de Letras. Morreu de infarto em 1921, dentro de um táxi, nas ruas da cidade cuja imagem ajudou a construir.

*No tempo de Wenceslau...* reúne crônicas sobre temas e personagens que povoaram a política brasileira em boa parte da Primeira República (1889-1930). Publicadas, em sua maioria, no jornal carioca *O Paiz*, tornaram-se livro em 1917, agora reeditado. Com apurada sensibilidade, João do Rio não só revela e comenta hábitos políticos correntes na Primeira República, como traça o perfil psicológico de alguns representantes da elite oligárquica, compondo uma inteligente e original interpretação da atmosfera política na época.



40  
5  
RIO  
450



MINISTÉRIO DA CULTURA  
Fundação BIBLIOTECA NACIONAL

Ministério da  
Cultura

GOVERNO FEDERAL  
**BRASIL**  
PÁTRIA EDUCADORA